



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ  
CENTRO DE HUMANIDADES  
DEPARTAMENTO DE LETRAS VERNÁCULAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA**

**LUCINEUDO MACHADO IRINEU**

**REPRESENTAÇÕES SOCIAIS SOBRE A LATINIDADE EM SITES DE  
REDES SOCIAIS CONTEMPORÂNEAS: UMA INVESTIGAÇÃO  
DISCURSIVO-IDEOLÓGICA SITUADA NO ORKUT**

**FORTALEZA/CE  
2011**

LUCINEUDO MACHADO IRINEU

**REPRESENTAÇÕES SOCIAIS SOBRE A LATINIDADE EM SITES DE REDES  
SOCIAIS CONTEMPORÂNEAS: UMA INVESTIGAÇÃO DISCURSIVO-  
IDEOLÓGICA SITUADA NO ORKUT**

Dissertação submetida à Coordenação do Curso de Pós-Graduação em Linguística, da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Linguística.

Área de concentração: Práticas Discursivas e Estratégias de Textualização.

Orientadora: Profa. Dra. Lívia Márcia Tiba Rádis Baptista

**FORTALEZA/CE  
2011**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação  
Universidade Federal do Ceará  
Biblioteca de Ciências Humanas

- 
- I65r Irineu, Lucineudo Machado.  
Representações sociais sobre a latinidade em sites de redes sociais contemporâneas: uma investigação discursivo-ideológica situada no Orkut / Lucineudo Machado Irineu. – 2011.  
210 f. ; 31 cm.
- Mestrado (dissertação) – Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades, Departamento de Letras Vernáculas, Programa de Pós-Graduação em Linguística, Fortaleza, 2011.  
Área de Concentração: Linguística.  
Orientação: Profa. Dra. Lívia Márcia Tiba Rádis Baptista.
1. Análise do discurso narrativo. 2. Sistemas hipertexto. 3. Mídia digital. 4. Orkut (conversação eletrônica). I. Título.

LUCINEUDO MACHADO IRINEU

**REPRESENTAÇÕES SOCIAIS SOBRE A LATINIDADE EM SITES DE REDES  
SOCIAIS CONTEMPORÂNEAS: UMA INVESTIGAÇÃO DISCURSIVO-  
IDEOLÓGICA SITUADA NO ORKUT**

Dissertação submetida à Coordenação do Curso de Pós-Graduação em Linguística, da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Linguística. Área de concentração em Linguística Aplicada.

Aprovada em 23/11/2011

**BANCA EXAMINADORA**



---

Profa. Dra. Livia Márcia Tiba Rádis Baptista (Orientadora)  
Universidade Federal do Ceará – UFC



---

Prof. Dr. Júlio César Rosa de Araújo (1º examinador)  
Universidade Federal do Ceará – UFC



---

Profa. Dra. Cleudene de Oliveira Aragão (2º examinador)  
Universidade Estadual do Ceará – UECE

“As horas se passaram aqui,  
Tanta coisa e eu não percebi,  
Mas eu sei que sempre eu senti  
Que você me fez sempre feliz

Me ensinando como caminhar,  
Me ajudando para não errar,  
Estendendo a mão pra me mostrar,  
O maior dos dons, o dom de amar”.

*(O Dom de Amar. Catedral).*

Se, por associação de palavras, fosse investigada minha **Imagem de Amor**, certamente surgiriam como elementos do núcleo central dessa **Representação** as palavras **Marilene Machado e Suelen Brasil**.

Às duas, que dão **sentido ao meu existir** e que são, em família, minha base, como **reconhecimento do Dom de Amar** que lhes foi designado pelo Criador, dedico mais este projeto de vida.

## AGRADECIMENTOS

Sabendo que minha Representação de “agradecer” é “reconhecer com afeto”, reconheço afetuosamente que na torcida pelo êxito desta pesquisa estiveram presentes, numa espécie de “voz coletiva” extremamente motivadora:

**Lívia Márcia Tiba Rádís Baptista**, minha orientadora, com quem divido muito mais que ensinamentos de Linguística, divido ensinamento de vida. A ela meu primeiro agradecimento por ter-me apresentando a Teoria das Representações Sociais e principalmente por sempre ter estado disposta, a meu lado, a aprender e a pesquisar sobre estes “objetos de pensamento”;

**Júlio César Araújo**, grande professor, a quem agradeço de modo especial pelas valiosas indicações de leitura e pelas inúmeras contribuições teórico-metodológicas desde o exame de qualificação, passando pela pré-defesa até a banca de defesa final;

**Messias Holanda Dieb**, intelectual primoroso, partícipe fundamental no processo de construção e consolidação do objeto de investigação da presente pesquisa;

**Cleudene Aragão**, professora-examinadora da banca de defesa final, a quem me dirijo de modo especial pelo aceite ao convite para participar desta etapa crucial da pesquisa. Dirijo-me, em extensão, muito respeitosamente, a todos que fazem a Universidade Estadual do Ceará (UECE),

**Professora Claudiana e colegas da disciplina Estudos Críticos da Linguagem**, da qual participei como aluno especial em 2011.1. Com eles, ampliei meus horizontes sobre Estudos Culturais em discussões travadas durante prazerosas tardes de segundas-feiras;

**Mônica Magalhães Cavalcante**, coordenadora do PPGL-UFC no biênio 2010-2011, ser humano por demais cativante, a quem tantas vezes quis agradecer pelo zelo com que sempre cuidou de todos nós, mas ainda não havia encontrado como;

**Eduardo e Antônia**, além dos **bolsistas**, funcionários do PPGL-UFC, responsáveis por colocar em ordem nosso Programa de Pós-Graduação e principalmente por nos tranquilizar nos momentos de aflição;

O **CNPq** (Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico), órgão de onde partiu o fomento desta pesquisa. Destaque à Portaria CAPES/CNPq, de julho de 2010, que de modo muito sensato possibilitou a pós-graduandos, na condição de bolsistas, o exercício de atividade remunerada;

Os **integrantes** do **Grupo de Estudos e Pesquisa em Linguística Aplicada** (GEPLA-UFC), do **Grupo de Pesquisa em Estudos Críticos do Discurso** (GPECD-UFC), do **Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Práticas de Ensino e Formação de Professores de Língua Espanhola** (GEPPELE-UFC) e do **Grupo de Estudos do Discurso** (GRED-UERN), os quais integro, com quem divido momentos de muito aprendizado;

**Éryka Almeida, da Livraria Cultura** em Fortaleza, sempre disposta a encontrar, em qualquer lugar que fosse, todos os livros dos quais precisei ao longo da pesquisa;

**Mácio de Lima, André Araújo, Vicente Jr. e Léia Cruz**, mestres que contribuíram para que eu me encantasse pelo ofício de educar, pelo qual vivo e desejo viver até os últimos momentos de minha vida;

Todos os meus **alunos** e **ex-alunos**, além das **instituições de ensino** por onde passei desde 2004, através dos quais sempre vivi momento de muitas realizações. Destaque aos companheiros (alunos, tutores, coordenadores etc.) do **Curso de Letras do Instituto UFC Virtual** em parceria com a **Universidade Aberta do Brasil**;

**Companheiros, alunos e professores**, da **graduação em Letras e do Mestrado em Linguística da UFC**, com quem, desde 2004, aprendi muito do que sei sobre Estudos da Linguagem e sobre Estudos da Vida;

Os **integrantes** do **GELM** (Grupo de Estudos Linguísticos para o Mestrado em Linguística da UFC) e do **Premestre** (Curso de Preparação para o Mestrado em Linguística da UFC), projetos que, inicialmente como “brincadeira de gente grande querendo ser mestre”, acabaram impulsionando a mim e a muitos outros para o ingresso no PPGL-UFC;

A **UERN** (Universidade do Estado do Rio Grande do Norte), na figura de todos os seus membros, em especial o corpo docente do **Curso de Letras do CAMEAM, em Pau dos Ferros**, do qual tão honrosamente faço parte. Destaque para todos os meus alunos e ex-alunos, orientandos e bolsistas de pesquisa (IC - Iniciação Científica);

**Tatiana Carvalho, Edilene Barbosa, Diogo Moreno, Marta Jussara, Vanuzia Medeiros e Noemi Gamboa**, professores da **Unidade Curricular de Língua Espanhola do CAMEAM-UERN**, companheiros de antes e de agora, com que formei mais que uma equipe de trabalho, formei uma **segunda família em terras potiguares**. Este reconhecimento não poderia deixar de se estender a outros membros desta **segunda família**. São eles: **Verônica Salme, Walison Paulino, Eliza Freitas, Andressa Luna** e muitos mais;

**Grandes Amigos**, muitos, pois os tenho, em vasta quantidade, guardados em um lugar bem especial em minha vida. Citá-los, a todos, seria impossível, mas me arrisco a mencionar alguns, que aqui representam os demais. **Suze Amaral, Raquel Paiva, César Melo, Felipe Martins, Kélvya Freitas, Nonato Furtado, Lidiani Germano, Isabel Viana, Flávia e Deybde Pereira** e **todos os outros**, motivos de muita felicidade para mim;

A **Marineide Xavier Mota**, mãe de Suelen Brasil *de Sousa Machado*, que colocou no mundo um dos maiores bens da minha vida e que torceu como ninguém por essa pesquisa. Ela, a minha **Dona Neide**, aprendeu cedo o significado da palavra “amar”;

**Minha grande família**, em Manaus, no Pará, no estado do Ceará, na capital e no interior, que me fortalece e me faz seguir em frente, feliz e realizado, sempre;

Por fim e acima de tudo e de todos, até de mim mesmo, a **Deus**, a quem agradeço por existir e por me possibilitar sentir Seu grande amor, todos os dias, através das pessoas aqui mencionadas.

**A todos, que não são poucos, meus mais sinceros agradecimentos!**



Eu sou apenas um rapaz latino-americano sem dinheiro no banco  
Sem parentes importantes e vindo do interior

Mas trago, de cabeça, uma canção do rádio  
Em que um antigo compositor baiano me dizia  
Tudo é divino, tudo é maravilhoso

Tenho ouvido muitos discos, conversado com pessoas,  
Caminhado meu caminho  
Papo, som dentro da noite  
E não tenho um amigo sequer que ainda acredite nisso, não,  
Tudo muda e com toda razão

Eu sou apenas um rapaz latino-americano sem dinheiro no banco  
Sem parentes importantes e vindo do interior

Mas sei que tudo é proibido.  
Aliás, eu queria dizer que tudo é permitido  
Até beijar você no escuro do cinema quando ninguém nos vê

Não me peça que lhe faça uma canção como se deve  
Correta, branca, suave, muito limpa, muito leve  
Sons, palavras, são navalhas e eu não posso cantar como convém  
Sem querer ferir ninguém

Mas não se preocupe, meu amigo, com os horrores que eu lhe digo  
Isso é somente uma canção,  
A vida realmente é diferente  
Quer dizer, a vida é muito pior

Eu sou apenas um rapaz latino-americano, sem dinheiro no banco  
Por favor não saque a arma no "saloon", eu sou apenas um cantor

Mas se depois de cantar você ainda quiser me atirar  
Mate-me logo, à tarde, às três, que à noite tenho um compromisso  
E não posso faltar por causa de você

Eu sou apenas um rapaz latino-americano sem dinheiro no banco  
Sem parentes importantes e vindo do interior

Mas sei que nada é divino,  
Nada, nada é maravilhoso  
Nada, nada é sagrado,  
Nada, nada é misterioso, não

*(Apenas um Rapaz Latino-Americano. Belchior)*

## RESUMO

Esta pesquisa tem como objetivo analisar a representação social (RS) que os latinoamericanos usuários do site de redes sociais Orkut constroem sobre a latinidade, tendo como foco a constituição temática desta representação, as estruturas do discurso e as condições de produção pelas quais se expressa tal representação e as atitudes dos sujeitos sobre o objeto representado. O *corpus* foi constituído de 114 postagens dos tópicos “Como unir a América Latina?” e “Brasil não devia ser da América Latina” da comunidade virtual “América Latina Unida”. Em nossa análise, partimos de uma abordagem discursiva em sua vertente crítica, de base qualitativa, e executamos o procedimento de interpretação dos dados em três etapas: (i) descrição temática da RS em macro e microtemas, (ii) exame das estruturas ideológicas do discurso (EID) e das categorias de análise contextual (CAC) propostas por van Dijk (2003) e (iii) investigação das atitudes dos sujeitos em relação ao objeto de representação. Como fundamentos teórico-metodológicos, adotamos: (i) os estudos sobre a identidade cultural da América Latina e a latinidade como o proposto nos trabalhos de Rouquié (1991), O’ Gorman (1992), García Canclini (2008a, 2008b, 2009), Brandalise (2008), além dos realizados em torno às ideologias e a relação com os discursos, vistos como produções sociocognitivas consoante com van Dijk (1998, 1999, 2003, 2009) e Thompson (2009); (ii) a proposta de investigação de eventos na WEB, conforme Recuero (2010), Segata (2008), dentre outros autores, bem como pesquisas a respeito ao surgimento do Ciberespaço, notadamente os trabalhos de Lévy (1999); (iii) a Teoria das Representações Sociais (TRS), em sua epistemologia de base proposta por Moscovici (1976) e teóricos subsequentes, a saber: Jodelet (1984, 1991, 2001), Abric (1994) e Doise (2001). Os resultados mostram que a RS dos sujeitos do grupo selecionado sobre a latinidade se constrói com base na interseção entre elementos temáticos relacionados à tríade conceitual língua – cultura – identidade, desde estruturas discursivas e condições de produção específicas. Esses elementos temáticos, por sua vez, orientam os sujeitos em suas tomadas de posição simbólica em relação ao objeto de representação durante as discussões promovidas, nos tópicos analisados, a respeito do universo latino.

**Palavras-chave:** Representações sociais. Latinidade. Orkut. Estudos Críticos do Discurso.

## RESUMEN

Esta investigación presenta como objetivo analizar la representación social (RS) que los latinoamericanos usuarios del sitio de redes sociales Orkut construyen sobre la latinidad, presentando como foco la constitución temática de esta representación, las estructuras del discurso y las condiciones de producción por las cuales expresa tal representación y las actitudes de los sujetos sobre el objeto representado. El *corpus* se constituyó en 114 *posts* de los tópicos "¿Cómo unir la América Latina?" y "Brasil no debería ser de América Latina" de la comunidad virtual "América Latina Unida". En nuestro análisis, partimos de un abordaje discursivo en su postura crítica, de forma cualitativa, y ejecutamos el procedimiento de interpretación de los datos en tres etapas: (i) descripción temática de la RS en macro y microtemas, (ii) examen de las estructuras ideológicas del discurso (EID) y das categorías de análisis contextual (CAC) propuestas por van Dijk (2003) e (iii) investigación de las actitudes de los sujetos en relación al objeto de representación. Como fundamentos teórico-metodológicos, hemos adoptado: (i) los estudios sobre la identidad cultural de la América Latina y la latinidad como lo propuesto en los trabajos de Rouquié (1991), O' Gorman (1992), García Canclini (2008a, 2008b, 2009), Brandalise (2008), además de los realizados en torno a las ideologías y la relación con los discursos, tomados como producciones sociocognitivas consonante con van Dijk (1998, 1999, 2003, 2009) y Thompson (2009); (ii) la propuesta de investigación de hechos en la WEB, conforme Recuero (2010), Segata (2008), entre otros autores, así como investigaciones al respecto del surgimiento del Ciberespacio, destacadamente los trabajos de Lévy (1999); (iii) la Teoría de la Representaciones Sociales (TRS), en su epistemología básica propuesta por Moscovici (1976) y teóricos posteriores, como Jodelet (1984, 1991, 2001), Abric (1994), Doise (2001). Los resultados muestran que la RS de los sujetos del grupo seleccionado sobre la latinidad se construye con base en la interacción entre elementos temáticos relacionados a la tríade conceptual lengua – cultura – identidad, desde estructuras discursivas y condiciones de producción específicas. Estos elementos, por su vez, orientan los sujetos en sus tomadas de posición simbólica en relación al objeto de representación a lo largo de las discusiones promovidas, en los tópicos analizados, al respecto del universo latino.

**Palabras-clave:** Representaciones sociales. Latinidad. Orkut. Estudios Críticos del Discurso.

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

<b>AL</b>	<b>América Latina</b>
<b>“ALU”</b>	<b>“América Latina Unida”</b>
<b>ECD</b>	<b>Estudos Críticos do Discurso</b>
<b>EID</b>	<b>Estruturas Ideológicas do Discurso</b>
<b>RS</b>	<b>Representações Sociais</b>
<b>TRS</b>	<b>Teoria das Representações Sociais</b>

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO .....</b>	<b>13</b>
<b>2. FUNDAMENTOS TEÓRICOS .....</b>	<b>22</b>
<b>2.1. O QUE É SER LATINO? CONSIDERAÇÕES SOBRE A CONSTRUÇÃO DA LATINIDADE .....</b>	<b>23</b>
2.1.1. Perfil socioidentitário da América Latina em construção .....	23
2.1.1.1. América Latina: uma união em torno da latinidade? .....	23
2.1.1.2. As teorias do nascimento: descobrimento ou invenção da América? .....	30
2.1.1.3. Identidade latina: identidade cultural .....	34
2.1.2. Interculturalidade e Hibridação Cultural na América Latina .....	36
2.1.2.1. Interculturalidade: as relações culturais e a identidade latina .....	36
2.1.2.2. Hibridação Cultural: um fenômeno singularizador .....	44
2.1.3. A (des) construção do ser latino .....	47
2.1.3.1. A emergência de sujeitos coletivos e interculturais na WEB .....	47
2.1.3.2. “Soy latinoamericano”: latinidade e sentimento de pertença .....	50
<b>2.2. REDES SOCIAIS E INTERCONEXÕES DISCURSIVAS .....</b>	<b>54</b>
2.2.1. O antes: a configuração do Ciberespaço .....	54
2.2.2. O entrever: o surgimento e o domínio das redes sociais .....	61
2.2.3. O agora: a dinâmica das comunidades do Orkut na construção de RS .....	68
<b>2.3. REPRESENTAÇÕES SOCIAIS: CONSTRUTOS IDEOLÓGICO-DISCURSIVOS .....</b>	<b>76</b>
2.3.1. Representações Sociais: epistemologia em uma perspectiva interdisciplinar .....	76
2.3.1.1. Teoria de Base: Serge Moscovici .....	76
2.3.1.2. Perspectiva dimensional: Denise Jodelet .....	84
2.3.1.3. Perspectiva genética: Jean-Claude Abric .....	86

2.3.1.4. Perspectiva psicossociológica: Willem Doise .....	89
2.3.2. Representações Sociais: construto ideológico .....	92
2.3.3. Representações Sociais: construto discursivo .....	100
<b>3. METODOLOGIA DA PESQUISA .....</b>	<b>105</b>
3.1. Caracterização da pesquisa .....	105
3.2. Caracterização do grupo social analisado .....	107
3.3. Constituição do <i>corpus</i> .....	109
3.4. Categorias e procedimento de análise dos dados .....	115
3.4.1. Categorias de análise .....	115
3.4.1.1. Estruturas Ideológicas do Discurso (EID) .....	115
3.4.1.2. Categorias de Análise Contextual (CAC) .....	117
3.4.2. Procedimentos de análise .....	119
<b>4. ANÁLISE DOS DADOS .....</b>	<b>120</b>
4.1. Descrição Temática da RS sobre a Latinidade .....	120
4.2. Exame das EID e das condições de produção na expressão da RS .....	129
4.2.1. “Como unir a América Latina?” .....	130
4.2.2. “Brasil não devia ser da América Latina” .....	150
4.3. Investigação das atitudes dos sujeitos sobre a latinidade .....	165
4.3.1. Posicionamento 1: língua e cultura latinas como elementos de referência .....	167
4.3.2. Posicionamento 2: língua e cultura hispânicas como elementos de referência .....	171
<b>5. CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>176</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>181</b>
<b>ANEXOS .....</b>	<b>185</b>

## 1. INTRODUÇÃO

*Hoy amanecí fuera de mí y salí a buscarme  
Recorrí caminos y veredas hasta que me hallé.*

*Sentado sobre un tanatón de musgo al pie de una cipresalada  
Platicando con la neblina y tratando de olvidar lo que no puedo.*

*A mis pies hojas,  
sólo hojas...*

(Hoy. Humberto Akabal)

O modo como nos vemos e como vemos e somos vistos pelos outros que compõem nosso “infinito particular” condiciona as imagens, as representações que construímos sobre nós mesmos e sobre o mundo que nos cerca, com seus seres e outros objetos representacionais. E, como se sabe, a dinâmica da modernidade faz com que os limites entre nosso mundo e o mundo do outro sejam repensados a todo instante, entrecruzando-os, interconectando-os. E esta nova maneira não mais essencialmente cartesiana de ver o mundo e seus elementos constitutivos faz com que o universo consensual dos seres humanos ganhe novas feições.

Deste modo, é intrigante se pensar: na amplitude de uma região que se estende por uma área de aproximadamente 21.069.501 quilômetros, o que equivale a 3,9% do território terrestre, e cuja população, já em 2008, era estimada em mais de 569 milhões de habitantes, segundo dados recentes, é possível se pensar em uma identidade partilhada? Que elementos unem tantos sujeitos espalhados por tão extensa área territorial? Como se constituem enquanto grupo, em termos sociais, culturais e políticos todos esses indivíduos? Em suma, como pensar, nestes moldes, o complexo de proporções continentais denominado América Latina?

Segundo Brandalise (2008):

Essa denominação composta e, ao mesmo tempo, autônoma em seus dois termos, reportada à porção sul do continente americano, está tão imbricada em nosso cotidiano a ponto de nos parecer algo imanente, atemporal. No entanto, a nomenclatura apresenta uma história própria e, no que concerne especificamente ao termo latina, esse elemento imediato com vida à parte se impôs de forma mais recente do que, em geral, se imagina. (*Idem*, 2008, p. 21).

Com base em Brandalise (2008), perguntamo-nos: que elementos compõem, então, a “história própria” da América Latina? Que trajeto seguiu esta denominação, desde o seu surgimento até os dias atuais, para que hoje fosse possível problematizá-la como “autônoma” e como uma entidade “tão imbricada em nosso cotidiano a ponto de nos parecer algo imanente, atemporal”? Em que termos se dá a construção de sua identidade? Haveria, assim, uma essência que sintetiza em si a condição de ser da América Latina em termos culturais, ideológicos, políticos, linguísticos, ou seja, em termos sociais?

Estes e muitos outros questionamentos alicerçaram a construção da problemática que fundou esta pesquisa. Como reconhecemos que as respostas a tais questões acerca da constituição da América Latina e sua projeção na construção identitária dos sujeitos latinoamericanos encontram-se na imagem que estes indivíduos constroem de si enquanto grupo social, do mundo em que vivem e dos sujeitos com quem interagem, impulsionamo-nos a investigar as representações sociais, doravante RS, estes “objetos do pensamento” (MOSVOCICI, 1976), dos latinoamericanos, vistos como sujeitos interculturais, sobre a latinidade, através de seu discurso nas redes sociais contemporâneas no mundo virtual.

Levando em conta que “o campo de estudo das representações sociais se encontra em franca expansão no Brasil, não apenas no âmbito da Psicologia Social, mas também no de disciplinas aplicadas” (SÁ, 1998, p. 36), partimos do conceito de representações sociais construído, desde a década de 70 do século XX por Serge Moscovici (1976) e teóricos subsequentes, tais como Denise Jodelet (2001), Jean-Claude Abric (1994) e Willem Doise (2001), para abordar a problemática desta investigação, circunscrita na área de Estudos do Discurso, com rumos a sua vertente Crítica, que se volta, especialmente, para a abordagem de eventos ideológicos situados na linguagem.

Para isso, propomo-nos a buscar respostas às seguintes perguntas de pesquisa: qual é a representação social que os latinoamericanos usuários do site de redes sociais Orkut<sup>1</sup> constroem sobre a latinidade como significado do que é ser latino, mediante o sentimento de pertença a grupos sociais? Quais elementos temáticos são evocados pelos sujeitos na constituição da RS sobre a latinidade durante as discussões em tópicos do fórum da comunidade “América Latina Unida”, no Orkut? Em que condições de produção se dá a construção da RS sobre a latinidade, no que diz respeito às estruturas linguístico-discursivas

---

<sup>1</sup> [www.orkut.com](http://www.orkut.com)



evocadas pelos sujeitos em seu discurso e no que diz respeito ao contexto no qual os sujeitos analisados se posicionam, desde tomadas de posição direcionadas ao objeto de representação?

Para a execução da pesquisa, a fim de responder às seguintes perguntas de pesquisa lançadas, apoiamo-nos de modo especial na perspectiva psicossociológica de investigação das RS proposta por Doise (2001), que investiga o modo como o contexto social influencia os processos de representação em direção às atitudes dos sujeitos do grupo social em relação ao objeto representado. Em nossa pesquisa, o grupo social investigado é composto de representantes latinoamericanos falantes nativos de espanhol (argentinos, paraguaios, mexicanos, uruguaios, chilenos etc.) e latinoamericanos falantes nativos de português (brasileiros), todos usuários do site de redes sociais Orkut, membros da comunidade virtual analisada.

As questões que nos propusemos a responder foram formuladas ao longo das observações que fizemos na condição de membros há anos das comunidades do Orkut, sendo este site caracterizado por sua ampla repercussão nos países latinoamericanos, em especial no Brasil, país que ocupa o primeiro lugar em número de usuários, segundo dados disponibilizados pelos idealizadores no site. Seguidos do Brasil e de outros países latinoamericanos, em se tratando de usuários, estão a Índia e os Estados Unidos, este último país no qual outro site de redes sociais, o Facebook<sup>2</sup>, popularizou-se mais fortemente.

Como membro da comunidade “América Latina Unida”, de onde nasceu o interesse pela pesquisa e de onde foram retirados os textos que compõem o *corpus* desta investigação, empreendemos a presente proposta de investigação a fim de encontrar respostas a questionamentos gerados durante o acompanhamento das discussões no fórum acerca da identidade latina, vista pelos usuários como resultado do sentimento de pertença à nação latinoamericana compartilhado pelos latinoamericanos.

Deste modo, este estudo mostra-se relevante pelo modo como aborda os elementos identitários evocados pelos sujeitos quando se representam ou não como membros do grupo de latinoamericanos, uma vez que objetiva analisar, neste contexto, como se dá, pelo discurso, a construção da RS sobre a latinidade e seus elementos temáticos constitutivos. A latinidade, como significado do que é ser latino, é vista em relação ao sentimento de pertença que fundamenta a formação de grupos sociais. A investigação deste significado social,

---

<sup>2</sup> <http://pt-br.facebook.com>

portanto, oportuniza a observação de conflitos fundados na interação, em nosso caso específico, nas comunidades virtuais de discussão temática na WEB.

Reconhecendo que a latinidade é definidora de diversas questões no cenário sócio-cultural da modernidade, tais como a expansão dos domínios latinos relevantemente marcada pela disseminação da língua espanhola pelo mundo e a projeção e repercussão da identidade latina nas mídias contemporâneas, interessou-nos investigar como esta identidade se constrói na contemporaneidade através dos meios de comunicação virtuais, fortemente disseminados pela tecnologia e pela comunicação de massa (THOMPSON, 2009).

Assim, a escolha pelo Orkut, enquanto site de redes sociais (RECUERO, 2010), deu-se dada a popularidade deste entre os latinoamericanos na condição de ferramenta dialógica que congrega sujeitos interculturais (GARCÍA CANCLINI, 2009) de todas as partes do mundo, e em especial da América Latina. Entendemos o Orkut como ferramenta dialógica na medida em que se trata de um *locus* virtual para a comunicação, dados seus recursos conversacionais, a exemplos dos fóruns de que tratamos nesta pesquisa.

Adotamos ainda como fundamentos teórico-metodológicos a respeito do mundo virtual os estudos de Lévy (1999), na década de 90 do século XX, sobre o surgimento do Ciberespaço, de Recuero (2010) sobre as redes sociais, e de Segata (2008) sobre a dinâmica das comunidades do Orkut e a criação de laços entre os usuários nestas comunidades, dentre outros. Muito da metodologia aplicada foi embasada em Recuero (2010) e Segata (2008). As ideias de Lévy (1999) sobre o Ciberespaço foram abordadas para fins de contextualização histórica, de modo crítico, contemplando, assim, os estudos de Virilio (1990) e Baudrillard (1991) em contrapartida às proposições de Lévy (1999).

Com relação aos estudos em torno da identidade cultural da América Latina e a latinidade como sentimento de pertença a grupos sociais, além dos estudos sobre as ideologias enquanto produções sociocognitivas manifestas nos discursos, apoiamos-nos, respectivamente, em Rouquié (1991), O’Gorman (1992), García Canclini (2008a, 2008b, 2009) e Brandalise (2008), principalmente, e em van Dijk (1998, 1999, 2003, 2009) e Thompson (2009), dentre outros. Estes estudos nos forneceram a base para fundamentarmos o conceito de latinidade com o qual trabalhamos ao longo de toda a pesquisa.

A relevância deste trabalho se justifica centralmente na medida em que propomos outra perspectiva de investigação das representações sociais, situando-nos no âmbito dos estudos da linguagem, mais especificamente, nos Estudos Críticos do Discurso, a partir da abordagem de van Dijk (1998, 1999, 2003, 2009). Esperamos, assim, contribuir para a investigação de práticas sociais ideológicas, ou seja, práticas sociais, como a linguagem, executadas por grupos em suas interações cotidianas, em um ambiente virtual de ampla popularidade no contexto da modernidade, como o Orkut.

Nesta direção, esperamos contribuir para a elucidação dos processos de construção de identidades nas redes sociais virtuais, vistas por nós como produto das transformações tecnológicas e advindas das relações sociais contemporâneas, não mais exclusivamente constituídas no âmbito físico, ou seja, através das interações face a face, principalmente no que diz respeito ao redimensionamento dos papéis sociais estabelecidos no nível do discurso e da sociedade em geral, ou seja, no nível do falar e do agir cotidianos pelos sujeitos que compõem as redes sociais construídas na WEB.

A partir desse contexto, em termos discursivos (e por extensão em termos sociais), pretendemos, através desse estudo, depreender traços relevantes da identidade cultural da América Latina, tão mais complexa quanto plural, através das investigações das RS. Diante disso, estabelecemos os seguintes objetivos:

1. Analisar a RS dos latinoamericanos usuários do site de redes sociais Orkut, enquanto membros da comunidade “América Latina Unida”, sobre a latinidade como significado do que é ser latino, mediante o sentimento de pertença a grupos sociais;
2. Descrever os elementos temáticos que compõem a RS do grupo de latinoamericanos usuários do Orkut sobre a latinidade a partir de suas postagens no fórum da comunidade “América Latina Unida”;
3. Examinar as estruturas linguístico-discursivas e as condições de produção contextual envolvidas nos processos de elaboração da RS sobre a latinidade pelo grupo social em questão por meio das estruturas ideológicas do discurso (EID) e das categorias de análise contextual propostas por van Dijk (2003);

4. Investigar a atitude dos sujeitos com relação ao objeto de representação a partir das tomadas de posição simbólica por eles assumidas e enunciadas em forma de posicionamentos nas postagens no fórum da comunidade virtual analisada.

Com o propósito de alcançar estes objetivos, concebemos nosso conceito de representações sociais como construtos discursivos e ideológicos, portanto cognitivos e sociais (VAN DIJK, 1999), evidenciadas no modo como cada sujeito, na condição de membros de grupos sociais, concebe e organiza o mundo que nos cerca em seu repertório linguístico, através das memórias social e discursiva. Este conceito alicerça nossa tese de que é pelo discurso que se dá de modo mais evidente a construção e a disseminação de RS no mundo pela interação entre os sujeitos e entre estes e os mais diversos grupos sociais.

Para a construção de nosso conceito de RS e de nossa tese recorreremos, além dos estudos de van Dijk (1999), à TRS proposta por Moscovici (1976) e teóricos subsequentes, que veem as RS como:

(i) “um sistema de valores, ideias e práticas, com uma dupla função: estabelecer uma ordem que possibilitará às pessoas orientar-se em seu mundo material e social e possibilitar que a comunicação seja possível entre os membros de uma comunidade” (MOSCOVICI, 1976, p. 36);

(ii) “fenômenos complexos cujos conteúdos devem ser cuidadosamente destrinchados e referidos aos diferentes aspectos do objeto representado de modo a poder depreender os múltiplos processos que concorrem para a sua elaboração e consolidação como sistemas de pensamento que sustentam as práticas sociais” (JODELET, 1991, p. 65);

(iii) “conjunto estruturado de informações composto de dois subsistemas (ou núcleos): um central e um periférico, onde residem os elementos figurativo e significativo das representações sociais” (ABRIC, 1994, p. 23);

(iv) “conjunto organizado de opiniões, de atitudes, de crenças e de informações referentes a um objeto ou a uma situação determinado ao mesmo tempo pelo

próprio sujeito (sua história, sua vivência), pelo sistema social e ideológico no qual ele está inserido e pela natureza dos vínculos que ele mantém com esse sistema social. (DOISE, 2001, p. 156).

Pelo caráter ideológico que apresenta, apoiamo-nos especialmente na visão de Doise (2001) sobre as RS para a construção de nosso conceito, assumido por nós como pressuposto para esta pesquisa, uma vez que traça uma interface entre os estudos de RS em sua visão em Psicologia Social, representada principalmente pelos estudos de Moscovici (1976), Jodelet (1991), Abric (1994) e Doise (2001), e os Estudos Críticos do Discurso, a fim de defendermos a ideia de RS como um construto discursivo, pois evidenciado no discurso, e ideológico, pois relacionado à produção cognitiva de um grupo social.

Julgando ser por meio dos índices linguísticos, ou seja, das estruturas linguístico-discursivas (as EID) de que fazem uso os sujeitos, que são expressas as RS, adotamos como método de abordagem dos dados a perspectiva analítico-discursiva em sua vertente crítica, por este método se preocupar com a dimensão ideológica dos textos que circulam na sociedade como práticas discursivas situadas. Deste modo, a fim de respondermos às questões de pesquisa lançadas e alcançarmos os objetivos traçados, organizamos a presente dissertação em três grandes seções: fundamentos teóricos, metodologia da pesquisa e análise dos dados, cada uma delas com subdivisões que serão apresentadas a seguir.

Na primeira seção, intitulada “Fundamentos Teóricos”, refletimos inicialmente sobre a construção da noção de latinidade ao longo dos anos. Um estudo histórico sobre a América Latina acentuou a necessidade de se pensar o termo e sua repercussão na configuração no perfil socioidentitário da América Latina por nós concebido como “em construção”. Partindo da concepção de Brandalise (2008), afirmamos que referida expressão refere-se ao conjunto dos povos latinos, ou seja, de cultura latina, cujos idiomas, como dito, provêm do latim, e seu respectivo modo cultural e social de ser e, nos termos desta pesquisa, define-se como o significado que esta noção assume para os sujeitos do grupo analisado.

Levando em conta os desdobramentos deste conceito para a análise dos dados, procuramos examinar como se dá a união dos latinoamericanos selecionados em torno da latinidade e em torno aos elementos que compõem essa noção. Deste modo, a partir da ideia de que a identidade latina se constrói em termos de uma identidade cultural híbrida (GARCÍA CANCLINI, 2008a), abordamos as teorias do “nascimento” e da “invenção” da América

Latina, segundo Rouquié (1991) e O' Gorman (1992), a fim de fundamentar a noção de Interculturalidade no contexto pós-moderno latinoamericano. Uma reflexão sobre a (des) construção do ser latino, a partir da emergência de sujeitos coletivos e interculturais mediados pelo sentimento de pertença ideológica, ou seja, de pertença a grupos sociais, conclui este momento inicial da primeira seção.

Em um segundo momento, direcionamos nossa atenção para o surgimento do Ciberespaço e o domínio das redes sociais e suas “interconexões discursivas” a fim de evidenciar que os meios de comunicação de massa (THOMPSON, 2009) surgem no contexto da modernidade como ferramentas dialógicas que congregam sujeitos interculturais no mundo todo. Para isso, revisitamos criticamente as ideias de Lévy (1999) sobre o Ciberespaço até chegarmos aos dias de hoje, com a discussão acerca da dinâmica das comunidades temáticas do Orkut como ambientes propícios à construção de laços entre os usuários (SEGATA, 2008) e ao “burburinho” necessário à construção de RS (MOSCOVICI, 1976).

Em um terceiro momento, concluímos a primeira seção abordando a TRS e sua epistemologia interdisciplinar, conceituando as RS, estes “objetos do pensamento” (MOSCOVICI, 1976), como “construtos ideológico-discursivos”. Deste modo, abordamos a teoria de base proposta por Serge Moscovici (1976), com destaque para seus princípios fundamentais. Tratamos ainda das perspectivas dimensional, proposta por Denise Jodelet, genética, proposta por Jean-Claude Abric (1994), e psicossociológica, proposta por Willem Doise (2001), em que nos embasamos com maior força para constituir o alinhavado do percurso de investigação traçado entre os estudos de RS e os Estudos Críticos do Discurso. Este subtópico conclui os “fundamentos teóricos” situando nossa visão de RS como “construtos ideológicos e discursivos”.

Na segunda seção, intitulada “Metodologia”, apresentamos o percurso metodológico traçado, evidenciando a caracterização da pesquisa como de abordagem qualitativa e de natureza analítico-discursiva crítica, relatando como se deu, com base em Recuero et al. (2011), a coleta dos dados e seu tratamento levando-se em conta as questões éticas de investigação na WEB pautados no tratamento fidedigno e no sigilo das informações coletadas. Ainda nesta seção, discutimos as categorias e os procedimentos de análise dos dados com relação às estruturas ideológicas do discurso (EID) e às categorias de análise contextual (CAC), bem como a caracterização dos sujeitos como grupo social (VAN DIJK, 2003).

Na terceira e última seção, dedicamo-nos à “Análise dos Dados”. A partir das categorias selecionadas e dos procedimentos adotados, analisamos as 114 postagens dos dois tópicos de “América Latina Unida”, comunidade do Orkut, cuja coleta se deu entre os meses de fevereiro e junho de 2011. Tais tópicos intitulam-se “Como unir a América Latina?” e “Brasil não devia ser da América Latina” e reúnem textos de latinoamericanos de diversas nacionalidades. Tais postagens, constitutivas de nosso *corpus*, representam uma amostra real e compatível com a heterogeneidade dos dados em sua totalidade.

O procedimento de interpretação dos dados se deu em três etapas, a saber: (i) descrição temática da RS em macro e microtemas, a partir dos elementos a respeito do mundo latino evocados pelos sujeitos, (ii) exame das estruturas ideológicas do discurso e das condições de produção contextual, ao passo da discussão detalhadas dos macro e microtemas constitutivos da RS sobre a latinidade; e (iii) investigação das atitudes dos sujeitos em relação ao objeto de representação organizadas em dois posicionamentos: um primeiro evidenciado pela língua e pela cultura latinas como elementos de referência e um segundo evidenciado pela língua e pela cultura hispânicas como elementos de referência.

Encerramos a dissertação com as considerações finais sintetizando o percurso traçado e ressaltando aspectos de relevância dos resultados apontados na análise a partir da sistematização da RS analisada. Optamos ainda por oferecer um panorama de possíveis investigações a respeito do tema desde questionamentos surgidos ao longo da pesquisa, mas que, por questões de recorte metodológico, não foram contemplados. Por fim, apresentamos nossas referências e os anexos com as 114 postagens analisadas.

Por todo o traçado, esta pesquisa se apresenta como uma análise das questões representacionais imbricadas na identidade da América Latina e dos latinoamericanos em si. Mas vai além e apresenta novas discussões em torno aos processos através dos quais, pela linguagem, representamos a nós mesmos enquanto membros de grupos sociais e aos objetos do mundo que nos cercam em termos culturais, linguísticos, políticos, dentre muitos outros. Assim, pergunta-se: será o latinoamericano “apenas um rapaz sem dinheiro no banco”, “sem parentes importantes” e “vindo do interior”? Em síntese: o que significa ser latino?

## 2. FUNDAMENTOS TEÓRICOS

É por demais desafiador o projeto de analisar o que está engendrado na mente dos sujeitos e que está em funcionamento quando estes estão em interação social na medida em que, através da linguagem, constituem-se, desde o seu dizer, como sujeitos do discurso circunscritos em uma relação com os outros e com o mundo que o cercam. Além de desafiador, trata-se de um projeto que se fundamenta na ideia de que é pela linguagem que nos constituímos como sujeitos/cidadãos do mundo, uma vez, por ela, construímos nossas relações e, como tal, criamos e sedimentamos as ideologias que nos dão sustentação crítica em nossas ações.

Neste sentido, investigar as representações sociais, vistas por nós como um construto eminentemente discursivo e ideológico que se realiza numa tríade conceitual estabelecida entre discurso, sociedade e cognição, implica a necessária articulação entre várias áreas do conhecimento para que tal investigação se realize com êxito. Deste modo, para a análise da construção das representações sobre a latinidade em redes sociais no site Orkut, recorreremos a um projeto de investigação de natureza interdisciplinar no qual são mobilizados, pelo menos e de modo inicial, artefatos teóricos das Ciências Sociais, da História e dos Estudos do Discurso em sua acepção Crítica, ou seja, os Estudos Críticos do Discurso.

Este caráter interdisciplinar, necessário à epistemologia desta pesquisa, faz-se presente na composição da perspectiva teórico–metodológica proposta, através da qual os estudos de RS apresentam-se como uma investigação que conjuga, em sua acepção primeira, pelo menos duas áreas do conhecimento, a Psicologia e a Sociologia, ou seja, a Psicologia Social, construção teórica para a qual Serge Moscovici (1976) voltou-se durante anos entre formulações e reformulações a partir de suas influências de leitura em pensadores como Freud (1997), Piaget (1977), Vygotsky (2000), dentre outros, na elaboração da TRS.

Posterior a Moscovici (1976), os estudos de Jodelet (2001), Abric (1994), Flament (2001) e Doise (2001) são alguns dos exemplos da continuidade de tal teoria no mundo, em novas abordagens, no que diz respeito tanto a fundamentos teóricos quanto a fundamentos metodológicos. No Brasil, aparecem em destaque os nomes de Margot Madeira e Ângela Arruda, além de Celso Pereira de Sá, na continuidade dos estudos da TRS, por nós entendida ainda em construção, pois claramente densa, em áreas as mais diversas, perpassando desde a Psicologia, as Ciências Sociais, a Educação e mais recentemente a Linguística.



Nesta perspectiva, conjugar a teoria das RS com os pressupostos epistemológicos dos Estudos Críticos do Discurso propostos por van Dijk (2003) constitui o fundamento de base da presente pesquisa: a análise de RS construídas nas interações e evidenciadas no discurso, o que acaba por exigir do pesquisador a sensibilidade em interligar diversas áreas do conhecimento, postura indispensável para quem deseja analisar um objeto tão complexo, interdisciplinar e multirreferencial como a linguagem e as RS por/nela construídas.

Como um termo impreciso, pois plurissemântico, a latinidade é evocada por sujeitos para afirmar seu sentimento de pertença a uma nação, a América Latina, marcada pela Interculturalidade e pela Hibridação Cultural em sua constituição. Além disso, sabe-se que a latinidade tem-se imposto como uma questão relevante nas relações internacionais, em termos culturais, políticos e sociais principalmente na América Latina, tomada como um palco de pluralidades étnicas, linguísticas e culturais desde a sua “invenção” a partir da primeira expedição de Colombo em terras americanas em 1492.

A conjugação dos três grandes temas selecionados para o repertório teórico desta investigação – latinidade, redes sociais e representações sociais – oferecerá a fundamentação necessária à análise do construto identitário da América Latina através das representações sobre a latinidade por latinoamericanos, no contexto das mídias contemporâneas, em detrimento do modo como os sujeitos latinos se posicionam com relação ao objeto representado.

## **2.1. O QUE É SER LATINO? CONSIDERAÇÕES SOBRE A CONSTRUÇÃO DA LATINIDADE**

### **2.1.1. Perfil socioidentitário da América Latina em construção**

#### **2.1.1.1. América Latina: uma união em torno da latinidade?**

Como definir, em questões geográficas e/ou políticas e sociais, um subcontinente inteiro, composto de faces tão distintas? Como pensar a constituição, desde o seu surgimento até a sua configuração atual, desta imensa parte do continente americano onde se falam, de modo amplo, línguas latinas, também conhecidas como românicas e/ou neolatinas, ou seja, cujo tronco linguístico provem do latim? Que critérios levar em conta na análise deste ambiente composto de tantos tipos: critérios étnicos são suficientes?

Certamente, essas foram apenas algumas das inúmeras perguntas que historiadores, geógrafos, antropólogos e outros estudiosos quando da análise dos complexos objetos de estudos das Ciências Humanas se fizeram, ao longo dos anos, em todo o mundo, a respeito da América Latina. Mas, concretamente, será de fato possível responder a tais questionamentos? Em que medida não se trata de questões ainda em processo de constituição e para quais ainda na respostas totalmente acabadas?

De fato, por motivos muito específicos, a América Latina se define mais do ponto de vista cultural que do ponto de vista estritamente geográfico, uma vez que estamos tratando de um conjunto de países com tradições diversas, cujo encontro étnico e linguístico se é perceptível no fato de dividirem uma cultura de base latina, ou seja, uma cultura embasada em uma latinidade, noção sobre a qual recai a identidade dos países que compõem a América Latina. Mas, afinal de contas, o que se entende por latinidade?

Do latim *Latinitas*, referida expressão remete-se ao conjunto dos povos latinos, ou seja, de cultura latina, cujos idiomas, como dito, provêm do latim, e seu respectivo modo cultural e social de ser. Trata-se de um termo com “história própria” que surge na história das Américas para servir de “instrumento simbólico” em afirmação de uma identidade de um povo em busca de sua autonomia e reconhecimento político entre as demais nações do mundo (BRANDALISE, 2008). Impõe-se, ainda, no caso desta investigação que se volta para a América Latina, como revelador da identidade de um povo que, geograficamente, se estende, como dito, por uma área de aproximadamente 21,069,501 km, o que equivale a 3,9% do território terrestre.

Reportar-se ao termo “latinidade” nos dias atuais significa fazer referência a um conceito recente, principalmente na história da América Latina, tendo como premissa a ideia de que a latinidade não se direciona exclusivamente ao modo cultural e social de ser da América Latina, mas, de modo amplo, ao modo cultural e social de ser dos povos latinos. Assim, traçamos como objetivo a análise da RS dos latinoamericanos sobre o que significa ser latino, ou seja, sobre o que significa ser sujeito partícipe da cultura e da identidade latinas em uma perspectiva mais ampla que os significados de ser latinoamericano de modo particular.

É relevante destacar que, já em 2008, em termos demográficos, a população latina nas Américas era estimada em mais de 569 milhões de habitantes. A partir da representatividade da América Latina no cenário mundial pelos dados mostrados, concebemos

o termo latinidade reportando-nos aos desdobramentos deste significado para a construção da identidade latina pelos sujeitos na dinâmica de formação de grupos sociais.

Compõem a América Latina e, juntos, representam essa expressa latinidade no cenário cultural e social moderno 20 países, entre a América do Sul, a América Central e a América do Norte, esta última com o México como representante. Trata-se dos seguintes países: Argentina, Bolívia, Brasil, Chile, Colômbia, Costa Rica, Cuba, Equador, El Salvador, Guatemala, Haiti, Honduras, México, Nicarágua, Panamá, Paraguai, Peru, República Dominicana, Uruguai e Venezuela, entre os quais a língua espanhola é falada como idioma oficial ou como crioulo<sup>3</sup> e nos quais se falam ainda o português, em maior escala, e francês, em menor escala.

O Brasil, enquanto país de língua e cultura latinas, e como representante do continente americano, distingue-se dos demais por ser o único, dentre os 20 países mencionados, que não adota o espanhol como língua oficial ou como uma de suas línguas oficiais. Deste modo, questiona-se: que desdobramentos tal característica traz para a construção da latinidade dos brasileiros? Haveria, deste modo, uma latinidade bipartida por questões não somente étnicas, mas também linguísticas, entre os países de cultura latina de língua espanhola e o Brasil, falante nativo de língua portuguesa, sobre a qual os sujeitos se posicionam sobre a latinidade em seus textos no Orkut?

De fato, sabe-se que é a formação cultural, além de linguística e étnica, e não estritamente geográfica, que faz deste subcontinente americano um construto de possibilidades interculturais e interdiscursivas no cenário mundial. Trata-se, como dito há muito, de um “Novo Mundo”, o Mundo da América Latina que, segundo Guirin (2007):

[...] é um conjunto pluridimensional de tipos e fatores étnicos, culturais, de civilização e formações distintas, integrados em um organismo, tão complexo e – o que é mais importante – tão plurivalente que sua inteligência e interpretação resultam impossíveis desde qualquer sistema conceitual que não seja o próprio. (*Idem*, 2007, p. 01)<sup>4</sup>.

<sup>3</sup> Crioulos são línguas mestiças, geralmente resultado do cruzamento de pelo menos dois idiomas. É caso do idioma falado no Haiti, país no qual o crioulo e o francês se impõem como idiomas oficiais. O crioulo haitiano é conhecido como créole e apresenta dois dialetos distintos, o *fablas* e o *plateau*. Muitos dos haitianos falam três línguas: o crioulo, o francês, idioma no qual o crioulo do Haiti se baseia, uma vez que pesquisas dão conta de que 90% do seu vocabulário vêm dessa língua, além do espanhol. Algumas línguas como o português e o espanhol também influenciaram a formação do créole.

<sup>4</sup> Tradução livre nossa: “[...] *es un conjunto pluridimensional de tipos y factores étnicos, culturales, de civilización y formaciones distintas, integrados en un organismo, tan complejo y – lo que es más importante –*

As múltiplas dimensões do termo “latinidade”, desde as questões étnicas e/ou linguísticas, põem em destaque a complexidade do conceito de cultura latina com o qual se deparam os estudiosos dessa grande massa de terras que é a América Latina, resultado de conexões cívicas e de formação distintas, o que a torna um objeto de complexa interpretação e compreensão.

Dada essa complexidade, já se questiona a existência factual de uma América Latina em si, no sentido tradicional de se pensar este território como uma unidade geográfica e cultural. Questiona-se se o que temos nestas terras não seria um complexo de tipos e modos de viver, que compõe seu próprio repertório identitário (ROUQUIÉ, 1991). Mas por que Latina? Por que a essa América foi dado o epíteto Latina? As respostas a tais questionamentos teriam origem no processo de colonização destas terras para além-mar?

A dimensão histórica do termo “latina” nos reporta a dois fatos históricos. De acordo com o primeiro destes fatos, a expressão “América Latina” surge sob a concepção de intelectuais ibero-americanos, residentes ou de passagem pela Europa, e relaciona-se ao temor da expansão imperialista dos Estados Unidos pelo subcontinente. A expressão “latina”, nesta perspectiva, é vista como uma forma de resistência aos estadunidenses, assim como aos europeus, e seu discurso de “apoio” às novas terras encontradas (BRANDALISE, 2008).

De acordo com o segundo destes fatos históricos, o termo “latina” aparece na França, na época de Napoleão II, ligado ao grande desígnio de “ajudar” as nações latinas da América a impedir a expansão dos Estados Unidos. Segundo Rouquié (1991), a latinidade “tinha a vantagem, apagando os laços particulares da Espanha com uma parte do Novo Mundo, de dar à França legítimos deveres para com seus ‘irmãos’ americanos católicos e romanos” (p. 37).

Deste modo, à época o que hoje concebemos como “latinidade” foi combatido em nome da “hispanidade” e em nome “dos direitos da mãe pátria por Madri”, daí ter sido possível perceber que “o nome América Latina nem sempre foi sinônimo de cidadania” (ROUQUIÉ, 1991, p. 78).

De modo geral, o termo em si revela um traço ideológico de pertença às novas terras daquele continente, sendo essa talvez a dimensão oculta ao longo dos estudos sobre a AL na construção desse conceito, não estritamente geográfico, como dito, mas de amplitude cultural, política e social dos 20 países que compõem este subcontinente, marcado pela constante concentração de terras, pela singularidade em seus processos de modernização se comparados a Europa e grandes contraste regionais (O’GORMAN, 1992).

Pensar a latinidade, deste modo, em se tratando de questões históricas e etimológicas, significa reconhecer como verdadeiro o sentimento de pertença à América Latina e a seu modo cultural e social de ser, com relação aos 20 países que compõem o complexo territorial e humano latino-americano. Significa, ainda, ao menos em um primeiro momento, distinguir-se do sentimento de pertença à cultura da Espanha, o que se concebe por Hispanismo, nas palavras de Rouquié (1991).

Pensar a latinidade é, assim, problematizar um construto ideológico de um pertencimento tipicamente latino, que se opõe, mas não necessário e estritamente de modo binário e/ou dicotômico, ao pertencimento “à mãe pátria”, Madri, lugar onde a tarefa de pensar a América Latina sempre teve como contraponto o direito à “cidadania”, levando-nos a perceber que a América Latina de fato se constitui como um construto sócio-cultural plural, em detrimento do então hegemônico mundo hispânico e seu conceito de Hispanismo.

Mediante as grandes dimensões de Terra que constituem a América Latina, sabe-se que por muito tempo os países latinoamericanos se comunicaram entre si através do Velho Mundo. Sob essa perspectiva, muitos estudiosos afirmam que essa característica física contribuiu para a “vocalização atlântica” das nações do continente e para a sua dificuldade de se realizar como um todo, o que certamente, ao longo da história desses países, aguçou suas diferenças culturais, fazendo da América Latina um espaço fragmentado em diversos sentidos, principalmente na perspectiva de suas múltiplas questões culturais e sociais.

Em se tratando de questões políticas, a América Latina se caracteriza por se constituir predominantemente de instituições representativas e democráticas. Mas não é só essa a característica latinoamericana responsável pela identidade sócio-histórica dos países que a compõem. Basta que se pense nas inúmeras ditaduras que marcaram a história política dos países latinos, a exemplo do Brasil e do Chile, e a formação de monopólios nas

exportações (e, claro, de grupos dominantes), a exemplo de nações como Argentina e Colômbia.

Em termos religiosos, o Cristianismo mostra-se como um culto de adesão maciça em todo o subcontinente. Multiforme pela pluralidade de cultos em que se apresenta, o Cristianismo se espraia por todo o território latinoamericano, encontrando no Brasil um “berço de esplendor” em número de fiéis e instituições. Apesar da grande dimensão de cristãos, e de cristãos católicos em especial no Brasil, em todos os países latinoamericanos as relações entre Igreja e Estado inspiraram uma fragmentação da vida política. Segundo Rouquié (1991), em se tratando de relações de poder por vias diversas na religião e em outros setores da sociedade, “na América Latina, a trilogia bispo, general, grande proprietário não é, ainda hoje, uma imagem do passado” (p. 83).

Deste modo, pode-se conceber a América Latina como um “palco” de religiões ou culturas religiosas híbridas, na acepção que lhe confere García Canclini (2008a), sendo o Brasil um país de destaque por se constituir como um “laboratório” religioso, uma vez que congrega, em seu vasto território, manifestações de fé diversas, a exemplo do que vemos no Protestantismo, no Catolicismo e no Espiritismo latinos, o que, tomando o Brasil como foco, confirma a pluridimensionalidade de traços da América Latina como uma nação em constante afirmação cultural.

Por sua vez, em termos econômicos, dados históricos mostram que as economias latinoamericanas passaram, ao longo da história, por três grandes momentos, a saber:

- (i) de 1860 a 1930, período caracterizado por um crescimento extravertido (ROUQUIÉ, 1991). Neste momento, as então grandes potências, a exemplo do Chile, davam início a seu processo de expansão comercial, ao passo em que os ambientes urbanos também começavam a se expandir;
- (ii) entre os anos de 1930 e 1960, período caracterizado pelo processo de industrialização nacional. Neste momento, muitas das nações latinoamericanas passam a se constituir, desde seu mercado consumidor interno, como mercados em ascensão para as transações comerciais externas.

(iii) pós-década de 60, período caracterizado pela internacionalização do mercado interno, com abertura do espaço consumidor para além dos mercados internos e nacionais.

Apesar do crescimento da América Latina em termos econômicos, o subdesenvolvimento dos países desta nação não provém necessário e exclusivamente de insuficiência de capacidade técnica e científica, mas esta insuficiência é motivo favorecedor de muitos dos problemas sociais hoje enfrentados por referidos países. Um exemplo disso é que, em 1991, uma acentuada crise no setor agrícola atingiu parte da AL, fazendo com que os campos latinoamericanos passassem a se constituir como grandes campos de regime latifundiário.

As consequências mais visíveis desta crise foram a baixa produtividade que se prolongou por anos e a morosidade nas discussões em torno à reforma agrária, tema sempre presente nas reuniões de órgãos governamentais internacionais, haja vista tratar-se a AL de um amplo território em dimensões e riquezas naturais, mas ao mesmo tempo fortemente marcado pela má distribuição de terras e, em consequência, pela má distribuição de renda.

Outra constatação importante para o quadro econômico latinoamericano é que, até hoje, o êxodo rural, resultado do frequente movimento camponês em busca de melhores condições de vida na cidade, continua a esvaziar os campos, favorecendo a hiperurbanização e a metropolização dos espaços latinos, sendo tais características constitutivas da contemporaneidade (ROUQUIÉ, 1991), fazendo com que o inchaço dos complexos urbanos e a hipertrofia das capitais atinjam no território latinoamericano proporções consideráveis.

Levando em conta tantos aspectos, sociais, políticos, religiosos e econômicos que, em conjunto, sinalizam para um perfil identitário, ainda em construção, da América Latina, sabe-se que, apesar das limitações do processo de integração latina até início dos anos 90, este subcontinente plural em suas dimensões identitárias constituiu-se como um “mosaico de estados heterogêneos” em si, principalmente pelo modo como seus traços culturais se hibridizaram e se constituíram de modo interrelacionados.

Muitas vezes o que se pode ver na história da AL foi a união de países vizinhos que se uniam em termos políticos para se imporem contra a dominação e a pressão política dos Estados Unidos já que, desde muito cedo, a AL deixou de ter qualquer ilusão de

pertencimento à “família americana”, revelando o nascimento de uma “consciência latinoamericana” (GARCIA CANCLINI, 2009), sendo esta consciência, e por extensão a latinidade em si, por muito tempo vistas como objetos de acusação, por parte dos Estados Unidos, por exemplo, na história da AL, o que por certo contribui para a formação e a consolidação, de modo gradual, de uma identidade latina tão mais forte quanto concreta.

Assim, questiona-se, como nas palavras de Rouquié (1991):

Se ser latino-americano hoje não é pertencer a um prolongamento da Europa além dos mares, o que é então? A imagem da *Pátria Grande* e o sonho bolivariano não resistem às intrigas de fronteiras com as quais combina toda viagem internacional dessa América contudo fraternalmente latina. Ocidente inacabado? Terceiro mundo imperfeito? [...] O continente deduzido? [...] Como explicar então a personalidade nacional forte que possuem todos os países da América Latina? (p. 343)

Pensar a AL pelas questões de contato com outros países seria, deste modo, uma sinalização para uma possível unidade latina? O que significa, então, para a identidade latina pertencer a este possível “prolongamento” da Europa? Seria uma etapa de constituição de nossa identidade que ficou para trás, na história da colonização latinoamericana? A história estaria de novo “em marcha”, sem que se possa de todo ignorá-la para que os sujeitos se vejam como tal e como grupos? Latinos? Latinoamericanos? Americanos? Quem sabe uma “única nação” e, deste modo, vestígios da Invenção de uma América de uma América Latina?

#### **2.1.1.2. As teorias do nascimento: descobrimento ou invenção da América?**

O’Gorman (1992) postula como falácia e refuta a ideia que explica o aparecimento da AL como resultado do seu descobrimento. Muito do que se pensou sobre a história do aparecimento e da estrutura do “Novo Mundo” perpassa mitos e fatos verídicos em torno à figura histórica, além de simbólica, de Colombo em seu projeto de desbravamento de terras na expansão marítima pelo mundo em que empreendeu.

Versões postas e reformuladas sobre o aparecimento e a constituição deste Novo Mundo como ser de sua própria história compuseram um rico quadro de relatos que visitam e revisitam a cada visão muito do passado cultural dos povos de cultura latina. De todo, um misto de fantasia e veracidade marcou esse momento da história, a começar pelo relato popular que dava conta de que um piloto anônimo, cuja embarcação havia sido lançada ao litoral das novas terras por tempestades, havia fornecido informações a Colombo sobre o achado, o que o havia motivado a pensar em explorar tais terras, ainda desconhecidas. Este



relato parte de Bartolomeu de las Casas, testemunha mais próxima do fato (O’GORMAN, 1992).

Deste modo, questionou-se sobre quem de fato teria sido o primeiro a estar nas novas terras, se Colombo ou se o suposto piloto anônimo, perpassando ainda a ideia de que a América havia sido descoberta por desígnios divinos, argumento sustentado por muitos durante anos, até que uma então segunda hipótese, a que se conhece como verdadeira até nossos dias, foi postulada.

Tal hipótese dá conta de que a chegada de Colombo à América, por denominação de Índias, na verdade se deu por um motivo “imprevisível”, haja vista que, diante das condições de exploração de novas terras àquela época, em se tratando de questões geográficas e de patrocínio das grandes viagens por autoridades europeias, é quase improvável que alguém, como o suposto piloto anônimo, tenha chegado às novas terras como afirma a lenda. Mais provável seja que Colombo, com espírito desbravador e audaz, tenha tido ciência das novas terras por leituras que fez de possíveis relatos deste Novo Mundo em registros documentais diversos.

Em termos gerais, é nessa teoria que se apoia Antonio de Herrera y Tordesillas, conhecido na historiografia portuguesa como Antonio de Herrera, importante cronista e biógrafo espanhol, autor de *Historia General de los Hechos de los Castellanos en las Islas y Tierra Firme del Mar Océano* (O’ GORMAN, 1992), obra inúmeras vezes editada e traduzida para várias línguas que se manteve até finais do século XIX como uma das fontes principais da história da conquista castelhana das Américas. Nesta obra, Herrera afirma que, sem ao certo explicar como nem por que, Colombo se convenceu de que haveria, em sua viagem, de chegar a uma Nova Terra, sem certeza de que terra seria essa, certamente levado pelo espírito de desbravador que possuía.

Em um segundo momento, historiadores como Martín Fernández Navarrete, escritor e historiador espanhol, passaram a postular que a grandeza do projeto de Colombo consistiu não nas ideias que a inspiraram, o que tira de foco as discussões em torno de como Colombo chegou ao Novo Mundo (O’ GORMAN, 1992), mas sim na ousadia de buscar o caminho para as Índias pelo rumo do Ocidente. Navarrete afirma que, até sua morte, Colombo acreditava que as terras por ele encontradas pertenciam à Ásia. O estudioso afirma ainda ser

Colombo o descobridor da América na medida em que foi ele quem deu a conhecer, através de sua exploração, o Novo Mundo.

A problemática do descobrimento do “ser” da América ultrapassa os limites históricos e chega a se constituir como um elemento do traço identitário deste território, que, na tese de O’Gorman (1992), não teria sido “descoberto” nos limites semânticos que o termo propõe, mas sim “inventado”, dado seu caráter híbrido de constituição. Falar de Invenção neste sentido significa olhar para a história de um continente inteiro como a América de uma maneira dinâmica e, mais uma vez, pluridimensional. Este modo de abordar a América em seu construto histórico revela um horizonte cultural que apresenta muito do que hoje concebemos por certo como América Latina.

Levando em conta que a primeira visão de mundo, antes de Colombo, era essencialmente teocêntrica, tendo como referência a ideia de Mundo como criação de um Deus onipotente, o “centro de tudo”, muitas das questões em torno ao formato da Terra, por exemplo, ganharam dimensões folclóricas, fantásticas até, o que acabou por muitas vezes intervindo no processo de desbravamento e descobertas dos territórios não só das Américas, e da América Latina em particular, dada sua múltipla posição geográfica.

Nessa direção, muitos foram os mitos sobre o que haveria para além-mar, se a Terra seria redonda ou quadrada, referente às investigações de Nicolau Copérnico e Galileu Galilei sobre o formato do planeta, e muitos deles se reportavam à antiga imagem insular do globo terrestre, acreditando na hipótese do mundo visto como uma ilha durante muito tempo tida como verdadeira entre religiosos da época, por exemplo.

Não obstante, sabe-se que a visão que o sujeito tem de seu mundo depende, diretamente, da ideia que ele tem de si mesmo, o que pode concebê-lo a sua imagem e semelhança, o que nos leva a afirmar que o homem latino contemporâneo tende a formar para si muito das múltiplas imagens que tem de sua terra em dimensões históricas e sociais. Seria, desde modo, o americano, em sua identidade, um reflexo da essência da América, e o latinoamericano o resultado de uma América Latina que se define em essência pela sua constituição histórica e pelas mais diversas facetas culturais que adquiriu ao longo de sua formação étnica.

Avançados os estudos historiográficos, sabe-se que o projeto apresentado por Colombo aos reis da Espanha não se refere à América de hoje, mas de um construto que se fez mediante as suas descobertas. Logo, somente no final do século XV o sentido das terras achadas por Colombo passa por uma prova com a expedição de Américo Vespúcio.

No entanto, para fins de comprovação, as duas expedições, tanto a de Colombo como a de Vespúcio, foram quase idênticas, destacando-se a diferença de que Vespúcio solidificou em seu discurso a ideia de Novo Mundo para as porções de terras descobertas, tendo depois abandonado esta concepção.

A quarta parte do Mundo, pensada por Vespúcio (as outras três seriam Europa, Ásia e África), haveria então de ser denominada Terra de Américo ou, melhor, América, por questões de paralelismo, já que Europa, Ásia e África eram nomes femininos, sendo esta, segundo O’Gorman (1992), a sistematização do processo pelo qual se deu a Invenção da América, sendo referido continente um ser “não certamente visto como o resultado da súbita revelação de um descobrimento que tivesse exibido, de um golpe, um suposto ser misteriosamente abrigado, desde sempre e para sempre, nas terras que Colombo achou” (p. 178).

Nesta conjuntura histórica, fica claro de modo muito forte na constituição de uma representação identitária das terras americanas que não foi por acaso que a América surgiu na história como o território do futuro e da liberdade, como muitas a veem hoje, dando ao continente a ideia de pluralidade cultural como fenômeno formador de sua essência, extrapolando os limites geográficos, o que faz da América um construto, um ser “inventado” sob a ideia de “continente” e de “Novo Mundo”.

E hoje, o que se vê como desdobramento de tais questões é uma multiplicação deste continente, com o surgimento de Américas, a latina e a anglo-saxônica. Mas é da América Latina que nasce o homem latino da Nova América, berço de cosmovisões e culturas autênticas e diversas, desde sua base indígena até a formação de grupos étnicos os mais distintos, fazendo do homem latino, do homem latinoamericano um ser não desejoso de pertencer tão somente à “relegada” quarta parte do mundo contemporâneo, um tanto quanto à exclusiva, ou mesmo de pertencer a um mundo novo. Trata-se de um sujeito em busca de identidade em seu sentido mais amplo, o de sentir-se parte de algo, ser idêntico, identificar-se.

### 2.1.1.3. Identidade latina: identidade cultural

É fato que todo o percurso histórico e todo o construto cultural dos países que compõem a América Latina têm repercussões significativas no modo como os sujeitos latinoamericanos concebem a sua imagem e a imagem que formam do seu mundo no tocante as suas representações. E a imagem que se tem da latinidade se constitui ao certo em torno à identidade cultural, vista como elementar na constituição da reflexão latinoamericana em torno de seu próprio ser, fazendo nascer, no discurso de latinos da América, um *Ethos* específico de pertencimento àquela nação.

Falar de “nação latinoamericana” é, no contexto da contemporaneidade, falar de uma nação que se impõe no cenário da modernidade de modo muito ativo. Quando nos reportamos à identidade latinoamericana em se tratando de um traço que se constrói por vias culturais, estamos falando de um processo ainda em desenvolvimento e marcado pela construção de um modo específico de ser latino desde o ponto de vista cultural, histórico político, ou seja, desde um ponto de vista social.

Dada a pluralidade histórica e social latinoamericana, hoje o que podemos perceber é uma nação tão ampla e tão marcadamente plural que, em proporções continentais, em sua mentalidade, a noção de sujeito na concepção tradicional, de indivíduo particularizado, perde esta acepção primeira, saindo de uma esfera centralizada no “eu”, desestabilizando o sentimento de identidade e existência próprias, em direção a um ato de identificação que se dá através da assimilação de traços de grupo, o que se constata na formação de essências identitárias de grupos mediadas por questões culturais e inevitavelmente ideológicas.

Desta dinâmica da constituição do sujeito resulta a problemática de reconhecimento do outro, resultado da força das ideologias de grupo em direção à constituição de uma identidade no contexto da modernidade, uma identidade ao que tudo indica de caráter coletivo. Esta problemática se constitui no âmbito da alteridade na medida em que os sujeitos, ao se constituírem como tal, atravessam um processo de compreensão de si e do outro, na dialética das relações sociais constituídas via interação linguística.

Logo, as relações sujeito - sujeito, sujeito – sujeitos/grupos, sujeitos/grupos - sujeitos se alicerçam no que se compreende como “outro”, como a condição de “ser o outro”

dentro de dado ponto de referência, seja ela discursiva ou política. Em se tratando da mentalidade latinoamericana de modo específico, o que se constitui ao longo da história são sujeitos e grupos modernos, crivados por sua história e por sua cultura, inevitavelmente inseridos na história de um território construído em torno de uma visão ampla de cultura e sociedade, sociedade essa marcada por valores seus, essencialmente importante na configuração identitária que lhe confere ares de moderna, de contemporânea.

Nesta dinâmica de compreender a si mediante seu mundo e o mundo do outro, e mediante o próprio “outro”, a mentalidade latinoamericana se vale de polarizações ideológicas centradas na ideia de grupos (“nós” *versus* “eles”) manifestas no discurso para aclarar a bifurcação de uma consciência de que pelos outros e na visão de mundo que deles temos nos constituímos como sujeitos. Além do mais, sabe-se que é essencialmente nas relações que mantemos com os outros que nos fazemos sujeitos crivados por nossa história e por nossas ideologias.

Deste modo, a condição de ser latino se constrói diretamente na dialética através da qual se tenta compreender o outro com quem interagimos, em ideias ou expressões. Em se tratando da constituição dos sujeitos latinoamericanos em específico, pensar-se como tal significa certamente optar por ser autêntico, uno, diferente até mesmo dos que, de uma maneira ou de outra, fizeram parte de sua constituição histórica. Trata-se de se constituir como na difusão de culturas múltiplas, de culturas híbridas.

Pensar-se latino, deste modo, significa constituir-se, a sua maneira, como um sujeito caracterizado pela heterogeneidade étnica e cultural, muitas vezes marcando-se pela mudança da relação identitária como sujeito e passando a se constituir como sujeito de grupo, evidenciando um novo modo de se ver como ser no mundo, na dinâmica da constituição de novas subjetividades.

Se há de se falar em um princípio que modele a cultura latinoamericana e a identidade que por ela se constrói, podemos pensar em um duplo paradigma (GUIRIN, 2007), no qual os fatores extrínsecos se recombinaem com o fim de reconstruir um novo modelo de civilização. Deste modo, a carência de sentido de uma identidade própria que marca os sujeitos modernos, a inexistência de um sujeito que se reconheça como tal e a falta de referência de um ponto anterior são aspectos característicos da construção identitária e cultural latinoamericana.

Deste modo, sabe-se que muito do que compreendemos por “ser latinoamericano” está relacionado ao modo que o sujeito em si se vê neste mundo plural que é a América Latina, circunscrita na dinâmica da constituição de grupos ideológicos. Assim, muito do que os sujeitos tomam como base para a sua representação no mundo está relacionado ao modo que este complexo de culturas interrelacionadas, constituídas no bojo de uma Interculturalidade, se sobrepõem à vida de sujeitos e ao funcionamento de grupos. O que significa, então, viver essa Interculturalidade?

## **2.1.2. Interculturalidade e Híbridação Cultural na América Latina**

### **2.1.2.1. Interculturalidade: as relações culturais e a identidade latina**

Parece-nos, a todos, cada vez mais complexo pensar a constituição de uma nova cultura que se faz em torno das formas de comunicação advindas da modernidade e a crescente dimensão dos meios de comunicação de massa, resultado, é claro, da propagação das tecnologias de informação pelo mundo. E neste novo modo de se comunicar, o que antes demoraria muito tempo para se propagar entre nações agora pode ser mediado em frações de segundos por várias partes do planeta. E, diante disso, questiona-se: que consequências tudo isso traz para as questões de ordem cultural, que em grande parte influencia o modo como sujeitos e grupos se representam na dinâmica das interações verbais?

A Interculturalidade, no contexto do mundo contemporâneo, seria assim uma sinalização plausível ao modo de conceber essa nova cultura, híbrida e multifacetada. Interculturalidade vista como um fenômeno que nos constitui como indivíduos e/ou grupos sociais latinos, na acepção que lhe confere García Canclini (2009). Nesta perspectiva, é fato inegável que, na dinâmica das comunicações na modernidade, a nossa conexão às grandes redes comunicacionais, a exemplo dos sites de redes sociais (RECUERO, 2010), contribui para que a construção de nossas identidades seja resultado de negociações permanentes, assimilações e repulsas, encontros e confrontos nossos com os outros com quem interagimos no cenário de interações que é a WEB.

A internet hoje passa a ser vista como exemplo relevante de forma de comunicação e cultura de massa (THOMPSON, 2009), na visão de cultura que nos confere áreas do conhecimento como a Antropologia que a vê como forma de pertencimento comunitário e contraste com os outros. Tomamos aqui o termo comunicação de massa como “a produção institucionalizada e a difusão generalizada de bens simbólicos através da

transmissão e do armazenamento da informação/comunicação” (THOMPSON, 2009, p. 288), com especial atenção ao caráter difusor desse meio de propagação de informações.

A partir de uma conexão dos sujeitos com o mundo através das mais diversas formas de transmissão de conhecimento pelos meios de comunicação de massa nos últimos anos, a propagação da WEB 2.0<sup>5</sup> fez com que indivíduos de todas as partes do mundo se integrassem e passassem a fazer parte de um mundo não mais monocultural, mas inter e multicultural e globalizado, resultado do fato de as comunicações de massa terem permitido aos sujeitos das mais diversas procedências e nos mais diversos tempos que pudessem ter acesso à diversidade de culturas que se espraiam por todas as sociedades mundo afora.

E, neste contexto de mudanças filosóficas nas comunicações e nas interações cotidianas, a partir de novos paradigmas que estabelecem novas diretrizes no modo como nos relacionamos com nós mesmos, com os outros e com as coisas do mundo, hoje as diferenças são analisadas em um novo horizonte: o horizonte do entrecruzar de outras conexões, como as novas mídias. Deste modo, vemos surgir uma nova acepção de comunicação, embasada nas relações interpessoais entre membros de uma mesma sociedade ou de culturas diferentes, abrangendo também as comunicações entre sociedades distintas, sendo tais comunicações facilitadas pelos meios de comunicação de massa.

Se nos voltarmos ao contexto da América Latina, pode-se dizer que entre os países de cultura latina predomina o intercultural como uma relação interétnica, uma vez que o pluralismo de tipos constituídos ao longo da história deste subcontinente tem revelado com não menos força a constituição de grupos discriminados, apesar de ser minimante incoerente pensar em discriminação num misto de nações que, juntas, revelam um multiculturalismo que em alguns países chegou a funcionar como um instrumento de ampliação da democracia, a exemplo do que aconteceu com a Música Popular Brasileira a partir de 1970 com a ampliação de ritmos e temas, fazendo emergirem os gostos musicais de camadas sociais menos favorecidas.

---

<sup>5</sup> Fazemos menção aqui ao termo WEB 2.0, criado em 2004 por um empresa americana de tecnologias digitais, para nos referir à segunda geração de comunidades e serviços da Internet, sendo este espaço virtual visto como plataforma de aplicativos, a exemplo dos sites de redes sociais. Refere-se o termo ainda a uma mudança na forma como ela é vista por usuários e desenvolvedores, ou seja, o ambiente de interação e participação que hoje engloba inúmeras linguagens e motivações de uso. Trata-se de uma superposição ao termo Ciberespaço propostos por Pierre Lévy, na década de 90, discussão sobre a qual nos debruçaremos com mais ênfase adiante.

E é exatamente na relação que estabelecemos com a cultura através de seus bens culturais e de quem a prova que aprendemos a ser sujeitos interculturais. Neste tocante, estamos pensando nos bens culturais como frutos de um processo social embasado na ideia de que, primeiro, a cultura é uma instância em que cada grupo organiza sua identidade; segundo, cultura como uma instância simbólica da produção e reprodução da sociedade; e terceiro, cultura como dramatização eufemizada dos conflitos sociais (GARCÍA CANCLINI, 2009).

A estas três concepções de cultura, levando-se em conta acepções contemporâneas do termo, podem-se interpor relações com a maneira sobre a qual as sociedades se organizam, na medida em que a ideia de cultura se associa ao motivo pelo qual indivíduos se organizam em grupos, contribuindo, assim, para a reprodução simbólica do próprio conceito de sociedade como organização de indivíduos em torno a fins específicos e a sociedade vista como “palco” de conflitos de naturezas diversas. A esse respeito, García Canclini (2009) afirma que:

[...] A cultura é o cenário em que adquirem sentido as mudanças, a administração do poder e a luta contra o poder. Os recursos simbólicos e seus diversos modos de organização têm a ver com o modo de autorrepresentar-se e de representar os outros nas relações de diferença e desigualdade, ou seja, nomeando ou desconhecendo, valorizando ou desqualificando (*Idem*, 2009, p. 46)

Está claro, portanto, que os recursos simbólicos advindos das relações culturais funcionam como recursos pelos quais se pode falar de diferenças entre indivíduos e entre grupos a partir de suas concepções de mundo, suas crenças, ou seja, a partir de suas ideologias socialmente constituídas nas interações com sujeitos diversos e com o mundo ao seu redor. Se, a partir desta ótica, analisarmos os motivos pelos quais os sujeitos se congregam entre si para a formação de grupos ideológicos, veremos que a Interculturalidade e seus processos constitutivos podem nos fazer pensar o ser latinoamericano a partir do que nos une, do que nos assemelha e do que nos diferencia enquanto grupos.

De um modo geral, se nos perguntarmos a nós, latinoamericanos, o que nos une, segundo García Canclini (2009) a resposta apontaria que o que temos em comum sem dúvida é, em destaque:

[...] o território, mas também redes comunicacionais, como a internet, por meio da qual se convoca uma reunião, organiza-se uma série de aspectos práticos e conceituais entre grupos que vivem em distintos países, a mil quilômetros de distância. Há também em comum o espanhol, ainda que entremeado em constantes expressões nas suas línguas. Ao fazer este movimento de ida e volta, mostram que partilham – além do espanhol – o bilinguismo e também o trilinguismo no caso



daqueles que conhecem o inglês. Coincidem na experiência de circular entre as matrizes culturais diversas que estas línguas representam (*Idem*, 2009, p. 60-61).

Se pensarmos nos motivos pelas quais essa nova concepção de cultura nos faz, a nós latinoamericanos, sujeitos interculturais, veremos que mais uma vez o critério geográfico, ou seja, territorial, não prevalece como critério central para a construção de um paradigma que sinalize de modo objetivo para nossa a construção de uma identidade latina frente ao sentimento de pertença a essa nação de dimensão continental.

A internet, no contexto da construção de identidades, apresenta-se como um instrumento pelo qual os mundos se encontram e neste processo os sujeitos se constituem como tal. Nesta perspectiva, as redes sociais contemporâneas apresentam-se como ambiente propício para que o entrecruzar de culturas seja concebido através dos múltiplos discursos ali encontrados.

No que diz respeito às questões de identidade por vias linguísticas, sabe-se que muito do que faz nossa América uma nação Latina são as línguas faladas, o espanhol, o português e o francês, línguas latinas que “coincidem na experiência de circular entre as matrizes culturais diversas que estas línguas representam” (GARCÍA CANCLINI, 2009).

Neste tocante, uma variante importante é o papel do Brasil nesta dinâmica de construção identitária como o único país latinoamericano falante nativo de língua portuguesa. Ou seria mais pertinente falar neste país como o único latinoamericano não falante nativo de língua espanhola? Que implicações isso traz para a concepção do brasileiro como latino? Que espaço ocupa a língua nesta construção identitária?

No entanto, há de se destacar que não estamos tratando somente de questões geográficas ou linguísticas, pois referidos países:

[...] também compartilham relatos, mitos, danças e festas, mas não como repertórios embalsamados. Compartilham também a mescla de recursos tradicionais e modernos para atender às necessidades de saúde, de comunicação local, nacional e global, inclusive para as tarefas mais tradicionais de cultivar a terra ou adaptar-se às cidades, fazer remessas de dinheiro e mensagens de um país a outros. (*Idem*, 2009, p. 61).

Ao nos reportamos a uma postulada cultura latinoamericana que nos une como sujeitos interculturais no contexto moderno, estamos nos reportando, também e diretamente, a um misto de tradições que marca a história da América Latina, reportando-se a seus

antepassados, a maioria deles de descendência indígena. Por outro lado, em se tratando dos dias atuais, parece emergir uma fusão de traços, em comum por se tratarem de questões comunicacionais, que se direcionam para a constituição dessa identidade cultural latinoamericana. Mas, além de todo o referido, que outros aspectos contribuem para a construção dessa identidade que nos une? Ainda segundo García Canclini (2009):

Ademais, compartilham o hábito de dar importância às relações de reciprocidade e confiança, mesmo em sociedades – como a maioria das sociedades indígenas – intensamente articuladas com a economia capitalista. Ou seja, não só coincidem nas relações de reciprocidade comunitária e em sistemas normativos que garantem e regulam seu funcionamento, mas, sobretudo, na experiência de fazer coexistir interações comunitárias e intercâmbios mercantis. Conseqüentemente, aproxima-os o fato de viver em dois sistemas de governo: o das “autoridades” (que não expressam unicamente reciprocidade comunitária) e o das relações nacionais e internacionais de poder (que não são só democráticas e abstratas). (*Idem*, 2009, p. 61).

Todos os elementos citados, em conjunto, mostram a complexidade de se pensar uma identidade latinoamericana sem que tenha em mente o modo como os meios de comunicação quebraram barreiras, diminuíram distâncias e restabeleceram domínios entre indivíduos que hoje se apresentam como cidadãos no sentido intercultural de sê-lo frente a esse patrimônio cultural latino com que se encontram e com o qual se identificam no processo de construção de sua identidade como ser e como membro de grupos.

Muito de toda essa complexidade em torno de uma identidade cultural e nacional afeta os indivíduos em sua autorrepresentação como sujeito latinoamericano, já que a pátria na qual nasceram não é a Europa, a Ásia ou a África, mas a América, de modo mais preciso a América Latina, “um território que não sente vergonha de ser ‘híbrido’”, fazendo dos sujeitos que nesse pátria vivem sujeitos latinoamericanos e não sujeitos latinoamericanistas.

Deste modo, ao considerarmos a América Latina como um singular terreno sociocultural alimentado pelo modo como as novas tecnologias de informação favorecem o intercâmbio cultural entre os 20 países que a integram, são visíveis as mudanças, ao longo dos tempos, intensificadas nos últimos anos, do modo como a mídia e o mercado, por exemplo, passam a compreender e a nomear este ser complexo chamado “latinoamericano”. A partir do que García Canclini (2009) apresenta como “modelos latinoamericanos de integração e desintegração”, podemos vislumbrar quatro principais estratégias dialéticas e por si discursivas de conhecimento ou de reconhecimento ou ainda de nomeação do que hoje concebemos como ser “latinoamericano”.

Uma primeira estratégia se fundamenta no nominalismo exaustivo com relação ao termo discutido, levando-se em conta critérios como a distinção/aproximação entre as várias maneiras de entender a América Latina em detrimento do que se concebe, histórico e culturalmente, como América Hispânica e/ou ainda América Indo-Espanhola. Deste modo, os sujeitos filhos desta nação seriam considerados “latinos”? Ou seriam, como se concebe com mais naturalidade hoje, “latinoamericanos? Seria possível pensar em “americanos” ou em “hispanos” ou ainda em “íbero-americanos”?

Outras denominações como “pan-americanos”, que levam em conta as unidades geográficas coincidentes, ainda seriam possíveis? Haveria outras mais? E ainda: que implicações tais expressões trazem para a construção identitária da América Latina? E o mais importante: que papel desempenha o brasileiro, latinoamericano não falante de língua espanhola, mediante estas nações: seriam então tais nomeações modelos de integração ou de desintegração?

Uma segunda estratégia, por sua vez, fundamenta-se na identificação dos nomes através das instituições referentes com o objetivo de mostrar válida tal identificação. Nesta estratégia, o latinoamericano é definido a partir de suas raízes indígenas, ao passo em que se abre espaço no mundo para essa e muitas outras formas de ser latino. Nesta perspectiva, as novas formas de comunicação mediadas pela WEB, a exemplo dos sites de redes sociais, surgem neste contexto como ambiente de construção e propagação dessas identidades, destas muitas formas de ser latinoamericano.

A terceira estratégia fundamenta-se na ideia de que um novo ser latinoamericano, não necessariamente associado as suas raízes, surge no cenário mundial como sendo o ser autêntico representante da nação latinoamericana, tudo isso devido à ampliação do interesse mundial por estudar outros povos, outras culturas, tirando de foco o destaque para os latinoamericanos ligados a sua identidade de raiz, ou seja, a sua identidade indígena, sendo latinos e indígenas muitas vezes vistos como elementos supostamente distintivos do modo como se concebe a materialização da cultura latina na vida dos sujeitos.

A quarta e última estratégia fundamenta-se no modo interdisciplinar de se compreender a identidade latina, a partir de um deslocamento do eixo da investigação antropológica da identidade à heterogeneidade e à Interculturalidade evidenciados em outras perspectivas de investigação, a exemplo dos Estudos Críticos da Linguagem, em direção à

compreensão do complexo formado pelas múltiplas maneiras de se analisar como grupos se identificam ao comporem grupos, processo mediado pelo sentimento de pertença a crenças e ideologias compartilhadas pela linguagem.

Levando em conta as estratégias postuladas por García Canclini (2009) para a compreensão dos processos que integram e desintegram esse ser “latinoamericano” em sua nomeação, podemos afirmar que:

Se existe viabilidade para projetos compartilhados da América Latina, deve-se mostrar não em relação a uma identidade metafísica, mas sim nos processos econômicos e comunicacionais, em relação aos intercâmbios financeiros multinacionais e aos repertórios de imagens e informação distribuídos a todo o planeta pelos meios de comunicação. Um aspecto chave é se poderia ser construída efetivamente, com suportes jurídicos e políticos, uma cidadania latinoamericana tal como se fala e se pratica uma cidadania europeia. Ou, quem sabe, com menor subordinação ao processo de integração e expansão econômica. (GARCÍA CANCLINI, 2009, p. 173).

Dos aspectos mencionados por García Canclini a respeito do modo como se concebe uma identidade latinoamericana não metafísica, mas por questões reais, cotidianas, interessa-nos a menção aos processos comunicacionais envolvidos na construção desta identidade, a fim de questionar se haveria, em detrimento de uma identidade em crescimento, a suposta criação de uma cidadania latinoamericana mediada pelo sentimento de pertencimento a essa cultura, sendo tal pertencimento visto como um espaço sociocultural no qual coexistem muitas identidades e culturas.

Neste viés, estudos de autoria de García Canclini (2008a, 2009) se propõem a caracterizar o espaço cultural latinoamericano como um “âmbito territorial e não territorial”, ou seja, espacial e virtual do ponto de vista da dinâmica das comunicações mediadas pelas diversas mídias, representadas como formas de interação e diminuição de barreiras geográficas entre povos de todo o mundo. Neste tocante, afirma-se que esse âmbito “está composto por espaços e circuitos”, onde “não há uma identidade latinoamericana, mas múltiplas identidades étnicas, nacionais, de gênero etc. contidas em tal espaço”. Além do mais, sabe-se que nele:

Reconhecem-se “raízes” étnicas e históricas e fala-se de comunidades interculturais que inclusive desdobram o território habitualmente identificado com o nome de América Latina [...] Os recursos patrimoniais que lhes conferem coesão são línguas, tradições orais, culturas populares, memórias históricas e também sistemas educativos, indústrias culturais e modos de comunicação. (GARCÍA CANCLINI, 2009, p. 174).

A partir da concepção de “comunidades interculturais”, ou seja, unidades geográficas e sociais de sujeitos, costumes e tradições que, juntos, compõem o perfil identitário da América Latina, questiona-se: “o que a noção de espaço cultural latinoamericano resolve e o que deixa pendente?”. Segundo García Canclini (2009), esta noção:

Deixa para trás, antes de tudo, as definições ontológicas que procuravam captar um ser ou uma identidade regional. Reconhece a diversidade e a existência de diferentes movimentos ou modelos de integração, como processos históricos e inacabados. Considera integrações territoriais, econômicas, sociais, culturais e, inclusive, “integrações midiáticas”. (*Idem*, 2009, p. 174).

Está evidente, assim, que o modo intercultural de se categorizar dados modelos sociais de integração ou de desintegração a exemplo do que acontece hoje com a América Latina possibilita o surgimento de novos “personagens”, diríamos, novos “protagonistas na ordem social”. A construção das identidades, deste modo, acompanha o pluralismo com que culturas se manifestam nas relações sociais, fazendo surgir não mais um ser latinoamericano constituído puramente por suas raízes, por exemplo (se é que de fato este um dia existiu), mas fazendo surgir o latinoamericano fruto desta pluralidade de tipos e etnias de que nos fala Guirin (2007).

Ao contrário, o que vemos emergir são sujeitos e identidades múltiplas, por vezes fragmentadas, através das quais os indivíduos se integram e formam grupos ideológicos. Esta nova dinâmica de organização social, claro está, é fruto de uma nova maneira de conceber o mundo a partir destas identidades que, juntas, colaboram para o redimensionamento da ideia que faz deste novo “território”, “habitualmente identificado com o nome de América Latina”, um novo espaço construído via “integrações midiáticas”.

Neste espaço de construção do conceito de “América Latina”, e de “latino” por consequência, a Interculturalidade, como dito, aparece como fator condicionante. A propagação das novas mídias pelo mundo, neste contexto, funde nas sociedades modernas a sensação de proximidade e simultaneidade. E sobre os indivíduos que formam essas sociedades modernas está posto, quase que por imposição, o perfil de ressignificadores do presente, na medida em que fazem uso das novas mídias, tendo a WEB como destaque, para se projetarem como sujeitos do futuro, cujas barreiras físicas e temporais são fragmentadas para que se constituam como sujeitos da modernidade do ser virtual e culturalmente representativo dos grupos ideológicos aos quais se filiam.

Assim, cada representante do que hoje se problematiza ser a América Latina apresenta-se como um sujeito cingido pela Interculturalidade através da qual os sujeitos constroem, desconstroem e muitas vezes reconstroem suas identidades a partir de sentimentos de pertencimento étnicos, grupais e nacionais. E, inseridos no mundo digital, estes sujeitos experimentam novas oportunidades de compreender, e por assim dizer representar, o mundo a partir de um modo digital de vê-lo, uma vez que as conexões com o mundo acabam por expandir o saber de si e do mundo que o cerca e com o qual ele interage. Neste complexo movimento social, acabamos por nos deparar, enquanto seres de dados grupos ideológicos:

[...] com os procedimentos com que estigmatizamos o outro, atribuindo-lhe o que rejeitamos em nós. [...] A estranheza da alteridade e a recusa da sua diferença muitas vezes se formam ao irmos depositando nos demais características que negamos na nossa vida para defender a coerência da nossa imagem. [...] Cada qual esquece que é estrangeiro para si mesmo, segundo a fórmula de Julia Kristeva. (GARCÍA CANCLINI, 2009, p. 266).

Ao analisar estes “procedimentos com que estigmatizamos o outro”, acabamos por, desde estratégias diversas “conhecer nossa alteridade reprimida, admitir o que nos é inaceitavelmente próprio e que desafogamos no migrante, no diferente ou no transgressor”, o que “talvez nos habilite a passar da exclusão à conexão, à intercomunicação” (GARCÍA CANCLINI, 2009). No entanto:

[...] não basta a descontração do caráter imaginário do outro para diluir a estranheza que nos produz – e que nele produzimos – ou para resolver os dilemas da Interculturalidade. É necessário considerar a alteridade como uma construção imaginada, que – *ao mesmo tempo* – enraíza-se em divergências culturais empiricamente observáveis. [...] De fato, existem partes do outro que são realmente diferentes. . (Idem, 2009, p. 266-267).

Diante de todas as constatações, averigua como se forma uma possível “cidadania globalizada”. Em um mundo organizado, simultaneamente, para “interconectar e excluir”, a possibilidade de se problematizar a Interculturalidade é requisito para que se possa continuar a conviver com o diferente, com o outro, com o “não eu”. Assim, comunicar-se com o diferente é “democratizar o acesso a patrimônios interculturais”. E, nesta dinâmica, torna-se necessário problematizar: quem somos nós?

### **2.1.2.2. Hibridação Cultural: um fenômeno singularizador**

Muito do que se concebe hoje como patrimônio cultural é resultado de uma pluralidade de manifestações de culturas de origens e destinos diversos, culturas introjetadas em si e que, em um jogo de mestiçagem, constituem-se como culturas híbridas. A esse

fenômeno dá-se o nome de hibridação<sup>6</sup> cultural (GARCÍA CANCLINI, 2008a). Basta que se olhe ao redor e se perceba de que modo instituições formadoras de opinião, a exemplo da escola e da família, em suas complexas relações, acabam por influenciar na formação de hábitos culturais dos indivíduos.

Ao se postular uma maneira de analisar as mais diversas maneiras através das quais a cultura se manifesta na construção identitária dos indivíduos em geral, os estudos sobre hibridação cultural modificaram o modo de falar sobre identidade cultural, sobre diferenças e desigualdades, sobre os modos diversos de manifestação da cultura de um povo, ou seja, sobre o multiculturalismo.

García Canclini (2008a) define esse novo modo de ver a cultura como o fenômeno da hibridação, como dito, e por ele se compreendem os “processos socioculturais nos quais estruturas ou práticas discretas, que existiam de forma separada, se combinam para gerar novas estruturas, objetos e práticas” (p. 14), sendo referido fenômeno um processo que “surge da criatividade individual e coletiva. Não só nas artes, mas também na vida cotidiana e no desenvolvimento tecnológico (p. 22).

Deste modo, sabe-se que não há identidades caracterizadas por essências autocontidas, devido ao fato de o mundo em que vivemos ser tão fluidamente interconectado, mundo no qual as construções identitárias se reorganizam em meio a conjuntos interétnicos e por vezes transnacionais. Neste contexto, sabe-se que “a variabilidade de regimes de pertença desafia mais uma vez o pensamento binário a qualquer tentativa de ordenar o mundo em identidades puras e oposições simples” (CAVENACCI, 1996, p. 22).

De um modo geral, pode-se afirmar que são as culturas híbridas que constituem o perfil de modernidade da América Latina hoje. Deste modo, é necessário analisar como, dentro da crise da modernidade ocidental, da qual os latinoamericanos fazem parte, muitas vezes no posto de protagonistas, são transformadas as relações entre tradição, modernismo cultural e modernização social, frente ao sentimento de pertença que impulsiona a formação de grupos ideológicos.

---

<sup>6</sup> O termo “hibridação” foi evocado também por Bakhtin (2002) para caracterizar a coexistência, desde o princípio da modernidade, de linguagens cultas e populares no movimento de constituição da linguagem em vias de pensamento humano e de materialização verbal.

Assim, segundo García Canclini (2008a), “hoje concebemos a América Latina como uma articulação mais complexa de tradições e modernidades (diversas, desiguais), um continente heterogêneo formado por países onde coexistem múltiplas formas de desenvolvimento” (p. 28).

Frente ao nascimento de uma América Latina culturalmente híbrida, o que se pode perceber é o crescimento de uma nação no contexto de um “modernismo exuberante”, principalmente por sua história, mas também marcada por uma “modernização deficiente”, dada a irregularidade a que os latinoamericanos tiveram acesso aos bens culturais. Basta que se pense que “os países latinoamericanos são atualmente resultado da sedimentação, justaposição e entrecruzamento de tradições indígenas (sobretudo nas áreas mesoamericanas e andina), do hispanismo colonial católico e das ações políticas educativas e comunicativas modernas” (GARCÍA CANCLINI, 2008a, p. 73).

De fato, resultado desta mescla cultural desde sua “invenção”, o modernismo cultural deu o impulso e o repertório de símbolos necessários para a construção da identidade nacional da América Latina (O’GORMAN, 1992). Nesta perspectiva, sabe-se que a heterogeneidade cultural se acentua nas sociedades latinoamericanas pela convivência de temporalidades históricas distintas. Assim, o que se define como patrimônio e identidade pretendem ser reflexo fiel da essência, e todo e qualquer grupo que deseja diferenciar-se e afirmar sua identidade faz uso de códigos de identificação fundamentais para a coesão interna e para que, desse modo, seu sentimento de pertença àquele grupo se torne cada vez mais forte.

A esse respeito, a existência de signos de identidade, como sistemas de cargos religiosos, vestimentas, torna-se evidente no mundo contemporâneo. E através destes signos, os indivíduos se interpõem e se posicionam como membros de dados grupos e a partir dos quais se manifestam linguisticamente em situações cotidianas em que se representam como sujeitos latinos. Espalhados como ícones representacionais da sociedade, este elementos condicionam o modo como os sujeitos criam laços de identidade com seus “lugares de origem”.

Na América Latina, algumas manifestações culturais, a exemplo do folclore, que diz muito da identidade do povo latino, configuram-se como um dos mais influentes signos desta identidade defendida, na medida em que se reporta à tradição indígena de, através da arte, fazer emergir a cultura de seu povo. O folclore é visto, nesta perspectiva, como uma



tradição popular que, na modernidade, encontra-se ameaçada pelos meios de comunicação de massa, que têm volatilizado este tipo de cultura. E estamos nos reportando a uma mídia que é responsável pela instalação de antagonismos dos grupos, antagonismos que surgem de representações advindas das interações sociais. A mídia, assim, se transforma em elemento mediador das interações coletivas.

E pode-se dizer que neste espaço multicultural o próprio conceito de cultura se reconfigura por critérios novos: trata-se de um movimento pendular através do qual o passado cultural de um povo é resgatado em forma de tradições que são redimensionadas pelos ditames da modernidade, sedimentando-se, desde então, em novas formas de cultura, eruditas e populares, folclóricas e eletrônicas, por exemplo.

Emerge, deste modo, uma cultura com feições muito particulares à modernidade, uma vez que é fruto de uma vida conectada pela velocidade, pela tecnologia e conseqüentemente pela carnavalização do que de mais cultural há na vida de cada sujeito: sua história e os elementos simbólicos que a constituem.

Entre culturas, no plural, uma cultura surge sob o reflexo de um povo sujeito aos novos modos de analisar o mundo frente ao que o mundo globalizado lhes oferece como verdade. O resultado de tudo isso, para o bem ou para o mal, é o nascimento de um novo ser, não mais uno e integral, tampouco totalmente fragmentado na primeira acepção de fragmentação com que nos deparamos na crise da modernidade. Perguntamo-nos, então: este sujeito, no contexto da América Latina, quem será?

### **2.1.3. A (des) construção do ser latino**

#### **2.1.3.1. A emergência de sujeitos coletivos e interculturais na WEB**

O novo século, com o redimensionamento de paradigmas que apresenta em todos os sentidos, contribui diretamente para a desconstrução dos sujeitos na visão tradicional postulada pela sociedade, sujeito como ser uno, cujas ações são totalitariamente condicionadas por seus pensamentos. Do mesmo modo, contribui diretamente para a construção de novos sujeitos, que por sua vez se constituem como membros de grupos de uma sociedade pluridimensionalmente marcada pelas várias faces através das quais a Interculturalidade se manifesta e se torna elemento confirmador de identidades.

Deste modo, a comunicação deve ser vista como estratégia de inserção e interação sociais, pois redescobre sujeitos, redimensionando-os em suas práticas de linguagem. E frente a esse novo modo de conceber o mundo e seus elementos, frente ao modo intercultural de ver o mundo que nos cerca e do qual fazemos parte, perguntamo-nos: em que consiste ser sujeito hoje? E, de modo mais específico, em que consiste ser latinoamericano hoje? Muito do que somos se deve de fato à visão que temos de nós mesmos, do outros com que interagimos e do mundo através do qual nos constituímos como ser? A esse respeito, afirma-se que:

[...] num certo sentido, é útil detectar que as identidades são produto das narrações e atuações. Mas o entusiasmo pós-moderno por esta ficcionalização dos sujeitos, pelo caráter construído das identidades não se justifica do mesmo modo em contextos lúdicos ou de risco. [...] Não se trata de regressar a certezas fáceis do idealismo ou do empirismo, ou de negar o quanto imaginamos do real, dos outros ou de nós mesmos, ao representar-nos na linguagem. (GARCÍA CANCLINI, 2009, p. 187).

Como “não se trata de regressar a certezas fáceis do idealismo ou do empirismo”, ou ainda “de negar o quanto imaginamos do real, dos outros ou de nós mesmos”, sabemos que não há como deixar fora da análise da construção da identidade no contexto da Interculturalidade o “amplo pedaço da realidade” que é o mundo virtual, com suas múltiplas maneiras de redimensionar o que tradicionalmente se categoriza como “real”, já que é neste ambiente já há muito emergente, ainda que não homogêneo no que diz respeito a seu acesso por todos, que se pode ver o “encontro” de “sujeitos coletivos” que tornam inteligíveis, de diversos modos, dentre eles pela linguagem, seus conflitos enquanto membros de grupo.

Assim, compreendemos o surgimento de um sujeito não mais contido em si, individual, o que problematiza até mesmo o conceito tradicional de “ser”, de “indivíduo”, mas um sujeito que, ao incorporar-se a grupos por fins ideológicos, passa a se constituir não só como parte de tal grupo, mas como o próprio grupo, fazendo-se, assim, um “sujeito coletivo”, portador de representações e ideologias de grupo e crivado pelo que de mais novo nos traz a modernidade: a possibilidade de sermos vários, em vários tempos e em vários lugares.

Este novo sujeito, coletivo e intercultural, que se define pelas filiações que executa em suas relações tanto no mundo “real” quanto no mundo “virtual” desde o ponto de vista tradicional, uma vez que hoje já se discute a “virtualização do real” ou a “realização do virtual” em contextos cotidianamente constituídos, acaba por operacionalizar seleções, escolhas através das quais “simula” suas preferências de ordens diversas e, assim, acaba por representar os papéis que muitas vezes adquiriu e tomou como verdade de si forçado pelo que

o sistema social lhe fixou, daí o fato de a consciência do lugar social de cada sujeito produzir-se como interiorização da ordem social.

Deste modo, para além de um sujeito latino, o sujeito latinoamericano surge no contexto de transformações na ordem do social como o sujeito não do moderno, mas mais especificamente como um sujeito *intercultural*, tomando Interculturalidade como fator relevante, pois decisivo e preponderante na configuração atual da subjetividade dos seres, frente a um processo crescente de globalização, que cria condições tecnológicas e culturais redimensionadas rumo à constituição dos seres.

Este *sujeito intercultural*, ao passo em que se mostra como representante de dada cultura ou nação, por dela fazer parte em se tratando de questões étnicas, linguísticas, dentre outras, apresenta o caráter universal comum a maioria dos sujeitos fruto dessa nova geração. Crivado entre seu mundo étnico e a universalidade do mundo pós-moderno, *este sujeito intercultural representa a si e aos outros que o cercam como exercício de construção de sua própria identidade* (grifos nossos).

De modo geral, o que se sabe é que a globalização dos dias correntes muda a configuração dos sujeitos, uma vez que redimensiona a interação sujeito e sociedade, democratiza-a, facilita-a, gerando novos modos de conceber a comunicação no bojo das relações sociais. Devido ao grande fluxo de informação proporcionado pela globalização e intensificado pela ampliação das novas mídias comunicacionais pelo mundo, as identidades dos sujeitos formam-se agora em processos interétnicos, em fluxos produzidos pelas tecnologias da informação. Deste modo, ser sujeito já não é mais tão somente sê-lo pelo nascimento, mas também, e principalmente, pelos repertórios simbólicos e de comportamentos por ele adquiridos através da maneira intercultural de conceber o mundo que nos cerca.

A exposição a que tais sujeitos, em destaque os latinoamericanos pelo seu entrecruzar de culturas, é resultado do fato inegável de que as mídias trazem para a vida dos sujeitos a cultura, a informação e a conexão em forma de diversidade. Deste modo, cada sujeito vai formando um novo patrimônio de subjetividades, individual e grupal, dado seu perfil, coletivo e intercultural, e por sentir-se mais livre na tarefa de ser sujeito, de posicionar-se como tal, sem as restrições que antes o enquadravam em direção a uma só etnia, a uma só nação, a um só grupo social.

Assim, vemos a desconstrução de um sujeito focado em si, “ensimesmado” (GARCÍA CANCLINI, 2009), dada a sua conjuntura em um mundo que também não se realiza mais em si, mas em redes, como as redes sociais através das quais os indivíduos se projetam em busca de novas relações.

Diante da quase infinita variedade de seres que circulam pela rede e que, ao entrarem em contato com outros indivíduos nas redes sociais “modificam-se toda vez que entram em relação com seres diferentes”, a WEB se caracteriza como o ambiente em que os indivíduos falam e atuam como sujeitos da linguagem em um interessante momento de criações de identidade ou, melhor dizendo, identidades.

Logo, entre idas e vindas, nascem as filiações ideológicas, as afinidades dos sujeitos e, por conseguinte, sua nova maneira de representar a si mesmo frente ao desafio de firmar sua identidade no mundo moderno. À medida que se pensa na construção de uma identidade frente à desconstrução de outra, ou de outras, o sujeito constituído por esses traços de modernidade passa a conceber, em suas relações, que muito do modo como ele se vê se deve, inconscientemente, não somente a sua história, mas de sua história construída a partir da história do outro com quem ele se relaciona na maioria das vezes para compreender o mundo que o cerca e para criar estratégias para dele fazer parte do modo menos conflitante possível.

E, no caso do indivíduo nascido na América Latina, o significado de sua identidade o impulsiona a firmar-se como sujeito de uma nação reconhecida em torno de seu patrimônio cultural, ou seja, de seus bens interculturais, modernos e híbridos, o que a torna singular no cenário mundial. Ser latino é, a sua maneira, reivindicar um espaço seu, mas que como tal foi desconstruído pela modernidade. É identificar-se com seus signos culturais híbridos.

Estariam, deste modo, os latinoamericanos, ao assim se representarem, buscando um lugar no novo século?

### **2.1.3.2. “Soy latinoamericano”: latinidade e sentimento de pertença**

Se estamos pensando na constituição de uma identidade latina situada no contexto atual, inevitavelmente acabamos por nos perguntar: o que significa ser latinoamericano hoje? Está a América Latina, ainda hoje, excluída do mundo em sua conjuntura por possivelmente

estar contida em sua cultura, ou seja, por possivelmente estar engendrada de modo fechado em seu ser?

Nesta perspectiva, na análise do atual *status* identitário da América Latina e dos que dela fazem parte como cidadãos, García Canclini (2008b) afirma que:

A condição atual da América Latina desborda seu território. [...] Diante das oportunidades que nos oferecem os intercâmbios globais, nos globalizamos como produtores culturais, como migrantes e como devedores. [...] A pergunta sobre que significa ser latinoamericano está mudando a princípios do século XXI, se desvanecem respostas que antes convenciam y surgem dúvidas sobre a utilidade de tomar compromissos continentais. Aumentaram as vozes que intervêm neste debate: indígenas e afroamericanas, camponesas e suburbanas, femininas e provenientes de outras margens. [...] A América Latina não está completa na América Latina. (*Idem*, 2009, p. 18-19)<sup>7</sup>.

As palavras de García Canclini (2008b) a respeito da difícil tarefa de analisar o significado de ser latinoamericano hoje revelam uma abertura massiva para o entrecruzar de novos e antigos processos pelos quais o latinoamericano se constitui como sujeito da modernidade, este sujeito coletivo, intercultural, marcado pela quebra de fronteiras nas comunicação de massa representadas pelas mídias, principalmente as pertencentes à WEB 2.0, já que os “intercâmbios culturais” há muito já nos fazem vários em nossas relações.

Como falantes das línguas espanhola e portuguesa, os latinoamericanos foram educados, em sua maioria, sobre os ditames de uma história mais ou menos compartilhada e sob as doutrinas do Catolicismo. Mas tal fato não foi suficiente para que, na dinâmica das relações sociais, fosse possível ver a constituição de uma massa homogênea de indivíduos, o que fez da AL este território plural que podemos ver hoje.

Ao contrário, a diversidade latina em sua heterogeneidade surge com veemência quando se estudam os latinoamericanos como atores sociais resultado da integração em todos os sentidos, mas principalmente da integração cultural, promovida pelas indústrias culturais, responsáveis tanto pela unificação quanto pela acentuada diferenciação de tipos da AL.

---

<sup>7</sup> Tradução livre nossa: “La condición actual de América Latina desborda su territorio. [...] Delante de las oportunidades que nos ofrecen los intercambios globales, nos globalizamos como productores culturales, como migrantes y como deudores. [...] La pregunta sobre qué significa ser latinoamericano está cambiando a comienzos del siglo XXI, se desvanecen respuestas que antes convencían y surgen dudas sobre la utilidad de tomar compromisos continentales. Aumentaron las voces que intervienen en este debate: indígenas y afroamericanas, campesinas y suburbanas, femininas y provenientes de otros márgenes. [...] América Latina no está completa en América Latina (*Idem*, p. 18-19)”.

Nos últimos tempos, estas indústrias culturais passaram a favorecer a integração dos países latinos entre si e entre eles e outros povos do mundo desde mercados transnacionais. Por outro lado, a abertura política e econômica entre os países de cultura latina, desde acordos de livre comércio, com o MERCOSUL como acordo de frente, acabou por diminuir as distâncias de negociações entre os países, aproximando. Basta que se pense em acordos cruciais para a abertura de espaço para intercâmbio de todos os tipos, a exemplo do Tratado de Livre Comércio das Américas, dentre outros tratados de importância no cenário mundial através de órgãos como a ONU e a UNESCO, só para citar alguns.

Assim, ser latinoamericano mediante o sentimento de pertença a grupos ideológicos constituídos no bojo da Interculturalidade não significa restringir-se a questões eminentemente geográficas. Interessa-nos, deste modo, analisar esta essência latinoamericana, esta latinidade, como um espaço cultural amplo, ou seja, interessa-nos analisar como esta latinidade se prolonga até mesmo para além de questões puramente sociais e políticas, pois em espaços com a América Latina:

As línguas latinas associam-se a circuitos editoriais y académicos, gastronômicos, turísticos y comunicacionais, todos os quais mobilizam altas inversões econômicas. “O latinoamericano” se desdobra com ênfases diversas segundo o peso histórico e as influências atuais dos europeus, dos estadunidenses, e sua articulação com projetos nacionais y étnicos. [...] A latinidade como construção híbrida. (GARCÍA CANCLINI, 2009, p. 69)<sup>8</sup>.

Assim, a latinidade pode ser vista também como um princípio identitário de sujeitos que compõem uma sociedade interconectada e intercultural devido aos processos de globalização advindos das relações de comunicação nos últimos tempos. Pensar o ser latinoamericano nesta conjuntura é problematizar um sujeito cuja identidade se constrói no partilhar de signos culturais, ou seja, no partilhar de músicas, crenças, costumes, dentre outros, sendo este um processo favorecido pelos novos meios de comunicação de massa (THOMPSON, 2009).

Deste modo, ser latinoamericano é, nas palavras de García Canclini (2009), representar-se como um sujeito plural, que prefere por se dizer latinoamericano, mas que tem consciência da busca em que empreende de um “lugar neste século”, no século plural e

---

<sup>8</sup> Tradução livre nossa: “Las lenguas latinas van asociadas a circuitos editoriales y académicos, gastronómicos, turísticos y comunicacionales, todos los cuales movilizan altas inversiones económicas. “Lo latinoamericano” se modula con énfasis diversos según el peso histórico y las influencias actuales de los europeos, de los estadunidenses, y su articulación con proyectos nacionales y étnicos. [...] La latinidad como construcción híbrida. (GARCÍA CANCLINI, 2009, p. 69)”.

multifacetado como são os seres que o integram. Ser latinoamericano é, pois, estar ciente do modo como ele mesmo se vê como elemento do mundo, do como ele se representa como membro de uma cultura de base latina, mas que ultrapassa o que as línguas românicas podem trazer como herança cultural.

É, em suma e por assim dizer, estar consciente de sua pertença a uma nação híbrida, é saber-se parte de uma latinidade mais que vista, uma latinidade sentida.

## 2.2. REDES SOCIAIS E INTERCONEXÕES DISCURSIVAS

### 2.2.1. O antes: a configuração do Ciberespaço

Já se sabe, haja vista a notoriedade do tema em questão, que a propagação das chamadas Tecnologias de Comunicação de Massa (THOMPSON, 2009) pelo mundo, e suas implicações principalmente nas relações sociais e no modo de pensar e de agir dos sujeitos no mundo contemporâneo, tem-se feito notar não somente pela grandiosidade desse fenômeno que se espalha pelo mundo a uma velocidade antes praticamente inimaginável, mas principalmente pelo modo como tem redimensionado nossas relações com o mundo, intermediadas por tais avanços tecnológicos.

Pierre Lévy (1999), em *Cibercultura*, questionou a por ele considerada “inadequada metáfora do ‘impacto’ das novas tecnologias” que se firmou, ao longo dos anos, no discurso de quem se reporta a esse modo de ver a inserção das ferramentas virtuais em nosso cotidiano, fazendo com que as atividades humanas, em especial as que são contextualizadas no mundo virtual, de maneira indissolúvel, passem a abranger ideias e representações de quem faz uso da linguagem neste vigoroso ambiente discursivo.

Diante de tal questionamento, referido autor se mostrava ao mesmo tempo vislumbrado pelo que parecia um meio que aos poucos se assentava como dado no mundo das tecnologias, em uma posição “apologética” (SEGATA, 2008) a esse ambiente de informações disponível na rede mundial de computadores, e subestimador dos efeitos provocados por esse ambiente na vida de milhares de pessoas que tiveram suas práticas de linguagem redimensionadas a partir deste meio à época em vias de popularização.

Outros autores, a exemplo de Pierre Lévy (1999), vislumbrados com a disseminação das ferramentas digitais de informação mediadas pela *www*, posicionaram-se de modo apocalíptico sobre a internet e as possibilidades de comunicação globalizada dela advindas. É o caso de Virilio (1990), um dos autores clássicos nos estudos iniciais sobre o Ciberespaço, que acreditava estar a internet criando uma “era de servidão”, favorecendo propósitos militares de armazenamento secreto de dados, como quando de sua origem.

Destaque-se que não só Virilio compartilhava dessa ideia. Baudrillard (1991) foi muitas vezes citado nas pesquisas em torno à constituição e à propagação do Ciberespaço pelo



seu modo de ver a internet como um “mal que degenera a sociedade” pelo “modo viral” com que se propaga mundo afora.

O Ciberespaço durante anos foi caracterizado como um ambiente de agentes livres e de agentes em libertação (LÉVY, 1999). Resguardados os vislumbres da afirmação, este ambiente pode ser visto como um agente de libertação, por permitir que sujeitos diversos exponham seus textos e suas imagens, de todos os tipos, para que circulem em larga escala, pelo mundo todo, no mais das vezes sem qualquer tipo de edição aparente. Vale ressaltar que as restrições de referida afirmação estão mais diretamente centradas no caráter hiperbólico que o termo “libertação” lhe oferece, contribuindo para a ideia generalizante de Ciberespaço como ambiente para todos, sem que se leve em conta as desigualdades de todos os tipos que o acesso a rede causa e ainda pode causar mundo afora.

Assim, pode-se afirmar que um novo espaço de interação surge com o desenvolvimento das já mencionadas Tecnologias de Comunicação de Massa. Nele se projeta a Cibercultura em sua acepção primeira cunhada por Lévy (1999), que concebe essa manifestação da realidade como uma projeção de aspectos políticos e sociais, caracterizada como de “natureza progressista e revolucionária”, uma vez que se apresenta como “uma tendência em crescimento e fortemente influente nos novos modos de pensar da humanidade”.

E, frente ao virtual cenário de redimensionamento de possibilidades de uso da linguagem, desde os primeiros anos na década de 90, pesquisadores, a exemplo de Lévy (1999), Virilio (1990) e Baudrillard (1991), têm-se empenhado em discutir a repercussão desse ambiente no cotidiano dos indivíduos em geral.

Segundo Lévy (1999), “cabe a nós (pesquisadores) explorar as possibilidades (sociais e discursivas, no nosso caso em especial) deste espaço de interação” (p. 56). Referido teórico destaca ainda que a abordagem humanista deste modo de produzir conhecimento depende da possibilidade de reconhecer as mudanças qualitativas que se estabeleceram na “ecologia dos signos” no mundo virtual ao longo dos tempos. Esta “ecologia” dos signos é a responsável, por exemplo, pela geração de elementos do discurso evidenciadores das identidades que os sujeitos criam nas suas relações de grupo estabelecidas no mundo virtual.

Historicamente, a palavra “Ciberespaço” foi cunhada em 1984 por William Gibson, ainda no âmbito da criação literária, no romance de ficção científica *Neuromancer*,

tendo como significado original “universo das redes digitais”. Apresentando por definição “espaço de comunicação aberto pela interconexão mundial dos computadores e da memória dos computadores” (LÉVY, 1999, p. 94), o Ciberespaço apresenta como marca distintiva principal o caráter virtual da informação disposta. A partir desta informação virtual, cada usuário contribui a seu modo, intencionalmente, para construir o universo no qual participa sob o aspecto do personagem, uma espécie de *Ethos* discursivo, que ela encarna a cada evento discursivo que protagoniza no ambiente virtual.

Três fatores de destaque podem ser apontados como responsáveis pela afirmação do Ciberespaço no mundo contemporâneo: (i) o uso coletivo de novas formas de linguagem no ambiente virtual atravessado por intenções comunicacionais e formações ideológicas específicas, a partir das quais se dá a construção de representações sociais neste contexto; (ii) a abertura de um novo espaço de comunicação, mediante o traçado de novas diretrizes para regras de cooperação comunicacionais; e (iii) a especificidade na produção e na recepção de textos neste ambiente, com o redimensionamento dos papéis e dos perfis dos atores sociais envolvidos em tais enunciações, dado o caráter virtualizado das informações dispostas.

O Ciberespaço, ou “rede”, configura-se, inicialmente, como um meio de comunicação que surge da interconexão mundial de computadores, a internet. Trata-se de um conceito então novo, difuso e polissêmico, mas que, para fins de delimitação, pode ser entendido como o resultado de três fatores constitutivos de destaque: a infraestrutura material empregada para seu funcionamento, através das conexões estabelecidas, as informações dispostas no ambiente e os seres humanos envolvidos nos eventos de interação executados.

Pensar a constituição de um ambiente social de redimensionamento de práticas de linguagem incide na imediata criação de hábitos e pontos de vista distintos dos até então dispostos. Deste modo, ao conjunto de hábitos, pontos de vista e demais fatores característicos da disseminação do Ciberespaço pelo mundo, a exemplo do surgimento dos sites de redes sociais, dá-se o nome de Cibercultura, compreendida como complexo de técnicas e práticas realizadas no mundo virtual.

Segundo Lévy (1999), quanto ao neologismo “Cibercultura”, especifica-se “o conjunto de técnicas (materiais e intelectuais), de práticas, de atitudes, de modos de pensamentos e de valores que se desenvolvem juntamente com o crescimento do Ciberespaço” (p. 17). O termo reporta-se, assim, não somente às produções intelectuais

produzidas no ambiente virtual, mas também, e principalmente, aos comportamentos dos indivíduos em geral que se pode ver à medida que ferramentas de comunicação surgem no mundo virtual e delas estes indivíduos passam a fazer uso.

O complexo conceitual que envolve a expressão Cibercultura se dá principalmente por abarcar dois campos de definição não menos complexos: o “ciber”, ou seja, o virtual, ou pelo menos o virtualizado, em uma expressão mais contemporânea, e a “cultura” enquanto conjunto de crenças, valores, ideologias e fatores afins relacionados ao modo como cada indivíduo compreende a si mesmo e a suas práticas de socialização. As ideias de Lévy (1999) a respeito da disseminação da Cibercultura, ainda no fim do século XX, encontrariam mais força com a popularização dos sites de redes sociais pelo mundo (RECUERO, 2010).

Dada a projeção da internet em larga escala, já não é de hoje que se sabe que as atividades humanas abrangem, de maneira praticamente indissolúvel, interações entre pessoas “vivas e pensantes” (LÉVY, 1999) e suas ideias e representações do mundo. Desta maneira, mais pertinente que analisar tão somente os possíveis “impactos” deste novo modo de conceber o conhecimento é analisar seus usos, como uma prática corrente no cotidiano das pessoas de todo o mundo, a partir de seus construtos, em destaque os ideológicos, como forma de expressão das relações sociais evidenciadas na vida de sujeitos e grupos instituídos.

Ao se reportar, por exemplo, às comunidades virtuais e aos processos interacionais a elas relacionados, um de nossos focos nesta pesquisa, é inevitável se discutir o processo pelo qual um grupo de pessoas com interesses afins se corresponde mutuamente em ambiente virtual por meio de computadores interconectados a partir de conteúdos “ciberculturais”, cuja velocidade de aparição apresenta-se como uma constante na caracterização deste ambiente.

Tendo em conta esse constante “ir e vir”, este “zanzar” (SEGATA, 2008), ou seja, essa troca de informações e experiências entre usuários do mundo virtual, pode-se afirmar que as tecnologias de informação advindas do Ciberespaço são atividades multiformes de grupos humanos em constante processo social, através do qual um enunciador se projeta desde a linguagem, para direcionar-se ao (s) coenunciador (es) pretendido (s).

Desde referido ponto de vista, pode-se dizer que o crescimento do Ciberespaço não determina automaticamente o desenvolvimento da inteligência coletiva postulada por

alguns autores da área nos primeiros anos da década de 90, uma vez que apenas fornece a esta inteligência um ambiente propício para que se desenvolva. Estamos tratando neste tocante de inteligência coletiva a exemplo dos construtos comunicacionais, sejam eles ideológicos ou informacionais, através dos quais os sujeitos e grupos integram e constituem seus eventos de interação verbal entre si e entre eles e os elementos do mundo, através do fortalecimento de uma Cibercultura.

Como fundamentos de base para a caracterização da Cibercultura destacam-se dois conceitos relevantes: a universalização e a virtualização dos conteúdos propostos. Por universalização entende-se a propagação de copresença e de interação de quaisquer pontos do espaço social ou informacional. Já por virtualização entende-se a “irrealidade” do ponto de vista físico, ou seja, a materialização das informações projetadas no “vácuo” virtual sem que, contudo, esteja-se preso a um lugar ou a um tempo em particular. Ambos os processos propostos por Lévy (1999) já são atualmente questionados dado seu caráter dicotômico e por vezes excludente.

Se pensarmos o ambiente onde se concretiza a Cibercultura, ou seja, a internet, como uma entidade virtual, assumimos que no centro das redes digitais a informação certamente se encontra “fisicamente situada” em algum lugar, em determinado suporte, mas ela também está virtualmente presente em cada ponto da rede onde seja evocada. E é nessa dinâmica que o Ciberespaço encoraja um estilo de relacionamento quase independente dos lugares geográficos e dos tempos pelos atores sociais que nele (no Ciberespaço) se manifestam discursivamente. Deste modo, segundo Lévy (1999):

As particularidades técnicas do Ciberespaço permitem que os membros de um grupo humano (que podem ser quantos se quiser) se coordenem, cooperem, alimentem e consultem uma memória comum, e isso quase em tempo real, apesar da distribuição geográfica e da diferença de horários (*Idem*, 1999, p. 51).

Os aspectos de que trata o autor nos remetem ao caráter quase que totalitariamente assíncrono e alócono dos ambientes virtuais de interação, haja vista que o Ciberespaço encoraja seus usuários a relações sociointerativas baseadas em um estilo de relacionamento quase independente dos lugares geográficos e da coincidência dos tempos, acompanhando e expandindo, em aceleração, a virtualização da sociedade, fazendo deste “não-espaço” um ambiente aberto, no sentido de disponível a muitos.

A interatividade nesse ambiente se dá geralmente pela participação intensamente ativa dos atores envolvidos neste processo. Referimo-nos neste ponto a um processo que consiste em uma contínua transação de informações, compreendendo atividades como diálogos, reciprocidades comunicativas e a própria comunicação em si como ato dialógico.

Essa troca interativa pode se dar entre um usuário e outro, de modo mais evidente, e entre usuários membros de grupos e objetos comunicacionais, de modo simbólico, como imagens e ideias (objetos de discurso) e representações (objetos do pensamento). Nesta perspectiva, sabe-se que muito da dinâmica de constituições de grupos se dá na relação dialógica de um “eu”, representante de grupos, com caráter coletivo, com os outros grupos com os quais interage.

Quando se pensa, assim, a interatividade no plano do virtual, está-se reportando a um intercâmbio, à interação de seres e matrizes de informações diversas e específicas em função do modo e do ambiente como são processadas. Assim, pode-se dizer que, no ambiente virtual, o que de fato acontece com os atores sociais envolvidos em dados eventos de enunciação é uma manifestação de uma “telepresença” caracterizada por ser um meio de comunicação não presencialmente constituído e visto desde processos muito específicos, dadas as condições de realização virtual (LÉVY, 1999).

Pensar a constituição do Ciberespaço e sua imersão nas questões da contemporaneidade significa evidenciar aspectos de uma específica maneira de fazer uso da linguagem, e por consequência de seus instrumentos de comunicação, dando atenção ao modo como a linguagem em si passou do oral para o escrito, em se tratando de questões de uso, e do escrito para o virtualmente escrito, por exemplo, não somente em se tratando de questões formais, mas também em se tratando dos reflexos promovidos nas práticas de linguagem.

Nesta nova dinâmica, que redimensiona as práticas de produção e recepção de textos em nossa sociedade, o sentido de escritor tradicional também se redimensiona, e o sujeito produtor de textos, escritor que deixa suas marcas ideológicas no mundo virtual, passa a ser entendido como um autor que se expressa por escrito como fonte de autoridade do seu próprio dizer, em um processo específico de argumentação e verbalização de fatos, ideias, opiniões e posicionamentos através do qual suas representações, de si e do mundo, acabam por se manifestar.

Assim, o sentido do que se enuncia, do escrito virtualmente, passa a assumir uma perspectiva universal, ou “universalizante” (LÉVY, 1999), dada a caracterização aberta deste espaço enunciativo. Pode-se dizer, inclusive, que a contínua emergência deste espaço até hoje se deu através de um autêntico movimento social, com seus grupos, seus lemas, suas aspirações coerentes, além, claro, de suas ideologias.

Na história do uso das ferramentas virtuais de comunicação, a década de 90 do século XX marca o surgimento mais acentuado de jovens desejosos de explorar e construir um espaço de encontro, de compartilhamento e de invenção coletiva, através de práticas comunicativas interativas, recíprocas, comunitárias e intercomunitárias (LÉVY, 1999).

Se problematizarmos o crescimento acelerado do Ciberespaço, será possível ver pelo menos três princípios básicos que orientam tal crescimento: (i) a interconexão: o universal se torna possível por contato; (ii) a criação de comunidades virtuais: um complexo de afinidades une sujeitos os mais diversos a fim de discussões temáticas e exposições de ideias afins ou não; (iii) a inteligência coletiva: a criação de um ambiente mais rápido e interativo que o possível mediante a realidade.

Na dinâmica da interação na internet, pode-se observar que comunidades virtuais são construídas sobre as afinidades de interesses de conhecimento, projetos mútuos, em cooperação e troca, independente de proximidades geográficas e filiações institucionais, levando-se em conta que há leis específicas que regem as relações discursivas nestas comunidades: a polidez e a preservação das faces, por exemplo, em um específico contrato de cooperação que induz conflitos de ideias e posicionamentos, manipulações de interesses e disseminação de ideologias e representações, uma vez que formas de opinião pública são exploradas nessa intensa troca de opiniões no mundo virtual.

Deste modo, pode-se afirmar que nas páginas da WEB podem-se visualizar ideias, desejos, saberes e diversas possibilidades de transação de pessoas e grupos humanos através de comunicação direta por meios (ferramentas) como os fóruns de discussão aberta nas comunidades virtuais. As redes digitais interativas são, assim, fatores potentes de personalização ou de encarnação do conhecimento, já que, mesmo sem contato físico, a interação no Ciberespaço continua sendo uma forma de comunicação.

É no Ciberespaço, dentro dessa dinâmica, que se encontram discursos, vozes que se fundem, e que por vezes chocam-se, na construção de um universo de significados específicos, já que nossa faculdade de conhecimento trabalha com línguas, sistemas de signos e processos intelectuais fornecidos por uma cultura redimensionada no mundo virtual. O que antes era individual passa a ser coletivo: postula-se um pensamento especificamente virtual, mediador das relações sociais e das representações nelas construídas pelos sujeitos em geral, que se articulam em grupos para a construção de ideologias.

Diante de todas essas questões, destaca-se com força o fato de que a rede passou a ser “um gigantesco documento autorreferencial, onde se entrelaçam e dialogam múltiplos pontos de vista” (LÉVY, 1999). A internet então, como ambiente de questões ideológicas, expressa-se através de uma Cibercultura entendida como expressão de uma mutação fundamental da própria essência da cultura na atualidade.

E, deste modo, o universal, entendido como a presença virtual da humanidade em si, entrelaça-se à totalidade vista como unidade estabilizada do sentido de uma diversidade, contribuindo deste modo para a emergência dos novos sujeitos, sujeitos interconectados, tão ávidos por comunicação em larga escala quanto desejosos de redimensionamento de suas identidades no mundo virtual.

### **2.2.2. O entrever: o surgimento e o domínio das redes sociais**

O impacto das redes digitais de comunicação sobre as relações sociais contemporâneas que faz se notar em expressões como “redes sociais” sinaliza para o reconhecimento das rápidas e profundas alterações em curso nas formas como nos relacionamos uns com os outros não só no mundo físico propriamente dito, mas também no mundo virtual, no Ciberespaço. Como um fenômeno que toca milhares de usuários ao redor do mundo, as redes sociais se diferenciam dos tradicionais meios de comunicação de massa, a exemplo da TV, na medida em que se organizam em torno a uma coletividade significativa no modo de compor as informações dispostas, numa interação profunda, desde eventos discursivos diversos.

Recuero (2010) trata a rede sempre como um conjunto de “atores e suas relações”. Por sua vez, a internet, segunda a mesma autora, é uma “rede de redes” que dá abrigo a agrupamentos sociais cuja relação dos sujeitos se realiza por uma conversação livre e

planetária com o redimensionamento da vida em sociedade, de modo a propiciar, no ambiente virtual, uma “conversação livre”, ato comunicativo que favorece a construção de representações sociais por vias discursivas.

Nesta perspectiva, podemos afirmar que as redes sociais criam uma sociabilidade enredada, democrática, fazendo emergir vozes antes “sufocadas” (RECUERO, 2010). A tecnologia, neste contexto, passa a afetar fortemente a sociedade, pois, como artefato social, acaba por se constituir como um elemento de propagação de intenções e propósitos comunicativos dos sujeitos em geral. Assim, sempre que nos referimos ao conjunto de domínios virtuais dispostos na internet, fazemos uso de uma metáfora recorrente, ou seja, o mundo virtual como “rede”, certamente porque estamos partindo da ideia de agrupamento de seres que compõem tais domínios.

Por outro lado, podemos dizer que, à medida que uma rede de computadores conecta uma rede de pessoas e organizações, constitui-se uma rede social (RECUERO, 2010, p. 15), ou seja, um agrupamento de sujeitos interconectados pela rede mundial de computadores com fins a estabelecer laços sociais, o que faz da comunicação mediada pelo computador um elemento motivador nas mudanças profundas em torno das formas de identidade social, pois faz repensar inclusive os modos de organização da sociedade informatizada tão mais influente quanto representativa da geração de sujeitos interconectados do século XXI.

Certamente por esse aspecto, a metáfora da “rede” encontra-se ainda em construção, ganhando, de tempos em tempos, novos ares. O estudo das redes, e por consequência o estudo das ferramentas dialógicas delas advindas, é um exemplo de como a abordagem desse construto virtual fornece ferramentas importantes para a compreensão dos aspectos sociais do Ciberespaço, principalmente no que diz respeito ao estudo dos agrupamentos sociais no ambiente virtual, entendendo que estudar redes é analisar os padrões de conexões expressas no Ciberespaço (RECUERO, 2010). Neste tocante, afirma-se que:

O advento da Internet trouxe diversas mudanças para a sociedade. [...] A mais significativa é a possibilidade de expressão e sociabilização através das ferramentas de comunicação mediada pelo computador (CMC). Essas ferramentas proporcionaram, assim, que atores pudessem construir-se, interagir e se comunicar com outros atores, deixando, na rede de computadores, rastros que permitem o reconhecimento do padrão de suas conexões e a visualização de suas redes sociais através desses rastros. [...] É nesse âmbito que a rede como metáfora estrutural para a compreensão dos grupos expressos na internet é utilizada através da perspectiva da rede social. (*Idem*, 2010, p. 24).



Entendendo as redes sociais como o conjunto de atores, usuários dessa rede, e suas conexões, através das quais se organizam em grupos e, ao se comunicarem, deixam no ambiente virtual “rastros” de sua interação, pode-se afirmar que a propagação de sites de redes sociais (RECUERO, 2010), a exemplo do Orkut, se dá principalmente pela possibilidade do redimensionamento de uma identidade nova construída no ambiente virtual. O Orkut é um exemplo de site através do qual seus usuários (ou atores sociais) são representados pelo seu perfil disposto, elemento discursivo que muito diz da individualidade de seu autor, da construção de si e do outro, essencial no processo comunicativo.

Segundo Recuero (2010), “é preciso ser visto para existir na WEB”. É exatamente através desta necessidade de visão que em sites de redes sociais como o Orkut os atores sociais constroem representações e identidades a fim de fazer emergir muito do que são frente ao modo como se apresentam aos outros usuários. Trata-se de uma necessidade de ser visto, indispensável à sociabilidade mediada pelo computador.

A esse respeito, Donath (1999) afirma que a percepção do Outro é essencial para a interação humana de um modo geral e de modo mais acentuado para a interação no mundo virtual uma vez que, no Ciberespaço, pela ausência de informações e outros elementos comunicativos, como gestos, que geralmente permeiam a comunicação face a face, as pessoas são julgadas e percebidas pelo que dizem, alterando a dinâmica tradicional do processo de preservação de faces dos enunciadores (GOFFMAN, 1975). Este “dizer”, quando legitimado pelos grupos sociais, ajuda a compor as percepções que os indivíduos têm dos atores com quem interagem.

É na legitimação do “dizer” em ambientes sociais, como os sites de redes sociais da WEB, que construímos nossas relações de linguagem e nossas representações. Trata-se a WEB, portanto, de um ambiente propício para a legitimação deste “dizer” que os atores usuários de sites de redes sociais se agrupam em comunidades virtuais temáticas, através das quais interagem entre si com o objetivo de discutir temas que lhes são de interesse comum, sendo tais comunidades entendidas como “elementos de identificação de seus usuários” e referidos usuários representações “de si mesmo” (FRAGOSO, 2006) possibilitadas pela virtualização característica do mundo virtual.

Estas representações evidenciam que para cada interação promovida na WEB os usuários executam estratégias identitárias que legitimam as representações por ele construídas

neste ambiente. Ao se integrarem no mundo virtual, estão os usuários colocando-se na posição de sujeitos que expressam traços identitários nas comunidades de que fazem parte, traços esses que, muitas vezes, não encontram, nas interações verbalizadas fora do ambiente virtual, espaço propício a sua manifestação.

Deste modo, os comentários deixados nas comunidades virtuais são “rastros sociais” de seus autores. As interações verbais no mundo virtual, por sua vez, “são parte das percepções pelos atores sociais do universo que os rodeia, influenciadas por elas e pelas motivações particulares desses atores” (RECUERO, 2010, p 122).

Assim, pode-se afirmar que, ao entrar em uma comunidade, o ator exerce um reflexo sobre ela, pois passa a ser elemento de construção de significados e sentidos representacionais nos temas discutidos no ambiente a partir de suas ideologias, conhecimentos prévios e concepções de mundo.

Sabe-se que a interação mediada pelo computador é geradora de relações que, por sua vez, alimentam o processo de construção de representações sociais. Como a relação é considerada a unidade básica de análise de uma rede social, seja na perspectiva estrutural seja em outra comunicacional, interessa-nos analisar como se dá o processo de construção de laços de associação em comunidades por um sentimento de pertencimento a dado (s) grupo (s), sendo esse sentimento de pertença elemento motivador da construção de RS. A esse respeito, sabe-se que:

Quando os grupos surgem com base na interação dialógica, o sentimento de *pertencimento de grupo* surge como decorrente do *elemento relacional*. No entanto, nos casos de associação ou filiação, é possível verificar o pertencimento como um sentimento relacionado com a associação ao grupo e decorrente desta ação formal (grifos da autora). (RECUERO, 2010, p. 40).

À medida que “grupos surgem com base na interação dialógica”, estabelecem-se as bases de reciprocidade e confiança que embasarão as trocas informacionais nos sites de redes sociais, constituindo tais trocas um capital social (BORDIEU, 1993), na perspectiva de serem um investimento dos sujeitos na comunicação, pelo discurso no Orkut, por exemplo, caracterizado como uma ambiente de interações sociais reativas (RECUERO, 2010), uma vez que a criação ou não de laços se dá segundo a vontade de seus usuários, assim como toda a publicação de textos por esses indivíduos no ambiente.

Dinâmicas por natureza, dado seu caráter dialógico, as redes sociais são fruto de um processo de cooperação na medida em que seus usuários partilham signos identitários, como cultura, nacionalidade, idioma, em seus discursos como representantes de dados grupos. Muitas vezes é no partilhar destes signos que se dão os conflitos sociais, motivadores da construção de representações sociais. Além do mais, tal cooperação pode ser vista no corriqueiro fato de usuários de diferentes pontos do mundo, dispostos a discussões de natureza diversa, mostrarem interesse em se integrar nessas comunidades, por nós vistas como exemplos de cooperação social no Ciberespaço.

Fruto de uma dinâmica específica, a disposição de informações nas comunidades virtuais acontece “fundadas na lógica de que o participante agrega a informação ou o conhecimento que possui para o debate, tendo como contrapartida todas as informações e o conhecimento dos demais membros”, de modo que “o conhecimento que se faz através das demandas e das ofertas dos usuários se traduz em valores e confiança” (RECUERO, 2010, p. 133).

Todas as características das interações no Ciberespaço evidenciam o óbvio: as redes sociais, não necessariamente as virtuais, sempre existiram como ambientes catalisadores das interações humanas. No entanto, o que há de se destacar com veemência é que a tecnologia do mundo contemporâneo transplanta tais interações para o mundo virtual, fundando assim um modo muito específico de relações delas advindas.

Recuero (2010) propõe uma classificação objetiva quanto às redes sociais no mundo de hoje, subdividindo-as em dois tipos: as redes sociais emergentes, expressas a partir das interações entre os atores sociais que se unem por laços comunicativos virtuais, e as redes de filiação ou de associação, caracterizadas pelo modo como duas variáveis, atores sociais e grupos, são construídas mediante o sentimento de pertencimento expreso.

O site Orkut, como mostra de redes na WEB, apresenta características de ambos os tipos, pois estabelece laços dialógicos entre os seus usuários, sendo, no mais das vezes, estes laços os principais motivadores para a constituição de grupos frente ao sentimento de pertença motivado por questões ideológicas e culturais.

No entanto, é necessário advertir que o Orkut não se caracteriza como uma rede social propriamente dita, dada a sua amplitude, mas como um site de redes sociais. A esse

respeito, Recuero (2010, p. 44) afirma que “sites de redes sociais são os espaços utilizados para a expressão das redes sociais na Internet”.

São espaços caracterizados por: (i) apresentar mecanismos de individualização como personalização, construção do eu, dentre outros, a exemplos dos *profiles* do Orkut; (ii) mostrar as redes sociais de cada ator social de forma pública; e (iii) possibilitar que os atores vivenciem ações interações nesse sistema. As redes sociais em si, deste modo, são as conexões que cada usuário membro do site constrói com outros usuários, comunidades temáticas e outras ferramentas dialógicas disponíveis no ambiente.

Sob esta perspectiva, podemos conceber o Orkut como um site de redes sociais que congrega milhões de “perfis” de sujeitos de todo o mundo, ou seja, cada perfil criado representa uma rede social de seus usuários (sujeitos que vão, dia a dia, agregando “amigos” a seus perfis e filiando-se a comunidades temáticas. Assim, formam sua “rede” social). Estes usuários, na criação de uma “voz coletiva”, fundam, agregam-se e gerenciam as comunidades das quais participam.

Quando nos reportamos ao conceito de site de redes sociais, tomando como foco o Orkut como nosso ambiente de estudo, temos de dar ênfase ao fato de que também não são somente as interações em si a rede propriamente dita, mas também os atores que a compõem e suas interconexões discursivas estabelecidas através das ferramentas de comunicação utilizadas no ambiente virtual.

Segundo Recuero (2010, p. 45), “sites de redes sociais propriamente ditas são aqueles que compreendem a categoria dos sistemas focados em expor e publicar as redes dos atores”. Deste modo, pode-se dizer que se trata de sites “cujo foco principal está na exposição pública das redes conectadas aos atores, ou seja, cuja finalidade está relacionada à publicização dessas redes”, a exemplo do Orkut, amplamente popular no Brasil, e o Facebook, com disseminação maciça nos Estados Unidos. Segundo dados do Google, em todo o mundo, ao lado do Orkut e do Facebook, existem mais de 80 sites de redes sociais, praticamente todas com menor popularidade que as duas redes mencionadas.

Relevante para as investigações destes sites é a investigação de Recuero (2010) que pesquisou alguns valores construídos no mundo virtual em sites de redes sociais, como popularidade e relações, exemplos de capital social. Alguns desses valores, como reputação e

autoridade, condicionam e modalizam o discurso posto em funcionamento na pluralidade de informações que circulam entre os grupos, como exemplo de motivação dos usuários de espalhar informações pelo mundo através da WEB, e dão formas a muitas das representações sociais que temos dos objetos discursivos através dos quais interagimos a partir de nossa cognição social.

Assim, as comunidades virtuais, vistas como uma metáfora desterritorializada do conceito geográfico de entender o termo “comunidades”, acabam por se configurar como um ambiente produtivo às publicações de informações na rede, o que faz dessas comunidades um conglomerado de “nós” na densidade de conexões, configurando o amplo aparecimento de grupos sociais na internet com características comunitárias.

Deste modo, o que vemos são sites de redes sociais como o Orkut surgindo como ambientes aglutinadores de ferramentas dialógicas que podem ser evidenciadoras de representações sociais, pois se caracterizam como ambiente propício para que os conflitos sociais aconteçam e se constituam como verdadeiro empenho sociointeracional de seus sujeitos

Na medida em que um site de redes sociais como o Orkut, reconhecido por sua tradição, por seu alcance e pelo seu considerável número de usuários, passa a atingir sujeitos interculturais de todas as partes do mundo, o que se vê é uma afetação no modo como tais sujeitos entram em contato e, claro, no modo com representam as coisas do mundo, assim como a si mesmo e aos outros com que interagem no partilhar de uma mesma cultura.

Deste modo, o Orkut favorece a caracterização dos latinoamericanos como sujeitos interculturais, no contexto das mídias da modernidade, e coletivos, no contexto da formação de grupos ideológicos. São eles (os latinoamericanos), em sua maioria, sujeitos afetados (no sentido de alcançados) pelas tecnologias da WEB, informatizados, entrelaçados entre a cultura latina e a tecnologia que há muito se constitui como ferramenta de informação do “Novo Mundo”.

Em termos sistemáticos, é na WEB, parte significativa da internet, e da rede mundial de computadores, onde se proliferam as redes, que abrigam os sites de redes sociais, como o Orkut, ambiente onde atores como os latinoamericanos criam perfis e participam de comunidades de discussões.

Em nossa pesquisa, nos detivemos na análise de postagens, ou *posts*, do fórum de discussão da comunidade “América Latina Unida”<sup>9</sup>, de referido site de redes sociais. Tais postagens foram coletadas no período de fevereiro a junho de 2011 e revelaram, em sua análise, evidências textuais e contextuais, estruturas ideológicas discursivas, responsáveis pela construção de RS sobre a latinidade por grupos latinoamericanos frente ao sentimento de pertença a estes grupos. A seção sobre metodologia, mais adiante, esclarece o processo de constituição e análise do *corpus* bem como os procedimentos de análise que nos levaram aos resultados obtidos.

### **2.2.3. O agora: a dinâmica das comunidades do Orkut na construção de RS**

Nossa investigação da RS sobre a latinidade na comunidade “América Latina Unida” apresenta-se como uma contribuição à compreensão do movimento dialógico de pessoas nos sites de redes sociais contemporâneas. Para legitimar a amplitude e o alcance desta investigação, basta que se pensem os números do Orkut hoje.

O Orkut, site de redes sociais filiado ao Google, foi criado em 24 de janeiro de 2004 por Orkut Büyükkoten (LIMA-NETO, 2009), famoso engenheiro turco da empresa gerenciadora dos softwares Google. Com grande aceitação em primeiro lugar no Brasil e em segundo lugar na Índia, somente em terceiro lugar aparecem os Estados Unidos no que diz respeito à aceitação em geral de referido site, já que os americanos se dedicam com mais frequência a práticas discursivas no Facebook e em outros sites de relacionamento.

Com o objetivo inicial de ajudar seus membros a conhecer pessoas e manter relacionamentos, o Orkut já em 2008 era o site de redes sociais com maior participação de brasileiros, contando com mais de 23 milhões de usuários em janeiro de 2008, segundo dados do jornal Folha de São Paulo. A base operacional do Orkut era sediada na Califórnia até agosto de 2008, quando o Google anunciou que o site passaria a ser operado no Brasil devido à grande quantidade de usuários brasileiros e ao seu crescimento em terras brasileiras nos últimos anos.

Em 2011, após 7 anos de existência, o site ganha um novo designer a partir da concepção de um novo logotipo. Além disso, recebeu uma leve mudança no visual. Em

---

<sup>9</sup> <http://www.orkut.com.br/Main#Community?cmm=112262>

publicação no blog oficial do Orkut, a equipe do Google diz estar melhorando o site para os usuários, dando-lhe feições mais joviais, uma vez que a maior parte dos usuários do site são jovens.

Segundo dados do site [orkut.com](http://orkut.com), a demografia do Orkut em abril de 2010 informava que 48% dos usuários eram brasileiros, ocupando o primeiro lugar da lista, seguidos dos indianos e dos americanos. Entre os jovens, 54% do total de participantes no site têm entre 18 e 25 anos, também segundo dados do jornal Folha de São Paulo.

Logo na página de acesso aos conteúdos do site, o usuário vê um layout colorido com textos de entrada que o recebem com inscrições de cotidianidade, comunicação e diversão. O site apresenta ainda um termo de serviço, uma política de privacidade e as diretrizes de comunidades. Todos estes documentos legislam, ainda que de modo informal, o funcionamento e o uso das ferramentas dispostas, como as comunidades temáticas.

O ingresso de novos usuários no site se dá hoje de forma livre, o que não era permitido antes, pois, até 2006, a participação estava restrita à possibilidade de ser convidado para tal, através de email, por um usuário já cadastrado. O interessado em participar do site deve fazer um cadastramento a partir de uma conta de e-mail e criar para si um perfil virtual (“*profile*”) através do qual o usuário investirá em uma estratégia discursiva de comunicação desde a criação de uma página onde se expõem as suas informações pessoais<sup>10</sup>.

Neste tocante, é interessante observar que a relação social nos fóruns do Orkut, situados nas comunidades, inicia-se por meio do interesse pelo tema tratado, o que motiva os usuários a estabelecerem entre si uma nova maneira de relação na WEB. Deste modo, muitos autores, a exemplo de Souza (2009), postulam que o Orkut apresenta-se como um software, como um lugar de inserção da escrita no ambiente digital, passando o site a ser visto como produto, e não como estado, pois possibilita interação ao longo dos anos, aumentando, ali, as chances de as relações sociais de concretizarem ainda mais.

Álbuns e comentários de fotos, *Buddy Pokes* (avatars, ou seja, representações virtuais dos usuários), recados em uma lista específica (*scraps* no *scrapbook*) e outras

---

<sup>10</sup> Segundo Coscarelli (2004), um “ar de intimidade” é dado ao site a partir da criação das páginas de informações pessoais de cada participante, evidenciando o engajamento de cada um deles neste tipo de atividade enunciativa.

ferramentas do Orkut, como lista de aniversários, atualizações, jogos, vídeos e depoimentos, configuram-se como novas formas discursivas do mundo virtual e de amplo interesse de investigação por parte de pesquisadores de muitas áreas do conhecimento, em destaque os que se debruçam sobre as mudanças nas práticas de linguagem amparadas no contexto da modernidade por questões discursivas e ideológicas. Nos últimos anos, estas novas ferramentas foram incorporadas ao Orkut a fim de dinamizar cada vez mais a interlocução entre os seus usuários.

No plano em que o site é visto como ambiente de “socialização digital” (RECUERO, 2010), pois oferece a seus usuários, através de suas ferramentas, a possibilidade de conviver em comunidades, de discutir temas que lhes são de interesse comum e de constituir suas redes sociais, o que se tem visto na configuração deste espaço moderno de interação é uma rede de invenção e reinvenção de subjetividades dos que dela fazem parte, mediados pela dinâmica cultural que a globalização permitiu nos últimos tempos.

O Orkut, assim, passa a ser visto como um elemento agregador de discursos, através do qual são criadas comunidades temáticas, nas quais emergem as identidades híbridas, resultado da revolução da WEB 2.0, que transformou a então fascinante rede mundial de computadores num espaço de criatividade a nível global, interconectando sujeitos de todas as partes do mundo e representantes das mais diversas culturas a nível mundial.

Dado que nos sites de redes sociais os usuários que no ambiente publicam seus textos o fazem de modo totalmente espontâneo, o material linguístico disposto reverte-se de uma carga expressiva de possibilidades de investigação em torno às RS. As comunidades, assim, acabam se configurando como formas de existência e resistência de grupos e suas proposições ideológicas, pois nestes ambientes vive-se de modo abundante a liberdade da cultura digital.

Trabalhar com o Orkut é, assim, ter a possibilidade de acessar manifestações de relações sociais que operam as RS que não seriam tão facilmente possibilidades no contexto do mundo real, dadas as imposições geográficas e determinadas condições de produções linguísticas dos sujeitos em análise.

Nestas comunidades, os sujeitos investem na criação de fóruns e, em tópicos temáticos, interagem através de postagens sistemáticas. Nesta operação discursiva, mostram-



se sujeitos informados, cultos, conhecedores de sua história e de sua cultura. Mostram-se sujeitos do discurso, marcados ideologicamente pelo sentimento de pertença que o fazem grupos, que o fazem coletivos, pertença através da quais se representam e representam o outro socialmente.

E, levando-se em conta que a WEB faz circular e se hibridizarem línguas, linguagens e diversos modos de pensar e de agir (RIBEIRO, 2010), os fóruns virtuais, ou e-fóruns (*eletronics fóruns*), são ferramentas de comunicação através das quais se dá de modo muito evidente o redesenho dos papéis dos atores sociais envolvidos em referidas práticas de linguagem.

A observação do funcionamento desse tipo de ferramenta de comunicação virtual faz entrever a premissa de que a simples adesão às novas tecnologias não garante uma interatividade que contribua para a construção coletiva de conhecimento, já que se espera dos participantes deste tipo de evento comunicativo uma postura de investimento no ato linguístico em questão, assim como nas relações significativas que se constroem neste tipo de ferramenta dialógica quando em execução.

O compartilhamento e a distribuição do controle em ambientes virtuais estão diretamente relacionados à configuração da centralidade nas comunidades virtuais e dos fóruns nelas abrigados, através da extensão das conexões estabelecidas por um participante junto aos demais em uma comunidade virtual, onde estão alocadas as postagens, caracterizadas linguisticamente por se constituírem como exemplo de discussões temáticas e pragmaticamente marcadas pelo envolvimento dos participantes nas relações e reflexões críticas acerca do tema em debate.

Os fóruns apresentam, enquanto ferramentas virtuais de comunicação, características aglutinadoras (RIBEIRO, 2010), na medida em que congregam seres, opiniões, posicionamentos e ideologias em um só ponto da rede. Reúnem em si, desta maneira, além de sujeitos e seus discursos fundamentados em seus propósitos comunicativos, construtos mentais que sinalizam para as RS que eles constroem dos objetos do mundo com os quais interagem.

Além do mais, à medida que os participantes se posicionam nos fóruns por meio do discurso, a linguagem é por eles usada com o objetivo de inserir-se no mundo, através de

múltiplas possibilidades retóricas e argumentativas, evidenciando estratégias de textualização empregadas, uma vez que, segundo Gnerre (1998), “as pessoas falam para serem ouvidas, às vezes para serem respeitadas, e também para exercerem influência no ambiente em que realizam atos linguísticos”.

A respeito do modo como, na linguagem, acabamos por nos constituir desde nossa interação com nossos coenunciadores, reportamo-nos a Bakhtin (2002), em *Estética da Criação Verbal*, ao afirmar que a experiência verbal e individual do homem toma forma e evolui sob o efeito da interação contínua e permanente com os enunciados individuais do outro, ou seja, é na interação cotidiana que fazemos uso intencional de dados índices da linguagem para manifestar, de modo organizado, nossas intenções comunicativas frente aos indivíduos com quem interagimos.

Ao passo em que nós, enquanto sujeitos, somos constituídos a partir do olhar do outro, o fascínio pela diferença se acentua em um sentido contrário à homogeneização maciça de seres como tendência do mundo moderno, no qual as individualidades em detrimento do modo frenético de ser ver a vida nos dias atuais. E isso fica muito claro nos fóruns virtuais contextualizados nos sites de redes sociais.

Assim, diante do desafio de analisar a construção identitária do ser latinoamericano a partir da investigação da RS sobre a latinidade engendrada em seu discurso, a investidura na investigação de práticas de linguagem na WEB, em especial em comunidades do site de redes sociais Orkut, representa um investimento significativo no modo de analisar as questões ideológicas do mundo moderno.

Quando, fazendo uso do sistema de buscas, um usuário do Orkut decide ir ao encontro de uma comunidade cujo conteúdo, anunciado pelo título, está diretamente relacionado ao tema “América Latina”, ele encontrará a comunidade “América Latina Unida” como uma das congregações de usuários mais representativas em se tratando de número de participantes em todo o mundo e a mais representativa com relação à produtividade na discussão dos tópicos do fórum de discussões.

Com 10.254 membros, segundo dados de junho de 2011, dentre os quais estão brasileiros, argentinos, mexicanos, paraguaios, uruguaios, chilenos, bolivianos, hondurenhos, dentre muitos outros representantes da cultura latinoamericana, a comunidade apresenta em

sua descrição o poema “América, no invoco tu nombre en vano”, do poeta chileno Pablo Neruda, representante da cultura latina em todo o mundo. Neste poema, predomina o espírito nacionalista e de exaltação ao homem latinoamericano, que se deseja unido na luz que resplandece de seu país.

Enquadrada na categoria “países e regiões”, referida comunidade não apresenta em sua descrição a opção “dono”, mas traz como moderadores alguns de seus membros. Editada em português como idioma original, foi criada em 23 de junho de 2004, somente 5 meses após o lançamento do site Orkut, o que faz dela uma das mais antigas e tradicionais comunidades da rede a respeito do tema “América Latina”.

Apesar de seus sete anos de existência, a comunidade se mantém relevantemente produtiva nas discussões promovidas nos tópicos do fórum permanente, perpassando temas como política, cultura e questões sociais latinoamericanas. A comunidade é ilustrada com um desenho do mapa da América Latina em forma de um tecido com suas partes, coloridas, unidas por um zíper, uma espécie de costura. Ao fundo, uma espécie de nuvem branca realça o mapa escolhido para simbolizar o objetivo de referida comunidade: debater a possível união da América Latina, almejada pelos sujeitos que a compõem.

Nos tópicos dos fóruns, sobre os quais assentaremos nossa análise da construção das RS sobre elementos do mundo latino, tendo à frente a análise da RS sobre a latinidade, estão postados textos dos membros das comunidades tanto em português com em espanhol. A esse respeito, segundo Gioielli (2005):

A experiência colonial na América Latina, na África, na Ásia já havia demonstrado que a dinâmica do confronto cultural não se dá nunca como uma sobreposição simples da cultura do colonizador sobre o colonizado, mas sim que há entre elas um complexo processo de interpenetrações múltiplas cuja forma final, além de plural, é difícil delimitar. (*Idem*, 2005, p. 14).

Deste modo, podemos ver como relevante a possibilidade de observação e análise da dinâmica do encontro entre culturas distintas e híbridas e as RS que elas evocam no discurso de seus representantes em comunidades como a “América Latina Unida”. Assim, a dinâmica das identidades contemporâneas se mostra de modo eloquente nos sites de redes sociais e principalmente nas comunidades dispostas, o que acaba por fazer o Outro, indivíduo da linguagem, um ser muito mais complexo.

Nas comunidades do Orkut se dá de modo muito evidente a representação de grupos por filiação ou associação, atraídos por temáticas que lhes são relevantes, mediante as novas formas de sociabilidade que a WEB. Segundo Uchôa-Fernandes et al. (2010):

O próprio gesto de filiação nessas comunidades sugere um conflito íntimo de um sujeito dividido entre o *um* e o *outro*, entre sua língua e a língua do outro, e que lança mão de modos de dizer que nos remetem muito mais à resistência/defesa do que a uma postura de ataque à alteridade. É como se esse sujeito buscasse, por meio do gesto de filiação a um grupo e seu modo de dizer, a preservação de uma identidade, de um status e de um papel que, em suas representações de língua, são atributos da língua materna, aquela que o constitui na gênese. (*Idem*, 2010, p. 104).

A filiação a que se referem os autores reforça a ideia de que fazer parte de uma comunidade no Orkut é muito mais que estar em uma comunidade pelos textos que ali são produzidos. Cada um desses textos traz em si um modo muito específico com que cada sujeito engendra em seu dizer as RS que constrói, sendo o discurso como elemento constitutivo das práticas sociais, não somente visto em totalidade, mas visto também decomposto em estruturas evidenciadoras de investimento ideológico, as estruturas ideológicas.

Como na linguagem diferenças são estabelecidas e confirmadas, as identidades e as RS são construídas e reforçadas pelo contexto cultural em que os sujeitos estão inseridos. Assim, nas análises a que nos propomos, objetivamos investigar principalmente como os membros da comunidade “América Latina Unida” representam socialmente a latinidade como sentimento de pertencimento à cultura latinoamericana. Nesta perspectiva, sabe-se que:

A ideia de compartilhar experiência, conviver, observar a ação do outro, resignificar o discurso do outro, manter contato com outros sujeitos e compartilhar relatos sobre o mundo é a imagem da construção e aprendizagem social em rede, neste caso uma rede virtual de pessoas com objetivos e gostos muito similares. A informação, nesse panorama [...] não fica ausente no processo relacional. (SEGATA, 2008, p. 14).

É neste espaço destinado a compartilhar experiências que se pode ver que a construção de RS ultrapassa os limites das interações no mundo físico, relativizando a polaridade dicotômica entre o local e o global posta por muito estudiosos como modo de caracterizar o Ciberespaço (SEGATA, 2008). O Orkut em si, e suas comunidades por extensão, representam uma das dimensões vivenciais mais claras das experiências na WEB.

Caracterizadas como espécies de “links sem fim”, pelo modo de associações de links infinitos possibilitados pelos hiperlinks, as comunidades são construtos interativos que abrigam muito mais que textos, abrigam sensações e visões de mundo de sujeitos que atuam e

se constituem numa constante recriação de si no Ciberespaço. Por esse motivo, tais construtos são um produtivo ambiente para investigação de práticas discursivas situadas e, por consequência, para a investigação de representações sociais analisadas através dos índices linguísticos ideológicos que constituem a base de análise desta pesquisa.

## **2.3. REPRESENTAÇÕES SOCIAIS: CONSTRUTOS IDEOLÓGICO-DISCURSIVOS**

### **2.3.1. Representações sociais: epistemologia em uma perspectiva interdisciplinar**

Nesta parte dos fundamentos teóricos, em um primeiro momento nos dedicaremos com mais ênfase aos estudos de Serge Moscovici (1976) como proponente da perspectiva de base da TRS sobre a qual todos os outros autores se voltaram subsequentemente, seja em forma de crítica, em aperfeiçoamentos ou redimensionamento epistemológicos. Deste autor contemplaremos os princípios hermenêuticos, as influências de leitura e os procedimentos de análise em sua pesquisa sobre as RS sobre a Psicanálise, além de outros elementos representativos de sua investigação sobre o que ele mesmo denominou como “objetos de pensamento”.

Em um segundo momento, contextualizaremos as propostas de investigação de Jodelet (2001), Abric (1994) e Flament (2001), nas perspectivas dimensional e genética de estudo das RS, de modo mais objetivo, com a finalidade de oferecer ao leitor uma visão clara das propostas que conduziram os estudos das RS pós-Moscovici (1976). No entanto, ressalve-se, não nos deteremos na descrição da pesquisa destes autores, dada a larga bibliografia a esse respeito<sup>11</sup>.

Assim, nos centraremos nos pontos que, direta ou indiretamente, foram preponderantes para o delineamento metodológico de abordagem de nosso objeto de pesquisa. De modo mais detalhado, discutiremos a perspectiva psicossociológica de Willem Doise (2001), ao passo em que discutiremos a proposta de investigação de eventos ideológicos na linguagem (VAN DIJK, 1999), que servirá de base epistêmica para nossos procedimentos de constituição e análise dos dados.

#### **2.3.1.1. Teoria de Base: Serge Moscovici**

A Teoria das Representações Sociais (TRS) proposta por Moscovici (1976) na década de 70 do século XX apresenta-se, na dinâmica dos estudos em Ciências Sociais, como uma investigação em torno da construção das relações dos indivíduos com o conhecimento de um modo geral. Circunscrita aos estudos em Psicologia Social, tal teoria parte de estudos anteriores para sedimentar sua base epistêmica como uma maneira de abordar não só os

---

<sup>11</sup> A respeito de uma visão mais detalhada dos modelos teóricos propostos pelos autores citados ver, dentre outros, Sá (1998), Arruda (2002).

indivíduos em si, mas o modo como se constituem enquanto membros de dados grupos sociais, segundo interesses e ideologias subjacentes a seu pensar, a seu agir e a seu interagir através da linguagem.

Moscovici (1976), em suas análises iniciais, propõe-se a redimensionar o conceito de representações coletivas, proposto por Durkheim (2001), a partir da revisitação crítica das teorias de Piaget (1977) e Vygotsky (2000), dentre outros, sobre o modo como crianças e adultos representam o conhecimento que têm das coisas do mundo. O teórico de base das RS, deste modo, voltou-se para a compreensão dos processos de representação desde a transformação do não-familiar em algo familiar (MOSCOVICI, 1976), pelos grupos, através de processos como a ancoragem e a objetivação<sup>12</sup>.

Este redimensionamento foi necessário, na visão do teórico, devido ao fato de Durkheim (2001) haver proposto uma separação radical em sua teoria entre representações individuais e representações coletivas, o que acabou por contribuir para a crescente crise da teoria nas décadas de 60 e 70 do século XX, principalmente. Além do mais, acreditava-se, à época, que a evolução dos Estudos em Psicologia Social, que entrelaça em sua base epistêmica o social e o psicológico<sup>13</sup> na aquisição do conhecimento, não pudesse se reduzir a uma variante da psicologia proposta por Durkheim (2001), devido a um critério central proposto por Moscovici (1976) em sua teoria: o caráter dinâmico das RS.

Em sua pesquisa, Moscovici (1976) investigou as transformações dos pensamentos erudito e popular, focalizando a socialização da Psicanálise junto à população parisiense do final dos anos 50. Nesta investigação, o teórico contribui para o redimensionamento do conceito de senso comum, problematizando o espaço do popular como conhecimento válido, relativizando o conhecimento científico como o único legitimado ao longo da história da humanidade. Através da abordagem em torno aos processos de objetivação e ancoragem, contribuiu de modo significativo para a análise do que acontece na

---

<sup>12</sup> O processo de transformação do não-familiar em familiar a que nos referimos, assim como seus processos de ancoragem e de objetivação, foram inicialmente discutidos por Moscovici (1971) na versão de base da TRS a respeito da Psicanálise e serão discutidos com mais clareza adiante.

<sup>13</sup> As proposições de Moscovici a respeito da projeção psicológica da RS não devem ser confundidas com a visão cognitivista de processamento das informações, na visão psicolinguística ou neurolinguística, tampouco com a cognição social como era compreendida à época. Uma discussão mais detalhada sobre a cognição social nesse tipo de estudo será feita em van Dijk (1999).

mente dos sujeitos quando dados novos e, portanto, estranhos, no nível mental, transformam-se em dados assimilados e, portanto, familiarizados.

Sabe-se que, na dinâmica de constituição e funcionamento das representações sociais, o sentido de “outridade” (alteridade em outras palavras) permeia as relações de categorização do conhecimento cotidiano, aspecto cognitivo inerente a qualquer sujeito social, e todos os sujeitos o são por natureza. Moscovici (1976), deste modo, propõe-se a investigar como o individual se projeta no social, e vice-versa, na organização cognitiva do pensamento e das informações a ele atreladas.

Neste tocante, é importante por em relevo que o sujeito de que estamos falando se constitui como um ser eminentemente interativo, no sentido de que faz uso da linguagem para se constituir também como sujeito do discurso, ou seja, usuário da linguagem verbal como instrumento de disseminações de suas ideologias e projeções perlocucionárias. É o sujeito real, pragmático, cotidiano, usuário dos meios de comunicação dispostos no contexto da modernidade.

Na visão de Moscovici (1976), em ampliação ao conceito de Durkheim (2001), representações sociais passam a ser investigadas como meios de comunicação pelas quais se dão as interações sociais (e, em consequência, verbais) de um modo geral, na construção do conhecimento, e sua gênese, a partir dos estudos em Psicologia Social.

A ampliação do emprego da expressão dá às RS características de um fenômeno social, linguístico e discursivo, e não somente um conceito (MOSCOVICI, 2003), haja vista o caráter dinâmico (e não estático como pensava Durkheim (2001)) que lhes outorgou Moscovici (1976). Esta dinamicidade a que nos referimos está diretamente relacionada ao processo de “familiarização” das RS, cujo objetivo consiste em “tornar familiar o não-familiar” em um processo de estabilização do conhecimento.

A visão interdisciplinar da investigação em Psicologia Social, ao lançar ponte entre a Sociologia, a Psicologia e a Antropologia, contribuiu para a substituição, por Moscovici (1976), do termo “coletivo” por “social” na teoria das RS, na medida em que tais representações se caracterizam por ser um processo pelo qual são elaboradas diversas estruturas do conhecimento estabilizado. Moscovici (1976) aponta que é exatamente neste



aspecto que a teoria se diferencia da Cognição Social, tal como era concebida à época, tendo como propósito a própria “familiarização” das ideias.

Deste modo, quando nos reportamos ao aspecto linguístico das RS, afirmamos que a linguagem se manifesta como uma faculdade do pensamento responsável pelo modo como interagimos (e representamos) a nós mesmos, aos outros e ao mundo em uma perspectiva ampla. Esta faculdade do pensamento é responsável pelos processos de categorização conceitual através do qual nos organizamos no que diz respeito à vasta quantidade de informação nova a que temos acesso todos os dias em nosso cotidiano.

O sujeito em si passa a ter lugar de atenção e destaque na teoria, uma vez que ele (o sujeito), no arcabouço epistemológico das RS, adquire uma capacidade de definição através de uma função identitária que apresenta enquanto integrante de determinados grupos sociais. E este caráter funcionalmente identitário das RS foi sempre levado em conta nos mais diversos “ensaios conceituais” em que empreenderam estudiosos da área ao longo dos anos com o objetivo de analisar este complexo fenômeno da configuração humana e social.

Apesar de o próprio Moscovici (1976) ter dedicado muitos anos de sua pesquisa a evidenciar a complexidade de se tentar conceituar este fenômeno, muitos estudiosos, e até mesmo Moscovici (1976), empreenderam em alguns ensaios que apontaram para um possível modo não de definir, mas de traçar características que sinalizassem para a configuração de um quadro que situasse este fenômeno entre os de caráter social mais definido na história das Ciências Sociais e dos estudos linguísticos. Deste modo, Moscovici (1976) define que uma representação social identifica-se como:

Um sistema de valores, ideias e práticas, com uma dupla função: primeiro, estabelecer uma ordem que possibilitará às pessoas orientar-se em seu mundo material e social e controlá-lo; e, em segundo lugar, possibilitar que a comunicação seja possível entre os membros de uma comunidade, fornecendo-lhes um código para nomear e classificar, sem ambiguidade, os vários aspectos de seu mundo e da sua história individual e social (*Idem*, 1976, p. 21).

Através das palavras de Moscovici (1976) é possível depreender alguns dos processos pelos quais os indivíduos tratam de representar as coisas do mundo: a nomeação e a classificação, com destaque para o aspecto comunicativo de que trata o autor ao se referir a tais processos. O sistema de crenças, valores, ideias e práticas em que consistem as representações sociais coaduna-se com a perspectiva discursiva de abordagem das RS, e com os processos mencionados, uma vez que a linguagem se manifesta como instrumento das mais

diversas ideologias residentes no mais inconsciente de nossas mentes e que podem se manifestar através de marcas deixadas pelos sujeitos em seus discursos (VAN DIJK, 1999).

Pela “grande teoria” proposta por Moscovici (1976), é através dos intercâmbios comunicativos que as RS são estruturadas e transformadas. E é exatamente através da comunicação que se podem analisar as RS como forma de comunicação, voltando-se para a perspectiva de análise da Psicologia Social Genética, entendendo ser na origem das RS que residem muitos dos aspectos fundamentalmente importantes para entender seu funcionamento nas relações sociais, relevando sua força e suas formas de intervenção na vida dos indivíduos e nos mais diversos modos de organização da vida em grupo, através das quais se projetam sentidos diversos, linguísticos e extralinguísticos.

Os pesquisadores em Psicologia Social, nos limites de investigação da mente e do comportamento humano, durante anos se dedicaram ao estudo das manifestações do pensamento científico, partindo do pressuposto de que os seres humanos usam sua percepção para interpretar as mais diversas representações a que estão expostos em seu dia-a-dia. Em síntese, pode-se dizer que as RS possuem pelo menos duas funções básicas que podem ser vistas em seu funcionamento no seio de uma sociedade.

A primeira delas é convencionalizar os objetos de mundo, pessoas e/ou acontecimentos, dando-lhes uma forma definitiva e alocando-as em uma dada categoria. A segunda é se impor, de modo prescritivo, sobre nós, sobre nossas mentes e sobre nossos discursos, de forma “irresistível” (1976), decretando, muitas vezes, o que e como devemos pensar sobre dada informação.

Jahoda (1990) afirma que o caráter prescritivo das RS faz com que elas não sejam necessariamente identificáveis no pensamento das pessoas em geral, mas que o caráter científico de abordagem de tais representações, aliado a um percurso metodológico coerente, pode sim ser revelador de aspectos de processamento da mente humana característicos do modo como cada um de nós entende e preconcebe o mundo e seus elementos principais.

De fato, analisar como categorizamos as informações a que somos expostos a todo instante no mundo implica necessariamente assumir que o pensar, o agir e o enunciar são atividades humanas e ideológicas, ou seja, com forte caráter social. No entanto, a proposta de

Durkheim (2001) opôs de modo muito direto os aspectos individuais e sociais de processamento e socialização de informações a respeito do mundo, dicotomizando-as até.

E, como as RS acabam por se apresentar como “criaturas do pensamento que terminam por se constituir em ambiente real, concreto”, ou seja, “nada mais que ideias, realidade inquestionáveis que têm de ser confrontadas” (MOSCOVICI, 1976, p. 35), pode-se afirmar que estas representações não são criadas por um indivíduo isoladamente, mas que grupos as criam e as gerenciam através do “contrato de cooperação interacional” que traçam entre si.

Antes tidas como um conceito, as representações sociais, a partir das ideias de Moscovici (1976), passam a ser concebidas como um fenômeno social de caráter psicológico e diretamente presente nas projeções discursivas. Além do mais, devem ser vistas como uma maneira específica de comunicar o que os seres humanos em geral já sabem e como um modo pelo qual nossas mentes corporificam ideias, em um complexo processo de categorização do mundo e de todos os elementos que o cercam, como dito. De clara natureza consensual, as RS podem em sua constituição revelar a natureza verdadeiramente ideológica das ideias, por isso o estudo de tais fenômenos tem se tornado área de interesse de sociólogos, historiadores, cientistas sociais, antropólogos, dentre muitos outros.

As RS, vistas como uma “atmosfera” em relação aos grupos em geral, são elaboração típicas da constituição da vida em sociedade, em determinados aspectos. Deste modo, é possível afirmar que o pensamento social deve mais à convenção e à memória do que à razão, haja vista que o consenso, a convenção, é um processo que revela a necessidade do ser humano de se familiarizar com as ideias e os pensamentos novos a que se expõem em seus eventos discursivos e interacionais.

No nível do processamento das informações e da gênese do conhecimento na mente dos seres humanos, segundo Moscovici (2003) são responsáveis pela geração das representações sociais os processos de ancoragem e de objetivação. Estes processos também foram levados em consideração na execução de pesquisas posteriores, a exemplo de Jodelet (1984), dentre muitos outros teóricos que se debruçaram sobre o tema.

A exemplo dos processos de nomeação e categorização, ancoragem e de objetivação são operações mentais evidenciadas no discurso desde o modo como cada um de

nós concebe e organiza o mundo que nos cerca em nosso repertório linguístico, através de nossas memórias social e discursiva. Diante das informações novas a que temos acesso todos os dias, estes processos as estabilizam, transformando-as em conhecimento adquirido e a nós familiar.

O primeiro dos referidos processos, a ancoragem, consiste em classificar, dar nomes, ou seja, “ancorar” ideias até então estranhas, ou seja, não familiares, ao repertório informacional do indivíduo, redimensionando as ideias comuns e colocando-as em um contexto familiar (processo de familiarização). Por outro lado, a objetivação, segundo dos referidos processos, consiste em transformar algo abstrato em algo quase concreto, através do processo de nomeação na maioria das vezes.

A objetivação, enquanto processo importante da geração de RS no acervo de dados do conhecimento humano, une a ideia de não-familiaridade à de realidade, atuando na formação da verdadeira essência da realidade (MOSCOVICI: 1976, p. 54). Neste processo, ainda a nível mental, as imagens se tornam elementos da realidade, de modo quase concreto, ao invés de elementos do pensamento, de modo abstrato. Daí a expressão “objetivação” evocado para nomear este processo.

Quando escrevemos, por exemplo, personificamos a cultura que nos rodeia, pois a própria linguagem nos permite fazer isso. Deste modo, nossas representações, ao tornar familiar o não-familiar, dependem diretamente do trabalho da memória (discursiva e social, no nosso caso), lugar onde estão armazenadas, em forma de “imagens”, símbolos mentais, nossas experiências vividas.

Trata-se do repositório de signos (imagens, sons e seres) que compõem nosso repertório comunicacional, através do qual somos capazes de interagir constantemente, principalmente através da escrita, o que significa dizer que, pelo que verbalizamos por escrito, expomos as estratégias pelas quais compreendemos o mundo e seus elementos constitutivos, em um típico processo de categorização discursiva e psíquica.

Farr, em 1977, depois de já avançados os desdobramentos da pesquisa de Moscovici (1976) a esse respeito, postulou duas relações de causalidade no que se refere à projeção de representações nas relações sociais. A primeira delas, conhecida como “de direita”, salienta que existe uma relação entre a maneira como nós concebemos algo para nós

mesmos e a maneira como a descrevemos aos outros. Por outro lado, a causalidade conhecida como “de esquerda” apregoa que, quando ouvimos ou vemos algo, supomos que isso não é casual, mas que esse algo tem uma causa e um efeito (MOSCOVICI, 1976) expressos em nossas produções discursivas.

Deste modo, afirma-se que o pensamento é bicasual, e não monocasual como se acreditou ser durante muitos anos, principalmente entre os pesquisadores conexionistas da aquisição da linguagem. Uma relação de causa e efeito e uma relação de fins e meios se estabelecem para a execução das projeções de pensamento. Constatações como essa asseveram a afirmação de que as RS são um fenômeno social e não uma ciência propriamente dita.

O primeiro dos processos dá conta de que as pessoas não agem, pensam ou falam por acaso, pois tudo o que fazem, pensam ou falam corresponde a um plano prévio de execução comunicativa, de modo intencional, mas não necessariamente consciente. Por outro lado, sabe-se que nossas RS são ditadas por nossa educação, nossa linguagem e nossa visão mais ou menos “científica” de mundo.

Segundo a Teoria das Atribuições (MOSCOVICI, 1976), as RS contribuem para a geração de diferentes pontos de vista e ditam as atribuições que cada sujeito direciona aos outros indivíduos e à sociedade como um todo, desde uma relação de causalidade pessoal e situacional. Isso mostra que, do ponto de vista mental, há um incessante movimento do sujeito em direção à compreensão do mundo em totalidade, desde seus aspectos mais concretos, como as coisas em geral, até seus aspectos mais abstratos, como os sentimentos e ideologias manifestas nas relações estabelecidas.

Deste modo, sabe-se que o senso comum é algo compartilhado de modo mais igualitário que qualquer outra coisa do mundo. Durkheim (2001) acreditava, a esse respeito, que a causa de um fato social deve ser buscada em fatos sociais e não nos efeitos da consciência individual, o que justifica a ideia de referido teórico em trabalhar as representações coletivas em sua pesquisa, o que vem a caracterizar a Psicologia Social como ciência do comportamento social para muitos.

A partir da base epistemológica fundada por Moscovici (1976), em seu estudo sobre RS e Psicanálise, outros estudiosos se dedicaram ao redimensionamento da TRS a partir

de novas perspectivas. Em destaque, os trabalhos de Denise Jodelet (2001), Jean-Claude Abric (1994) e Willem Doise (2001) configuram-se como novos momentos da teoria no que diz respeito a bases hermenêuticas e a procedimentos metodológicos. A esses teóricos correspondem, respectivamente, as perspectivas dimensional, genética e psicossociológica de investigação das representações sociais. Conheçamos cada uma das três abordagens.

### **2.3.1.2. Perspectiva dimensional: Denise Jodelet**

Como representante mais direta do pensamento moscoviciano, Denise Jodelet (1984), em sua pesquisa sobre as RS sobre a loucura, deu continuidades aos estudos anteriores a partir de uma abordagem dimensional do fenômeno representacional. Esta abordagem investiga a gênese, a história das RS construídas pelos sujeitos em interação, com o objetivo de compreender os processos pelos quais passa uma RS rumo a sua formação e estruturação no campo representacional em diversas dimensões.

A perspectiva através da qual Jodelet (1984) investiga as RS como um saber compartilhado objetiva compreender de que modo as dimensões de uma RS podem ser investigadas desde alguns procedimentos metodológicos de tratamento dos dados pesquisados, como a análise do conteúdo. Neste procedimento, pesquisas em profundidade, em sua versão dirigida, são elencadas como técnicas de coleta de material. Esta técnica, privilegiada por Jodelet (2001), também foi amplamente difundida pelos estudiosos subsequentes, a exemplo de Abric (1994) e Flament (2001), na investigação de RS de cunho mais estruturalista.

Na visão da autora, faz-se necessário entender, ao invés de dicotomizar, como o pensamento individual se enraíza no social, levando em conta as condições de produção e os contextos de enunciação em uma relação mútua. Assim, RS, no dizer de Denise Jodelet (1991), podem ser caracterizadas como:

Fenômenos complexos cujos conteúdos devem ser cuidadosamente destrinchados e referidos aos diferentes aspectos do objeto representado de modo a poder apreender os múltiplos processos que concorrem para a sua elaboração e consolidação como sistemas de pensamento que sustentam as práticas sociais. (*Idem*, 1991, p. 34).

É através da compreensão dos “múltiplos processos que concorrem para a sua elaboração e consolidação como sistemas de pensamento que sustentam as práticas sociais”

que Denise Jodelet sistematiza a teoria em sua versão primeira proposta por Moscovici (1976), dando-lhe, segundo Sá (1998), uma “feição mais objetiva”.

Como “fenômenos complexos”, sobre os quais está posta a necessidade de uma investigação criteriosa para se compreender os “diferentes aspectos”, ou seja, as diferentes dimensões de uma RS, estes construtos ideológicos são muito bem situados pela pesquisadora como “sistemas de pensamento” que não só “sustentam as práticas sociais”, mas que se constituem nestas práticas.

Com fins à compreensão das RS, Denise Jodelet (2001) dedicou-se a seus estudos a fim de reforçar a base descritiva deste fenômeno. A esse respeito, Sá (1998) afirma que:

A Denise Jodelet deve-se muito, por certo, em termos da sistematização da teoria das representações sociais, na medida em que ela consegue conferir uma feição mais objetiva – ou mais a um estilo científico anglo-saxônico – à retórica excessivamente “francesa” de Moscovici na explicitação daquelas proposições básicas. Mas, além disso, Jodelet nos proporciona algo como a manutenção da ênfase moscovicianiana original sobre a necessidade de assegurar uma ampla base descritiva – de tipo etológico – dos fenômenos de representação social, com vistas a uma contínua elaboração da teoria das representações sociais. (*Idem*, 1998, p. 73).

Assim, e objetivando tornar a TRS mais inteligível para compreensão das práticas sociais desde uma perspectiva científica, Denise Jodelet define a representação como uma “forma de conhecimento prático conectando um sujeito a um objeto” (1999, p. 21) que deve ser descrita de modo amplo com base nos costumes, ou seja, nas práticas sociais dos sujeitos investigados, por isso de “tipo etológico”.

Segundo a autora, uma RS, como fenômeno complexo da mente nos quais se engendra muito do que somos e do modo como concebemos o mundo, uma RS:

- (i) “sempre diz respeito à representação de algo (um objeto ou uma situação) e de alguém (um sujeito ou um grupo de sujeitos)”;
- (ii) “tem com o seu objeto uma relação simbólica (de substituição) e de interpretação (confere-lhe significações)”;
- (iii) “é sempre uma forma de saber ou de conhecer” (como forma de organização dos elementos da cognição social) (DIEB, 2004).

Jodelet (2001) contribuiu ainda, de modo preponderante, para os procedimentos metodológicos de estudo das RS no que diz respeito ao papel dado aos suportes sobre os quais se veiculam tais RS. A esse respeito, Sá (1998) afirma que:

Gostaríamos de privilegiar nas contribuições de Jodelet sua ênfase à consideração dos suportes pelos quais as representações sociais são veiculadas na vida cotidiana. Esses suportes são basicamente os discursos das pessoas e grupos que mantêm tais representações, mas também os seus comportamentos e as práticas sociais nas quais estes se manifestam. São ainda os documentos e registros em que os discursos, práticas e comportamentos ficam institucionalmente fixados e codificados. (*Idem*, 1998, p. 73).

Ao oferecer elementos de fundamental importância como o papel do suporte na compreensão das condições de produção na TRS, Jodelet (2001) contribuiu para que a complexidade da teoria passasse a ser tratada em função da base empírica de análise através da qual a autora executou sua pesquisa de cunho etnográfico, desde a investigação das RS vistas a partir de seu convívio com uma população rural de doentes mentais que viviam e trabalhavam naquela comunidade.

Em suma, podemos afirmar que o trabalho de Jodelet (1984) a respeito das dimensões das RS foi imprescindível para o estado atual da teoria, em que novas e sofisticadas técnicas e metodologias, além de desdobramentos teóricos, fazem com que os estudos avancem em direções diversas reafirmando o caráter interdisciplinar da teoria, que cada vez mais se mostra coerente com os propósitos de investigação social que são caros aos pesquisadores modernos.

Posterior a Jodelet (1984), os estudos de Abric (1994), ao lado das investigações de Flament (2001), reforçaram a ideia de as RS são de fato objetos salientes do ponto de vista da sociocognição e que podem ser investigados com relação a seus elementos divididos em núcleos (Teoria do Núcleo Central). A visão desses autores será contemplada a seguir de modo objetivo e sistemático.

### **2.3.1.3. Perspectiva genética: Jean-Claude Abric**

Jean-Claude Abric (1994) inaugura nos estudos de RS uma perspectiva mais estruturalista de investigação, oferecendo, à época, uma proposta complementar aos estudos de Jodelet (1984) sobre as dimensões das RS desde a análise de conteúdo de dados coletados a partir de entrevistas em profundidade, sendo tais entrevistas geradas, no caso da autora, em



perspectiva etnográfica, ao lado de sua observação participante junto aos sujeitos investigados.

Proponente da Teoria do Núcleo Central, Abric (1994) investigou a estruturação das RS, através do processo de objetivação. A partir de procedimentos quantitativos e qualitativos de coleta e análise de dados, como a técnica de associação de palavras, o teórico, em sua pesquisa, investigou as RS do artesão e do artesanato com um grupo de sujeitos trabalhadores manuais. Para ele, uma RS pode ser entendida como uma organização de informações no nível da cognição, ou seja, um conjunto estruturado de informações, crenças, opiniões e atitudes. Trata-se de um sistema sociocognitivo particular, composto de dois subsistemas (ou núcleos): um central e um periférico.

Para a elaboração deste conceito, o autor postula que, como manifestações do pensamento social, como o acreditavam Moscovici (1976) e Jodelet (2001), as RS organizam-se em núcleos relacionados a elementos que as compõem, sendo o núcleo central, constituído pela natureza do objeto representado e pela relação que o sujeito mantém com esse objeto, elemento determinante do significado da representação (função geradora), da organização interna (função organizadora) e da estabilidade (função estabilizadora).

Tendo seu funcionamento regido pelo processo de ativação, o núcleo central é constituído por elementos normativos, ou seja, valores codificados na interação, e elementos funcionais, ou seja, relativos a sua função nas práticas sociais. Destaque-se que, em sua caracterização, podemos dizer que o conteúdo do núcleo central é estável e não varia em função do contexto. No entanto, alguns elementos do núcleo central são ativados diferentemente dentro de dados contextos sociais pela questão das práticas sociais a eles relacionadas.

Flament (2001), outro teórico com visão estruturalista do fenômeno representacional, endossa a TRS mostrando que, ao lado do núcleo central, existem elementos periféricos que podem ser considerados esquemas importantes no funcionamento das RS. Referido estudioso reforça a validade de técnica de coleta e tratamento de dados como a associação de palavras e exercícios de memorização com o objetivo de compreender as RS engendradas nos núcleos estruturantes.

Deste modo, podemos afirmar que as RS refletem uma estrutura cognitiva na qual são formulados e organizados os núcleos a que nos referimos desde seus elementos constitutivos. De modo sistemático, a proposta de Abric (1994) e Flament (2001) apregoa que as RS comportam esquemas periféricos, estruturalmente organizados em torno a um núcleo central, considerado a própria entidade das RS, circundado por elementos periféricos, considerados elementos importantes no funcionamento das RS.

Como “a simples descrição do conteúdo de uma RS não é suficiente para seu reconhecimento e sua especificação”, a investigação em torno à constituição do núcleo central está ligada “às situações de natureza histórica, sociológica e ideológica de um determinado grupo, conjugando também suas normas e valores sociais compartilhados” (DIEB, 2004, p. 45).

Propondo-se a um rigor metodológico, o grupo de pesquisadores da Universidade de *Aix-en-Provence*, conhecidos como o *Grupo do Midi*, do qual Abric (1994) fazia parte, marcaram a perspectiva genética (ou dinâmica) de estudo das RS uma vez que em suas pesquisas, após identificados os elementos dos núcleos central e periférico, percebeu-se que se tornava mais fácil realizar a descrição da RS e estudar o significado que seus elementos lhe atribuem abrindo espaço para a análise das condições de produção destes fenômenos representacionais, estudo para o qual a abordagem psicossociológica de Doise (2001) foi imprescindível.

A abordagem psicossociológica proposta por Willem Doise (2001) investiga o modo como o contexto social influencia nos processos psíquicos da representação ao mesmo tempo em que os sujeitos se posicionam frente a esse contexto. Abordaremos esta perspectiva com o objetivo de fundamentar nossa investigação em torno às atitudes (posicionamentos) dos latinoamericanos sobre a latinidade pelo processo de ancoragem, através do qual os sujeitos se posicionam discursivamente.

E é no discurso que desejamos compreender como as estruturas ideológicas se constituem como índices linguísticos responsáveis pela construção da RS sobre a latinidade no site de redes sociais Orkut, mais especificamente na comunidade temática investigada, a partir de tais atitudes. Através deste procedimento metodológico, acabamos por realizar o alinhavado teórico entre a TRS e os ECD, como proposto em nossa base epistêmica.

#### 2.3.1.4. Perspectiva psicossociológica: Willem Doise

Doise (2001), representante da Escola de Genebra, parte do conceito de atitude oriundo da Psicologia Social e, ao contrário de Abric (1994), concentra-se na ancoragem como processo responsável pela geração do fenômeno representacional. A atitude, nesta visão, é tratada como um construto derivado da associação entre valores sociais, próprios da coletividade, ou seja, da vida em grupos, e atitudes psicológicas, inerentes aos indivíduos integrantes desses grupos. Posteriormente, as pesquisas em Cognição Social imprimiram um ar mais interdisciplinar ao estudo das atitudes, deslocando-o da Psicologia Social para outras áreas do conhecimento.

A partir de sua investigação sobre as RS dos Direitos Humanos, o teórico pesquisou como as inserções sociais concretas dos sujeitos condicionam suas representações, vistas como tomadas de posição simbólica entre indivíduos e grupos. Interessado em compreender as concepções ideológicas dos sujeitos e sua relação com a construção das RS, Doise (2001) postulou as atitudes como “tomadas de posição simbólica” pelos sujeitos com relação ao objeto representando.

Referido teórico distingue níveis possíveis de análise em Psicologia Social sobre a hipótese de que diferentes membros de dado grupo partilham certas ideologias, diferenciando-se entre si nas relações que mantêm no campo de RS construído, através do qual é possível entrever as experiências sociais, as relações grupais (ideológicas) e as atitudes.

Tais níveis são sistematizados pelo autor em: (i) intrapessoal, relacionado ao modo como cada indivíduo organiza em seu repertório comunicacional as RS que constrói; (ii) interpessoal/situacional, relacionado ao momento da construção das RS na dinâmica da comunicação entre sujeitos, (iii) posicional, relacionado às atitudes dos sujeitos com relação ao objeto de representação e a suas condições de produção e (v) ideológico, relacionado à compreensão da construção de RS na dinâmica de funcionamento de grupos (JODELET, 2001).

Grande parte das pesquisas em RS tem se ocupado dos dois primeiros níveis. No entanto, as duas últimas perspectivas de análise apresentadas nos interessam diretamente na construção da metodologia de nossa pesquisa por julgarmos ser a RS sobre a latinidade em

suas manifestações no discurso dos sujeitos latinoamericanos fator preponderante na formação de grupos (ideológicos) em torno à ancoragem da noção de “ser latino”.

Esta noção é construída em situações específicas (condições de produção), em termos sociais, linguísticos, políticos e culturais, dentre outros, nos quais os sujeitos investigados se posicionam, enquanto membros do grupo social, com relação aos desdobramentos dessa latinidade assumida como traço identitário da nação latinoamericana, tantos os falantes de língua espanhola, como os brasileiros, falantes de língua portuguesa.

Na visão de Doise (2001) sobre o fenômeno representacional, destacamos a concepção do autor de que RS são entendidas como:

Um conjunto organizado de opiniões, de atitudes, de crenças e de informações referentes a um objeto ou a uma situação determinado ao mesmo tempo pelo próprio sujeito (sua história, sua vivência), pelo sistema social e ideológico no qual ele está inserido e pela natureza dos vínculos que ele mantém com esse sistema social. (DOISE, 2001, p. 156).

A conceituação de Doise (2001) a respeito das RS revela a percepção do autor sobre os comportamentos intergrupais, de interesse da presente pesquisa, na tentativa de compreender como os processos de categorização social guiados pela ancoragem intervêm na interação entre grupos, evidenciando que de fato as RS precedem a interação, alicerçando-a em contextos ideológicos de produção discursiva, precedendo também a ação, predeterminando-a.

Fundada neste raciocínio está a concepção de RS como “uma ação sobre a realidade” (DOISE, 2001). Na medida em que refletem uma estrutura cognitiva, ou seja, um construto em torno das estruturas mentais evidenciadas pelas EID de que fala van Dijk (1999), as RS contribuem, sócio e cognitivamente, para construção de conhecimentos pelos processos de elaboração de RS, que por sua vez orientam as práticas sociais dos indivíduos em geral, na condição de membros de grupos sociais.

Em busca do princípio organizador das RS em sua proposta psicossociológica, Doise (2001) constatou que não casualmente se instaura o sentimento de pertença de um indivíduo a um grupo, já que “cada indivíduo tem vários grupos de pertença: alguns deles servirão mais de pontos de ancoragem de suas opiniões e crenças que outros” (DOISE, 2001, p. 57). Deste modo, para o teórico, o sentimento de pertença de um indivíduo a dado grupo

social se dá por questões ideológicas, ou seja, por traços de compartilhamento de crenças, interesses, atitudes, opiniões e visões de mundo.

No caso específico de nossa pesquisa, os sujeitos investigados, ao se filiarem espontaneamente às comunidades temáticas de sites de redes sociais na WEB, constituem seus “grupos de pertença” e, por conseguinte, passam a integrar grupos sociais. Ao investirem em discussões nos fóruns abertos, estes sujeitos expõem suas “opiniões e crenças” revelando, deste modo, suas representações, em especial, nos textos que produzem.

Neste sentido, as postagens analisadas nesta pesquisa relevam os diferentes temas que uma categorização como “ser latino” assume para os membros do grupo analisado na interação contextualizada nos sites de redes sociais. Deste modo, as RS construídas mostram como os indivíduos dispõem de processos que lhes dão condições de atuar em sociedade e como as ideologias orientam o funcionamento desses processos.

Muitas vezes lançando mão de métodos estatísticos correlacionais, Doise (2001) fundamentou a perspectiva psicossociológica de investigação do universo consensual visto como uma modalidade do saber gerado através da comunicação, na vida cotidiana, com a finalidade de orientar os comportamentos e atitudes em situações reais concretas, evidenciando o “quem sabe” e o “de onde sabe”, ou seja, evidenciando as condições de produção das RS.

Van Dijk (2003), ao propor um modelo de análise contextual das ideologias, trata o “quem sabe” e o “de onde sabe” problematizado por Doise (2001) a partir da investigação de elementos como os “papeis sociais”, o sentimento de “pertencimento”, as “circunstâncias” e a referência aos “outros sociais”, todos expressos pelos atores sociais no momento da enunciação. Estas categorias mostram-se relevantes na análise a que nos propomos, uma vez que se mostram como elementos reveladores do modo pelo qual os sujeitos investigados evidenciam suas atitudes sobre o objeto representado.

Segundo Celso Pereira de Sá (1998), na definição de RS de Doise (2001), “à qual se integram proposições de Pierre Bourdieu” vê-se que “representações sociais são princípios geradores de tomadas de posição ligados a inserções específicas em um conjunto de relações sociais e que organizam os processos simbólicos que intervêm nessas relações” (DOISE,

2001, p. 65), o que revela de fato a influência do metassistema social sobre o sistema cognitivo. Ainda segundo Sá (1998):

A posição ou inserção social dos indivíduos e grupos é aí um determinante principal de suas representações, o que leva Doise inclusive a interpretar o conceito de ancoragem diretamente em relação à classe ou estrato social em que a representação é construída. Em outras palavras, se a ancoragem se dá em relação a um pensamento preexistente, trata-se sempre de um sistema que se constitui e opera no âmbito de uma determinada posição no campo social. Esta é, pois, uma perspectiva que nos parece potencialmente útil para o jovem pesquisador que esteja muito preocupado em não perder de vista os aspectos mais explicitamente sociais – coletivos e ideológicos – das representações. (*Idem*, 1998, p. 75).

É exatamente sobre “a posição ou inserção social” dos indivíduos e grupos latinoamericanos que objetivamos compreender como se dá a construção da RS sobre a latinidade como sentimento de pertença aos grupos de cultura latina. Daí a necessidade de não “perder de vista os aspectos mais explicitamente sociais – coletivos e ideológicos – das representações”, motivo pelo qual adotamos como princípio metodológico a perspectiva psicossociológica de Doise (2001).

A partir desta perspectiva, constituiremos uma base de análise em torno aos índices linguístico-discursivos, as EID, responsáveis pela construção de tais RS. Para tal, abordaremos o caráter ideológico e discursivo das representações, embasando-se na Teoria Interdisciplinar da Ideologia proposta por van Dijk (2009) a fim de evidenciar como estruturas linguístico-discursivas contribuem para a elaboração de RS.

### **2.3.2. Representações sociais: construto ideológico**

Teun A. van Dijk, professor da Universidade Pompeu Fabra, de Barcelona, na Espanha, desde 1999, tem trajetória intelectual marcada pelos estudos sobre a tríade conceitual sociedade – discurso – cognição e sua relação com as práticas sócio-discursivas situadas. Referido teórico enfatiza em suas investigações o aspecto social e ideológico em sua visão inerente ao discurso, a partir da investigação de categorias denominadas pelo autor como EID.

Para a compreensão de referidas estruturas, partimos da noção de ideologias como crenças socialmente compartilhadas por grupos adquiridas, utilizadas e modificadas em situações sociais concretas (VAN DIJK, 1999). Neste sentido, o estudo da ideologia em textos se dá a partir da abordagem combinada entre os fatores cognitivos e sociais envolvidos no processo de enunciação verbal.

As ideologias, enquanto construtos de ordem cognitiva, projetam-se em direção aos interesses e recursos de grupos e de seus membros na organização e no manejo de seus objetivos e práticas sociais, na partilha de elementos essencialmente sociais. A noção de ideologia da qual estamos tratando não parte necessariamente da tradicional noção proposta por Marx, próxima da ideia de “ilusão”, para se entender a situação da luta de classes, como por exemplo, tampouco da noção que lhe confere Althusser ao tratado dos Aparelhos Ideológicos (SOUSA FILHO, 2009), mas sim da noção de formações sociais específicas, a exemplo das ideologias dos grupos machistas ou feministas, latinos ou ingleses.

Neste tocante, concebemos o termo “ideologia” como forma de sedimentação de crenças de grupos nas relações sociais, por vezes remetendo-se à ideia de legitimação de poder, ou do discurso do poder, como o entendia Bourdieu (SOUSA FILHO, 2009), modificada a partir dos interesses dos membros desses grupos em seu processo de afirmação. Trata-se de uma noção que, indiretamente, legitima a noção de ideologia como “cimento social”, nos termos de Durkheim.

Ressalve-se que, quando nos reportamos a grupos, não estamos falando de qualquer congregação de pessoas reunidas para fins quaisquer. Estamos, na verdade, reportando-nos ao conceito de grupos ideológicos, ou seja, congregação de pessoas reunidas por motivos sociais, políticos em direção à defesa dos interesses desse grupo. Na TRS, geralmente a esta congregação de pessoas dá-se o nome de grupos sociais.

Tais motivos são específicos e, em geral, são influenciados por interesses comuns, como traços culturais, o que faz com que os membros desse grupo interajam com outros e, assim, seus projetos de ação coletiva, interesses, objetivos, crenças e visões de mundo possam ser compartilhados.

No que se refere às questões identitárias inerentes à constituição das RS como construtos ideológicos, os membros que formam referidos grupos são movidos por sentimentos de pertencimento às congregações a que se filiam, haja vista que um conjunto de pessoas constitui um grupo se, e somente se, como coletividade, compartilharem RS, já que, para os membros, isso significa parte de sua identidade pessoal poder estar associada a uma identidade maior, a identidade do grupo em si com os quais tais membros compartilham crenças, ideias, opiniões e atitudes com relação aos objetos do mundo enquanto potenciais objetos de representação.

Uma vez que as representações sociais alicerçam as ações de membros de grupos que pressupõem uma história comum de experiência, interação e práticas discursivas, os membros agem segundo atitudes, ideologias e valores compartilhados a partir do sentimento de pertencimento, que não é arbitrário, já que os referidos membros compartilham opiniões durante os mais diversos eventos enunciativos em que se inserem como sujeitos do discurso de modo espontâneo, o que faz do material discursivo produzido uma amostra significativa do modo como organizam mentalmente as coisas do mundo, elementos com os quais interagem.

Deste modo, as ideologias e a condição de grupo se constituem mutuamente já que, nos termos em que se insere nossa pesquisa, somente os grupos podem desenvolver ideologias. A definição de grupo, por sua vez, pressupõe não só condições, experiências ou ações socialmente compartilhadas, mas também, e em especial, representações sociais compartilhadas, incluindo ideologias políticas e sociais, por exemplo, daí o fato de muitos grupos ideológicos serem definidos em termos das mesmas representações sociais que apresentam e que se manifestam em suas práticas discursivas contemporâneas.

Além das questões relacionadas à formação de grupos ideológicos segundo as representações sociais compartilhadas, existem recursos simbólicos para a manutenção desses grupos no que se diz respeito a sua institucionalização e a seu funcionamento nas relações sociais. São exemplos desses recursos as categorias para identificações sociais como sexo, profissão, dentre outros, o que faz com o que esse sentimento de grupo seja definido em termos representacionais, haja vista os “papeis sociais dos enunciadoreis” (THOMPSON, 2009).

Outros fatores de ordem social são condicionantes para a formação de grupos ideológicos, como objetivos comuns, a defesa de interesses de grupo, os traços culturais, históricos e sociais que compartilham, dentre outros. Deste modo, pode-se afirmar que um grupo social deve ser mais ou menos permanente, relativamente organizado ou institucionalizado e reproduzido pelo recrutamento dos membros sobre a base da identificação com um conjunto de propriedades específicas.

Ao obedecerem a estes princípios de caracterização, esses grupos passam a ser os mais prováveis representantes para desenvolver ideologias nos termos tratados nesta pesquisa, sempre se fazendo a ressalva de que existem representações mentais e ações coletivas que não



se aplicam necessariamente a todos os membros do grupo, mas sim a elementos particulares dos grupos em questão.

Destaque-se ainda que, a depender de suas histórias, relações com outros grupos, dentre outros fatores, nem todos os grupos compartilham as mesmas ideologias, e em consequência as mesmas RS, já que os grupos só podem ter uma ideologia se pelo menos um número qualificado de seus membros compartilharem das crenças que alicerçam aquela relação grupal.

Interessante destacar que a aquisição das ideologias, e, por conseguinte, das representações sociais, pode-se dar em casos de ingresso de determinados membros àqueles grupos ideológicos já formados e com base de crenças firmadas em seus projetos comuns. Estamos falando de compartilhar no sentido de ter proposições relativamente semelhantes, armazenadas em sua memória social, a serem partilhadas entre os membros dos grupos.

Neste sentido, sabe-se que as ideologias estão organizadas por um esquema de grupo que consiste em categorias fundamentais que codificam os modos através dos quais os membros se definem a si mesmos e aos outros como membros e grupo. Deste modo, pode-se entender que a admissão a grupos ideológicos pode-se dar de duas maneiras: por meio de categorias naturais (desde o nascimento) ou através do ingresso, da adesão àquele grupo a partir do objetivo de compartilhar crenças estabelecidas.

Grande parte dos grupos e suas identidades estão definidas em termos de suas relações com outros grupos, alguns definidos especificamente em termos da posição social de seus membros dentro do grupo, já que há uma estreita interação entre as categorias ideológicas e as dimensões essenciais do acesso social, como o sentimento de pertencimento, as atividades partilhadas, os objetivos e os recursos dos grupos.

Deste modo, no momento em que, através do discurso, os sujeitos se posicionam, fazendo surgir em seus textos as RS construídas na interação, emergem no processo comunicativo determinadas estruturas linguístico-discursivas evidenciadoras das RS construídas em torno aos valores e crenças destes indivíduos circunscritos numa dinâmica de grupos. A essas estruturas linguístico-discursivas dá-se o nome de estruturas ideológicas do discurso (EID), propostas por van Dijk (2003), na constituição de sua Teoria Interdisciplinar da Ideologia enquanto prática discursiva.

Tais estruturas podem ser entendidas como a reconstrução cognitiva, na linguagem, das principais condições sociais para a existência e a reprodução de grupos sociais variados, ou seja, as condições sociais da existência, a organização, a reprodução e as práticas sociais dos grupos e seus membros tanto em dimensões sociais como em dimensões mentais. Revelam, assim, através da carga semântica na qual se constituem, diversos traços pertinentes às condições de produção das RS.

Os grupos e seus membros se singularizam nas práticas sociais (e aqui está claro que o discurso se apresenta como uma dessas práticas) por questões de ordem identitária como: quem são (ou seja, como se veem, como se representam), o que fazem, o que querem, no que creem, onde se localizam (posição social) o que têm ou não têm como valores sociais, como veem os outros com quem interagem, ou seja, como representam, em seu discurso, os objetos do mundo.

Deste modo, a sistematização da noção de grupos sociais (VAN DIJK, 1999) deve contemplar alguns elementos essenciais por nós adotados e redimensionados. São alguns desses elementos:

- (i) o desenvolvimento e o compartilhamento de representações sociais, através das quais os grupos categorizam as coisas do mundo frente a seu repertório de crenças e se identificam como membros daquela congregação ideológica em termos de valores e atitudes;
- (ii) a identificação espontânea dos membros com o grupo, responsável pelas filiações institucionalizadas;
- (iii) a defesa de recursos específicos, como igualdade de direitos e possibilidade de interação efetiva pelo discurso;
- (iv) o estabelecimento e o fortalecimento de relações entre grupos, concretizando-se, por exemplo, na expansão das redes sociais;

(v) a execução de atividades específicas, aliada a pelo menos um objetivo partilhado, como a necessidade de discussão de temas em fóruns abertos no Ciberespaço.

É nestes parâmetros que a noção de “estar entre os seus” se concretiza nas comunidades temáticas do Orkut, contribuindo para que a reprodução das crenças do grupo possa ser evidenciada e analisada por meio do discurso. Este constante “ir e vir” de informações pessoais que são construídas no mundo virtual, condicionado pela quebra de limites geográficos, ao passo em que permite que culturas se encontrem e se tornem híbridas, construtos interculturais, proporciona que as RS possam ser analisadas em um ambiente que favorece os intercâmbios comunicacionais do mundo moderno.

Entendidas como elementos de uma “dialética das relações”, as EID podem-se manifestar, em nível textual, de maneiras diversas e, de modo muito visível, pelas relações estabelecidas entre quem ou o que somos (“nós”) e quem ou o que são (“eles”) os outros, ou seja, pela polarização ideológica do discurso que (VAN DIJK, 1999), por exemplo. Trata-se de um processo pelo qual se manifesta de modo muito evidente a posição fundamental do esquema ideológico, ou seja, a posição dos grupos, ou de membros dos grupos, em relação aos outros, como contrapartidas mais direta das estruturas ideológicas.

Ao pensarmos a polarização ideológica, reforça-se a concepção de discurso como forma refinada de manifestação de RS, como a latinidade, vista como uma RS dos grupos sociais, revelando, deste modo, a função social coordenadora das manifestações ideológicas nas práticas sociais em geral e no discurso em especial, à medida que, via discurso, as ideologias passam a ser instrumentos de coordenação entre interesses e objetivos comunicacionais.

E é no funcionamento das relações sociais que se desvela a dimensão fundamental das ideologias, ou seja, a sua apresentação como forma de expressão e reprodução na interação social em geral e no discurso em particular. O discurso, assim, passa a ser entendido como o modo pelo qual os sujeitos adquirem, constroem, utilizam e compartilham suas crenças, RS ao longo de suas história de vida, divulgando, nos textos que produzem, seus valores e atitudes frente aos objetos do mundo.

Em se tratando especificamente do modelo de análise linguístico-discursivo proposto por van Dijk (1999), pode-se situar as manifestações ideológicas a nível textual em dois níveis principais: o micronível, onde são investigadas a produção e a reprodução das ideologias, e o macronível, onde se investigam os grupos e suas interrelações, ambos com influência nas práticas discursivas situadas em que se manifestam as ideologias de maneira direta ou indireta através das EID. Destaque-se que está se tratando do conceito de discurso com orientação multidisciplinar que combina, para sua análise, aspectos linguísticos, cognitivos, sociais e culturais do texto e da interação em contextos específicos.

Toda a complexidade do processo de análise de RS manifestas via enunciações cotidianas decorre dos não menos complexos conceitos de discurso e ideologia, na relação que se tenta estabelecer nos estudos contemporâneos das Ciências Humanas em geral. Frente à complexidade de um objeto não-físico, é possível oferecer algumas sinalizações para os critérios levados em conta no processo de elaboração do conceito de discurso dentro dos domínios aqui estabelecidos.

A proposta de análise textual de Teun A. van Dijk (1999) parte de um conjunto de categorias com forte orientação textual, dada a experiência do teórico com os mais diversos aspectos vivenciados por ele em suas pesquisas como linguista de texto. Referidas estruturas contemplam os mais diversos níveis de análise textual, perpassando desde aspectos fonológicos até o nível da semântica e da estilística, com forte inclinação para aspectos de análise estritamente discursiva, como a investigação das situações de produção contextuais.

Apresentaremos, de modo objetivo, as EID selecionadas como as categorias mais representativas que orientarão nossa análise a partir de um exame prévio das postagens que compõem nosso *corpus*. Trata-se de estruturas textuais que revelam manobras intencionais, mas não necessariamente conscientes ou monitoradas, dos atores sociais em suas postagens, reveladoras de práticas ideológicas mediadas pela linguagem com fins à construção de RS.

Na metodologia da presente pesquisa, iremos nos deter com mais propriedade na descrição do funcionamento destas estruturas na análise de RS. São exemplos de referidas EID:

1. Aspectos morfológicos: seleção/apresentação de termos e de expressões mediada por questões de crenças e funções ideológicas;

2. Construções sintáticas: relações intencionais na hierarquia sintática da sentença e suas implicações com a projeção de sentido em nível de estruturação de orações e/ ou períodos específicos, a exemplo da polarização ideológica;

3. Elementos semânticos: visto sobre diversas manifestações como: o significado conceitual, a intenção e a referência; o significado e a interpretação referida no léxico, por exemplo; as proposições, como o significado de cláusulas e orações;

4. Estruturas retóricas: apropriação, no texto escrito ou na conversação face a face, de determinadas figuras retóricas, a exemplo da ironia ou do eufemismo, além de outros efeitos de sentido pretendidos;

5. Estratégias de controle do discurso: promoção de determinadas enunciações a partir de tomadas de posição (posicionamentos) clara ou subentendida, em direção a um ou mais enunciadores.

Tais estruturas, quando analisadas com fins de interpretação das ideologias correntes em nossa vida, à luz das condições em que surgem nas mais diversas práticas discursivas em que podem ser encontradas (VAN DIJK, 2003), relevam que o contexto assume posição de relevância na medida em que passa a ser entendido como conjunto de estruturas de todas as propriedades de uma situação social que são possivelmente pertinentes para a produção, as estruturas, a interpretação e as funções do texto e da conversação.

Em nossa análise, na perspectiva das atitudes dos sujeitos analisados sobre a latinidade, propomo-nos a recorrer ao modelo de análise contextual de cunho ideológico proposto por van Dijk (2003), a partir de questões como:

1. Circunstância, pela exposição de condições sociais específicas no discurso;
2. Papeis sociais, revelados pela posição social assumida pelos enunciadores;
3. Pertencimento, pelo sentimento de fazer parte de grupos sociais;

#### 4. Referência aos “outros sociais”, através dos referentes no discurso;

Nessa perspectiva, as EID surgem na análise linguística como conjunto de índices do investimento dos sujeitos em suas práticas ideológicas, crenças e opiniões, através de aspectos cognitivos e sociais do discurso, tendo como destaque a importância de se entenderem as condições contextuais e precisa de enunciações de dados efeitos ideológicos. Assim, pensar as RS como uma manifestação ideológica é dar conta de um dos aspectos mais pertinentes deste fenômeno social: a relação do conhecimento construído frente aos grupos que se formam ideologicamente.

### **2.3.3. Representações sociais: construto discursivo**

De modo amplo, pode-se dizer que o discurso, como veículo de práticas ideológicas de natureza diversa, pode ser entendido de várias maneiras, tais como:

- (i) evento comunicativo específico, através do qual atores sociais investem em uma situação de uso real da língua, ou seja, do código linguístico;
- (ii) conjunto de objetos particulares de enunciação, ou seja, ocorrências enunciativas específicas (ou “tokens”);
- (iii) gênero específico da comunicação, como o discurso político, o discurso religioso, dentre outros, ou
- (iv) código semiótico, recorrendo, para esta acepção, a questões de ordem cognitiva, já que se fala em semiótico no sentido de ser o discurso uma mediação entre a imagem mental e a projeção acústica intencionalmente composta de substância temática (VAN DIJK, 1999).

As mais diversas possibilidades de se entender o discurso apresentadas sinalizam para o fato de que é típico de um enfoque analítico discursivo das ideologias e de sua reprodução que as crenças compartilhadas por grupos não estejam relacionadas simplesmente às formas indiferenciadas de texto, mas que se projetem em diferentes níveis e dimensões do discurso, com suas próprias estruturas e estratégias. Assim, mais que adotar um conceito de

discurso, optamos por problematizar os mais diversos aspectos levados em conta para a conceitualização desta prática social.

Discurso, para nós, deve ser entendido como prática social de comunicação, eminentemente ideológico, pois erigido em crenças de grupos sociais e de seus membros, produzido em processos de ordem cognitiva, através do qual se constroem representações sociais. Nesta definição, evidenciamos tanto a complexidade do processamento do discurso cognitivamente como a complexidade do funcionamento dele nas interações humanas, através das quais damos margem para nossa categorização das coisas do mundo com as quais e através das quais interagimos.

A supremacia do social no discurso hoje é amplamente reconhecida nos campos da epistemologia dos estudos da linguagem. Desse fato resulta o caráter interdisciplinar do estudo das RS nas mais diversas áreas do conhecimento humano, principalmente nos estudos linguísticos. Deste modo, é possível afirmar que sociedade e atores sociais em si criam crenças e ideias sobre eles mesmos e sobre o mundo que os rodeia, haja vista a justificativa do olhar dos fenômenos das formas ideológicas de pensamento e ação coletiva vistas através da conexão entre as intersubjetividades e as produções linguístico-discursivas, de modo a serem as RS transmitidas de uma geração a outra.

Sabe-se, nessa perspectiva, que a teoria das RS é uma teoria geral, ampla, dos fatos sociais e não uma teoria específica dos fenômenos psíquicos, uma vez que a origem das RS está em nossas ideologias apreendidas no bojo das relações sociais, pois, segundo Moscovici (1976), “as ideias e crenças que possibilitam às pessoas viver estão encarnadas em estruturas específicas”, como igrejas, clãs e outros grupos sociais (1971, p. 176). Desenvolvida sobre três aspectos principais, a teoria das RS apregoa a primazia das crenças, a origem e o papel social delas, julgando que as crenças e ideias são produto da interação linguístico entre os mais diversos sujeitos de dada sociedade.

As RS apresentam caráter holístico (LÉVY-BRUHL (1925) apud MOSCOVICI (1976)), dado que não se pode atribuir uma crença/categoria isolada a um indivíduo/grupo sem que entenda esse indivíduo/grupo como um ser/instituição que se mostra pelas práticas discursivas que executa em sua comunicação diária. Além disso, o teórico postula que as RS são construções intelectuais do pensamento relacionadas às emoções coletivas e manifestam-

se nos aspectos mais triviais da linguagem e do comportamento humanos, possuindo, deste modo, coerência e valor.

Um exemplo do modo como essas transformações acontecem no bojo das relações sociais está no fato de o conhecimento popular nos oferecer acesso direto, em sua configuração e funcionamento, às representações sociais. Em se tratando de situações reais de comunicação e interação linguística entre indivíduos diversos, pode-se observar, tanto em eventos de linguagem falada, como de linguagem escrita, que há uma relação estreita entre a projeção de RS e os processos linguísticos de nomeação, categorização e referenciação, este último em destaque nos estudos sobre modos de criação de objetos do discurso através das interações linguísticas cotidianas.

Tendo em mente que as categorias da cultura popular parecem ser inatas, o senso comum acaba por nos permitir analisar como são “armazenadas” em nosso repertório linguístico e em nossa memória social as RS que, em sua observação, ganham posto de fenômeno concreto e observável ao se distanciarem do que se entendeu durante muitos anos por representações coletivas. Nesta relação eminentemente dialógica, o senso comum, entrelaçado com a linguagem humana, acaba por se tornar elemento revelador de nossas relações e de nossas habilidades com o mundo.

Moscovici, em sua publicação de 1976, deu às RS o conceito de “colcha de retalho cognitiva e social”, levando-se em conta o caráter histórico e social das projeções conceituais que executamos sempre que temos acesso a um novo elemento do conhecimento cotidiano. E, como as RS são construídas na mídia, nos lugares públicos, sabe-se que esse processo (de criação das RS), de caráter comunicativo, nunca se dá sem que haja uma mínima transformação do objeto social a ser constituído.

Quando se problematiza a relação estabelecida entre representações sociais, comunicação e compartilhamento da realidade entre os mais diversos atores sociais, assume-se a ideia de que as RS são uma tentativa de criar uma ponte entre o estranho (ou, em outras palavras, não-familiar) e o familiar (processo de familiarização), nas palavras de Moscovici (1976). Em referido processo, de ordem cognitiva e social, todas as RS podem ser consideradas como “objetos do pensamento” através dos quais constituímos nossa visão de mundo e de seus elementos constitutivos.



E é com a finalidade de nos familiarizarmos com o estranho que, na posição de membros de grupos sociais, criamos as RS, responsáveis pela redução da margem de uma possível não-comunicação entre os atores sociais e entre esses e o mundo que os cerca, nos eventos comunicativos diários dos quais participam. É que, na linguagem, produzimos “pontes” que nos ligam ao mundo e seus elementos, condição essencial para que a comunicação como forma de socialização se realize. Deste modo, é possível reafirmamos a finalidade primeira das RS: tornar a comunicação, dentro de um grupo, relativamente “não-problemática” e reduzir o “vago” comunicativo através de certo grau de consenso entre seus membros.

Através da interação entre os membros de grupos diversos, a partir de práticas discursivas situadas como as discussões de temas específicos no Ciberespaço, são formadas as RS desde influências recíprocas em um exposto processo de linguagem, intermediado pela dinâmica da comunicação estabelecida. Compartilhadas, as RS tornam-se elementos ideológicos de interação construídos através da comunicação, ou seja, do discurso em prática.

Sabe-se que as RS constituem a identidade de um grupo. Deste modo, Moscovici (1976) já defendia a investigação do fenômeno representacional via linguagem na vertente de base da TRS, ou seja, pelo discurso constituído e manifesto. Assim, pode-se afirmar que as RS, complexas e necessariamente inscritas em um “referencial de um pensamento pré-existente”, caracterizam-se por serem dependentes de um sistema de crenças, ancoradas em valores, tradições e imagens do mundo e da existência, como objetos de um permanente social no/através do discurso.

Retomando as três funções básicas de um RS: a) ancorar significados; b) estabilizar e desestabilizar situações evocadas; c) criar e manter identidades e equilíbrios coletivos, devemos ressaltar que as duas primeiras funções, de ordem cognitiva, e a última de ordem social, se constituem em direção às práticas de linguagem. Basta que se pense no alcance das projeções linguísticas no mundo físico ao revelarem muito do que está engendrado na mente dos sujeitos. Levando em conta que modos de expressão e formas naturais de raciocínio são instrumentos linguísticos de enunciação de ideologias, acabamos por situar as RS como modos sócio-discursivos de manifestações ideológicas.

Assim, uma análise das estruturas linguístico-discursivas das RS oportuniza a relação entre operações mentais, operações linguísticas e processos sociais, o que de fato

comprova que uma análise profunda do modo como se constroem as RS em uma relação discursiva, notadamente social. Assim, assumimos que o perfil das RS são construtos eminentemente ideológicos, mediados por questões cognitivas, de forte apelo social, evidenciadas pelo discurso manifesto nas interações cotidianas.

### 3. METODOLOGIA DA PESQUISA

Nesta seção, apresentaremos a metodologia desta pesquisa. Para tal, tomaremos como base pontos tratados nos fundamentos teóricos a respeito da noção de latinidade, além de questões relacionadas, como traço de pertença a grupos sociais em redes sociais contemporâneas. O perfil metodológico apresentado, em um primeiro momento, caracteriza a pesquisa quanto a sua abordagem, sua inserção nos estudos linguísticos e sociais e sua natureza epistêmica. Em seguida, discute, para fins de sistematização, a caracterização dos sujeitos analisados como grupo social (VAN DIJK, 2003), condição básica para que se postule a existência de representações sociais.

Logo, segue a apresentação dos procedimentos de coleta, tratamento e análise dos dados, a partir da apresentação do perfil geral do grupo social analisado, levando em conta a sua produção discursiva na comunidade “América Latina Unida” e a constituição de suas redes sociais em se tratando de amigos e comunidades desde os textos (postagens) que compõem o *corpus*, tratando, assim, das categorias de análise selecionadas e dos procedimentos adotados.

#### 3.1. Caracterização da pesquisa

Esta pesquisa caracteriza-se como de base qualitativa, buscando uma abordagem social dos fatos analisados para que se dê conta do objetivo de analisar a RS dos latinoamericanos usuários do site de redes sociais Orkut sobre a latinidade, tratando de evidenciar de que maneira as RS podem ser consideradas um construto discursivo e ideológico analisável a partir de determinadas estruturas linguísticas.

O perfil qualitativo adotado está em consonância com a base hermenêutica de investigação das RS em uma perspectiva psicossociológica, proposta por Doise (2001), na análise das RS pelas atitudes e aos valores atribuídos pelos sujeitos ao objeto representado, através de tomadas de posição, e se realiza ainda em consonância com uma base científica centrada em algumas categorias de análise propostas por van Dijk (1999), as EID, em suas pesquisas sobre práticas discursivas em mídias latinoamericanas em geral.

Para entender alguns traços importantes do fenômeno representacional na produção escrita do grupo social focado, abordaremos o contexto em que se realiza tal fenômeno social desde categorias de análise propostas também por van Dijk (2003) a fim de

abordar as condições de produção de tais RS. A respeito do tipo de pesquisa a que nos propomos nesta investigação, Dieb (2004) afirma que:

Esse quadro comumente designado *abordagem qualitativa de investigação* entende as práticas sociais como atividades humanas carregadas de significados, as quais dão sentido à vida dos atores sociais. Sob a perspectiva dessa abordagem, a pesquisa ganha uma configuração interpretativista e o pesquisador passa a priorizar, desta maneira, o ponto de vista dos atores sociais como o seu principal objeto de estudo. (*Idem*, 2004, p. 33).

Da visão de pesquisa qualitativa de que trata Dieb (2004) interessa-nos de modo especial o fato de que, neste tipo de abordagem, o pesquisador prioriza “o ponto de vista dos atores sociais como o seu principal objeto de estudo”. Nesta investigação, priorizamos o ponto de vista do grupo sobre o objeto de RS, através da investigação das atitudes assumidas e evidenciadas a partir de estruturas linguísticas próprias do discurso de grupo.

Ainda sobre a abordagem qualitativa de investigação de fatos sociais, Dieb (2004) ressalta que:

Dentro dessa postura interpretativista, própria das pesquisas ditas qualitativas, fica impossível para o cientista exercer a mesma neutralidade que se percebe nas ciências naturais. Isso ocorre na medida em que o pesquisador faz uso de metodologias que o levam a se envolver, de alguma forma, com os sujeitos pesquisados na busca pela compreensão do seu ponto de vista sobre o fenômeno a ser estudado. Embora essa seja uma das características mais conhecidas da pesquisa qualitativa, existem ainda outras peculiaridades que podem e devem ser observadas para que se classifique um estudo como integrante desse paradigma. (*Idem*, 2004, p. 33).

Este “envolvimento” de que se trata é fator preponderante nesta pesquisa, uma vez que somos membro da comunidade “América Latina Unida” e usuário do Orkut há anos<sup>14</sup>, fato preponderantes no esboço da problemática desta investigação. Acrescente-se que esta abordagem pressupõe um tipo de investigação científica como um procedimento no qual “a fonte direta dos dados é o ambiente natural, constituindo o pesquisador o instrumento principal” de abordagem dos dados, analisados à luz de “procedimentos descritivos e interpretativistas”, através de observação empírica e sistemática (DIEB, 2004).

---

<sup>14</sup> Tais fatos não fazem do pesquisador membro propriamente dito do grupo social analisado, uma vez que entendemos, nesta pesquisa, ser condição indispensável para o engajamento de um membro ao grupo social em questão a participação dele nas discussões temáticas proferidas no fórum analisado, isto é, a participação deste membro na efetivação dos objetivos específicos daquela congregação (VAN DIJK, 2003). Os critérios levados em conta para a caracterização do grupo social selecionado foram discutidos no tópico 3.2 da metodologia, “caracterização do grupo social analisado”.

Neste tipo de pesquisa, o fenômeno analisado se faz interessar preferencialmente pelo processo, mais do que simplesmente pelo produto, já que os dados são analisados de forma indutiva sob uma perspectiva em que se dá grande importância aos significados que eles impõem ao fenômeno investigado. Destaque-se que, ao fundamentarmos nossa investigação dos processos de construção das RS sobre a latinidade no Ciberespaço como uma pesquisa qualitativa, propomo-nos a nos centrar na análise do que de mais relevante há, do ponto de vista ideológico e discursivo, na construção desta RS por latinoamericanos usuários do Orkut.

No que diz respeito a sua inserção no campo de investigações da linguagem e a sua natureza epistêmica, trata-se de uma pesquisa situada nos estudos do discurso, no âmbito das Ciências Sociais, em uma perspectiva analítico-discursiva na sua vertente crítica, pois se preocupa com a dimensão ideológica dos textos que circulam na sociedade como práticas discursivas situadas (CORACINI, 2001). Uma vez que concebemos as RS como construtos discursivos e ideológicos, é a produção linguística dos sujeitos no Orkut que será levada em consideração para os procedimentos de análise. Consideramos todos os textos postados pelos usuários como práticas discursivas situadas sócio e historicamente.

Por fim, reafirmamos a postura de abordagem qualitativa de investigação dos dados, através da qual executaremos a identificação, a descrição e a interpretação da RS analisada e das estruturas linguístico-discursivas envolvidas na construção e expressão destes construtos ideológicos e discursivos no mundo virtual. Reafirmamos ainda que a adoção por essa abordagem está em consonância com nosso interesse de investigar as RS a partir da abordagem baseada em Doise (2001) sobre as tomadas de posição pelos sujeitos sobre a latinidade.

### **3.2. Caracterização do grupo social analisado**

A partir do pressuposto de que RS são construtos discursivos e ideológicos, reconhecemos: (i) que é pelo discurso, ou seja, pela linguagem, que se dá de modo mais evidente a construção e a disseminação de RS no mundo pela interação entre os sujeitos e entre estes e os mais diversos grupos sociais; (ii) que ser compartilhados por grupos sociais é condição indispensável para que possamos considerar dados objetos como de representação social. Assim, retomamos a proposição teórica de que uma RS é sempre de alguém (os sujeitos) sobre alguma coisa (o objeto representado), ressaltando a condição de grupo social a

que deve atender o conjunto de sujeitos em questão, além da “relevância cultural” e da “espessura social” como características fundamentais do objeto representado (SÁ, 1998).

Nesta pesquisa, reportamo-nos a van Dijk (2003) para a fundamentação tanto de nosso conceito de grupo social quanto dos critérios adotados para a seleção dos sujeitos analisados na sua condição de grupo. Segundo referido teórico:

O grupo social pode se definir a partir dos critérios de pertença (origem, aparência, idioma, religião, títulos); as atividades típicas (como no caso dos profissionais); objetivos específicos (ensinar aos estudantes, curar os pacientes, difundir notícias, etc.); normas, relações e recursos do grupo, etc. às vezes, estes critérios do grupo são flexíveis e superficiais, por exemplo, quando se baseiam na indumentária preferida ou em um estilo de música; no entanto, às vezes organizam todos os aspectos da vida e as atividades dos membros do grupo, como no caso do sexo, a etnia, a religião e a profissão<sup>15</sup> (*Idem*, 2003, p. 31).

O conceito de grupos sociais apresentado revela a estreita relação entre a formação destes grupos e as ideologias que compartilham seus membros e que fundamentam sua existência. Na medida em que consideramos as RS um construto ideológico, ou seja, que só existe enquanto um produto social e, portanto, coletivo, assumimos que não é qualquer aglomerado de pessoas que pode ser considerado um grupo social. Ao contrário, é o engajamento, por motivos coletivos, ou seja, por motivos ideológicos, destes membros em um projeto social que os faz, em conjunto, constituírem-se como grupo social.

No processo de constituição do *corpus*, optamos por selecionar postagens de sujeitos representantes dos diversos países da América Latina que se filiaram livremente à comunidade “América Latina Unida”. Ao fazê-lo, estes sujeitos mostram que compartilham interesses comuns, em destaque o engajamento nas discussões da comunidade pelos textos que postam no fórum, o que faz deles um grupo social.

Como o acesso às comunidades do site de redes sociais Orkut acontece espontaneamente, cada sujeito constrói relações com os demais membros, o que forma a base das interações no site e, assim, cria uma identidade com o grupo de sujeitos com os quais interage, uma vez que está engajado em “atividades típicas” daquele grupo, como a discussão

---

<sup>15</sup> Tradução livre nossa: “*El agrupamiento social se puede definir a partir de los criterios de pertinencia (origen, apariencia, idioma, religión, títulos); las actividades típicas (como en el caso de los profesionales); objetivos específicos (enseñar a los estudiantes, curar a los pacientes, difundir noticias, etc.); normas, relaciones y recursos del grupo, etc. A veces, estos criterios del grupo son flexibles y superficiales, por ejemplo, cuando se basan en la indumentaria preferida o en un estilo de música; sin embargo, a veces organizan todos los aspectos de la vida y las actividades de los miembros del grupo, como en el caso del sexo, la etnia, la religión y la profesión. (Idem, p. 31)*”

dos temas, na posição de latinoamericanos usuários de ambientes virtuais de comunicação na WEB. Além do mais, compartilham “objetivos específicos”, como a troca de informações sobre o mundo latino, fundamentados em “normas”, “relações” e “recursos do grupo” característicos do mundo virtual.

Retomando a visão psicossociológica de RS proposta por Doise (2003), afirmamos que é principalmente por compartilharem um “conjunto organizado de opiniões, de atitudes, de crenças e de informações referentes a um objeto ou a uma situação” (p. 156) que os sujeitos desta pesquisa se constituem como grupo social e, assim, são considerados sujeitos elaboradores de RS, expressas através de seu discurso proferido na WEB e analisáveis a partir de dadas estruturas linguístico-discursivas enunciadas.

### **3.3. Constituição do *corpus***

A constituição do *corpus* foi pautada em procedimentos de coleta de dados no Ciberespaço propostos por Recuero et al. (2011), que têm em vista o tratamento fidedigno das informações coletadas, e em procedimentos éticos de investigação na WEB. Neste trabalho, apresentaremos as postagens dos sujeitos veiculadas através do sigilo dos dados referentes a seus autores, identificados como “Usuário 1”, “Usuário 2”, “Usuário 3” etc., sem distinções como gênero, se homem ou se mulher, por exemplo. Deste modo, todos os textos serão submetidos ao processo de sigilo total dos sujeitos envolvidos através da exclusão de nomes próprios, de e-mails, de fotos, de menção a qualquer nome próprio de terceiro ou de quaisquer outras informações que venham a prejudicar o anonimato das informações.

Como toda pesquisa empírica, através da qual se analisam fatos da realidade contextualizada, este estudo parte da observação para fundamentar a necessária escolha de uma parte da realidade a estudar, na qual será focalizada a atenção com fins à análise do fenômeno estudado através de uma amostra de dados linguístico-discursivos. Para o relato do percurso da coleta de dados que culminou com a constituição do *corpus*, retomaremos algumas informações dos fundamentos teóricos sobre o Orkut e suas ferramentas focalizadas nesta pesquisa.

Como a WEB é um universo de investigação particularmente difícil de recortar em função de sua escala, heterogeneidade, dinamismo e quantidade de dados que disponibiliza, frente ao infinito volume de informações dispostas típico do mundo virtual, e

em especial dos sites de redes sociais, optamos por evitar as generalidades de amostras reduzidas que possam não representar de modo suficiente a devida interpretação do fenômeno que se deseja analisar e constituíram nosso *corpus* pela totalidade de postagens dos dois fóruns selecionados no período especificado (fevereiro a junho de 2011). As 114 postagens dos dois tópicos representam uma amostra real e compatível com a heterogeneidade dos dados em sua totalidade no fórum de referida comunidade.

A escolha pelo Orkut, dentre as inúmeras redes sociais dispostas na WEB, reforça-se, deu-se pela popularidade deste site nos países latinoamericanos, em especial o Brasil, o que acaba por favorecer a participação de latinos, sujeitos desta pesquisa, nas discussões na WEB. Por sua vez, a escolha pelas comunidades virtuais, dentre as várias ferramentas dispostas pelo Orkut, deu-se pelo fato de serem um ambiente favorável às publicações de informações na rede, pois destinadas para tal, o que faz dessas ferramentas dialógicas um conglomerado de “nós” conversacionais que favorece a formação de grupos ideológicos na internet com características comunitárias.

No início do processo de coleta de dados, após o esboço da problemática de onde nasceu esta pesquisa e após a delimitação do ambiente e do grupo social através dos quais seria analisada a RS sobre a latinidade, ainda na elaboração do projeto de pesquisa qualificado em abril de 2011, fizemos uso do sistema de buscas do Orkut para confirmar, em um primeiro momento, que comunidades cujo conteúdo, antecipado pelo título, estivesse relacionado ao tema “América Latina”<sup>16</sup>, estavam dispostas neste momento.

Nesta busca, “América Latina Unida”<sup>17</sup> (doravante “ALU”), congregação à qual o autor da pesquisa se filiou alguns meses depois de seu ingresso no Orkut em 2005, confirmou-se como uma das comunidades de usuários mais representativas em número de participantes por todo o mundo, como dito. Mas não só este motivo foi levado em conta para

---

<sup>16</sup> Executamos ainda a mesma busca com as palavras-chave “Latinidade” e “Latinismo”, além de cognatos, mas as respostas no mais das vezes se direcionaram a comunidades com um número muito pequeno de membros e com produtividade discursiva escassa ou quase escassa nos fóruns.

<sup>17</sup> “América Latina Unida” congregava, entre o fim de junho e o início de julho de 2011, 10.254 membros, sendo um deles o autor desta pesquisa.



escolha da comunidade para este estudo, haja vista a existência de outra comunidade (a primeira em número de usuários<sup>18</sup>) intitulada “América Latina<sup>19</sup>”.

A escolha por “ALU” se deu por ter sido na observação de seus eventos comunicativos que nasceram as questões que inicialmente motivaram esta pesquisa, além da produtividade na discussão dos tópicos do fórum de discussões e do fato de o ingresso a ela ser totalmente livre, não condicionado à aprovação de um ou mais moderadores<sup>20</sup>, o que favorece a formação de grupos sociais por afinidade e critérios de pertença.

A escolha por uma comunidade que discute a América Latina a partir do enfoque de uma possível união entre os países que a integram, para a investigação da RS sobre a latinidade pelos membros dessa comunidade, ao invés da escolha de uma que discutisse de modo mais direto e objetivo o que, para seus membros, significa ser latino, deu-se embasado em Sá (1998), que afirma que nem sempre as verbalizações diretas sobre dado conceito são as ideais à apreensão de RS pelo pesquisador. Discussões mais abertas, mas não sem direcionamento, são fundamentais para a apreensão das RS de modo mais completo, sendo possível descrevê-las em seu entorno cultural.

É importante ressaltar que outras comunidades apontadas na busca foram desconsideradas por se tratarem de congregações com conteúdos outros não pertinentes a nossa investigação, como culto a artistas da nova geração de cantores da música pop latina<sup>21</sup>, com pouca representativa em número de usuários e/ou com pouca produtividade nas discussões dos fóruns.

Após a escolha da comunidade e dos tópicos a serem analisados, para fins de verificação e confirmação da presença de latinoamericanos de nacionalidades diversas nas discussões da comunidade, consultamos informações dispostas na ferramenta “Enquetes<sup>22</sup>”, também no ambiente, na qual os membros votam desde perguntas sobre os mais diversos

---

<sup>18</sup> Estas informações atualizam-se e desatualizam-se a todo momento em detrimento da dinamicidade do Orkut. A cada dia, pessoas integram e se desligam de comunidade, fazendo com que os números estejam sempre em mutação.

<sup>19</sup> <http://www.orkut.com.br/Main#Community?cmm=50341>. Esta comunidade possui 16.592 membros.

<sup>20</sup> Em algumas comunidades, a exemplo de “América Latina”, o ingresso de usuário está condicionado à aprovação de um ou mais moderadores, o que pode desmotivar o ingresso livre de usuários, ou até mesmo impedi-los, e inviabilizar o acesso do pesquisador ao conteúdo dela, como os fóruns, restrito a usuários cujo acesso for liberador pelo (s) moderador (es).

<sup>21</sup> Referimo-nos a comunidades como “Avril Lavigne – América Latina”, com 28.045 membros, a primeira em número de usuário quando a busca é feita pela expressão “América Latina”. <http://www.orkut.com.br/Main#Community?cmm=518150>

<sup>22</sup> A enquete pode ser consultada em <http://www.orkut.com.br/Main#CommPolls?cmm=112262>

temas lançadas por eles mesmos. Durante e depois da votação, o próprio site exibe os resultados e os possíveis comentários deixados pelos membros a respeito de sua origem. Tais comentários compõem um material interessante para pesquisas futuras a respeito de identidade e sentimento de pertença mais objetivamente sobre determinados grupos sociais organizados em torno a critérios de pertença como nacionalidade.

Nosso objetivo com a análise das enquetes foi obter uma noção da representatividade de sujeitos latinoamericanos que ali estavam postando seus textos. Foram verificadas as enquetes “De que país és?”<sup>23</sup>, “De onde são?”<sup>24</sup> e “Que idiomas falam?”<sup>25,26,27</sup>. As participações nestas enquetes confirmam a presença significativa de brasileiros e de outros latinoamericanos representantes de países diversos, a exemplo dos argentinos, paraguaios (em destaque nas interações), mexicanos, uruguaios, chilenos, bolivianos, hondurenhos, dentre muitos outros. Por último aparecem os estadunidenses, entre os quais se popularizou com mais força o Facebook. Ainda segundo as enquetes, os idiomas mais falados entre os usuários são, em primeiro lugar, o português, logo seguido do espanhol (castelhano) e do francês. Por último aparece o inglês<sup>28</sup>.

Diante da apresentação destas informações, destacamos que o que nos é relevante não é a presença maciça de sujeitos representantes de dados países na comunidade, mas sim a produção discursiva deles como princípio fundador da noção de pertença à nação latinoamericana, ou seja, a latinidade e sua RS pelo grupo.

Do mesmo modo, fator de peso para nossa investigação não são os idiomas falados pelos sujeitos, mas o modo como tais idiomas, o espanhol, no caso dos latinoamericanos argentinos, paraguaios, mexicanos etc., e o português, no caso dos brasileiros, únicos latinoamericanos falantes de língua portuguesa (ou não falantes de língua espanhola), no Orkut, pode uni-los ou separá-los ideologicamente e, assim, colaborar na constituição de sua identidade como sujeitos interculturais.

<sup>23</sup> <http://www.orkut.com.br/Main#CommPollVote?cmm=112262&pct=1287601365&pid=763752740>

<sup>24</sup> <http://www.orkut.com.br/Main#CommPollVote?cmm=112262&pct=1195553567&pid=1234653997>

<sup>25</sup> <http://www.orkut.com.br/Main#CommPollVote?cmm=112262&pct=1188670302&pid=447246980>

<sup>26</sup> A grafia original dos tópicos foi mantida para garantir a fidedignidade dos dados analisados e das informações disponibilizadas.

<sup>27</sup> Tradução livre nossa: “De que país eres?”, “¿De dónde son?” e “¿Qué idiomas hablais?”

<sup>28</sup> Estas informações são confirmadas em um tópico de discussão na própria comunidade intitulado “Qual o seu país?”, com quase 200 postagens.

<http://www.orkut.com.br/Main#CommMsgs?cmm=112262&tid=566401&kw=qual+seu+pa%C3%ADs%3F&na=1&nst=1>

Quando da análise geral do fórum, não levamos em conta a quantidade de representantes de cada país, muito menos a quantidade de postagens deixadas no ambiente por cada usuário, haja vista a abordagem qualitativa de investigação por nós adotada e o foco desta abordagem estar centrado não na quantidade, mas sim na qualidade (relevância) dos dados coletados a partir da produção dos sujeitos enquanto grupo social.

Embasando-nos em Recuero et al. (2011), a seleção por nós foi executada a fim de coletar as postagens mais significativas para a análise da RS sobre a latinidade construída no Orkut no que diz respeito às atitudes dos latinoamericanos na sua condição de grupo social.

Assim, foram adotados os seguintes critérios para a constituição da amostra: presença de latinoamericanos representantes dos mais diversos países da América Latina nos tópicos em questão, mínimo de 30 postagens por tópico (para que se pudesse observar de modo mais claro o entorno cultural às discussões e a fim de evitar afirmações generalizantes provocadas por poucos dados), discussão temática anunciada no título que colocasse o tópico em questão em relação aos significados que a identidade latina assume para os sujeitos e a presença de discussão de temas polêmicos que favorecem a emissão de posicionamentos pelos usuários, para que se pudesse observar as atitudes destes sujeitos sobre o objeto representado (DOISE, 2011).

Como o Orkut é um ambiente de personalidades discursivas, ou seja, de exposição de subjetividades pelo discurso, os tópicos discutidos no fórum, mais que outras ferramentas dialógicas dispostas, favorecem, por se tratar de textos espontâneos e consistentes do ponto de vista argumentativo, o “burburinho” necessário à construção das RS, de que falava Moscovici (1976).

Assim, como casos interessantes do ponto de vista informacional a respeito da RS sobre a latinidade no Orkut, selecionamos, para a análise, 36 postagens do tópico “Como unir a América Latina?” e 78 postagens do tópico “Brasil não devia ser da América Latina” por julgarmos uma quantidade suficientemente representativa do fenômeno investigado e por esse número não atingir o nível da saturação dos dados, momento em que as categorias de análise deixam se de mostrar enfáticas e esclarecedoras, como se pode de fato constatar ao longo do processo de análise dos dados.

Inicialmente, a escolha desses tópicos, entre os mais de 1.000 existentes, aconteceu em decorrência dos critérios mencionados, além da sinalização, já no título, de discussão propícia à observação do fenômeno investigado, como é o caso de “Brasil não devia ser da América Latina, por exemplo, tópico através do qual é possível antecipar o conteúdo de discussão em torno à latinidade ou à não latinidade do Brasil. Outro motivo que justifica a escolha do tópico foi o movimento promovido entre a análise prévia dos dados e a verificação da produtividade deles com relação às categorias elencadas antecipadamente em torno das proposições de van Dijk (1999).

Em um segundo momento, a escolha por esses dois tópicos foi confirmada por ser o tópico “Como unir a América Latina?” um evento discursivo relevante do ponto de vista da análise, uma vez que, além de apresentar a discussão de sujeitos representantes dos mais diversos países que compõem a AL, relaciona-se diretamente e de modo amplo ao título da comunidade e por entendermos previamente, frente ao conceito de latinidade por nós formulado através das leituras de base desta pesquisa sobre a história e a cultura da AL, que é na união de sujeitos interculturais que se constrói a latinidade fazendo-os sentirem-se parte de grupos sociais.

Além do mais, interessava-nos observar os possíveis conflitos ideológicos que a noção de “união” teria nas discussões do grupo no ambiente, a fim de flagrar as tomadas de posição dos sujeitos sobre o que é “ser latino”. A análise prévia deste tópico nos mostrou que de fato muito do que os latinoamericanos representam como latinidade se constrói no entorno ao conceito de união que formam em seu discurso.

Por sua vez, o tópico “Brasil não devia ser da América Latina” foi selecionado por ser evidenciador, já em seu título, de uma possível RS sobre a latinidade bipartida em latinidade hispânica e latinidade brasileira no discurso de latinoamericanos falantes de espanhol (argentinos, paraguaios, mexicanos etc.) e no discurso de brasileiros, representantes do único país latinoamericano não falante de espanhol, acentuando a proposta de Doise (2001) de investigação das RS pelas atitudes dos sujeitos sobre o objeto representado.

Ressalte-se que, na escolha dos dois tópicos, o método de seleção foi a observação empírica e sistemática, privilegiando as postagens por serem gêneros do discurso próximos da conversação, evento linguístico propício à construção e à análise de RS, dando destaque para a naturalidade e a espontaneidade dos dados em referidos tópicos.

### **3.4. Categorias e procedimentos de análise dos dados**

#### **3.4.1. Categorias de análise**

Reservamos para esse tópico a discussão a respeito das categorias nas quais nos apoiamos na análise das postagens da comunidade “América Latina Unida” em torno ao projeto de análise da RS sobre a latinidade construída no ambiente virtual. Referidas categorias foram embasadas em van Dijk (1999) a partir das estruturas discursivas, dos índices linguísticos, e do contexto, do lugar “de onde falam” as RS no processo de elaboração da imagem conceitual de “latinidade” pelo grupo social em questão.

O princípio de constituição do *corpus* se embasou na proposta de investigação das RS, com especial atenção à proposta psicossociológica de Willem Doise (2001). As categorias de análise foram apresentadas na seção dedicada ao referencial teórico e fundamentam o alinhado traçado entre a abordagem analítico-discursiva em sua vertente crítica e sua interface com os estudos de RS nos quais se levam em conta, para fins de análise, elementos discursivos e ideológicos significativos na construção do fenômeno representacional pela linguagem na WEB.

Deste modo, ressaltamos que nosso propósito neste tópico é retomar tais categorias para tratar de alguns procedimentos que emergiram em nossa análise e que consistiram em métodos de abordagem das RS na perspectiva adotada. Assim, passamos à discussão de tais categorias reafirmando seu caráter linguístico, discursivo e ideológico.

##### **3.4.1.1. Estruturas Ideológicas do Discurso (EID)**

Para esta pesquisa, adotamos como conceito a ideia de que as EID são estruturas textuais que revelam manobras intencionais, mas não necessariamente conscientes ou monitoradas, dos atores sociais em seus textos, sendo tais manobras reveladoras de práticas ideológicas mediadas pela linguagem, como a elaboração de RS por grupos (VAN DIJK, 2003).

A fim de flagrar as tomadas de posição pelos sujeitos a respeito do significado por eles atribuído à noção de “ser latino”, analisaremos as postagens selecionadas não só do ponto de vista do conteúdo propriamente dito, mas sim a partir do modo como o discurso se organiza com fins à construção da RS em torno a uma possível imagem conceitual sobre a “latinidade” no discurso de latinoamericanos espanhóis e latinoamericanos brasileiros,

observando a recorrência de tais estruturas linguísticas. Na sequência, a descrição das EID selecionadas seguida da exposição de motivos de sua seleção.

1. *Aspectos morfológicos: seleção/apresentação de termos e de expressões mediada por questões de crenças e funções ideológicas.* Interessa-nos observar o modo como adjetivos e locuções adjetivas, em destaque, além de outros termos e/ou expressões, são apropriados pelos sujeitos em seu discurso, com valor ideológico apreciativo ou depreciativo, para se referirem à nação de latinos e a seu entorno social, contribuindo assim para a construção da RS sobre a latinidade e seus elementos constitutivos. Interessa-nos entender ainda como estes (as) termos/expressões são evocados (as) para resgatar ou promover louvor a dados elementos da história e da cultura latinoamericanas como signos identitários que concretizam o projeto de autorrepresentação dos sujeitos como grupos;

2. *Construções sintáticas: relações intencionais na hierarquia sintática da sentença e suas implicações para a projeção de sentido em nível de estruturação de orações e/ ou períodos específicos, como a topicalização do pronome “nós”, explícito ou subentendido, em situação de valorização e de desvalorização ao pronome “eles”, também de modo explícito ou subentendido, ou seja, a polarização ideológica.* Através do uso de pronomes ou de verbos flexionados na primeira pessoa do plural (“nós”), interessa-nos investigar como a polarização em torno desta noção linguística atua na construção de uma identidade latina relacionada a grupos e frente à desconstrução da identidade latina de outros grupos, representados por “eles”, ou seja, pela noção de terceira pessoa do plural, em pronomes e/ou verbos;

3. *Elementos semânticos: vistos sobre diversas manifestações como o significado conceitual, a intenção e a referência; o significado e a interpretação referida no léxico, por exemplo; as proposições, como o significado de cláusulas e orações.* O uso de referentes por associação ou comparação revela, explícita ou implicitamente, a imagem que temos das coisas e dos sujeitos do mundo. Na mesma linha de pensamento, o modo como conceituamos intencionalmente os signos identitários que constituem a visão que temos de nossa identidade revela como categorizamos nossos elementos de pertencimento a grupos, manifesto em cláusulas e orações de nosso discurso;

4. *Estruturas retóricas: apropriação, no texto escrito ou na conversação face a face, de determinadas figuras retóricas, a exemplo da ironia ou do eufemismo, além de outros*

*efeitos de sentido pretendidos.* Dado o caráter espontâneo dos textos coletados para esta pesquisa, muito do que está na mente dos sujeitos analisados revela de modo inconsciente, mas não sem intencionalidade, através dos efeitos de linguagem por eles empregados em seu discurso. Assim, interessa-nos entender como determinados efeitos de sentido, a exemplo da ironia, do eufemismo e da hipérbole, por exemplo, contribuem para a caracterização dos sujeitos com quem interagem, o Outro do discurso, elementos não familiares aos sujeitos em determinados eventos de linguagem. É o caso das referências ao grupo de brasileiros no discurso da latinidade expresso por representantes da AL falantes de espanhol, aos quais se revela um traço que lhes é singularizador na construção da identidade latina, da noção de ser ou não latino, em torno ao idioma por eles falado;

5. *Estratégias de controle do discurso: promoção de determinadas enunciações com direção clara ou subentendida de tomadas de posição.* Neste sentido, interessa-nos investigar os posicionamentos ideológicos dos sujeitos revelados em suas postagens, entendidos como tomadas de posição frente a um grupo, seja em defesa dos que com ele formam o que entendem por nação latinoamericana, seja em ataque aos que, na visão delas, não gozam de uma latinidade, sempre em função do que cada sujeito representa socialmente como “ser latino”. Exposições de opiniões e processos argumentativos, assim como outras estratégias discursivas de controle em direção ao Outro com quem os sujeitos interagem, também serão levadas em consideração.

### **3.4.1.2. Categorias de Análise Contextual (CAC)**

Muito dos aspectos necessários à análise do processo de construção de uma RS encontra-se em suas condições de produção. Entender o lugar “de onde falam” as RS (DOISE, 2001) significa ter condições de ver as RS em sua totalidade, como um produto analisado em seu processo de constituição, ou seja, em seu contexto.

Deste modo, para a investigação da RS sobre a latinidade que une latinoamericanos em torno a uma identidade própria, recorreremos ainda ao modelo de análise contextual de cunho ideológico proposto por van Dijk (2003), a partir da análise de categorias como:

1. *Circunstância, pela exposição de condições sociais específicas no discurso.* Através da noção de circunstância, interessa-nos investigar a influência das condições sociais

dos enunciadores por eles assumidas em seus discursos e suas RS de objetos ligados à cultura, como é o caso da RS sobre a latinidade;

2. *Papeis sociais, revelados pela posição social assumida pelos enunciadores.*

Seja a posição que de fato ocupa seja a posição por ele assumida e/ou deseja, a posição social sobre a qual o enunciador se afirma revela elementos importantes dos motivos pelos quais ele se filia a dados grupos e a outros não. Deste modo, interessa-nos entender, no discurso dos latinos enfocados, como papeis sociais ligados às áreas religiosas, culturais, histórias e políticas, por exemplo, podem ser constitutivos das condições de produção das RS dos sujeitos;

3. *Pertencimento, pelo sentimento de fazer parte de grupos ou de categoriais sociais.* Neste tocante, interessa-nos investigar como a sensação de fazer parte ou não de dados grupos torna-se condição relevante na construção de uma RS. Interessa-nos entender ainda como se dá, na linguagem expressa, a passagem da noção dos sujeitos da condição de indivíduos para a condição de grupos;

4. *Referência aos “outros sociais”, através dos referentes no discurso.* O emprego de dêiticos e outras estruturas linguísticas referenciais revelam o modo como categorizamos o Outro com quem interagimos. Assim, interessa-nos entender os mecanismos contextuais que levam os sujeitos a fazerem determinadas escolhas referenciais em detrimento de outras para a construção de objetos de RS como a latinidade.

Descritas as categorias de análise e concluída a exposição de motivos de sua seleção, a seguir discutiremos, de modo objetivo, como serão realizados os procedimentos de análise do *corpus*. Antecipamos, de antemão, que nem todas as categorias apresentadas são aplicadas a todos os textos coletados, uma vez que são elencadas para cada análise as categorias as quais são reveladoras do aspecto do fenômeno representacional que no momento de deseja abordar.

Ressaltamos que todas as categorias selecionadas foram discutidas ao longo da análise. Destaque-se que o percurso metodológico traçado partiu da submissão dos dados às categorias (e não o contrário), em função da análise prévia deles durante a observação empírica que conduziu a constituição do *corpus*. Esta opção metodológica nos possibilitou o refino das categorias ao longo do processo de análise.



### 3.4.2. Procedimentos de análise

A análise centrou-se em uma amostra de dados coletados, sendo as postagens escritas em espanhol e/ou em português, por sujeitos representantes da América Latina de uma maneira geral. São textos de homens e mulheres, em sua maioria jovens e brasileiros. Assim, dividimos a análise em três momentos, a saber:

**I. Descrição Temática da RS sobre a Latinidade:** a fim de identificar a RS sobre a latinidade construída pelo grupo social de latinoamericanos autores das postagens selecionadas, para, a partir de então, examiná-la por meio do exame das estruturas ideológicas do discurso e das condições de produção contextual propostas por van Dijk (2003), evidenciando, a seguir, a atitude dos sujeitos sobre o objeto de RS em questão, apresentaremos os temas, divididos em macro e microtemas, como elementos que compõem a imagem do grupo sobre o que significa “ser latino” a partir de uma sistematização do observado em torno à apreensão da RS analisada. A descrição dos temas, um a um, é tangenciada juntamente com as categorias, no segundo momento da análise;

**II. Exame das EID e das condições de produção contextual na expressão da RS:** a fim de examinar o funcionamento das estruturas linguístico-discursivas e as condições de produção contextual envolvidas no processo de elaboração da RS sobre a latinidade, procederemos a uma análise sequencial de todo o evento discursivo que se concretizou em cada um dos dois tópicos. Começaremos pela análise dos textos de “Como unir a América Latina?”. Em seguida, analisaremos as postagens de “Brasil não devia ser da América Latina”, contemplando todo o *corpus*, esclarecendo como as categorias selecionadas funcionam na elaboração de RS;

**III. Investigação das atitudes dos sujeitos sobre a latinidade:** a fim de investigar as atitudes dos sujeitos sobre a latinidade, analisaremos as “tomadas de posição simbólica” dos membros do grupo social com relação ao objeto de representação investigado. Discutiremos, a partir da identificação de tais tomadas de posição, as implicações desse posicionamento para a construção e o funcionamento da RS em questão no que diz respeito à interação promovido nos dois tópicos investigados.

Estes procedimentos de análise, ao lado das categorias elencadas, foram pensados a partir do conceito adotado de RS como construtos ideológicos e discursivos.

## 4. ANÁLISE DOS DADOS

Nesta seção procederemos à análise das postagens que compõem os dois tópicos de discussão por nós selecionados. Ressalte-se que levaremos em conta a descrição temática da RS sobre a latinidade, as estruturas ideológicas do discurso (EID) e as categorias de análise contextual (CAC), propostas por van Dijk (2003), além das atitudes dos sujeitos com relação ao objeto representado, através de tomadas de posição simbólicas por eles enunciadas.

Inicialmente, procederemos à análise dos temas evocados pelos sujeitos e que, em conjunto, formam a imagem conceitual sobre a latinidade no discurso do grupo social de latinoamericanos selecionados, a partir do que se representa como o significado de “ser latino”. Para tal, apresentaremos uma sistematização do observado a partir dos elementos evocados pelos sujeitos em seus textos na comunidade analisada divididos em macrotemas e microtemas. O comentário detalhado do momento em que, no discurso dos sujeitos, estes elementos são evocados encontra-se no tópico seguinte, juntamente com a descrição das EID e das CAC.

### 4.1. Descrição Temática da RS sobre a Latinidade

Com o intuito de realizar o levantamento dos temas que compõem a RS dos latinoamericanos usuários da comunidade “América Latina Unida” sobre a latinidade, analisamos as 114 postagens selecionadas a fim de flagrar os temas mais relevantes (frequentes) atribuídos pelos sujeitos sobre o que significa “ser latino”. Para tal, extraímos do discurso dos usuários analisados, representado pelas postagens, os trechos propriamente ditos em que os sujeitos se posicionam sobre o que para eles constitui o significado do que é ser latino. Os trechos em original encontram-se em anexo, ao final da dissertação.

De todos os elementos que, juntos, formam a RS sobre a latinidade construída pelos latinoamericanos membros da comunidade analisada, destacam-se como mais relevantes na “voz coletiva” que conduz o discurso dos tópicos investigados os microtemas relacionados:

1. à língua, representada como elemento de singularidade da nação latina, sendo às vezes tematizado o espanhol como a língua dos latinoamericanos, sendo outras vezes o português tematizado como tal, mas permanecendo a representação de que ser latino significa ser falante de uma língua latina e partícipe de sua cultura. Foi o idioma um elemento fortemente evocado pelos sujeitos para se ancorarem na noção de ser latino nos dois tópicos

analisados, e ao longo das mais de cem postagens, como se pode ver nos exemplos de postagens expostos a seguir:

O esquecido MERCOSUL é o início de um caminho, espero que no futuro se desenvolva e possamos ter algo parecido com a União Européia, creio que todos ganharíamos com isso. Mas, penso que no Brasil ainda nos sentimos muito distantes dos demais países da América Latina, por conta do idioma. (*usuário 4*)

Sendo o Brasil um dos poucos países da América Latina onde não se fala o castelhano, creio que é importante que o espanhol seja obrigatório no ensino das escolas públicas, mas que não seja ensinado de tão má qualidade como ocorre com o inglês, mas de modo que todos possam se comunicar na América. Além dos mais, os demais países da América Latina também deveriam ensinar o português a seus estudantes. O Brasil é o único país da América que o fala, no entanto, é o territorialmente e um dos mais prósperos economicamente. Fazer isso é um modo de aproximar as diferentes culturas que existem em nossa América<sup>29</sup>. (*usuário 6*)

2. à cultura, como forma de afirmação e compartilhamento das características internas de um povo, com suas danças, músicas, com seus costumes e suas crenças, ou seja, com seus signos identitários, suas “atividades típicas” (VAN DIJK, 2003, p. 31). É a cultura representada pelos sujeitos muitas vezes como forma de resistência frente à invasão estrangeira e sua interferência na história daquela nação. No caso específico da comunidade latinoamericana, a cultura evocada assume feições híbridas, fazendo emergir a partir delas sujeitos interculturais (GARCÍA CANCLINI, 2009), como se pode observar nas postagens a seguir:

Eu acho que, para que haja uma unificação verdadeira e digna, primeiro teríamos que ter um intercâmbio de culturas, pois querendo ou não ainda há um grande preconceito uns com outros. (*usuário 13*)

(...) A impressão que eu tenho é que aqui no Brasil o preconceito contra música, literatura (etc.) de outros países da América Latina é maior do que a recíproca. E isso é muito triste. O primeiro passo, definitivamente, é um intercâmbio das culturas. (*usuário 15*)

3. à identidade, como forma de compartilhar de um passado histórico, de um presente social e de um futuro pretendido. É a identidade histórica, social, política e cultural que representa o que significa ser latino em meio ao “conjunto pluridimensional de tipos e fatores étnicos, culturais, de civilização e formações distintas, integrados em um organismo

---

<sup>29</sup> Tradução livre nossa: “*Sendo Brasil uno de los pocos países de latinoamerica donde no se habla el castellano creo que es importante que el español sea obligatorio en el ensino de las escuelas brasileñas... pero que no sea enseñado de tan mala calidad como ocurre con el inglés sino de modo que todos puedan comunicarse en america. Además los demás países de latinoamerica tambien deberian enseñar el portugués a sus estudiantes. Brasil es el unico país de america que lo habla sin embargo es el mas grande territorialmente y uno de los mas prosperos economicamente. Hacerlo es un modo de acercar las diferentes culturas que existen en nuestra america*”.

tão complexo” como a América Latina (GUIRIN, 2007), como se pode observar nas postagens a seguir:

Creio que um grande problema em nosso continente é a falta de identidade como latinoamericano. Eu creio que um primeiro passo muito importante seria tentar que se ensine uma história conjunta de todos os países. São muitas as contradições que se dão. Um exemplo bem claro é a Guerra do Pacífico. No Chile se ensina uma versão da história e na Bolívia e no Peru outra; o pior disso é o ressentimento que criam essas versões desencontradas da história entre povos irmãos e de raízes comuns, e onde o discurso "nacionalista" é usado para manipular a todo um povo. Claro que às grandes potências não lhes convêm uma América Latina unida. (*usuário 3*)<sup>30</sup>

Em minha opinião, esta questão não é um absurdo, é mais uma utopia. Ainda temos que melhorar muito em questões educacionais e políticas. Acho extremamente irracional imaginarmos nós (brasileiros) nos unirmos a países com situações tão "divergentes" perdendo nossa pouca autonomia, também é um absurdo termos que aprender espanhol ou a "cultura latinoamericana" (não que o façamos). Um ponto que temos em comum é a exploração que sofremos dos países ricos, um ponto que devemos explorar. (*usuário 17*)

Neste momento, interessa-nos discutir algumas questões relacionadas a sentimento de pertença e formação de grupos sociais. Segundo van Dijk (2003), um grupo social pode se definir a partir dos critérios de pertencimento, a exemplo do idioma. A língua, elemento fortemente evocado pelos sujeitos ao longo dos tópicos, impõe-se como elemento de relevância na construção da RS sobre a latinidade. Para os sujeitos analisados, a identidade latina é resultado de uma relação construída entre o sentimento de ser latino e as bases latinas de formação do idioma, seja ele o português ou o espanhol, sendo tais bases definidas pelas raízes etimológicas de referidos idiomas.

Em torno à ideia de cultura, sabe-se que elementos como a religião favorecem a união dos sujeitos em grupos, principalmente por questões de identificação. À medida que os sujeitos embasam seus argumentos evocando signos identitários relacionados à cultura latina, que são mencionados como elementos que “às vezes organizam todos os aspectos da vida e as atividades dos membros do grupo” (VAN DIJK, 2003, p. 31), cria-se um princípio de organização dos sujeitos em torno a tais elementos. O grupo social, então, passa a se formar, uma vez que ideologicamente os sujeitos se organizam em um todo que se mostra

---

<sup>30</sup> Tradução livre nossa: “*Creo que un gran problema en nuestro continente es la falta de identidad como latinoamericano. Yo creo que un primer paso muy importante sería intentar que se enseñe una historia conjunta de todos los países. Son muchas las contradicciones que se dan; un ejemplo bien claro es la Guerra del Pacífico, donde en Chile se enseña una versión de la historia y en Bolivia y Perú otra; lo peor de eso es el resentimiento que crean esas versiones desencontradas de la historia entre pueblos hermanos y de raíces comunes, y donde el discurso "nacionalista" es usado para manejar a todo un pueblo. Por supuesto que a las grandes potencias no solo no les conviene una América Latina unida, sino que además han intervenido en reiteradas ocasiones los países del continente con dictaduras sangrientas; en Argentina hasta el día de hoy hay 30000 desaparecidos*”.

relativamente coerente em torno a suas ideias, a suas concepções e visões de mundo e principalmente em torno ao sentimento de partilha.

À medida que os sujeitos evocam os elementos temáticos no entorno às questões de “língua” e de “cultura”, “identidade” também surge como um tema que evidencia os critérios de pertença a partir do quais os sujeitos se definem como grupo, uma vez que são os traços identitários que orientam, como em uma espécie de mediação, as atividades específicas exercidas pelo grupo, através das quais os sujeitos passam a se sentir como uma coletividade.

Deste modo, sabe-se que é em meio à pluralidade étnica constitutiva da América Latina que os sujeitos se constituem como latinos, evidenciando em suas postagens na WEB este sentimento de pertença que fundamenta a formação desta identidade latina, uma identidade linguística e cultural.

Assim, afirmamos que os macrotemas apresentados sintetizam o significado atribuído pelos sujeitos à latinidade, frente aos elementos linguísticos, culturais e identitários por eles evocados. Acabam por mostrar o modo como, através da ancoragem em elementos do mundo latino, os sujeitos revelam a imagem que o grupo constrói acerca do que significa ser latino, através do seu discurso e das estruturas de que fazem uso para tal projeto representacional.

Afirmamos que os macrotemas expostos (língua – cultura – identidade) foram depreendidos dos elementos evocados pelos sujeitos e identificados nos microtemas a seguir. Em síntese, mostram-se como relevantes os temas evidenciadores de que, para os membros da comunidade “América Latina Unida”, representantes da nação latinoamericana, nos dois tópicos analisados, ser latino significa, segundo suas postagens:

1. com relação à língua:

1.1. falar a língua espanhola como grande representação da nação latina:

A língua! É importantíssimo que todos brasileiros passem a ter o espanhol como língua obrigatória nas escolas, só assim nós latinos vamos compreender a importância que temos um para com o outro. (*usuário 20*)

1.2. compartilhar a língua espanhola representada como “berço” de uma cultura que fundamenta a formação de grupos em torno dessa língua:

Falamos português (isso já dá benefício próprio para não sermos latinos, odeio quando algum estrangeiro diz que falamos espanhol). (*usuário 31*)

- 1.3. falar um idioma que não o português, língua que separa os latinoamericanos dos brasileiros em questões diversas, como aspectos sociais, culturais, dentre outros:

Certo! O idioma do Brasil nos separa<sup>31</sup>. (*usuário 5*)

- 1.4. integrar a visão que latinoamericanos falantes nativos de espanhol constroem sobre os brasileiros como sendo os únicos latinoamericanos falantes de português:

Sendo o Brasil um dos poucos países da América Latina onde não se fala o castelhano, creio que é importante que o espanhol seja obrigatório no ensino das escolas públicas, mas que não seja ensinado de tão má qualidade como ocorre com o inglês, mas de modo que todos possam se comunicar na América. Além dos mais, os demais países da América Latina também deveriam ensinar o português a seus estudantes<sup>32</sup>. (*usuário 6*)

2. com relação à cultura:

- 2.1. compartilhar as múltiplas culturas que acercam os 20 países latinoamericanos:

Muita gente se esquece que a América Latina abarca Cuba, Dominicana, Porto Rico, América Central e inclusive o México (segunda economia mais importante depois do Brasil na região). Também se chegará à união quando nos conhecermos e nos respeitemos. É ridículo pensar que todos somos una cultura, há uma imensa diversidade na região. A cultura argentina é muito diferente da mexicana e esta, por sua vez, é muito diferente da equatoriana<sup>33</sup>. (*usuário 8*)

---

<sup>31</sup> Tradução livre nossa: “*ciertooooo...el idioma de brazil nos separa*”.

<sup>32</sup> Tradução livre nossa: “*Sendo Brasil uno de los pocos paises de latinoamerica donde no se habla el castellano creo que es importante que el español sea obligatorio en el enseño de las escuelas brasileñas... pero que no sea enseñado de tan mala calidad como ocurre con el inglés sino de modo que todos puedan comunicarse en america. Además los demás paises de latinoamerica tambien deberian enseñar el portugués a sus estudiantes*”.

<sup>33</sup> Tradução livre nossa: “*Yo creo que se comienza primero teniendo conciencia de que Latinoamérica no es nada más Sudamérica. Hablan de Mercosur, Chile Argentina, Brasil etc. Pero mucha gente se olvida que Latinoamérica abarca Cuba, Dominicana, Puerto Rico, Centro América y por supuesto México (segunda economía más importante después de Brasil en la región). También se logrará la unión cuando nos conozcamos y nos respetemos. Es ridículo pensar que todos somos una cultura, hay una inmensa diversidad en la región. La cultura argentina es muy diferente de la mexicana y estas a su vez son muy diferentes de la ecuatoriana*”.

2.2. sentir-se parte de uma cultura híbrida que traça a identidade da AL:

(...) Amigos, antes de conceber o mundo e falar dos sonhos fantasiosos de unidade, repito, vamos ler e conhecer melhor todos. Somente assim poderemos encontrar nossas reais semelhanças e nos dar conta de nossas abismais diferenças, de que podemos ser solidários e de que podemos nos unir para coisas comuns, claro. O que se chama de América Latina é um cosmo de tantas culturas tão distintas!<sup>34</sup> (*usuário 8*)

2.3. identificar-se como “una mezcla del español y del indígena”, reportando-se à língua espanhola como idioma preponderante na AL e ao passado histórico de raízes indígenas desse povo:

Nossa maiúscula América só não é unida porque os espanhóis nos separaram por seus objetivos, e depois, quando Bolívar quis unir toda a América Latina, os vizinhos do norte foram contra nossa união, porque eles nos temem, eles têm medo de nossa maravilhosa união e força revolucionária (...) Somos irmãos e sempre temos que caminhar juntos, somos todos uma mistura do espanhol e do indígena<sup>35</sup>. (*usuário 12*)

2.4. estar ciente de que suas raízes culturais estão na “formação do nosso continente”, do qual se assume fazer parte por questões de pertencimento:

Ademais, uma América Latina unida, no nosso mútuo entendimento, se o compreendi, passa exatamente pela educação. A questão, porém, é que a educação que temos sobre América Latina não atende aos interesses aqui debatidos, pois jamais com estas poucas histórias sobre América Latina que estudamos na escola poderemos estudar a essência da formação do nosso continente. Muito pelo contrário. (*usuário 9*)

2.5. sentir-se parte do latinismo, ou seja, da “fonte inesgotável de talento, criatividade, consciência social e riqueza natural latinoamericanas”:

Nosso Latinismo é uma fonte inesgotável de talento, criatividade, consciência social e riqueza natural, podemos, ainda, com os novos poços de petróleo e gás encontrados em Cuba e no Brasil estimular nossa autossuficiência e por que não mudar a hegemonia capitalista através de uma nova energia (verde) renovável modificando definitivamente uma nova raiz energética para o mundo. Apenas devemos aprender a nos entender, e o idioma não é o problema, pois hispânicos e

<sup>34</sup> Tradução livre nossa: “(...) *Amigos antes de comenzar a arreglar el mundo y hablar de los sueños huahiros de unidad, repito. Vamos a leer y a conocernos mejor todos, sólo así podremos encontrar nuestras reales similitudes y darnos cuenta de nuestras abismales diferencias. Que podemos ser solidarios y unirnos para cosas comunes, ¡claro! Pero lo que llaman de Latinoamérica es un cosmos de tantas culturas tan diferentes!*”.

<sup>35</sup> Tradução livre nossa: “*Nuestra mayúscula América sólo no es unida porque los españoles en la colonización nos han separado por sus objetivos, y después cuando Bolívar quiso unir toda Latinoamérica, los vecinos del norte fueron ante nuestra unión, porque ellos nos temen, ellos tienen miedo de nuestra maravillosa unión y fuerza revolucionaria (...)* Somos hermanos y siempre tenemos que caminar juntos, somos todos una mezcla del español y del indígena”.

portugueses têm em comum o idioma materno que tem como base o Latim<sup>36</sup>.  
(usuário 22)

### 3. com relação à identidade:

#### 3.1. ser um sujeito consciente da interconexão que fundamenta a união dos países da AL, vivenciando, como grupo, seus problemas em comum;

Mas como não acredito que nossos governantes estão interessados em tentar ensinar uma história comum, é aí onde temos que nos informar para não acreditarmos nessa história "oficial" que nos ensinam desde crianças. E viajar inclusive. Eu estive no Chile duas vezes e conheci pessoas espetaculares; é só predisposição para se dar conta de que o vizinho é como a gente e que ambos temos os mesmos problemas<sup>37</sup>.  
(usuário 3)

#### 3.2. sentir-se parte do muito que têm em comum os latinoamericanos em seu passado e em seu presente:

Viva a America Latina Unida! Temos muito em comum do nosso passado e a realidade atual de nossa sociedade. (usuário 10)

#### 3.3. sentir-se fortalecido em sua identidade pelas culturas;

Meu, o que você está fazendo aqui? Não entendo. Deveria procurar uma comunidade de separatismo e não uma que busca despertar a unidade cultural dos povos latinos. (usuário 47)

#### 3.4. partilhar da condição de explorados por outros países:

O que vejo é uma elite ganhando muito dinheiro à custa dos recursos naturais e superexploração de força de trabalho, não importa se é no interior de Pernambuco ou na periferia de La Paz. Defendendo a burguesia nacional. (usuário 51)

#### 3.5. haver tido um mesmo opressor, o dito “primeiro mundo”:

---

<sup>36</sup> Tradução livre nossa: “*Nuestro Latinismo es una fuente inesgotable de talento, creatividad, consciencia social y riqueza natural, podemos todavía con las nuevos yacimientos de petroleo y gas hallados en Cuba y Brasil estimular nuestra autosuficiencia y por que no cambiar la egemonia capitalista atravez de una nueva energia(verde) renovable modificando definitivamente una nueva raiz energetica para el mundo. Apenas debemos aprender a entendernos y el idioma no es el problema, pues hispanicos y portugueses se tienen en comun el idioma materno como base el Latin*”.

<sup>37</sup> Tradução livre nossa: “*Pero como no creo que nuestros gobernantes estén muy interesados en intentar enseñar una historia común, es ahí donde uno tiene que informarse para no creerse esa historia "oficial" que te enseñan de chico. Y viajar por supuesto; yo estuve en Chile dos veces y conocí personas espectaculares; es solo predisposición para darse cuenta que el vecino es como uno y que ambos tenemos los mismos problemas comunes*”.



Os estados-nação latinoamericanos são uma prova da imposição, dentre muitas, como a linguística, por parte dos europeus, de um sistema político de origem europeia. É aí onde reside a maior parte dos problemas de governabilidade na América Latina. O estado nos parece algo distante e à parte da nação. Mesmo que muitos neguem, essa é a realidade! Por isso tantos casos de corrupção, degradação e aproveitamento do estado para enriquecimento ilícito. Apesar de tudo, eu acredito na união latinoamericana, pois tivemos os mesmos opressores no período colonial e ainda temos um mesmo opressor, o dito primeiro mundo e suas mega corporações. *(usuário 19)*

### 3.6. ser visto como “pobres da América” pelos Estados Unidos:

Eu defendo o Brasil para ele ser um país único e não misturado com esses outros países que, tirando a Argentina e o México, não contribuem em nada para o desenvolvimento da América Latina. Se fosse pela língua, Quebec no Canadá também estaria considerado latino, pois lá o idioma é francês, mas como são primeiro mundo eles fazem o que bem e entendem já que são "superiores". O termo América Latina foi criado pelos Estados Unidos, justamente para se referir aos pobres da América. *(usuário 31)*

### 3.7. reconhecer o “elo”, ou seja, o passado, na construção de sua identidade cultural:

Pelo fato de ter tido o mesmo opressor e ter passado por processos históricos semelhantes é que acredito na união ou confederação de ajuda mútua entre os países latinoamericanos. Mas para isso é necessário que o povo (o que não é pouca coisa) conheça a história da América Latina desde os povos indígenas até a contemporaneidade a ponto de enxergar esse elo assim como nós dessa comunidade enxergamos. *(usuário 19)*

### 3.8. construir sua própria história e desvincular-se de visões externas, revelando potencial para projetos de independência política:

Creio que o primeiro passo é o latino sentir-se orgulhoso das suas tradições, histórias e de participar de tão bela e digna sociedade. Que ele comece "aqui" a construir a sua própria história, que ele possa desvincular-se da mentalidade européia e, por conseguinte, norteamericana, que tem servido com parâmetro de valores para a nossa sociedade. *(usuário 21)*

### 3.9. sentir-se parte de um projeto representacional que se projeta para o futuro, ainda não alcançado, mas já há muito almejado no que diz respeito à identidade latina:

O esquecido MERCOSUL é o início de um caminho, espero que no futuro se desenvolva e possamos ter algo parecido com a União Européia. Creio que todos ganharíamos com isso. Mas penso que no Brasil ainda nos sentimos muito distantes dos demais países da América Latina, por conta do idioma. *(usuário 4)*

### 3.10. manter relações não amistosas com a Europa a ponto de lá não ser bem-vindo:

Sou do Suriname, minha língua nativa é o holandês. Sou sudamericano pela geografia e latinoamericano pela cultura. Acho que existem alguns brasileiros que preferem se chamar de "Germânia Americana". Somos todos irmãos, gente, todos nos não somos muito bem vindos na Europa. (*usuário 35*)

### 3.11. não ser superior a ninguém.

Para que tanta soberba? Nós não somos superiores a ninguém, muito pelo contrário. Na Argentina, por exemplo, quando pomos o pé na calçada para atravessar, os carros param. Agora tenta por o pé em qualquer canto aqui do Brasil e atravessar para ver o que te acontece. (*usuário 38*)

O conjunto de macro e microtemas apresentados nos mostra que RS sobre a latinidade construída pelo grupo social de latinoamericanos está relacionada muitas vezes à língua espanhola como idioma predominante da América Latina, ao passo em que a língua portuguesa surge nas postagens um traço identitário do latinoamericano brasileiro, o único, entre os 20 países da AL, que tem uma língua oficial que não o espanhol.

Por outro lado, no que diz respeito a questões culturais, a RS construída pelo grupo selecionado evidencia que a imagem de ser latino, elaborada pelos latinoamericanos nos tópicos de discussão em questão, é a de um sujeito fruto de culturas diversas, híbridas e multifacetadas, resultado de seus passado histórico marcado pela colonização da AL por estrangeiros tidos como “invasores”, cujas ações repercutem até hoje, um passo histórico pelas raízes culturais e indígenas que marcam o passado desse povo, orgulhoso de sua história e de sua riqueza cultural.

Por último, o macrotema “identidade” mostra que a RS do grupo social de latinoamericanos sobre a latinidade revela, dentre outros, significados relevantes à compreensão da América Latina em si, tais como: a imagem de latino como os “pobres da América” pelos Estados Unidos, este na condição de “opressor”, o dito “primeiro mundo”, e aquele na condição de “explorado”, além do significado de latino como um membro de um povo que se pretende livre politicamente em um futuro próximo (e que, portanto, no presente se sente preso politicamente).

Os temas (macros e micros) por nós analisados estão em consonância com o que nos propõe Guirin (2007) sobre a identidade do povo latinoamericano. Se a América Latina, nas palavras do teórico, é vista como “um conjunto pluridimensional de tipos e fatores étnicos, culturais, de civilização e formações distintas”, ser latino significa ser uma noção em construção devido à pluridimensionalidade linguística, cultural e identitária que é a América

Latina, resultando impossível se pensar em uma latinidade como um conceito menos complexo, menos plural.

#### **4.2. Exame da RS da latinidade pelas EID e pelas condições de produção contextual:**

Neste momento, nos dedicaremos ao exame das categorias selecionadas a fim de evidenciar de que modo as EID e as CAC funcionam no processo de construção da RS sobre a latinidade pelos latinoamericanos enfocados a partir de suas postagens nos tópicos do fórum da comunidade “América Latina Unida”.

O foco serão os aspectos morfológicos, as construções sintáticas, os elementos semânticos, as estruturas retóricas e as estratégias de controle do discurso, ou seja, as estruturas ideológicas do discurso (EID), além das categorias de análise contextual (CAC) através de noções como circunstâncias, papéis sociais, pertencimento e referência aos “outros sociais”. Os comentários, nesta perspectiva, seguirão por tópicos, começando por “Como unir a América Latina?”, seguido de “Brasil não devia ser da América Latina”.

Ao fim deste primeiro momento de comentários acerca das categorias selecionadas para evidenciar as estruturas pelas quais a RS sobre a latinidade se expressa no discurso dos sujeitos selecionados, apresentaremos uma síntese das categorias mais produtivas, ou seja, as que se mostraram mais frequentes ao longo das postagens no discurso do grupo social em questão.

Como sabemos que para ter acesso à RS de um grupo sobre dado objeto de representação é necessário, primeiro, a análise do material coletado de cada um dos sujeitos selecionados para, depois, proceder à análise dos elementos em comum, ou seja, os que em si formam a RS, comentaremos cada uma das postagens dos tópicos, dando destaque à apropriação das categorias por cada sujeito, retomando os temas que compõem cada postagem.

Deste modo, à medida que formos tratando das categorias, teceremos comentários acerca do contexto em que elas emergem, optando, assim, por preservar o fluxo original do tópico na WEB, a fim de investigar de que modo o grupo se apropriou de tais categorias para a expressão da RS sobre a latinidade no momento em que discutem os temas que lhes são de interesse no fórum.

#### 4.2.1. “Como unir a América Latina?”

O tópico “Como unir a América Latina?” conta em sua totalidade com 46 postagens. No entanto, foram disponibilizadas 36 postagens, das 46 totais, pois algumas delas foram retiradas da página<sup>38</sup>. A discussão partiu do *usuário 1*, e o próprio título do tópico, em forma de pergunta, favorece a discussão, o “burburinho” (MOSCOVICI, 1976) a que pretendemos nos ater durante a análise da RS em questão.

Todo o conteúdo dos textos, disposto em sua versão original retirada diretamente do Orkut, encontra-se integralmente em anexo. Encontram-se dispostos ao longo desta seção as postagens ou os trechos de postagens necessários à compreensão do fenômeno que se discute em cada momento da análise.

Como já sinalizado na metodologia, nenhum tipo de edição foi executado no texto em anexo, preservando problemas gramaticais, linguísticos, erros de digitação, dentre outros. Deste modo, o material disposto permanece integralmente como se encontra no ambiente virtual, respeitando as questões éticas de investigação na WEB, através do tratamento fidedigno e do sigilo total dos dados dos sujeitos (RECUERO, 2010).

Ao dar início à discussão, *usuário 1* parte de uma citação de Eduardo Galeano<sup>39</sup>, “a América Latina é um continente de veias abertas”, para problematizar a unidade latinoamericana em torno da ideia de um continente de “veias abertas”. Trata-se de uma metáfora a respeito do modo como a AL, desde a sua colonização, tem sido espaço de intercâmbios culturais e políticos em se tratando de aspectos benéficos e maléficos.

No pensamento de García Canclini (2009), esta “vocalização” da AL nas relações como o mundo tem como resultado a Interculturalidade que alicerça a identidade desta nação. Destaque que o tom das discussões iniciadas pelo *usuário 1*, com citações, intertextualidades, argumentos e outros elementos retóricos, segue nas demais postagens e revelam o perfil de boa parte dos sujeitos que postam no Orkut, ou seja, sujeitos informados e minimamente conhecedores de sua história e de sua cultura, como se pode ver no trecho a seguir:

---

<sup>38</sup> Lê-se no fim da página do tópico “algumas respostas nesta página foram excluídas ou estão sob revisão”.

<sup>39</sup> Eduardo Hughes Galeano, jornalista e escritor uruguaio, é autor de *Las venas abiertas de América Latina*, obra em que analisa a história da América Latina desde a colonização até os dias atuais tratando de questões como exploração econômica e dominação política no continente.

Certa vez Eduardo Galeano disse que "a América Latina é um continente de veias abertas", entretanto será que mesmo com nossas "veias abertas" ainda não somos todos irmãos que sempre brigamos, mas que na verdade precisamos uns dos outros para enfrentarmos a "Senhora Globalização"?! A minha dúvida é: o que podemos fazer para unir nosso continente? (*usuário 1*)

Ao enunciar “mesmo com nossas veias abertas”, *usuário 1* faz uso do pronome “nossas”, referente à primeira pessoa do plural, evidenciando um sentimento de pertença e seu desejo de fazer parte do grupo de latinoamericanos. Ao firmar-se discursivamente como integrante desta congregação ideológica, o usuário revela, em consequência, a construção de sua identidade como sujeito da nação latinoamericana, condição relevante no esboço da RS que ele, enquanto membro da comunidade América Latina Unida, tem sobre a latinidade.

Essa identidade é reforçada pelas expressões “somos todos irmãos” e “nosso continente”, ambas em primeira pessoa do plural, acentuando o sentimento de pertença expresso na postagem. É relevante destacar o modo como se dá, na linguagem, a transição do posicionamento enquanto indivíduo que assume o usuário para seu posicionamento como parte de um grupo que tem um projeto em comum: enfrentar a “Senhora Globalização”, que aparece de forma humanizada, uma referência aos “outros sociais”, através das aspas, marcando o emprego de estruturas retóricas como a ironia, através de heterogeneidade discursiva mostrada<sup>40</sup> enquanto efeito de sentido.

*Usuário 2*, que dá continuidade à discussão, pauta sua fala no fato de conhecer a obra de Eduardo Galeano, citada anteriormente. Ao propor um projeto de união da AL a partir da possibilidade de que todos os países que a compõem “tomassem o mesmo rumo”, o usuário se posiciona, através de uma estratégia de controle do discurso, uma vez que promove sua enunciação com direção subentendida de tomada de posição, através da exposição do motivo pelo qual ele julga ser necessária a união da AL: o direcionamento dos países em um único rumo.

Referido usuário afirma que, no final do mesmo livro citado, Galeano sinaliza para uma resposta ao questionamento lançado a respeito de como é possível se pensar na união do subcontinente latinoamericano. Na opinião deste sujeito, essa união:

---

<sup>40</sup> Entende-se por heterogeneidade discursiva mostrada um conjunto de formas responsáveis por inscrever o outro na sequência do discurso. Entre essas formas estão: o discurso direto, as aspas, o discurso indireto, dentre outros. (AUTHIER-REVUZ, 1990).

Depende do povo, principalmente os pobres moradores das favelas. E hoje vemos como ele estava certo, quem colocou Evo no poder? Quem colocou de forma DEMOCRÁTICA o Hugo no poder e mesmo depois que o EUA deu o golpe tirando-o do poder quem devolveu o poder a ele? Se todos os países tomassem o mesmo rumo, a América Latina seria mais unida. (*usuário 2*).

Os argumentos lançados pelo sujeito se ancoram em personalidades políticas para reforçar o que ele entende por contradições no projeto de união dos países latinoamericanos. Ao fazer uso de enunciados interrogativos, *usuário 2* dirige-se aos demais membros do fórum para questionar de forma irônica quem são os reais responsáveis por fatos históricos como a chegada “democrática” de Hugo Chávez, presidente da Venezuela, ao poder.

Os *usuário 1* e *2*, que abrem o tópico, são latinoamericanos falantes nativos de língua portuguesa. *Usuário 3*, por sua vez, é o primeiro latinoamericano falante nativo de espanhol a interagir no tópico. As primeiras palavras dele já revelam EID em primeira pessoa do plural (“nosso continente”), como manifestação do sentimento de pertença. No entanto, o que merece atenção é o argumento do sujeito em torno à falta de identidade como grande empecilho à união da AL, como se poder ver no trecho a seguir:

Creio que um grande problema em nosso continente é a falta de identidade como latinoamericano. Eu creio que um primeiro passo muito importante seria tentar que se ensine uma história conjunta de todos os países. São muitas as contradições que se dão. Um exemplo bem claro é a Guerra do Pacífico. No Chile se ensina uma versão da história e na Bolívia e no Peru outra; o pior disso é o ressentimento que criam essas versões desencontradas da história entre povos irmãos e de raízes comuns, e onde o discurso "nacionalista" é usado para manipular a todo um povo. Claro que às grandes potências não lhes convêm uma América Latina unida. (*usuário 3*)<sup>41</sup>

Questões históricas e culturais, como o pressuposto de que “o discurso ‘nacionalista’ é usado para manipular a todo um povo”, são evocadas pelo *usuário 3* como uma estratégia de controle discursivo que contribui para a imagem de AL, e para a RS sobre a latinidade por consequência, como um todo incoerente do ponto de vista de sua constituição como nação ao longo de sua história.

Outros posicionamentos também são enunciados através da apropriação de expressões marcadas por aspas, através da heterogeneidade enunciativa mostrada, como

---

<sup>41</sup> Tradução livre nossa: “*Creo que un gran problema en nuestro continente es la falta de identidad como latinoamericano. Yo creo que un primer paso muy importante sería intentar que se enseñe una historia conjunta de todos los países. Son muchas las contradicciones que se dan; un ejemplo bien claro es la Guerra del Pacífico, donde en Chile se enseña una versión de la historia y en Bolivia y Perú otra; lo peor de eso es el resentimiento que crean esas versiones desencontradas de la historia entre pueblos hermanos y de raíces comunes, y donde el discurso "nacionalista" es usado para manejar a todo un pueblo. Por supuesto que a las grandes potencias no solo no les conviene una América Latina unida, sino que además han intervenido en reiteradas ocasiones los países del continente con dictaduras sangrientas; en Argentina hasta el día de hoy hay 30000 desaparecidos*”.

quando, na continuação na postagem, fala-se em “coisa estúpida” ao se referir às pessoas que veem o Chile como “o ‘inimigo’” assim como para se referir também aos chilenos que veem a Argentina como “o ‘inimigo’”.

*Usuário 3* enuncia em sua postagem elementos temáticos que caracterizam a RS sobre a latinidade partilhada pelo grupo. Ao se referir as suas idas ao Chile, o sujeito afirma que, para ele, a condição essencial à união da AL é só uma pré-disposição para que seja possível se dar conta de que o “vizinho” é como todos nós, ou seja, um indivíduo com características comuns, o que favorece o processo de identificação.

Percebe-se, através dos elementos semânticos empregados e manifestos no significado conceitual que é dado a “o vizinho”, que *usuário 3* se projeta em uma proposição de identificação com os países que são vizinhos ao seu, pois todos apresentam problemas comuns. Por outro lado, implicitamente revela protecionismo enquanto representante da por ele e por muitos outros membros da comunidade conceituada nação latinoamericana.

Em outra perspectiva, podemos dizer que a referência por associação ou comparação revela, explícita ou implicitamente, a imagem que temos das coisas e dos sujeitos do mundo (VAN DIJK, 1999). Do mesmo modo, a maneira como conceituamos intencionalmente os signos que constituem a visão que temos de nossa identidade revela os processos pelos quais categorizamos nossos elementos de pertencimento a grupos, manifestos em nosso discurso. Deste modo, dá-se início à construção da RS sobre a latinidade a partir da ideia de que ser latino significa estar consciente da interconexão que fundamenta a união dos países da AL, vivenciando, juntos, seus problemas em comum.

Ao revelar seu desejo de que no futuro o por ele nomeado “esquecido” MERCOSUL se torne para os latinoamericanos o que a União Europeia se tornou para os europeus em termos de integração internacional, *usuário 4* traz à tona pela primeira vez a questão do idioma como elemento preponderante na construção da RS sobre a latinidade pelo grupo de latinoamericanos.

Ao afirmar que “no Brasil ainda nos sentimos muito distantes dos demais países da América Latina, por conta do idioma”, o usuário, representante brasileiro da nação latinoamericana, manifesta concordar com a imagem do grupo de que, para ser latino, há que

se falar o espanhol como grande elemento de representação da latinidade, como se observa no trecho a seguir:

O esquecido MERCOSUL é o início de um caminho, espero que no futuro se desenvolva e possamos ter algo parecido com a União Européia, creio que todos ganharíamos com isso. Mas, penso que no Brasil ainda nos sentimos muito distantes dos demais países da América Latina, por conta do idioma. (*Usuário 4*).

Se estamos tratando as RS como construtos ideológicos, além de discursivos, inevitavelmente estamos tratando de um fenômeno erigido na dinâmica de grupos sociais e que se caracteriza pelas concepções históricas e políticas que marcam a história dos sujeitos que compõem tais grupos, sustentando sua marcas de identificação. Ao enunciar o MERCOSUL como “o início de um caminho”, referido usuário se posiciona em defesa de seus compatriotas, defendendo para todos eles um modelo de integração minimamente igualitário.

Tão fortemente relacionada ao idioma é a RS que o grupo de latinoamericanos constroem sobre a latinidade que grande parte das enunciações analisadas em “Como unir a América Latina” tocam, direta ou indiretamente, nessa questão, como se pode ver nos trechos das postagens dispostas até este momento de nossa análise e nas demais expostas nos anexos. A análise do fórum de um modo geral mostra a língua como elemento de relevância, para o qual estão direcionadas as outras postagens sobre os temas “identidade” e “cultura”.

Ser latino, em dado contextos, significa para os usuários compartilhar a língua espanhola enunciada como “berço” da cultura que fundamenta a formação de grupos em torno dessa latinidade. O que faz predominantemente com que os latinoamericanos se representem como sujeitos de uma “raça latina” (GARCÍA CANCLINI, 2009) é o modo como a língua espanhola, de origem latina, se interpõe como idioma imponente nesta latinidade.

O macrotema língua aparece nas postagens como um elemento temático de relevância, pois direciona a RS compartilhada pelo grupo e evidenciada em um momento de interação tão complexo, como o são os fóruns de discussão aberta em sites de redes sociais. Ao lado de “cultura” e “identidade”, o tema “língua” é evocado tanto para se referir à língua portuguesa como à língua espanhola e acentua a ideia de que há muito a latinidade já se espalhou para além dos limites geográficos, configurando-se, assim, como a essência da nação latinoamericana.



Ancorando-se no tema em questão para construir sua estratégia de argumentação, *usuário 5*, na sequência do tópico, concorda com o que se discute no atual momento do fórum reafirmando que é de fato a língua portuguesa, ou seja, o idioma do Brasil, que separa os latinoamericanos:

Certoouoooo... O idioma do Brasil nos separa... (*usuário 5*)

Este sujeito se inclui, por pertencimento marcado pelo emprego do pronome “nos” em sua fala, no trecho “o idioma do Brasil nos separa”, no grupo de latinoamericanos, representando-se como tal e evidenciando que a RS sobre a latinidade por ele compartilhada enquanto membro do grupo é a de que ser latino significa falar uma língua que não o português, idioma que separa os latinoamericanos dos brasileiros.

O modo como este sujeito apresenta sua postagem, com o uso de reticências para provocar um efeito de sentido de suspensão de pensamento do autor a respeito do que se discute (e de chamada aos leitores para continuidade deste pensamento), assim como através do alongamento de palavras, a exemplo de “certoouoooo”, caracteriza a linguagem geralmente empregada no mundo virtual<sup>42</sup>.

Retomando García Canclini (2008b), a respeito do modo como a condição atual da América Latina desborda seu território e do modo como diante das oportunidades promovidas pelos intercâmbios globais, interessa-nos destacar a ideia de como nos globalizamos enquanto produtores culturais. Esta constatação se dá a partir das postagens de alguns sujeitos acerca da mesma questão, a saber: a RS que latinoamericanos falantes nativos de espanhol constroem sobre a latinidade e a relação com a imagem que eles afirmam ter dos “outros”, ou seja, os brasileiros enquanto os únicos latinoamericanos falantes de português.

Em torno à relação entre a língua espanhola e a imagem dos “outros” brasileiros por ele partilhada, *usuário 6* dá ênfase em seu discurso à integração latinoamericana pela língua, a partir da necessidade, segundo ele, de um ensino do espanhol (castelhano) para que todos possam se comunicar na América. As diferentes culturas a que se refere o *usuário 6*, híbridas segundo García Canclini (2009), foi o motivo que fez *usuário 7*, quando de sua visita à Venezuela, “pensar melhor o Brasil”, como revela em sua postagem, transcrita a seguir:

---

<sup>42</sup> Van Dijk (2003) trata da entonação como uma das EID presentes predominantemente em textos orais. Não nos apropriaremos desta EID aqui, mas reconhecemos que a linguagem empregada em eventos na WEB favorece o uso destas estruturas pelos sujeitos.

Eu percebi isso em uma viagem que fiz a Venezuela, de lá pude pensar melhor o Brasil, a América latina, e digo que tenho um profundo amor por esse continente, um grande amor pelo povo venezuelano e sua coragem de enfrentar as elites e os velhos dirigentes. Não foi à toa, que foi na Venezuela onde o socialismo floresceu. Como professor de artes, começo a trabalhar arte e cultura latino-americana com meus alunos, inclusive estimulando-os a estudar e aprender o espanhol. (*usuário 7*)

O sujeito evoca o papel social revelado pela posição por ele assumida quando afirma que, “como professor de artes”, trabalha com seus alunos a cultura dos países da AL. Ao contrário de outros sujeitos, ele não faz uso em seu discurso de EID em primeira pessoa do plural, optando por estruturas linguísticas e referentes discursivos em terceira pessoa: “o Brasil”, “esse continente”, “sua coragem”, dentre outros, revelando certo distanciamento do objeto referido, evidenciando ser clara sua posição, enquanto membro de grupo, de que o Brasil integra de fato a América Latina e que por isso sua diferenciação entre os países latinoamericanos é desnecessária.

*Usuário 8*, em continuação, afirma que a “América Latina não é nada mais que a Sudamérica”, enfatizando o papel representativo da América do Sul na configuração desta nação:

Eu acredito que se começa primeiro tendo consciência de que a América Latina não é nada mais que a América do Sul. Falam de MERCOSUL, Chile Argentina, Brasil etc. Mas muita gente se esquece que a América Latina abarca Cuba, Dominicana, Porto Rico, América Central e inclusive o México (segunda economia mais importante depois do Brasil na região). Também se chegará à união quando nos conheçamos e nos respeitemos. É ridículo pensar que todos somos una cultura, há uma imensa diversidade na região. A cultura argentina é muito diferente da mexicana e esta, por sua vez, é muito diferente da equatoriana<sup>43</sup>.

Como se sabe, fazem parte da América Latina países representantes da América do Sul, da América Central e da América do Norte. Neste aspecto, o usuário se posiciona e deixa entrever que compartilha a RS sobre a latinidade como um traço identitário dos sujeitos que nascem na América latina.

Este traço é construído nas múltiplas culturas que acercam tais países, uma vez que, na opinião do sujeito, “a cultura argentina é muito diferente da mexicana, e esta, por sua

---

<sup>43</sup> Tradução livre nossa: “*yo creo que se comienza primero teniendo conciencia de que Latinoamérica no es nada más Sudamérica. Hablan de Mercosur, Chile Argentina, Brasil etc. Pero mucha gente se olvida que Latinoamérica abarca Cuba, Dominicana, Puerto Rico, Centro América y por supuesto México (segunda economía más importante después de Brasil en la región). También se logrará la unión cuando nos conozcamos y nos respetemos. Es ridículo pensar que todos somos una cultura, hay una inmensa diversidad en la región. La cultura argentina es muy diferente de la mexicana y estas a su vez son muy diferentes de la ecuatoriana*”.

vez, é muito diferente da equatoriana”, acentuando este conjunto pluridimensional de tipos de formações distintas, de que nos fala Guirin (2007).

Opondo-se indiretamente a *usuário 8*, *usuário 9* afirma que o maior desafio de união da América Latina está relacionado ao “predomínio da cultura burguesa na maior parte dos países latinoamericanos”. Segundo este sujeito:

Um caminho para minarmos esta cultura é através da educação. Não estudamos na maior parte das escolas uma história que conte a “história da exploração” a que fomos submetidos, pois nascemos (e o erro está em prevalecermos nesta condição) para servir aos interesses da cultura ocidental. Ao invés disto, estudamos a história do descobrimento. Se invertesse... E a língua estrangeira que aprendemos nas escolas? Inglês. Espanhol é optativo! No Brasil estuda-se América Latina apenas nos cursos superiores de História. Não faz parte da ementa obrigatória do Ministério da Educação. (*usuário 9*)

Para referido usuário, “o predomínio da cultura burguesa na maior parte dos países latinoamericanos” é o entrave central da construção de uma identidade partilhada. Vencer tal entrave somente é possível pela busca de suas raízes identitárias. Neste momento, destaque-se que uma voz coletiva se mostra comum no discurso do grupo com fins a direcionar a RS sobre a latinidade com elemento a se definir em termos culturais como um dentre os três macrotemas analisados.

Ao se referir à “história da exploração” a que foram submetidos os latinoamericanos, *usuário 9* faz uso de aspectos morfológicos selecionados ideologicamente (VAN DIJK, 1999) ao polarizar o discurso em “nós”, os latinoamericanos explorados, e eles, os representantes da “cultura ocidental”, a quem servimos pela exploração, segundo o sujeito, que encerra sua postagem com a expressão “Saudações Latinas!”, retomada outras vezes por ele e por outros, a exemplo do *usuário 10*, que se posiciona sobre a latinidade em torno do muito que têm em comum os latinoamericanos em seu passado e em seu presente, posição compartilhada e retomada por diversos outros membros do grupo:

Temos muito em comum do nosso passado e a realidade atual de nossa sociedade. Achei realmente a ideia de criar um grupo dinâmico de discussão realmente boa! Através das ideias que cultivarmos, mudanças serão possíveis, afinal, se não questionarmos "o que está aí", como isso vai mudar? E copiando o (*usuário 9*): "Saudações Latinas!". (*usuário 10*)

Fazendo uso de elementos linguísticos com função evocatória típicos dos fóruns, nos quais os discursos se manifestam em tom conversacional (RECUERO, 2010), *usuário 8* retoma a discussão dirigindo-se ao *usuário 9* acentuando mais uma vez os traços de uma

cultura híbrida que traça a identidade da AL. Nesta postagem, *usuário 8* fala das culturas indígenas e mexicanas para enunciar sua imagem de AL: “um cosmos de tantas culturas tão diferentes”.

Ao evocar a expressão “cosmos” em sua postagem, o sujeito marca a função ideológica do termo em direção ao projeto intercultural de construção da identidade latinoamericana que, na posição de membro do grupo, ele deseja promover, evidenciando que é na interculturalidade que se constrói a latinidade. Na sequência, *usuário 11* menciona uma matéria do jornal Clarín sobre uma crise protagonizada, em 2008, por Uribe, Correa e Chávez como sugestão para fundamentar a discussão. A intervenção não foi bem aceita pelos outros sujeitos haja vista que não foi levada em conta na continuação da discussão.

*Usuário 12*, que segue com as discussões no tópico, é falante nativo de língua espanhola. Uma visita a sua página pessoal no Orkut revela um sujeito cuja rede social se constrói com pessoas de todas as partes do mundo e cujas comunidades das quais participa revelam sua paixão pela nação latina da qual faz parte, em tom de ufanismo. Em seu *profile*, na opção “quem sou eu”, lê-se: “eu nasci com a história do meu povo e cresci com a pátria, com suas causas, seus esforços e vitórias, com seu anseio de ser independente e soberana”, o que revela o sentimento de exaltação e ufanismo presente na relação que o sujeito mantém como sua pátria, como se observa na postagem a seguir, de autoria de referido sujeito:

Nossa maiúscula América só não é unida porque os espanhóis nos separaram por seus objetivos, e depois, quando Bolívar quis unir toda a América Latina, os vizinhos do norte foram contra nossa união, porque eles nos temem, eles têm medo de nossa maravilhosa união e força revolucionária (...) Somos irmãos e sempre temos que caminhar juntos, somos todos uma mescla do espanhol e do indígena. A Índia, por exemplo, é um país onde há 11 línguas, 4 religiões, várias etnias y eles fazem partes de somente 1 país, ou seja, nós que temos uma maravilhosa união, por que não constituímos somente uma nação? Ou seja, algo está errado em nossa maiúscula e linda América Latina. Saudações<sup>44</sup>. (*usuário 12*)

Destaque-se, em um primeiro momento, o modo como o sujeito encerra sua postagem com a palavra “saludos”, em português “saudações”, nas cores verde, branco e vermelho em referência clara à bandeira de seu país, revelando seu claro ufanismo e

---

<sup>44</sup> Tradução livre nossa: “*Nuestra mayúscula América sólo no es unida porque los españoles en la colonización nos han separado por sus objetivos, y después cuando Bolívar quiso unir toda Latinoamérica, los vecinos del norte fueron ante nuestra unión, porque ellos nos temen, ellos tienen miedo de nuestra maravillosa unión y fuerza revolucionaria (...) Somos hermanos y siempre tenemos que caminar juntos, somos todos una mezcla del español y del indígena India, por ejemplo, es un país donde hay 11 lenguas, 4 religiones, varias etnias y ellos hacen parte de sólo 1 país, o sea, nosotros que tenemos una maravillosa unión ¿por qué que no constituimos sólo una nación? o sea, algo está errado en nuestra mayúscula y linda Latinoamérica. Saludos*”.

sentimentos de louvor e apreço a sua terra natal, por ele compreendida como pátria, berço de suas concepções e afirmações como sujeito latinoamericano.

Em um segundo momento, destaque-se que, com um discurso centrado na primeira pessoa do plural, que revela seu sentimento de pertença ao grupo de latinos, o usuário exalta a América nomeando-a como “nossa maiúscula América” e recorrendo a elementos da história da AL para fundamentar sua imagem a esse respeito. Através da polarização pela evocação de aspectos morfológicos com função ideológica, o usuário se apropria em seu discurso de estruturas linguísticas dicotomicamente empregadas com valor ideológico, a fim de se referir à nação de latinos, cuja marca identitária é sua “maravilhosa união”, em oposição a países como a “Índia”, por exemplo.

Até este ponto do fórum, já é possível perceber que grande parte dos usuários se apropria de dados EID com o objeto de promover louvor a dados elementos da história e da cultura latinoamericanas como signos identitários que concretizam o projeto de autorrepresentação de alguns sujeitos do grupo como latinos, ao passo em que reconstruem a identidade do “outro social” a quem se refere por vezes como o não latino, a exemplo da Índia na postagem do *usuário 12*, este que, assim como outros membros do grupo, compartilha a imagem do “outro” como o colonizador da AL, a exemplo dos espanhóis, que ocuparam o território mexicano em 1521.

Observe-se que o sujeito atribui aos espanhóis, durante o processo de colonização, a causa da segregação da AL. Depois, este mesmo sujeito refere-se ao processo de independência latinoamericana protagonizado por Simon Bolívar como um projeto interrompido pelos “vizinhos do norte”, sendo eles os responsáveis por nossa separação, uma vez que “nos temem”, que “têm medo de nossa maravilhosa união e força revolucionária”.

Ao fazer referência aos “vizinhos do norte”, *usuário 12* reporta-se aos Estados Unidos em elementos semânticos, tais como metáforas e atribuições (“vizinhos” e “do norte”), uma vez que é com os norte-americanos que os mexicanos fazem fronteira ao norte, revelando, implicitamente, a imagem que o grupo compartilha dos EUA, ou seja, vizinhos que contribuíram para a separação dos estados latinoamericanos, revelando, ao longo dos anos, seu lado “opressor”.

Deste modo, os elementos “união” e “força revolucionária” contribuem, segundo *usuário 12*, para a construção da identidade dos latinoamericanos e, por consequência, da latinidade por eles construída, revelando que este usuário compartilha da imagem de ser latino como um sujeito marcado por uma identidade que se pretende forte e unida. Segundo Rouquié (1991), a expressão “latina” surge na história americana, em uma de suas acepções, com os desígnios de criar uma identidade própria para o “Novo Mundo” e de apagar os laços particulares da Espanha com relação às novas terras.

Como o que hoje entendemos como “latinidade” foi combatida, à época, em nome da “hispanidade” e em nome “dos direitos da mãe pátria por Madri” (ROUQUIÉ, 1991, p. 78), ao analisarmos postagens como as de *usuário 12*, percebemos que o embate ideológico entre o mundo latino e o mundo europeu, hispânico e principalmente o norteamericano mantém-se forte até os dias de hoje como afirmação cultural e identitária do chamado “Novo Mundo”, o que fundamenta a apropriação, pelos sujeitos, de expressões que evidenciam a polarização dos indivíduos em grupos.

*Usuário 12* segue a discussão e, a partir de uma metáfora, discute a separação que os espanhóis desencadearam, ao longo da história, com relação a seus irmãos americanos a fim de cumprir seus interesses econômicos. Ao se ancorar em fatos históricos para definir quem são os latinos, é possível flagrar em seu discurso marcas da RS sobre a latinidade construída pelo grupo e por ele compartilhada a partir da ideia de que ser latino significa identificar-se como “una mescla do espanhol e do indígena”, reportando-se à língua espanhola como idioma preponderante na AL e a seu passado histórico de raízes indígenas:

Neste tocante, retomando as palavras de García Canclini (2009), sabe-se que o que une os países da AL, dentre outros motivos, é “o hábito de dar importância às relações de reciprocidade e confiança, mesmo em sociedades, como a maioria das sociedades indígenas”, uma vez que são estas sociedades/nações que “não só coincidem nas relações de reciprocidade comunitária e em sistemas normativos que garantem e regulam seu funcionamento, mas, sobretudo, na experiência de fazer coexistir interações comunitárias” (GARCÍA CANCLINI, 2009, p. 75).

Na sequência, *usuário 13* enuncia a respeito da separação latina discutindo a necessidade do intercâmbio de culturas e as dificuldades que as barreiras diplomáticas impõem para que brasileiros possam usufruir deste intercâmbio com outros países latinos. O

usuário critica os EUA por sua política protecionista nas fronteiras, o que, segundo ele, acaba por dificultar a chegada de brasileiros ao México, por exemplo, pelas terras estadunidenses, reforçando, deste modo, a imagem compartilhada pelo grupo, em termos identitários, dos Estados Unidos como o “outro social”:

Isso eu acho que deveria ser mudado, já que os EUA construíram aquele "muro da vergonha" (e se esqueceram que quem faz aquele país andar somos nós latinos - não sou a favor da entrada ilegal naquele país, nem mesmo legal hahahaha), agora poderiam liberar a passagem de brasileiros para o México sem a necessidade de visto, como já ocorre com a maioria dos outros países latinos, mas infelizmente quem sou eu para dizer o que os políticos com seus interesses devem fazer. (*usuário 13*)

Trata-se a separação latina, segundo o usuário, de uma espécie de “muro da vergonha”, uma barreira que burocratiza a troca de experiências culturais entre os sujeitos que compõem tais nações. Interessa-nos destacar, neste momento, a frequência com que os sujeitos mencionam ao longo do fórum a figura dos Estados Unidos da América como o “outro” que se impõe frente ao projeto de união da AL.

Na sequência, o mesmo usuário dirige-se ao *usuário 31*<sup>45</sup> ao afirmar que vê o Brasil como membro do “bloco” de países da AL. Reconhece, no entanto, que os outros países latinos, ou seja, os “outros sociais”, esquecem-se da participação do Brasil e não o reconhecem como representante desta nação em algumas premiações relacionadas à cultura latina, como os festivais de música, acentuando, deste modo, a segregação dos brasileiros enquanto representantes da AL.

Sobre o título “Divergência e Convergência”, *usuário 9* retorna à discussão para questionar o papel social de marxista que lhe foi atribuído pelos companheiros de discussão. O sujeito, assim, remonta traços da cultura latinoamericana, no México e no Brasil, e inicia uma discussão a respeito do desconhecimento desta cultura por muitos dos latinoamericanos. Afirma que é “na discussão sobre América Latina que reside a não percepção das nossas unidades”, deixando entrever que ele, na posição de membro do grupo, compartilha a RS sobre o que significa ser latino como uma noção construída na “formação do nosso continente”, do qual ele assume fazer parte pelo sentimento de pertença.

Na sequência, os *usuários 14 e 15* argumentam que os primeiros passos a serem tomados em direção à unificação da AL seriam respectivamente duas ações, a saber:

---

<sup>45</sup> Esta é uma das postagens que foram retiradas do tópico para fins de exclusão ou revisão.

“mudança nas leis” e “intercâmbio de culturas”, revelando compartilharem da opinião da voz coletiva que representa a latinidade como sentimento de fortalecimento da identidade pelas culturas. Cada sujeito, a seu modo, a exemplo dos usuários mencionados, passam a constituir os tópicos em processos argumentativos de concordância e discordância dos temas levantados, demarcando o caráter dialogal do fórum de discussão temática na WEB (Recuero, 2010).

Ainda na discussão sobre o intercâmbio de culturas entre os países da América Latina, *usuário 16* acrescenta que os latinoamericanos, em seu processo de afirmação como unidade regional, devem seguir firmes na sua imposição contra a Europa e os Estados Unidos, reafirmando a imagem do grupo a respeito da Europa e dos Estados Unidos como os “outros sociais” desde o ponto de vista de América Latina, o sujeito afirma que os latinoamericanos devem:

Parar de pagar pau pra Europa e pro EUA! (*Usuário 16*)

Ao mencionar a Europa e os EUA em sua postagem, o usuário retoma em seu texto os “outros sociais” que, na visão dos sujeitos, “ameaçam” o projeto de integração dos povos latinoamericanos. *Usuário 17*, contribuindo com a questão, compreende a possibilidade de união da AL como uma “utopia” e contribuir com o tópico com argumentos na mesma direção.

Para justificar sua opinião, este sujeito deixa entrever em seu discurso uma polarização ideológica estabelecida entre “nós”, os “brasileiros”, sujeitos que se veem utopicamente convidados a se unirem a “eles”, os “países com situações tão divergentes” da situação dos países latinoamericanos. Este sujeito compartilha a RS do grupo sobre a latinidade como significado do partilhar da condição de explorados, pois “um ponto que temos em comum é a exploração que sofremos dos países ricos”.

O sujeito, marcando seu modo mais reacionário de pensar, afirma ser um absurdo “termos que aprender espanhol ou a ‘cultura latinoamericana’”, o que deixa claro que, para ele, assim como para outros membros do grupo, falar espanhol não é condição indispensável para vivenciar a latinidade, evidenciando em seu discurso a polarização pela seleção de aspectos morfológicos em primeira pessoa do plural (nós), com referência ao grupo de pertença, e a terceira pessoa (eles), com referência aos outros grupos, ou seja, aos “outros sociais”.



*Usuário 18*, que revela no tópico o papel social de mãe de um estudante bolsista da Venezuela, intervém direcionando seu discurso em louvor a Hugo Chávez, a quem ela atribui a autoria de um projeto de integração entre os países da AL. Como estratégia de controle do discurso, a fim de reforçar sua argumentação, a usuária afirma que é no esforço pela integração real da AL que se constrói a identidade latina: “solo así podremos algun dia revertir la pobreza que nos produjo la Colonizacion primera y esta Globalizacion despues”. Assim como o *usuário 12* e outros membros do grupo, *usuário 18* atribui à colonização a causa pobreza latinoamericana, em um primeiro momento, e à globalização, em um segundo momento.

Na sequência, *usuário 19* segue reafirmando que “a questão da busca por união entre os estados/nações latino-americanos passa sim pelo cultural”. Ao afirmar que essa “união não existe senão no nome e no imaginário das pessoas”, argumenta que o próprio nome América Latina revela a contradição que marca toda a história dos países que integram a AL, “pois a nossa américa n]ao é somente latina, e sim ameríndia em um sentido amplo”.

Neste sentido, as discussões promovidas pelos sujeitos remontam a noção de AL como uma construção inventada no sentido que lhe outorgou O’ Gorman (1992) ao refutar e postular como falácia a ideia do aparecimento da AL como resultado do seu descobrimento. Para o autor, falar de invenção, mais que de descobrimento, significa olhar para a história de um continente inteiro como a América de uma maneira dinâmica e, portanto, pluridimensional. Na sequência, chamam-nos a atenção os argumentos levantados por *usuário 19* a respeito da identidade latina e sua relação com o passado dos países da AL.

Para este usuário, a identidade latina se constrói por vias de imposição uma vez que, para ele, “o estado nos parece algo distante e a parte da nação. mesmo que muitos neguem, essa é a realidade!”. Ao fim de sua postagem, o sujeito afirma acreditar, apesar de tudo, na união da AL, pois, como representante desta nação, reconhece ter tido “um mesmo opressor, o dito primeiro mundo e suas mega corporações...”, relevando mais uma vez, através da referência “aos outros sociais”, elementos da RS sobre a latinidade construída pelo grupo. Interessa-nos destacar ainda o modo como usuário cria em seu discurso, na postura de alguém que se assume como “oprimido”, uma dicotomia entre ser latino autêntico em oposição às pressões ideológicas externas advindas de outros países.

Em uma segunda postagem consecutiva, ao afirmar que acredita na união da AL por terem tido todos os países que a integram o mesmo opressor e por terem passado por processos históricos semelhantes, *usuário 19* reafirma a necessidade de que se “conheça a história da América Latina desde os povos indígenas até a contemporaneidade a ponto de enxergar esse elo assim como nós dessa comunidade enxergamos”, como se pode ver a seguir:

Pelo fato de ter tido o mesmo opressor e ter passado por processos históricos semelhantes é que acredito na união ou confederação de ajuda mútua entre os países latino-americanos. Mas para isso é necessário que o povo (o que não é pouca coisa) conheça a história da América Latina desde os povos indígenas até a contemporaneidade a ponto de enxergar esse elo assim como nós dessa comunidade enxergamos. Endente o que quero dizer? É uma tarefa muito complexa, mas quem disse que não é prazerosa? Por isso me interessa a cada dia que passa pela história da América Latina e é essa minha missão como professor e como cidadão desse maravilhoso continente (*usuário 19*).

A partir desta enunciação, pode-se entrever que o “elo” a que *usuário 19* se refere é o aspecto unificador, a condição que os une como sujeitos identificados por pertencerem às condições que ele aponta como essenciais à identidade latina, ou seja, o fato de, enquanto latinoamericanos, compartilharmos de um passado marcado pelas raízes indígenas de formação do povo latino.

O “elo” a que ele se refere este usuário se constrói no entrelaçar entre passado histórico e cultural, evocado em inúmeras postagens dos sujeitos membros do grupo social em questão, e a contemporaneidade. Há, deste modo, no discurso do sujeito, uma polarização relevante: de um lado, um grupo representado pelo pronome “nós, os integrantes “dessa comunidade” que “enxergam” esse “elo”, ou seja, que têm consciência desse passado, e, de outro lado, um grupo representado pelos “outros”, ou seja, os que, não integrando a comunidade, não partilham da condição de serem latinos, uma vez que não reconhecem o passado evocado por *usuário 19*.

Quando se posiciona relevando seu papel social de professor, ou seja, de formador de opinião, o mesmo sujeito interpõe o conhecimento da história da AL como sua missão que fundamenta sua condição de “cidadão desse maravilhoso continente”. Na continuação de sua postagem, *usuário 19* atribui aos “outros sociais”, ou seja, às “elites” o interesse em destruir “todo e qualquer vestígio de identidade cultural, principalmente indígena e popular, existente em nossa América”.

Por pertencimento, o sujeito se inclui no grupo de latinoamericanos reforçando em sua enunciação as polarizações ideológicas, tanto entre quem está na comunidade se reconhece como latino e entre quem não está e por consequência não se reconhece como tal, bem como entre os colonizados resistentes, ou seja, os latinoamericanos, e os colonizadores responsáveis pela imposição da cultura capitalista que impera até os dias de hoje na AL. Para concluir sua postagem, o sujeito se despede com um elemento linguístico de ênfase de sua inserção no grupo de latinos por sentimento de pertença, as “saudações latinas”.

*Usuário 20*, que dá continuidade às discussões, é enfático em sua postagem ao fazer coro à “voz coletiva” que vê no idioma o berço da latinidade. Ao afirmar que “é importantíssimo que todos os brasileiros passem a ter o espanhol como língua obrigatória nas escolas”, o sujeito apresenta o espanhol como elemento de relevância na RS que o grupo constrói sobre o que significa ser latino. Para o usuário, é através da adoção da língua espanhola como idioma oficial que eles, enquanto latinos, podem “compreender a importância” que têm uns para os outros, como se pode ver na postagem a seguir:

A língua! É importantíssimo que todos brasileiros passem a ter o espanhol como língua obrigatória nas escolas, só assim nós latinos vamos compreender a importância que temos um para com o outro. Inicialmente é isso!!! Depois é outra história. (*usuário 20*)

O elemento “língua” mais uma vez é evocado em posição central entre os inúmeros argumentos pelo sujeito que, enfaticamente, associa a adoção do espanhol como língua oficial ao reconhecimento dos latinos de várias etnias de sua identidade partilhada, uma identidade não somente geográfica, mas política, linguística e cultural.

Na sequência, *usuário 21* exalta, através do emprego de adjetivos com valor ideológico, a “bela” e “digna” sociedade latinoamericana. Para o usuário, o primeiro passo para a instauração de um projeto de integração latina passa pela postura dos sujeitos, que devem se orgulhar de suas tradições e de suas histórias, ou seja, de sua identidade cultural construída ao longo dos tempos:

Creio que o primeiro passo é o latino sentir-se orgulhoso das suas tradições, histórias e de participar de tão bela e digna sociedade. Que ele comece "aqui" a construir a sua própria história, que ele possa desvincular-se da mentalidade europeia e, por conseguinte, norteamericana, que tem servido com parâmetro de valores para a nossa sociedade. (*usuário 21*)

Segundo o sujeito, condição essencial para este projeto de integração é que cada sujeito comece "aqui" a "construir a sua própria história" e que ele possa "desvincular-se da mentalidade européia e, por conseguinte, norteamericana", que tem servido com parâmetro de valores para a nossa sociedade. Destaque-se que o dêitico "aqui" empregado pelo usuário revela a circunstância sobre a qual ele enuncia, através da definição de condições sociais específicas dos enunciadores. Note-se que o dêitico "aqui" refere-se à noção de tempo presente e de espaço latino, circunstâncias em que se deve construir a sua própria história, desvinculando-se de visões externas.

Em sequência, *usuário 21* direciona-se a *usuário 20* através de uma estratégia de controle do discurso e se posiciona de modo objetivo quanto à integração latina por meio de um idioma unificado: *usuário 21* acredita "ser tolice associar a união da América com uma única língua para todo o continente...". Para justificar sua opinião, deixa entrever em seu discurso a sua crença de que a latinidade vista pela ótica da integração latinoamericana se constrói "da junção de várias partes q se encaixam com harmonia, formando um todo sólido e resistente...", sendo estas "várias partes" as culturas híbridas que sedimentam a identidade dos sujeitos enquanto latinos e que os fazem sujeitos interculturais nas redes sociais que integram.

Particularmente relevante para a questão a que se direciona nossa análise é a postagem do *usuário 22*, boliviano residente no Brasil há anos. Uma visita à página deste sujeito revela o *profile* de um usuário que participa ativamente das discussões nos sites de redes sociais. Com "amigos" de todas as partes do mundo filiados a sua rede social, *usuário 21* anuncia em seu *profile* ser proponente e moderador de comunidades criadas em espanhol com o objetivo de discutir temas da política e da cultura de seu país.

Referido sujeito categoriza como "latinismo" o que entendemos como latinidade. Para ele, este sentimento, fortemente marcado pelo traço de pertença, pode ser entendido como "uma fonte inesgotável de talento, criatividade, consciência social e riqueza natural". Posicionando-se como os que discordam dos que veem no idioma em si, e não a raiz linguística deste idioma, a questão central da latinidade, o sujeito enuncia com direção clara de tomada de posição ao afirmar que "apenas devemos aprender a nos entender, e o idioma não é o problema".

Para *usuário 22*, a discussão em torno à latinidade deve se centrar no fato de que, como latinos, "devemos sobrepor a nosso nacionalismo muito enraizado, principalmente os

países que já são considerados como potencia militar, Chile, Venezuela e Brasil”. Ainda a seu ver, devemos-nos “despojar de nossas raízes e etnias para pensar como Latinoamericanos”, tudo em direção ao projeto étnico de fundação de uma identidade latina dispersa na modernidade.

Ao enunciar que é seu sonho que se possa ver, em um futuro próximo, a AL como um “continente sem fronteiras, de cordilheiras e rios de prata, de sangue quente, enfáticos, salseiros e sonhadores”, o sujeito afirma compartilhar a ideia de que a imagem de AL por ele construída é um ideal de futuro, ainda não alcançado, mas já há muito almejado. *Usuário 22*, ao longo de toda a sua participação no tópico, constrói seu discurso na primeira pessoa do plural, acentuando seu sentimento de pertença à nação sobre a qual ele mesmo constrói suas perspectivas de futuro.

Na sequência, *usuário 23* afirma que condição essencial para se chegar à integração latinoamericana é que “para tentar unir, antes deve-se evitar desunir”. Com isso, o usuário objetiva dizer que não se pode discutir uma possível união entre os países que compõem a AL se muitas vezes se propõem atitudes segregacionistas. Afirma ainda que não se deve “ter vergonha ou inveja dos irmãos”.

Note-se que a referência a “irmãos” não é revela essa categoria como “outros sociais”. Ao contrário, a seleção pelo vocábulo “irmãos” sinaliza a imagem do usuário, assim como a de muitos outros integrantes do grupo, de uma América Latina unida, principalmente, entre os cidadãos que a integram.

Ao afirmar que, a seu ver, as condições essenciais para que “o povo se entenda e consiga se enxergar” como latinos são a disposição de “informação” e a ênfase a uma “educação” acessível a todos, possivelmente ancorada na história de desigualdades sociais da AL, *usuário 23* faz menção, através de referentes do discurso, aos Estados Unidos e à Europa, mencionados pelos sujeitos ao longo do tópico como os “outros sociais”.

Ao comparar a necessidade de se pensar uma integração latinoamericana nos moldes do que se vê hoje entre os países europeus, *usuário 24*, que assume as discussões afirma que, mais que necessária para a construção da identidade dos latinos, a união latinoamericana é importante como forma de resistência à exploração advinda dos outros sociais por ele mencionados, a Europa e os EUA.

O sujeito fundamenta sua opinião com críticas ao modo como a busca pelo conhecimento se dá mais frequentemente em intercâmbios culturais entre os países latinos e a Europa que entre propriamente os países latinos em si:

Em primeiro lugar quanto à língua, pelo menos eu consigo compreender o espanhol, mas é importante que se entenda tanto português como espanhol pra quem tem dificuldade. É importantíssimo nos unirmos, pois sofremos a exploração da Europa e principalmente dos EUA. Para isso creio ser necessário mudar nossa consciência. Um mau exemplo é a busca de conhecimento em outros países como Europa e Estados Unidos, e em vez de discutir nossa própria realidade, importamos o conhecimento principalmente da Europa. Sendo que deveríamos nos preocupar em fazer intercâmbios latino-americanos, para assim entendermos a realidade de cada um e nos unir. (*Usuário 24*).

*Usuário 24* menciona o papel social da imprensa como legitimadora das distorções em torno ao modo como as informações sobre a integração latinoamericana chegam ao mundo. Para ele, o que se divulga pela imprensa “vai na contra mão da união americana”, contestando as benfeitorias de Hugo Chávez e Evo Morales, por exemplo. Em continuação à fala deste sujeito, *usuário 25* contribui com a discussão sugerindo que os participantes do tópico assistam à série “Presidentes de Latinoamérica”, transmitida pela TV Pública e Canal Encuentro, da Argentina.

É pertinente, neste momento, uma rápida pausa para uma reflexão a respeito das enunciações dos *usuários 25 e 11*. Ambos os sujeitos mencionados optaram por participar das discussões nos fóruns através da sugestão de textos (uma matéria do jornalístico Clarín e uma série de reportagens de emissoras argentinas, respectivamente).

Neste tocante, uma questão que surge é: por que os sujeitos que estão participando das discussões promovidas no tópico, através da exposição de seus posicionamentos, ação através da qual evidenciam os elementos que compõem a RS que compartilham sobre a latinidade, não dão importância à contribuição dos *usuários 25 e 11* e seguem a discussão sem qualquer referência aos textos mencionados pelos dois usuários?

Para o esboço da resposta a este questionamento apoiamo-nos em Recuero (2010), que vê a rede como um conjunto de “atores e suas relações” e que dá abrigo a agrupamentos sociais cuja relação se realiza por uma conversação livre, na qual o posicionamento autoral de quem lá escreve ganha mais destaque nas interações que as intervenções que se apóiam em outras vozes.

Desta maneira, a intervenção dos sujeitos que, ao invés de se mostrarem na discussão através da exposição de seus argumentos, optam por participar do tópico sugerindo a apreciação de materiais outros, acaba ficando em segundo plano no que diz respeito à discussão pela “voz coletiva” que fala no tópico, ao contrário dos usuários que se mostram de modo autoral, uma vez que suas ideias são quase sempre retomadas por outros usuários, em forma de crítica ou apoio, construindo para a voz grupal ali encontrada.

Retomando a análise das postagens, *usuário 26*, argentino, inicia sua participação saudando, já de início, “os irmãos de continente”, evidenciando seu sentimento de pertença ao grupo de latinos. Ao afirmar que acredita que a união dos países está em cada um de seus cidadãos, o sujeito se mostra ao mesmo tempo crítico ao analisar a conjuntura atual da AL e idealista ao se reportar ao futuro desta nação, momento em que “os governos deveriam se preocupar em como unir os povos”.

Ao fim de sua postagem, o sujeito evidencia uma polarização ideológica ao se direcionar aos “irmãos”, em estratégias de controle de discurso, para que sejam unidos, uma vez que ele acredita que a união entre os indivíduos é condição primordial para a união entre os países e para que “os de fora” não os devorem.

Ao discurso de tom “idealista” do *usuário 25* direciona-se, em forma de crítica, o *usuário 27*, que questiona como será possível construir a nação proposta pelo usuário que lhe precede, ao questionar:

Como? Eu adoraria ver esse continente maravilhoso unido e se possível com uma única moeda. (*Usuário 25*).

Este sujeito acrescenta que a tão almejada integração latinoamericana passa também pela necessidade de uma moeda unificada a fim de planificar a economia entre os países que compõem a AL. Após a rápida participação de *usuário 27*, *usuário 28* se apresenta dando destaque a seu papel social de professora de História e se mostra satisfeita com a discussão traçada, direciona-se a todos do tópico com “saudações latinas”, explicitando seu sentimento de pertença ao grupo de latinos.

O tópico se encerra com duas postagens de *usuário 29*, que direciona seu discurso em forma de crítica ao que ela nomeia como “imperialismo estadunidense aqui na América”, responsável pela distorção do sentimento de pertença de alguns latinos a sua nação. Para ele,

muito do nacionalismo se perde na AL pelo modo como os latinos vivem uma cultura que não é sua, exemplificada pela invasão de estrangeirismos ingleses nas línguas maternas, o que comprova que é por meio de questões linguísticas que muitos usuários constroem sua RS sobre a latinidade, como se pode ver a seguir:

Acho que primeiro de tudo é começar a boicotar o imperialismo estadunidense aqui na América. O que a gente percebe hoje é uma "norte americanização" dos latinos. A gente usa "Nike", vai ao "wall-mart", diz "I love you"; estamos vivendo uma cultura que não é nossa devido a esse imperialismo, que por sua vez é introduzido aqui através do comércio... a maioria das empresas de bens de consumo é propriedade do capital estrangeiro! isso faz com que a gente consuma (e acabe valorizando) valores e tradições que não são nossos... infelizmente! Na minha opinião, é preciso reforçar o nacionalismo em todos os âmbitos. (*usuário 29*).

Em sua segunda postagem, *usuário 29* dialoga com o *usuário 30* que, assim como *usuário 31*, teve sua postagem retirada da página. Neste texto, *usuário 29* enfatiza a necessidade de um projeto de integração pelo nacional, perpassando questões linguísticas e sociais, como a entrada de capital nacional nos países latinoamericanos.

Em síntese, podemos afirmar que grande parte dos elementos temáticos evocados ao longo das postagens do tópico 1 relaciona-se ao idioma de modo central, perpassando os temas relacionados à cultura e à identidade, o que revela o traço de centralidade deste elemento temático na constituição da RS sobre a latinidade entre o grupo social analisado.

Este primeiro fórum caracteriza-se particularmente pela frequência de EID, tais como a apropriação de termos ou expressões morfológicas com função ideológica e a polarização em 1ª e 3ª pessoas. Com relação às condições de produção contextual, destaque para o uso de referentes aos outros sociais.

#### **4.2.2. “Brasil não devia ser da América Latina”**

Concluída a discussão de “Como unir a América Latina?”, seguimos com o segundo momento deste ponto de nossa análise. O tópico “Brasil não devia ser da América Latina” conta, em sua totalidade, com 78 postagens dentre as totais. Assim como em “Como unir a América Latina?”, algumas delas foram retiradas da página para fins de “exclusão” ou “revisão”, como se pode perceber na página da comunidade na WEB.

Enfatizamos que a escolha por este tópico se deu por acreditarmos se tratar de um evento evidenciador, já em seu título, de uma possível RS sobre a latinidade bipartida em



latinidade hispânica e latinidade brasileira no discurso de latinoamericanos falantes de espanhol (argentinos, paraguaios, mexicano, dentre outros) e no discurso de brasileiros (únicos latinoamericanos falantes nativos de língua portuguesa), sendo esta bipartição uma tomada de posição, pelos sujeitos, reveladora das atitudes destes sobre o objeto representado.

A discussão é iniciada pelo *usuário 31*. Uma visita à página deste usuário revela o perfil de um sujeito que, ao invés de uma foto, como tradicionalmente é feito pelos membros dos sites de redes sociais a fim de incrementar o “ar de intimidade” de sua página (COSCARELLI, 2004), apresenta em seu *profile* a imagem de um personagem de um desenho animado japonês, apresentando-se em cores sombrias e aos prantos. As comunidades a que se filia revelam um indivíduo de personalidade forte, o que se comprova por suas proposições no início do tópico por ele proposto.

*Usuário 31* inicia as discussões propondo cinco argumentos que, na sua visão, justificam seu ponto de vista a respeito da ideia de que o Brasil não deveria integrar a América Latina. Para ele:

1. Falamos português (isso já dá benefício próprio para não sermos latinos, odeio quando algum estrangeiro diz que falamos espanhol).
2. França, Itália, Portugal e Espanha são países de língua latina, e não são considerados "Europa Latina", outro motivo para não sermos misturados com os nossos vizinhos.
3. Sempre a filial do Brasil é diferente, não só por causa da língua, mas também por ter mais população, mais qualidade, sermos melhores e maiores. Sempre é filial latinoamericana e filial Brasil.
4. Somos destaques e carregamos boa parte da América Latina nas costas.
5. Guiana também pode preparar sua separação da América Latina, a língua de lá é inglês, nada a ver com latim (*usuário 31*).

A tomada de posição na postagem revela uma típica polarização ideológica na medida em que o sujeito divide seu texto em dois blocos: um centrado na primeira pessoa do plural (nós) em tom de superioridade, no qual está incluído o Brasil e ao qual ele se inclui por sentimento de pertença, e outro centrado na terceira pessoa do plural (eles) em tom de inferioridade, no qual estão incluídos os outros países que compõem, na opinião do usuário, a América Latina.

A postagem do sujeito possibilita observar um aspecto ideológico relevante: *usuário 31*, como brasileiro, constrói seu discurso distanciando-se do sentimento de pertença que estrutura a RS sobre a latinidade presente no dizer da maior parte do grupo nós analisado até agora. Para este sujeito, ser brasileiro não significa ser latino. Para justificar tal proposição, ele categoriza a língua portuguesa não como um signo identitário da latinidade,

mas como um signo identitário de uma brasilidade, já que falar em identidade é falar de “um repertório de ações, línguas e culturas que permitem a cada pessoa reconhecer que pertence a certo grupo social e identificar-se com ele” (WARNIER, 2000, p. 37).

Ao revelar que odeia quando estrangeiros, os “outros sociais” por ele discursivo e ideologicamente polarizados, afirmam que os brasileiros, grupo ao qual ele sente pertencer, falam espanhol, *usuário 31* mostra-se de certo modo protecionista com relação à cultura que fundamenta a relação identitária estabelecida com sua pátria, na medida em que deixa de evocar, na construção de seu argumento, a origem da língua portuguesa, o que a incluiria no conjunto de línguas neolatinas. Trata-se de uma identidade alicerçada na relação que o sujeito tem com a língua portuguesa em sua configuração hoje, e não com os traços etimológicos de seu surgimento, com base no latim.

Deste modo, é possível perceber que este sujeito compartilha a RS de que ser latino significa falar espanhol, e não português. Ele reconhece que França, Itália e Espanha são países cujos idiomas provêm do latim, mas nem por isso compõem uma “Europa latina”, o que deixa entrever que de fato a latinidade se constrói frente aos traços culturais híbridos que marcam a identidade do espaço latinoamericano e frente a questões linguísticas relacionadas ao espanhol. O sujeito reconhece a existência de uma latinidade compreendida como traços identitário de dados povos, mas elabora argumentos para tirar os brasileiros do grupo de povos que se identifica com a latinidade.

Destaque-se que, ao mencionar tais países, *usuário 31* os caracteriza fazendo uso de termos marcados por questões de crenças e funções ideológicas, nomeando-os como “nossos vizinhos”, com os quais não devemos ser “misturados”. Ao encerrar seus primeiros argumentos, o sujeito aproxima a situação do Brasil, país que, em sua visão, não integra a AL, à situação da Guiana que, para ele, “também pode preparar sua separação da América Latina”, pois “a língua de lá é inglês”, o que na tem “nada a ver com latim”<sup>46</sup>.

Ressaltando os traços que singularizam seu país, o sujeito mais uma vez evoca termos com função ideológica e se refere ao Brasil como a “filial, diferente por sua língua, por sua grande população”, dicotomizando a relação existente entre o Brasil e os outros países que compõem a AL. Para ele, em evidência de seu sentimento de pertença, somos, os

---

<sup>46</sup> A língua oficial da Guiana é o inglês, mas registram-se usos de outras línguas reconhecidas. É o caso do crioulo, do português e do espanhol, por exemplo.

brasileiros, um povo de destaque que carrega “boa parte da América Latina nas costas”. Esta proposição acaba por desencadear manifestações diversas ao longo de todo o tópico.

Ao fim de suas duas primeiras postagens, *usuário 31* define o Brasil como “AMÉRICA LUSÓFONA”, ou seja, um país integrante sim da América e que tem sua identidade construída em torno a seu idioma oficial, a língua portuguesa. Em postagens subsequentes, mais um elemento é acrescentado a esta definição: Brasil como “um país único”. Para a construção dessa definição, o sujeito se vale de questões históricas e sociais e compara seu país de origem a outros tanto da AL.

O sujeito que segue com a discussão é o *usuário 32*, que se dirige ao *usuário 31* indagando-o sobre o sentido dado à expressão “benefício próprio” em sua postagem ao afirmar que “isso (o brasileiro falar português) já dá benefício próprio para não sermos latinos”. *Usuário 32* afirma, deste modo, em forma de estratégia de controle do discurso, sua opinião a respeito de que seu interlocutor deveria associar-se a “comunidades separatistas” pelo modo como se posiciona nas discussões:

Qual é a sua definição de "benefício próprio"? Acho que você deve procurar comunidades separatistas (*usuário 32*).

É plausível neste momento ressaltar que a proposição de *usuário 32* acentua o que Recuero (2010) afirma a respeito do modo como comunidades virtuais são criadas sobre as afinidades de interesses de conhecimento, projetos mútuos, em cooperação e troca, o que explica os conflitos de pertencimento ou não pertencimento ocorridos quando um usuário está em dada comunidade e se manifesta contrário à “voz coletiva” que conduz o fio das discussões, revelando uma atitude distinta da assumida pela grande parte dos membros do grupo.

*Usuário 31*, em resposta a *usuário 32*, ataca os “outros sociais” marcados em seu discurso como “esses outros países” que, em sua opinião, “não contribuem em nada para o desenvolvimento da América Latina”, à exceção de Argentina e México. Cita como exemplo o caso de Quebec, uma província do Canadá cujo idioma oficial é o francês, também língua latina, mas que nem por isso se integra à AL por ser “superior”, afirma o sujeito valendo-se das aspas como elemento de heterogeneidade discursiva mostrada enquanto efeito de sentido para fazer uso da ironia como estrutura retórica.

O sujeito cita os Estados Unidos em seu processo de expansão e seu papel na propagação do termo “América Latina” para se referir aos “pobres da América” quando do aparecimento do termo “latina” na Europa e na França, na época de Napoleão II, com relação ao projeto de “ajudar” as nações “latinas” da América a impedir a expansão dos norte-americanos (ROUQUIÉ, 1991).

Como representante dos brasileiros, critica ainda o modo como os norte-americanos referem-se a São Paulo, “maior cidade da América”, de maneira desmerecedora, como “APENAS” a maior cidade da AL:

(...) Eu defendo o Brasil para ele ser um país único e não misturado com esses outros países que, tirando a Argentina e o México, não contribuem em nada para o desenvolvimento da América Latina. Se fosse pela língua, Quebec no Canadá também estaria considerado latino, pois lá o idioma é francês, mas como são primeiro mundo eles fazem o que bem e entendem já que são "superiores". O termo América Latina foi criado pelos estados unidos, justamente para se referir aos pobres da América (*usuário 31*).

Também relevante para a análise da RS sobre a latinidade de que compartilha *usuário 31* é a referência à latinidade do México, país que integra a América do Norte, mas que não é considerado norte-americano, mas sim latino-americano, o que fundamenta a discussão em torno do desdobramento dos limites geográficos na constituição da identidade latina, ou seja, da redefinição dos elementos que caracterizam a latinidade, a noção de sentir-se latino.

Os argumentos levantados pelo sujeito revelam a imagem por ele construída de Brasil como “país único” e que por isso se diferencia dos demais países que integram a AL. Trata-se de um dos primeiros, de muitos outros, em que *usuário 31* constrói seu discurso em torno da noção de brasilidade, e não necessariamente de latinidade, com relação ao Brasil, como em grande parte das postagens dos outros sujeitos que integram a discussão nos dois tópicos analisados.

A exemplo de *usuário 32*, *usuário 33*, na sequência, também rebate os argumentos de *usuário 31*, intensificando os conflitos de grupo constitutivos da comunidade “América Latina Unida”, ao contestar a congregação do sujeito proponente do tópico, já que, como ele não se considera um latino-americano, sua filiação à comunidade não se justifica com relação ao que os membros do grupo entendem como condições fundamentais para participar da comunidade (tratar de temas afins, acreditar na união da América Latina,

reconhecer a diversidade cultural e identitária em torno ao significado do que é ser latino, dentre outros).

É relevante neste momento destacar que, na opinião de *usuário 33*, retomada por outros membros em postagens subsequentes, a simples condição de estar filiado à comunidade já se configura como indício de construção do sentimento de pertença à nação latinoamericana, uma vez que, no ambiente, de fato se constroem relações sociais e discursivas muito próximas das que ocorrem nas comunidades em termos geográficos:

Ôh, babaca, se tu se achas "superior" aos nossos vizinhos ou não se consideras um latino americano, então, que fazes nessa comunidade? Vai para uma que tenha o nome "Sou lambe botas dos EUA" ou "Eu quero ser anglossaxônio". O Brasil é latino quer tu queiras ou não seu "(Usuário 31) babão dos EUA"!!!! (*usuário 33*).

Trata-se, segundo Recuero (2010), do poder das comunidades virtuais como entidades derivadas da metáfora desterritorializada do conceito geográfico de entender o termo “comunidades” propriamente dito. Ao se posicionar dessa maneira, *usuário 33* expõe em seu discurso que “o Brasil é latino” independente de tudo, congregando-se ao grupo que reconhece que o Brasil integra o conjunto de países que compõem a AL e que, como tal, compartilha a latinidade como significado do que é ser latino.

Na mesma direção, ou seja, em contestação aos argumentos expostos, *usuário 32* retoma o turno conversacional e, desde uma enunciação com direção clara de tomada de posição, caracteriza como “débil” o ponto de vista apresentado por *usuário 31*. *Usuário 34*, na sequência, classifica como uma sucessão de ambiguidades os posicionamentos expostos e retoma a questão de que o português é sim uma língua latina, a fim de desmontar as proposições de *usuário 31*.

Em seguida, *usuário 35* dá continuidade à discussão e se apresenta como sendo natural do Suriname, país do norte da América do Sul, limitado a norte pelo oceano Atlântico, a leste pela Guiana Francesa, a sul pelo Brasil e a oeste pela Guiana, cuja língua oficial é o holandês, do ramo linguístico indo-europeu:

Sou do Suriname, minha língua nativa é holandês. Sou sudamericano pela geografia e latinoamericano pela cultura. Acho que existem alguns brasileiros que preferem se chamar de "Germania Americana"? ;) Somos todos hermanos gente, todos nos não sao muito bem vindo na Europa (*usuário 35*).

Referido sujeito afirma ser “sudamericano”, do ponto de vista geográfico, e “latinoamericano”, do ponto de vista cultural, reafirmando nossa tese de que é predominantemente por questões culturais e ideológicas de pertencimento que se constrói a RS sobre a latinidade por latinoamericanos. O sujeito, direcionando-se ironicamente a *usuário 31*, afirma haver brasileiros que preferem integrar uma “Germania Americana<sup>47</sup>”, uma vez que negam suas raízes latinas, postura que ele repudia, já que crê que “somos todos hermanos”, uma vez que “todos nos não são muito bem vindo na Europa”.

Ressalte-se que a inclusão deste sujeito surinamês no tópico é uma sinalização clara de que ser latinoamericano não é tão somente ser descendente ou estar circunscrito em país da América do Sul, da América Central ou da América do Norte, mas sim compartilhar de uma língua e de uma cultura de raízes latinas, a exemplo do espanhol e do português, além do inglês, idiomas que se impõem como de domínio entre as Américas. Neste ponto reside a complexidade de se discutir a constituição da identidade de um povo em questões estritamente geográficas e não por questões políticas, sociais e linguísticas.

*Usuário 35* segue o tópico ressaltando as boas relações entre brasileiros e surinameses no futebol e na exploração de minerais afirmando que “quando Brasil joga futebol contra qualquer país nosso capital e verde amarelo”. Através de clara tomada de posição, afirma que *usuário 31* deve mudar suas ideias, pois, caso não o faça, simboliza pertencer não ao continente latinoamericano, mas sim ao europeu, opinião apoiada, na sequência, por *usuário 33*, deixando entrever a RS do grupo de que ser latino e, portanto, estar com condições de compor a comunidade “América Latina Unida”, significa valorizar o nacional e conseqüentemente criar barreiras à influência européia e norteamericana.

Além de *usuário 35*, que acredita que “juntos somos mais fortes”, e que por isso os EUA devem adotar o espanhol e o português enquanto línguas latinas como idioma a ser falado em território norte-americano, *usuário 37* é mais um sujeito que discorda da posição adotada por *usuário 31* sobre o que é ou não ser latino, caracterizando-o como um indivíduo cujo discurso se fundamenta em um “provincianismo do kralho”.

*Usuários 33e 32* seguem no tópico reforçando seu desapoio ao pensamento de *usuário 31* lançando mão de argumentos que defendem o Brasil como representante de uma

---

<sup>47</sup> São exemplos de línguas germânicas o báltico, o céltico e o grego, além do albanês e do eslavo, estas duas últimas línguas faladas, respectivamente, na Itália e na Eslováquia.

latinidade expressa, e não como “o país que leva a América Latina nas costas”, uma vez que países como o Chile, Argentina, Uruguai, Peru, dentre outros, que integram a AL e que supostamente seriam “levados nas costas pelo Brasil”, destacam-se em questões intelectuais e econômicas.

Interessa-nos dar ênfase neste momento ao investimento dos sujeitos na discussão dos fóruns em comunidades virtuais como a que ora analisamos. É possível visualizar, a cada tópico do qual se participa, o grande empenho dos sujeitos que se dispõem, no que diz respeito a tempo e ao contínuo engajamento dispensado na composição desta rede de argumentos, a emitir suas opiniões e, deste modo, a evidenciar tomadas de posição na WEB.

É neste ambiente que sujeitos de todas as partes do mundo investem discursivamente através de argumentos e emissão de seus posicionamentos sobre dados objetos do mundo a fim de se firmarem como sujeitos do discurso definidos em grande parte pelo acesso que têm aos meios de comunicação de massa e aos capitais sociais (BORDIEU, 1993) advindos destes meios.

Na sequência do tópico, surge um sujeito que concorda com *usuário 31*, apoiando-o em suas ideias. Trata-se do *usuário 36*, que logo tem seu posicionamento questionado por outros usuários. A partir da entrada deste sujeito no tópico, a discussão em torno à posição do Brasil na questão da latinidade segue sistematicamente dividida entre dois grandes posicionamentos.

De um lado estão os sujeitos que compartilham a RS de que ser latino significa falar uma língua latina (espanhol ou português) e integrar a cultura referente a esta língua; por consequência, acreditam que o Brasil compõe o conjunto de países da América Latina, fazendo parte, assim, dessa “latinidade. De outro lado, estão os que compartilham a RS de que ser latino significa falar espanhol e integrar a cultura hispânica; por consequência, acreditam que o Brasil não integra não compõe o conjunto de países da América Latina, não compartilhando da noção de “latinidade”.

São exemplos de sujeitos cujas atitudes são elaboradas a partir da primeira tomada de posição os *usuários 33* e *35*. Por seu turno, são exemplos de sujeitos cujas atitudes são elaboradas a partir da segunda tomada de posição os *usuários 31* e *36*.

Para *usuário 38*, na sequência do tópico, a discussão em pauta não se justifica, pois “nós não somos superiores a ninguém”, afirma o sujeito fazendo uso da primeira pessoa do plural, integrando-se ao grupo de latinos. A fim de dizer algo que possa vir a dirimir a tensão no tópico, mostra a relatividade da questão, que merece ser discutida com atenção às particularidades de cada caso, com exemplos em torno à diferença de comportamento entre argentinos e brasileiros em situações cotidianas, como o trânsito:

Para quê tanta soberba? Nós não somos superiores a ninguém. Muito pelo contrário. Na Argentina, por ex., quando pomos o pé na calçada para atravessar, os carros param. Agora tenta por o pé em qualquer canto aqui do Brasil e atravessar p ver o que te acontece... Cumbia!! Eu amo!! Paz aew amigos.... (*usuário 38*)

Por outro lado, *usuário 40* afirma ser “totalmente desnecessário” o conjunto de proposições do tópico, o que nos leva a depreender que, para usuários como ele, a inclusão dos brasileiros como povo integrante da AL, e da latinidade, é mais que evidente.

A opinião de *usuário 40* e de outros usuários ganha corpo na “voz” do grupo que vai se delineando ao longo do tópico por nós analisado. Outros sujeitos mostram que a essência da RS sobre a latinidade está no sentimento de pertença ao mundo latino: é o caso de *usuário 41* ao afirmar que repudia a nomeação de “hispânicos” dada por americanos (norte-americanos) a “mexicanos”, “dominicanos”, assim como aos porto-riquenhos. O sujeito argumenta que tal atitude restringe a “latinidade” à “hispanidade” e exclui a “brasilidade” da discussão, como se vê na postagem a seguir:

Somos latinos e acabou. Eu odeio quando os americanos chamam meus amigos dominicanos, mexicanos e boricuas (puerto-ricans) de hispânicos. Quando eles falam isso eles excluem países como o Brasil e outros países de maioria negra. Somos a América Latina e somos latinos e acabou (*usuário 41*).

Está implícita no discurso deste sujeito a polarização ideológica entre os brasileiros, representados por “nós”, e os americanos (norte-americanos), representados por “eles”. Mais adiante, *usuário 43* argumenta a esse respeito que “com raiva, os americanos acham que falamos Espanhol e que somos Hispânicos também”, o que atribui à falta de conhecimento dos americanos a distorção em torno à integração ou não do Brasil como representante da AL. Já para *usuário 42*, o fato de não parecermos com os povos latinoamericanos pode contribuir para tal distorção. O sentido de “parecer” atribuído pelo sujeito se restringe a questões de traços físicos ou comportamentais em sentido estrito e singularizador.



Na sequência, *o usuário 44*, direcionando-se à postagem de *usuário 42*, afirma que “qualquer nordestino parece bem mais com um boliviano do que com um europeu”. Através de estruturas retóricas fundamentadas na comparação, o usuário ironiza a postagem que lhe foi precedente e categoriza seu interlocutor, de modo depreciativo, como um possível “filho de gringo” nascido em terras brasileiras, mostrando que a reação da usuária se dá em direção à defesa dos traços de semelhança entre os latinos que ela defende.

*Usuário 45*, na sequência, participa do tópico somente uma vez, construindo seu discurso a partir da ironia como efeito de sentido pretendido para posicionar-se sobre a pertinência ou impertinência das opiniões expostas pelos membros da comunidade sobre os temas em debate. Ao se dirigir aos interlocutores, *usuário 45*, possivelmente levado pelos argumentos levantados e por ele considerados absurdos, afirma que o “Brasil deveria ser da América anglo-saxônica”, ao invés da América Latina:

Brasil deveria ser da América anglo-saxônica. Somos autênticos "WASP" (*usuário 45*).

A expressão “América Anglo-Saxônica” refere-se aos países do continente americano que adotam como língua oficial o inglês e que possuem laços históricos, étnicos, linguísticos e culturais com o Reino Unido. São exemplos desses países os Estados Unidos e o Canadá. O efeito de ironia pretendido se comprova pela análise das comunidades das quais o sujeito participa de louvor ao Brasil e à Espanha, como “Nacionalismo, sou mais Brasil” e “Tudo sobre Espanha”, e de depreciação dos Estados Unidos e de seus signos identitários, a exemplo do idioma, como “Aprenda inglês em 2 minutos”, citando somente algumas das muitas comunidades desta natureza na rede social deste sujeito.

Para finalizar sua participação, *Usuário 45* afirma que “somos autênticos ‘WASP’”, ou seja, brancos, anglo-saxões e protestantes, em tradução livre. Esta sigla, em inglês, significa White, Anglo-Saxon and Protestant e é com frequência usada para se referir a um grupo de indivíduos dos EUA de religião protestante. Salvo em tom jocoso, é incomum que alguém se refira a si mesmo como um WASP. Em termos pejorativos, a expressão pode ser aplicada a latinos em geral e é apropriada pelo *usuário 45* para acentuar o que para ele parece ser um absurdo: a possibilidade de se pensar o Brasil e os brasileiros sem que sejam latinoamericanos.

Apoiando-se no argumento de que o Brasil partilha sim a latinidade representada pelos seus cidadãos, *usuário 46* reafirma que “o Brasil É SIM da América latina”, marcando com ênfase seu posicionamento. O sujeito afirma ainda que tudo o que foi discutido e que vai de encontro à integração do Brasil na AL é “pura ideologia”. É relevante neste momento retomar a discussão em torno ao pluralismo semântico característico do termo “ideologia” ao longo dos anos, a partir do qual *usuário 46* categoriza o pensamento dos seus interlocutores. Segundo van Dijk (2009):

O conceito de ideologia se utiliza de maneira generalizada nas ciências sociais, na política e nos meios de comunicação (...) Como se sabe, as ideologias estão relacionadas aos sistemas de ideias e especialmente às ideias sociais, políticas ou religiosas que um grupo ou movimento compartilha<sup>48</sup>. (*Idem*, 2009, p. 05)

Como um construto difuso e polêmico, pois multidisciplinar, o conceito de ideologia sobre o qual nos reportamos para a investigação das RS nos grupos está construída na visão de van Dijk (2009), ou seja, ideologias enquanto conjunto de “crenças fundamentais de um grupo e de seus membros”, através das quais constroem suas relações e na qual está fundada a base de suas interações. Deste modo, tais “crenças” são construídas na interação social e voltam a ela no cotidiano como forma de produção discursiva dos grupos, o que fundamenta e reafirma nossa visão de RS como construtos ideológicos e discursivos

Frente aos fortes argumentos apresentados ao longo de toda a discussão, *usuário 36* muda o foco de seu discurso, mas não seu posicionamento, e passa a tematizar não mais a integração ou não do Brasil na AL, mas a ideia de que o Brasil “leva nas costas” a América Latina, argumento inicialmente levantado por *usuário 31*, que não mais teve suas interações registradas no tópico.

O *usuário 39* retoma a discussão e, assim como *usuário 47*, questiona a entrada e a permanência de *usuário 36* no tópico. Por sua vez, *usuário 39* afirma que “se ã é a favor de uma Am. Latina unida, a porta de entrada é a porta de saída”. No mesmo sentido, *usuário 47*

---

<sup>48</sup> Tradução livre nossa: “El concepto de ideología se utiliza de manera generalizada en las ciencias sociales, en la política y en los medios de comunicación. (...) Como se sabe, las ideologías están relacionadas con los sistemas de ideas y especialmente con las ideas sociales, políticas o religiosas que un grupo o movimiento comparte” *Idem*, p. 05).

afirma que seu interlocutor “deveria procurar uma comunidade de separatismo<sup>49</sup> e ã uma que busca despertar a unidade cultural dos povos latinos”.

Percebe-se no discurso de *usuário 39* uma ideia de comunidade como metáfora de “lugar onde se está para falar, para posicionar-se, para afiliar-se por pertencimento” (RECUERO, 2010). Já no discurso de *usuário 47*, percebe-se a imagem da função que o sujeito tem de sua comunidade como lugar para quem busca contribuir na missão de “despertar a unidade dos povos latinos”, contribuindo para a formação de uma “rede social” no sentido que Recuero (2010) confere ao termo e no sentido que lhe damos nesta pesquisa: redes sociais como interconexões discursivas e ideológicas nas quais as RS são construídas por sujeitos interculturais.

Como resposta às manifestações a ele direcionadas, *usuário 36* polemiza a apropriação por *usuário 47* da expressão “unidade cultural”, propondo, ironicamente, que se fale em “unidade do pensamento atrasado”. Por essa atitude, ele passa a ser acusado pelos outros usuários como apologista de uma possível desunião entre os países da AL por falta de conhecimento a respeito.

Em resposta, o sujeito manifesta em seu discurso que não se reconhece como um indivíduo que incentiva a desunião entre os países e atribui às “múmias lá de Cuba” e ao “general ditador lá da Venezuela” os responsáveis pela postulada desunião, uma vez que são eles os que possibilitam financiamentos de ações que favorecem tal desunião.

Marcando o lugar de onde enuncia, ou seja, do Brasil, *usuário 36* circunstancializa sua fala ao usar o dêitico “lá” enfaticamente para se referir aos “outros sociais”, ou seja, para se referir aos governantes de Cuba e de Venezuela, Fidel Castro e seu irmão Raul Castro, atual presidente cubano, e Hugo Chávez, respectivamente, demarcando seu posicionamento e seu papel social como representante do povo brasileiro na discussão.

Ao fazê-lo, seleciona ideologicamente expressões de valor depreciativo como “múmias” e “general-ditador” para qualificar o grupo de brasileiros do qual faz parte ao passo em que desqualifica, por polarização ideológica, os “outros” do discurso a quem faz referência:

---

<sup>49</sup> Ao mencionar o termo “separatismo”, nos sujeitos estão se referindo aos movimentos separatistas no Brasil como projetos que pregam a independência extrema de dadas unidades geográficas em questões religiosas, políticas, culturais e/ou econômicas.

Eu? Claro que não. Acho que quem prega a desunião é ditadores como as duas múmias lá de Cuba e o general-ditador lá da Venezuela, esses sim ficam financiando a desunião na região (*usuário 36*).

Na sequência, *os usuários 48, 33, 52*, além dos *usuários 56 e 57*, seguem na contestação das ideias de *usuário 36* apoiando-se reiteradamente no argumento de que o Brasil integra a latinidade, pois, como falante nativo de língua portuguesa, integra o conjunto dos povos latinos, ou seja, de cultura latina, cujos idiomas, como dito, provêm do latim, e seu respectivo modo cultural e social de ser (BRANDALISE, 2008).

O conceito de América que se constrói no discurso de *usuário 50* é a de uma congregação “unida, como em uma federação” composta de países com suas singularidades culturais, mas que juntos seriam capazes de se sobrepor ao Capitalismo em vigência em função de um projeto socialista, uma espécie de “República Social das Américas”. Essa discussão ganha força e adesão no discurso de *usuário 51*, que se mostra defensor do modelo socialista de governança, revelando que, em países como os EUA, ser imigrante significa não ser respeitado.

A partir de explícitas estratégias de controle do discurso, *usuário 51* dirige-se ironicamente a *usuário 36* e sugere que se dê voz a seu projeto segregacionista e que se peçam “a separação do Brasil da América Latina”, “a separação do sul e sudeste do resto do Brasil”, “a separação das metrópoles das regiões agrárias”, dentre outras, desconsiderando toda a história que marca as integrações humanas nas mais diversas situações do cotidiano.

Na mesma direção, *usuário 52* dá ênfase à crítica ao modo como o ufanismo faz com que os indivíduos percam de vista os problemas sociais de seu país, como a visão dos americanos de latino como “cidadão inferior”:

Lamentável sua proposta. Não acha que você entrou na comunidade errada não? Crie uma para os integralistas, os ufanistas nacionalistas. Este discurso é o mesmo dos fascistas que propõem uma segregação sócio-espacial como na Alemanha, na África do Sul ou na Palestina. O Brasil não carrega nada. O que vejo é uma elite ganhando muito dinheiro a custa dos recursos naturais e superexploração de força de trabalho, não importa se é no interior de Pernambuco ou na periferia de La Paz. Defendendo a burguesia nacional você defende a mesma exploração (*usuário 51*).

O PIOR que brasileiro na Europa ou nos EUA é considerado Latino... E cidadão inferior... Feito africano, argentino, peruano ou boliviano (*usuário 52*).

Frente às ideias de *usuário 50*, *usuário 36* insiste em seus argumentos considerados “separatistas”, “fascistas” e “segregacionistas”, de modo a promover a

continuidade de manifestações contrárias, como as de *usuário 51*, que exalta a força de seu trabalho e sua busca incessante por autonomia econômica de seu país. *Usuário 36*, por sua vez, reclama para si o direito de integrar a comunidade “América Latina Unida”, mesmo que com seus posicionamentos contrários aos da maioria.

Na sequência, surgem postagens do *usuário 55*, que escreve um longo texto, fazendo uso de estruturas linguísticas aparentemente providas do português e do inglês, para problematizar a integração do Brasil ao mundo desde o mito dos Iluminati<sup>50</sup>, suposta organização que controlaria os assuntos mundiais secretamente e da qual seriam integrantes grandes líderes mundiais, como Barack Obama, presidente dos EUA, e Luiz Inácio Lula da Silva, presidente do Brasil. Logo depois, os Estados Unidos e suas relações com o Brasil são tematizados no discurso de sujeitos como *usuário 54*, que define os americanos como o “opressor” dos “países irmãos” que compõem a AL.

Na continuidade do tópico, acerca da figura dos EUA e de seu papel no projeto de integração latinoamericana, *usuário 36* direciona a discussão para os avanços advindos da criação da ALCA, a Área de Livre Comércio das Américas, proposta pelos Estados Unidos, durante a Cúpula das Américas, em Miami, no ano de 1994, com o objetivo de facilitar o intercâmbio comercial entre os 34 países americanos, com exceção de Cuba.

*Usuário 57* responde à postagem afirmando discordar de *usuário 36* e valorizando o “nosso MERCOSUL”, que “detonou com qualquer tentativa de implementação dessa ALCA”. O tópico segue na confirmação dos argumentos apresentados e encerra-se com mais postagens do *usuário 55* com críticas aos EUA, definidos como “piratas ingleses”, haja vista seu perfil de invasores, perfil esse construído ao longo da história.

Em síntese, queremos enfatizar a relevância deste tópico na pesquisa como um todo, uma vez que os tópicos evidenciaram mais claramente os posicionamentos assumidos pelos sujeitos sobre a latinidade. Com relação aos elementos temáticos, destaque-se a relevância da língua portuguesa evocada por alguns sujeitos como um signo identitário da brasilidade, e não necessariamente da latinidade. Com relação às EID e às categorias de produção contextual, destaque para as estratégias de controle do discurso e o sentimento de pertença expressos ao longo das discussões.

---

<sup>50</sup> <http://www.lideranca.org/cgi-bin/index.cgi?action=forum&board=atualidades&op=display&num=5772>

Por fim, após os comentários a respeito dos dois tópicos em questão a respeito das EID e das CAC por nós elencadas, consideramos relevante acrescentar que, dentre todas as categorias selecionadas e discutidas ao longo dos comentários dos tópicos, algumas delas se mostraram mais frequentes e, portanto, reveladoras do investimento linguístico-discursivo dos sujeitos na construção de suas RS acerca do mundo latino. Deste modo, afirmamos que se mostraram preponderantes neste aspecto as seguintes categorias:

1. Aspectos morfológicos: apresentação de termos/expressões mediada por questões de crenças e funções ideológicas, com destaque para a evocação de signos identitários com função apreciativa ou depreciativa;

2. Construções sintáticas: relações intencionais na hierarquia sintática da sentença e suas implicações com a projeção de sentido em nível de estruturação de orações e/ ou períodos específicos, com destaque para a polarização ideológica;

3. Estratégias de controle do discurso, com destaque para as tomadas de posição por argumentação;

4. Pertencimento, com destaque para as enunciações evidenciadoras da sensação de fazer parte ou não de dados grupos.

A análise dos tópicos nos permite afirmar que a relação de pertencimento ou não pertencimento que perpassa as postagens do fórum e a partir das quais os sujeitos embasam seus argumentos funcionam, neste evento discursivo, como fator que impulsiona a formação de grupos, formação essa que se manifesta na linguagem através do uso de pronomes e estruturas verbais polarizadas em primeira e/ou em terceira pessoas.

Como estamos tratando de fóruns abertos em comunidades virtuais, eventos discursivos nos quais o tom conversacional se faz predominante, os sujeitos de fato estabelecem um diálogo entre si. Deste modo, ao se dirigirem uns aos outros na tentativa de fazer valerem seus posicionamentos, apropriam-se de estratégias de controle do discurso, fazendo emergir em seus textos aspectos morfológico e estruturas sintáticas que sintetizam o processo de familiarização que executam em direção ao objeto a ser representado.

Ao longo da análise, as categorias mostraram-se relevantes na elaboração da RS sobre a latinidade em nossa análise desta RS por vias discursivas, atendendo, assim, às

expectativas metodológicas. As quatro categorias mais produtivas para nossa análise - aspectos morfológicos, construções sintáticas, estratégias de controle do discurso e pertencimento - vão ao encontro de nosso objetivo de analisar como a RS sobre a latinidade é construída por grupos ideológicos mediados pelo sentimento de pertença e manifesta no discurso.

Além disso, abordagem destas tais categorias na análise de RS sinaliza para novos caminhos em pesquisas na área. Assim, acreditamos ter contribuído para que futuros investigadores de objetos de RS tenham como opção de procedimento metodológico a presente perspectiva de análise de modo a fundamentar a interface os estudos de RS com os estudos da linguagem, mas especificamente dos Estudos do Discurso em sua vertente Crítica, possibilitando a problematização de mais eventos sociais como o analisado. Destacamos mais uma vez a relevância desta perspectiva interdisciplinar de investigação das representações sociais, enquanto complexo objeto de investigação.

#### **4.3. Investigação das atitudes dos sujeitos sobre a latinidade**

Neste ponto, partiremos da retomada do conceito de atitudes propostos por Doise (2001) como “tomadas de posição simbólica”, ou seja, como os posicionamentos que os sujeitos latinoamericanos emitem em seu discurso sobre a latinidade enquanto objeto de representação do grupo. Esta parte de nossa pesquisa partiu do que constatamos na descrição temática da RS sobre a latinidade para investigarmos as atitudes dos sujeitos como um dos componentes do conteúdo desta representação.

Como dito, é sobre “a posição ou inserção social” dos sujeitos latinoamericanos que objetivamos examinar como se dá a construção da RS sobre a latinidade como sentimento de pertença aos grupos que compõem essa “nação latina” expressa em sua cultura, através dos posicionamentos adotados e expressos no fórum analisado. Decorrente disso, ao longo de toda a análise, procuramos não perder de vista “os aspectos mais explicitamente sociais – coletivos e ideológicos – das representações”, propostos por Doise (2001).

A partir da identificação das atitudes dos sujeitos sobre a latinidade, analisamos o papel destas “tomadas de posição” na construção dos significados da RS e seu funcionamento no grupo, enfatizando a influência das tomadas de posição assumidas pelos sujeitos na constituição temática da RS em questão. A partir dos dados coletados, especialmente os que

descrevem a RS dos latinoamericanos sobre a latinidade, procedemos à análise do conteúdo das postagens e chegamos aos dois grandes posicionamentos assumidos pelos sujeitos com em relação à latinidade.

O primeiro posicionamento se constrói a partir da tomada de posição de que *ser latino é compartilhar a identidade de um povo nascido na América Latina de um modo geral e que tem a língua e a cultura latinas (sejam elas portuguesas, hispânicas ou outras) como elementos de referência.*

Nesta perspectiva, compõem a latinidade todos os 20 países da América Latina: Argentina, Bolívia, Chile, Colômbia, Costa Rica, Cuba, Equador, El Salvador, Guatemala, Honduras, México, Nicarágua, Panamá, Paraguai, Peru, República Dominicana, Uruguai, Venezuela (países nos quais o espanhol é o idioma oficial), Haiti (país no qual o crioulo e o francês são os idiomas oficiais e no qual parte da população fala ainda o espanhol) e Brasil (país nos qual o português é o idioma oficial).

O segundo posicionamento, por sua vez, se constrói a partir da tomada de posição de que *ser latino é compartilhar a identidade de um povo nascido na América Latina e que tem a língua e a cultura hispânicas como elementos de referência* direta ou indireta.

Nesta perspectiva, compõem essa latinidade os seguintes países: Argentina, Bolívia, Chile, Colômbia, Costa Rica, Cuba, Equador, El Salvador, Guatemala, Honduras, México, Nicarágua, Panamá, Paraguai, Peru, República Dominicana, Uruguai, Venezuela (por referência direta à identidade hispânica e por serem países cujo idioma oficial é o espanhol) e Haiti (por referência indireta à identidade hispânica e por ser um país no qual parte da população fala, além do crioulo e do francês, o espanhol). Por consequência, o Brasil, em destaque pela relevância nas evocações dos sujeitos analisados, não está incluído neste grupo de países, portanto não comporia a latinidade.

Analisaremos, a seguir, esses dois posicionamentos, discutindo o modo como estas tomadas de posição funcionam no processo de elaboração e funcionamento da RS dos latinoamericanos sobre a latinidade. Retomaremos trechos das postagens de alguns dos sujeitos representativos de cada um dos posicionamentos para fins de exemplificação de suas atitudes sobre a latinidade.



**4.3.1. Posicionamento 1:** ser latino é compartilhar a identidade de um povo nascido na América Latina de um modo geral e que tem a língua e a cultura latinas (sejam elas portuguesas, hispânicas ou outras) como elementos de referência.

Os sujeitos por nós analisados afirmam acreditar na ideia de uma América Latina unida no que diz respeito à integração dos países latinoamericanos, uma vez que acreditam na unidade da América Latina em questões linguísticas, culturais e identitárias. Por outro lado, também é comum no discurso destes sujeitos o reconhecimento dos problemas sociais que afligem esta parte do continente americano, fato que os faz reconhecer que muito ainda têm a conquistar a fim de se firmarem através de sua cidadania plena, há muito almejada por eles.

Ao longo da análise dos dois tópicos, foi possível observar os posicionamentos de sujeitos que, ao discutir a possibilidade ou não da união da América Latina e questões relacionadas, assumiam a tomada de posição de que ser latino, além de nascer na região que conhecida como AL, significa ser partícipe do grupo de indivíduos que se identifica com a língua e a cultura latinas, no mais das vezes sem posicionamentos especificamente relacionados às línguas portuguesa, espanhola ou francesa, por exemplo.

Desta tomada de posição, podemos depreender que a atitude dos sujeitos sobre o objeto de representação é de ver a latinidade em uma perspectiva ampla e igualitária, possibilitando entrever que a visão de tais sujeitos a respeito do significado de ser latino é uma questão ampla, geral, no mais das vezes deslocada de preconceito com relação a sujeitos de determinadas nacionalidades. Trata-se de uma RS que se fundamenta na ideia de ser latino a partir do que este sujeito de herança da língua e da cultura latinas, idiomas de base para o espanhol, para o português, para o francês, dentre outros.

Reconhece-se, deste modo, que países a exemplo do Haiti, apesar de este ter como idiomas oficiais o crioulo e o francês, compartilham a latinidade por terem em seu passado histórico e social bases latinas, nas quais reside de fato a latinidade enquanto noção que fundamenta nosso pertencimento a dados grupos, extrapolando os limites geográficos e territoriais que o termo poderia vir a assumir.

O Brasil, mediante esta tomada de posição, integra, portanto, a latinidade. Como um dos elementos mais evocados ao longo das postagens, este país, mais que o Haiti, é tido como um dos mais significativos elementos de discussão em torno ao que significa ser latino.

Na condição de único país, dentre os 20 que integram a AL, que não tem o espanhol nem como idioma oficial nem como segunda ou terceira línguas, o Brasil é visto como país da América Latina não só por questões geográficas, mas também por questões culturais, linguísticas e identitárias na opinião de grande parte dos indivíduos que compõem o grupo.

A exemplo dos *usuários 1, 2, 3, 7 e 10*, para de início citar alguns, *usuário 13*, ao se reportar a posição do Brasil na discussão em torno ao que significa ser latino, afirma que são os países latinos que esquecem que o Brasil integra o bloco de países. Segundo ele: “(...) os outros países latinos se esquecem que o Brasil faz parte desse bloco, em algumas premiações, especialmente de músicas isso é bem visível”, como se vê na postagem:

Eu acho que para que haja uma unificação verdadeira e digna primeiro teríamos que ter um intercâmbio de culturas, pois querendo ou não ainda há um grande preconceito uns com outros (...) Isso eu acho que deveria ser mudado, já que os EUA construíram aquele "muro da vergonha" (e se esqueceram que quem faz aquele país andar somos nós latinos - não sou a favor da entrada ilegal naquele país, nem mesmo legal hahahaha), agora poderiam liberar a passagem de brasileiros para o México sem a necessidade de visto, como já ocorre com a maioria dos outros países latinos, mas infelizmente quem sou eu para dizer o que os políticos com seus interesses devem fazer. (*usuário 13*)

Como se pode perceber, o usuário afirma acreditar que o Brasil integra o bloco de países latinos. Faz uma ressalva, entretanto, de que são os outros países latinos não reconheçam o Brasil como tal. A posição assumida pelo sujeito deixa entrever que, na condição de brasileiro, para ele é inquestionável a latinidade de seu país. Com a mesma opinião concorda outros membros do grupo, como *usuário 15*, ao afirmar que “(...) no Brasil, o preconceito contra música, literatura (etc.) de outros países da América Latina é maior do que a recíproca”.

A evocação de elementos relacionados à música e à literatura comprova a relação intrínseca entre as questões culturais dos mais diversos povos e as RS. Na medida em que são “objetos do pensamento” construídos nas interações, ou seja, nas relações sociais, as representações acabam por se constituir a partir de elementos culturais nos quais os sujeitos que as constroem em seu discurso se apóiam para formar suas opiniões e crenças.

Os sujeitos, em grande parte, associam o fato de o Brasil integrar a comunidade latinoamericana aos problemas sociais advindo desta integração. *Usuário 19*, por exemplo, acredita que, pelo fato de terem tido o mesmo opressor e por terem passado por processos históricos semelhantes, ele e outros representantes da nação latinoamericana acreditam “na

união ou confederação de ajuda mútua entre os países latinoamericanos”. É relevante neste momento destacarmos o elemento “passado histórico” como uma das marca que, na visão do sujeito, unem os países da AL.

O elemento idioma é evocado com frequência tanto pelos que se posicionam sobre a essência da latinidade manifesta na língua e na cultura hispânicas quanto os que se posicionam sobre a essência da latinidade manifesta na língua e na cultura latinas, como é o caso de *usuário 22* ao afirmar que o latinismo é uma “fonte inesgotável de talento, criatividade, consciência social e riqueza natural”:

Nosso Latinismo é uma fonte inesgotável de talento, criatividade, consciência social e riqueza natural, podemos, ainda, com os novos poços de petróleo e gás encontrados em Cuba e no Brasil estimular nossa autossuficiência e por que não mudar a hegemonia capitalista através de uma nova energia (verde) renovável modificando definitivamente uma nova raiz energética para o mundo. Apenas devemos aprender a nos entender, e o idioma não é o problema, pois hispânicos e portugueses têm em comum o idioma materno que tem como base o Latim<sup>51</sup>. (*usuário 22*)

O usuário, ao afirmar que “o idioma não é o problema, pois hispânicos e portugueses têm em comum o idioma materno com base no latim”, reconhece as raízes etimológicas das línguas espanhola e portuguesa e embasa sua tomada de posição: a de que ser latino significa compartilhar traços identitários dos povos latinos, e não restritamente hispânicos e/ou portugueses. Deste modo, o sujeito assume uma posição consoante sua concepção de “latinismo” como sinônimo de “talento”, de “criatividade”, dentre outros. A visão deste sujeito, enquanto representante do grupo, inclui o Brasil no bloco de países da América Latina, mesmo argumento sustentado pelos *usuários 23* e *24*, por exemplo.

Relevante para a afirmação deste posicionamento no grupo é a visão do *usuário 41*, que de modo enfático retoma várias vezes a expressão “somos latinos”, evidenciando sua tomada de posição de que ele, enquanto brasileiro, integra sim o bloco de sujeitos latinoamericanos. Segundo ele:

Somos latinos e acabou (...) Eu odeio quando os americanos chamam meus amigos dominicanos, mexicanos e boricuas (puerto-ricans) de hispânicos. Quando eles

---

<sup>51</sup> Tradução livre nossa: “*Nuestro Latinismo es una fuente inesgotable de talento, creatividad, consciencia social y riqueza natural, podemos todavia con las nuevos yacimientos de petroleo y gas hallados en Cuba y Brasil estimular nuestra autosuficiencia y por que no cambiar la egemonia capitalista atravez de una nueva energia(verde) renovable modificando definitivamente una nueva raiz energetica para el mundo. Apenas debemos aprender a entendernos y el idioma no es el problema, pues hispanicos y portuguesese tienen en comun el idioma materno como base el Latin*”.

falam isso, eles excluem países como o Brasil e outros países de maioria negra. Somos a América Latina e somos latinos e acabou (*usuário 41*).

Interessa-nos destacar o fato de o sujeito marcar seu posicionamento como representante da nação latinoamericana ao considerar “dominicanos, mexicanos e boricuas (porto-riquenhos)” como seus “amigos”, a quem ele acredita que não se deva dirigir o epíteto de “hispanicos”. A opinião do sujeito revela que, para ele, a essência identitária de países como República Dominicana e México, apesar de serem países nos quais o espanhol é a língua oficial, não está na língua em si, mas na sua base latina.

A partir da afirmação de que a denominação “hispanicos” exclui os “países de maioria negra” que integram o bloco de países da AL, o sujeito reafirma a identidade de grupo por ele partilhada e chega a assumir-se como a própria nação latinoamericana: “somos a América Latina e somos latinos e acabou”. Nesta perspectiva, os *usuários 42 e 46* incluem-se como os que acreditam na inclusão do Brasil no bloco de países latinoamericanos já que os brasileiros, apesar de não parecerem com “os povos da América Latina” são “parte deles sim”.

Reportando-se mais uma vez ao idioma como critério central que fundamenta a tomada de posição de que é o fato de ter como língua oficial um idioma de base latina, *usuário 53* afirma que outros países, a exemplo do Canadá, poderiam integrar o bloco de países da AL, reafirmando a ideia de latinidade como uma noção que ultrapassa os limites geográficos que o termo pode vir a assumir, em termos estritos. Segundo o sujeito:

O português, assim como o espanhol, o italiano, o francês, o romeno, o catalão etc. são todos idiomas neolatinos. Portanto, o Brasil faz sim parte da América LATINA. Até mesmo o Canadá poderia ser englobado na CLASSIFICAÇÃO por idioma. O 2º idioma oficial do país é o neolatino francês (*usuário 53*).

O posicionamento assumido pelo sujeito possibilita ver que a opinião dele se fundamenta nos argumentos do grupo mais uma vez direcionados ao idioma como critério que fundamenta a noção de latinidade atrelada a um idioma oficial de base latina. Ao postular o Canadá como um país que poderia compor a América Latina, o sujeito relativiza a noção de AL como conjunto de países circunscritos entre as Américas do Sul, do Norte e Central.

Além dos sujeitos mencionados, os *usuários 8, 11, 16, 19, 27, 30*, dentre outros, integram o grupo dos que se assumem a posição de que ser latino é compartilhar a identidade

de um povo nascido na América Latina de um modo geral e que tem a língua e a cultura latinas (sejam elas portuguesas, hispânicas ou outras) como elementos de referência.

Deste modo, podemos afirmar que os sujeitos mencionados evocam elementos em seu discurso através das postagens na comunidade analisada e, assim, assumem a posição de que a latinidade é uma noção ampla, que tem suas origens na questão do latim e a cultura relacionada a essa língua. Países como Brasil e Haiti, desta maneira, integram de fato a AL e compõem a latinidade.

Destaque-se, neste momento de nossa análise, que mais importante que o levantamento dos sujeitos que assumem tal posicionamento sobre o objeto de representação é o modo que estes posicionamentos contribuem para o compartilhamento da RS entre os membros do grupo.

À medida que assumem o posicionamento sobre a latinidade, os sujeitos informam bem mais que a imagem por eles construída sobre o objeto representado, uma vez que acabam por revelar suas atitudes, no sentido social através do que o termo se impõe no atual estatuto epistemológico de investigação das RS na perspectiva psicossociológica, evidenciando, pelo discurso, como suas tomadas de posição podem direcionar os rumos da interação que promovem tanto entre os membros de seu grupo de pertença como entre os membros de outros grupos a que venha a pertencer.

**4.3.2. Posicionamento 2:** ser latino é compartilhar a identidade de um povo nascido na América Latina e que tem a língua e a cultura hispânicas como elementos de referência.

Os macrotemas “língua”, “cultura” e “identidade”, a partir dos quais os sujeitos articulam os elementos temáticos da RS sobre a latinidade no ambiente virtual por nós analisado, aparecem nas postagens no mais das vezes articulando-se em pelo menos dois deles. Mas o elemento língua, fortemente evocado pelos sujeitos 31 e 36, com os quais outros sujeitos concordam, é relevante na tomada de posição em suas tomadas de posição quando afirmam acreditar que o Brasil não se inclui no grupo países latinoamericanos e, portanto, não compõe a latinidade, a partir do argumento de que a língua e a cultura hispânicas são elementos de referência neste tocante.

A partir do argumento de *usuário 4*, podemos ver ao longo das postagens o posicionamento de vários dos sujeitos analisados sobre a posição do Brasil enquanto possível representante da AL como sendo o único país que não tem o espanhol como língua oficial. Segundo este sujeito, para unir a América Latina:

O esquecido MERCOSUL é o início de um caminho. Espero que no futuro se desenvolva e possamos ter algo parecido com a União Europeia. Creio que todos ganharíamos com isso. Mas penso que no Brasil ainda nos sentimos muito distantes dos demais países da América Latina, por conta do idioma (*usuário 4*).

Percebe-se, na postagem do sujeito, enquanto brasileiro, que há por parte dele um conflitante sentimento de pertença ao grupo de latinoamericanos, já que ele crê que com a união da AL todos, inclusive ele mesmo e seus semelhantes, seriam beneficiados, mas reconhece que o idioma (língua portuguesa) faz com que os brasileiros de um modo geral se sintam distantes dos “demais países da América Latina”. A mesma opinião é compartilhada por outros sujeitos do grupo como *usuário 5*, hispânico, que afirma: “o idioma do Brasil nos separa”.

Percebe-se que a tomada de posição de um sujeito no tópico possibilita que outros sujeitos passem a emitir seus posicionamentos seguindo a mesma ordem do raciocínio, característica típica dos fóruns abertos de discussão temática (RECUERO, 2010). Ressalte-se que o posicionamento sobre a não inclusão do Brasil como integrante da América Latina foi mais frequente no tópico 2, “Brasil não devia ser da América Latina”, pela evidência do tema a ser discutido, já anunciado no título, e pelo fato do proponente do tópico, como brasileiro, centrar seus argumentos na ideia de que o Brasil não representa a latinidade como essência do que é ser latino.

A exemplo dos *usuários 4 e 5*, *usuário 17* mostra-se protecionista quando afirma ser um “absurdo” que se pense uma união entre os países latinoamericanos, dentre os quais estaria o Brasil. O sujeito, em defesa de uma possível “brasilidade” que singulariza o povo do Brasil, afirma que:

Esta questão (a união da América Latina) não é um absurdo, é mais uma utopia. Ainda temos que melhorar muito em questões educacionais e políticas. Acho extremamente irracional imaginarmos nós (brasileiros) nos unirmos a países com situações tão “divergentes” perdendo nossa pouca autonomia, também um absurdo termos que aprender espanhol ou a “cultura latinoamericana” (não que o façamos) (*usuário 17*).

Ao afirmar que a união da América Latina é uma “utopia”, o sujeito demonstra assumir para si o posicionamento do grupo de que ser latino é ter a língua e a cultura hispânicas como elementos de referência, o que de fato não interessa, na opinião deste e de outros sujeitos, que não são e nem devem sentir-se latinos, muito menos ter que aprender “espanhol” ou “cultura latinoamericana”. O posicionamento deste sujeito revela a imagem compartilhada por outros integrantes do grupo de que o brasileiro ocupa uma posição distinta na discussão em torno à latinidade.

Este grupo tem como proposição inicial, ou seja, a que abre o tópico e que, por conseguinte, sucede as outras postagens, a tomada de posição de um sujeito (*usuário 31*) ao afirmar que o fato de os brasileiros serem falantes oficiais da língua portuguesa já é o bastante para que não se postule a possibilidade de o Brasil integrar o conjunto de 20 países que compõem a América Latina. Neste tocante, interessa-nos enfatizar que o argumento em torno ao idioma é evocado pelos diversos sujeitos do grupo com fins a se posicionarem distintamente com relação à latinidade de tais países. Em sua primeira postagem no tópico “Brasil não devia ser da América Latina”, *usuário 31* afirma que:

Falamos português (isso já dá benefício próprio para não sermos latinos, ódio quando algum estrangeiro diz que falamos espanhol); França, Itália, Portugal e Espanha são países de língua latina, e não são considerados “Europa Latina”, outro motivo para não sermos misturados com os nossos vizinhos; sempre a filial do Brasil é diferente, não só por causa da língua, mas também por ter mais população, mais qualidade, sermos melhores e maiores” (*usuário 31*).

Os três primeiros argumentos levantados pelo sujeito logo no início do tópico serão retomados por outros sujeitos do grupo ao longo da discussão. O sujeito menciona, inicialmente, o que ele entende como uma controvérsia, ou seja, o fato de estrangeiros acreditarem que os brasileiros falam a língua espanhola, para enfatizar que o fato de “falamos português” já é “benefício próprio para não sermos latinos”. A expressão “benefício” surge neste trecho com o sentido de “condição”.

Para tentar convencer os outros autores sociais com quem ele interage de que seu posicionamento é coerente, *usuário 31* evoca a condição de países como “França, Itália, Portugal e Espanha”, enquanto “países de língua latina”, mas que não necessariamente “são considerados ‘Europa Latina’”. Este argumento levantado pelo sujeito mostra que a relação por ele atribuída, assim como pelos usuários que o seguem e que afirmam com ele concordar, não está centrada na língua latina como essência da latinidade, mas na língua portuguesa, mais especificamente, e suas características hoje. Para o sujeito, o fato de o Brasil ter como língua

oficial um idioma com tronco etimológico proveniente do latim não é suficiente para que se pense a latinidade para os brasileiros.

*Usuário 31* reclama para o Brasil o posto de um país “diferente”, diferente “não só por causa da língua”, mas também “por ter mais população, mais qualidade”, enfim, por serem os brasileiros “melhores e maiores”. Menciona ainda que, por sua posição de destaque, o Brasil leva “boa parte da América Latina nas costas”.

Desta maneira, chega o usuário à conclusão de que o Brasil representa a “América Lusófona”, o que nos permite afirmar que o argumento levantado pelo sujeito para fundamentar sua tomada de posição, que será seguida por outros membros do grupo, é a de que a língua portuguesa, em seu estágio atual, é a base de uma possível “brasilidade” em detrimento da latinidade defendida em muitos momentos do tópico.

Por fim, *usuário 31* afirma ver o Brasil como um “país único e não misturado com esses outros países que, tirando a Argentina e o México, não contribuem em nada para o desenvolvimento da América Latina”. O encerramento da postagem do sujeito reforça a constatação de que, para ele, o Brasil pode até mesmo ser integrado aos países da AL por questões geográficas, mas que não deveria estar entre tais países por sua peculiaridade com relação à língua portuguesa, seu idioma oficial.

A noção de que ser latino significa ter raízes linguísticas e identitárias em torno a elementos da cultura hispânica fundamenta muitas postagens principalmente do segundo dos tópicos analisados. Para os latinoamericanos, em grande parte os de nacionalidade brasileira, é uma grande injustiça o fato de “o Brasil carregar sozinho essa região nas costas”, como nas palavras do *usuário 36*.

Parte do grupo, liderada pelos usuários 31 e 36, mostra-se unido em torno à tomada de posição de que o Brasil, mesmo que reconhecido geograficamente como um dos 20 países da América Latina, na posição de único país, dentre os 20, que não tem a língua espanhola como idioma oficial, não compartilha uma latinidade, mas sim uma brasilidade, ou seja, um conjunto de características que o singulariza frente aos demais países latinoamericanos.

As atitudes destes sujeitos orientam seus argumentos em eventos comunicativos como as discussões temáticas em fóruns abertos nos sites de redes sociais, por exemplo, como



os tópicos por nós analisados. Podemos afirmar que atitudes, enquanto “tomadas de posição simbólica”, são reveladoras do modo como o grupo social em questão concebe suas crenças, expondo-as abertamente em um ambiente de ampla repercussão e audiência, como é o caso do Orkut.

Reafirmamos a ideia de que muito do que é necessário para a análise deste “conjunto organizado de opiniões, de atitudes, de crenças e de informações referentes a um objeto” (DOISE, 2011, p. 156) encontra-se em seus níveis posicional e ideológico, uma vez que é no âmbito das opiniões expressas pelos sujeitos representantes do grupo que se pode visualizar de maneira mais evidente o modo como as atitudes organizam a ação dos grupos frente a seus objetos de representação.

Por fim, reafirmamos que os latinoamericanos analisados, ao se posicionarem sobre a latinidade como significado do que é ser latino frente a elementos da língua e a cultura latinas ou da língua e a cultura hispânicas, revelam traços de suas crenças enquanto grupo. A análise da “tomada de posição” dos sujeitos, em síntese, mostra que argumentos cada indivíduo elabora para a por em funcionamento suas representações, reafirmando nossa concepção de RS como um construto discursivo, pois elaborado nas interações, e ideológico, pois essencialmente social, cujo fundamento de base encontra-se nas interações cotidianas.

Deste modo, a investigação das atitudes dos sujeitos revela uma dos aspectos mais relevantes de uma RS para a compreensão dos fenômenos ideológicos vistos do ponto de vista da linguagem: o modo como um grupo, considerado social por seus membros compartilharem a mesma imagem conceitual de dado objeto do mundo, constrói argumentos a fim de demarcar seus posicionamentos sobre o objeto de representação. Assim, a abordagem psicossociológica proposta por Doise (2001) mostra-se relevante na investigação dos motivos pelos quais os sujeitos se organizam em torno a suas tomadas de posição, evidenciando suas marcas ideológicas na elaboração e na propagação de RS pelo discurso.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

*Queria uma Terra unida e sem desamor  
Que o sonho viesse nas asas de um grande condor  
Queria justiça calando as armas de fogo  
Que todo menino tivesse uma escola  
Que todos os velhos tivessem um abrigo*

*Aaaaamérica...  
Eu sempre irei te amar!*

*(Te amo, América. Byafra).*

Tratar a latinidade dos povos latinoamericanos significa compreender a noção de pertença que vai além, muito além das questões geográficas que de um modo geral se acredita serem elementares na construção de uma identidade latinoamericana partilhada. Compreende-se, desse modo, que ser latino significa identificar-se com o projeto de cultura híbrida dos povos que integram os 21 países do território latinoamericano. E, mais que uma questão de geografia, ser latino é uma questão de idioma, uma questão linguística, sendo a língua elemento central dessa RS.

Ser latino, para os latinoamericanos membros da comunidade “América Latina Unida”, no Orkut, significa sentir-se parte do grupo de sujeitos que compõem o “conjunto pluridimensional de tipos e fatores étnicos, culturais, de civilização e formações distintas” de que nos fala Guirin (2007). Significa ainda, de modo abrangente, compartilhar de uma língua de raízes latinas, de uma cultura entendida como forma de afirmação e compartilhamento das características internas de um povo, tudo isso com direção clara ao projeto de construção de uma identidade, vista como forma de compartilhar de um passado histórico, de um presente social e de um futuro pretendido.

Pensar a América Latina em termos de sua latinidade, uma noção tematizada nos meios de comunicação e tão ampla quanto as culturais que a consituem, significa pensar este território de modo não estritamente geográfico, abrindo espaço para reflexões em torno ao eixo língua – cultura – identidade, reportando-nos às imagens que os latinoamericanos têm dos elementos que compõem o universo latino do qual fazem parte.

À medida que problematizamos, por meio dos fundamentos teóricos desta pesquisa, o nascimento da AL como um todo fragmentado em meio às ideias de “Novo

Mundo”, acabamos por problematizar também a natureza identitária dos milhões de sujeitos que têm este “Novo Mundo” como pátria.

Neste tocante, o retorno às bases históricas que apontam para a “invenção” da AL e que evidenciam o contexto político em que o epíteto “latina” surge no seio desta nação possibilita entrever as mudanças ocorridas ao longo do tempo com relação ao termo em discussão, exigindo dos pesquisadores das mais diversas áreas propostas de investigação que contemplem como os meios de comunicação de massa, advindos da Era da Globalização, redimensionam o modo como cada sujeito concebe o mundo que o cerca e suas relações constitutivas.

A análise da imagem sobre a latinidade, através da descrição dos macro e microtemas, possibilitou a investigação das atitudes dos sujeitos sobre o objeto de representação a partir de duas tomadas de posição: uma relacionada à língua e à cultura hispânicas como elementos de referência para o conceito de ser latino objetivado pelos sujeitos e outra relacionada à língua e à cultura latinas e um modo geral como elementos de referência tomados pelos sujeitos para o mesmo fim.

As categorias linguísticas, discursivas e contextuais elencadas mostraram-se relevantes na análise da RS sobre a latinidade evidenciando que as ideologias de grupo, manifestas por polarizações, por exemplo, estão presentes no discurso dos sujeitos membros do grupo social que, ao se ancorarem em elementos de sua história, evocam temas relacionados à língua, à cultura e à identidade de seu povo como afirmação de sua inserção naquele grupo social.

O percurso metodológico a que nos propusemos teve como objetivo dar conta da análise dos processos pelos quais se constrói, como se expressa e como funciona a RS dos latinoamericanos usuários do Orkut sobre a latinidade. Doravante, acabamos por descrever o conjunto de elementos temáticos da RS sobre a latinidade, as atitudes dos sujeitos sobre o objeto de representação, além do exame das EID e das CAC com relação aos processos de elaboração e propagação da RS sobre a latinidade pelo grupo em questão, evidenciado a linguagem como mediadora das questões ideológicas que contribuem para o surgimento de RS.

Os objetivos traçados, levados constantemente em conta durante a etapa de formatação da metodologia e durante o processo de análise dos dados, foram contemplados nos resultados obtidos a partir perguntas de pesquisa lançadas. Ao fim desta investigação, sabe-se que a RS que os latinoamericanos selecionados Orkut elaboram sobre a latinidade se constrói com base como na identidade entre os sujeitos das nações latinas em elementos diversos relacionados à tríade língua - cultura - identidade latinas.

Reafirmando serem as RS construtos ideológicos e discursivos mediados por questões cognitivas e sociais evidenciadas na linguagem através do modo como cada um de nós concebe e organiza o mundo que nos cerca em nosso repertório linguístico, concluimos que o esperado deste estudo no que concerne à análise da RS sobre a latinidade e elementos relacionados aponta para a produtividade do alinhavado teórico traçado entre os estudos de fenômenos sociais à luz dos Estudos Críticos do Discurso. Concluimos ainda a necessidade de novos estudos na área, dada a complexidade de uma investigação em RS.

Afirmamos ainda que os resultados das análises apontam, com relação às categorias que se mostraram mais produtivas, que é na polarização ideológica, além das tomadas de posição e do emprego de índices linguísticos mediados por questões ideológicas, que se forma, pela linguagem, um modo evidente de investigar as RS dos grupos através de sua produção discursiva. Além disso, tais resultados caracterizam ainda mais fortemente o Orkut e outros elementos dialógicos virtuais como ambientes de extrema produtividade para a investigação de práticas discursivas como a por ora analisada.

Muitas outras questões, além das por nós trabalhadas, surgiram ao longo da pesquisa. No entanto, pelo percurso metodológico traçado, elas não foram contempladas. Trata-se de questionamentos que podem vir a contribuir para a continuidade produtiva de estudo das RS em sua interface com os estudos do discurso em sua acepção crítica e ainda com outras áreas do conhecimento. Como exemplos, citamos a seguir uma súpula de três possíveis perguntas de pesquisa para investigações futuras:

- De que maneira os comentários dispostos nas enquetes de comunidades de sites de redes sociais como o Orkut se caracterizam, em seu conteúdo, como elementos reveladores de signos identitários e sentimento de pertença de grupos entre sujeitos de dadas nacionalidades?

- Que RS sobre “ser latino” constroem os membros de comunidades do Orkut em função das imagens que postam em seus perfis, em termos discursivos e semióticos?

- Que procedimentos de análise de RS podem ser viabilizados para a investigação do discurso de grupos formados por sujeitos membros de outras redes sociais, como o Facebook ou o Twitter, como modo de contribuir para a investigação de práticas sociais ideológicas?

Muitas outras questões podem e devem ser analisadas em estudos futuros que desejamos executar, quiçá em uma perspectiva de abordagem etnográfica dos dados, sejam estes reais ou virtuais. Deste modo, julgamos ser por demais produtiva a interface traçada entre a TRS e os ECD. Por isso reafirmamos nossa concepção de que os estudos em RS podem oferecer respostas significativas a muitas questões obscuras a respeito das imagens que formamos dos objetos com quem interagimos no cotidiano.

Enfatizamos a viabilidade de estudos futuros que se dirijam para problemas mais propriamente físicos, como os relacionados à educação, mais especificamente aos estudos de língua estrangeiras, partindo do entrecruzar entre RS de objetos relacionados ao ensino, por exemplo, e seu impacto na formação de futuros professores de ELE, de professores em exercício ou ainda na elaboração de material didático e sua produtividade no ensino de línguas, dentre outras possibilidades. Trata-se de uma área promissora de investigação e que necessita urgentemente ser explorada.

Finalizamos, deste modo, nossas palavras, relevando o papel do pesquisador em Ciências Sociais, ou seja, nas Ciências da Sociedade, como o são os Estudos Críticos do Discurso e o analista crítico do discurso, este desempenhando o papel de responsável por oferecer à sociedade possíveis respostas a muitos dos seus questionamentos em torno às interações sociais, possibilitando minimizar os mistérios em torno a tudo que está engendrado em nosso mundo cognitivo, através dos estudos da linguagem.

No ofício de analisar quem são os outros sujeitos de seu mundo, o pesquisador também se firma como sujeito do mundo que ele analisa. Deste modo, o pesquisador também forma suas imagens e suas RS, acaba por se encontrar. Através de seu ofício, como cientista da sociedade, se mostra, cria sua identidade e nela encontra abrigo. Para definir tal processo, Pablo Neruda afirma:

*Voy a contarte en secreto / quién soy yo,  
Así, en voz alta, / me dirás quién eres*

*Cuánto ganas / en qué taller trabajas,  
En qué mina, / en qué farmacia,  
Tengo una obligación terrible / Y es saberlo*

*Saberlo todo: día y noche saber cómo te llama / ése es mi oficio,  
Conocer una vida / no es bastante*

*(Oda al hombre sencillo. Pablo Neruda).*

## REFERÊNCIAS

- ABRIC, J. C. **Pratiques sociales et représentations**. Paris: PUF, 1994.
- AUTHIER-REVUZ, J. Heterogeneidade(s) Enunciativa(s). **Cadernos de Estudos Linguísticos**, n.19, 1990. p. 25-42.
- BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2002.
- BAUDRILLARD, J. **Simulacros e simulações**. Lisboa: Relógio d'água, 1991.
- BORDIEU, P. The forms of capital. In: **Soziale Ungleichheiten**. Goettingqn: Otto Schartz & Co., 1993. p. 99-183. Traduzido para o inglês por Richard Nice. Disponível em [www.pontomidia.com.br/raquel/resouces/03.html](http://www.pontomidia.com.br/raquel/resouces/03.html). Acesso em 15.06.2011.
- BRANDALISE, C. A ideia e concepção de “latinidade” nas Américas: a disputa entre as nações. In: ORO, A. P. (Org.). **Latinidade da América Latina: enfoques sócio-antropológicos**. São Paulo: Aderaldo & Rothschild, 2008. p. 21-59.
- CANEVACCI, M. **Sincretismos**. São Paulo: Editora Nobel, 1996.
- CORACINI, M. J; EREIRA, A. E. (orgs). **Discurso e sociedade: práticas em análise do discurso**. Pelotas: ALAB/EDUCAT, 2001. p. 137-155.
- COSCARELLI, C. **O fenômeno do Orkut**. 2004. Disponível em: <http://www.universia.com.br/materia/materia.jsp?id=4401>
- DIEB, M. H. **Educação infantil e formação docente: um estudo em representações sociais**. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Ceará: Fortaleza, 2004.
- DOISE, W. Atitudes e representações sociais. In: JODELET, D. (Org.). **As representações sociais**. Trad. Lílian Ulup. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001. p. 187 – 203.
- DONATH, J. S. Identity and Deception in the Virtual Community. In: KOLLOCK, Peter; SMITH, Marc. (Orgs.) **Communities in Ciberspace**. New York: Routledge, 1999.
- DURKHEIM, E. **As regras do método sociológico**. São Paulo: Martin Claret, 2001.

FLAMENT, C. Estrutura e dinâmica das representações sociais. In: JODELET, D. (Org.). **As representações sociais**. Trad. Lílian Ulup. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001. p. 173-186.

FRAGOSO, S. **Conectibilidade e geografia em sites de redes sociais**: um olhar sobre as relações entre território e identidade a partir do Orkut Galáxia. São Paulo: EDUC, 2006.

FREUD, S. **Três ensaios sobre a sexualidade infantil**. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1997.

GARCÍA CANCLINI, N. **Culturas híbridas**: estratégias para entrar e sair da Modernidade. São Paulo: EDUSP, 2008a.

\_\_\_\_\_. **Diferentes, desiguais e desconectados**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2009.

\_\_\_\_\_. **Latinoamericanos buscando um lugar em este século**. Buenos Aires: Paidós, 2008b.

GIOIELLI, R. L. P. **A dinâmica identitária na contemporaneidade dinâmica**. Dissertação de Mestrado, ECA-USP, 2005.

GNERRE, M. **Linguagem, escrita e poder**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

GOFFMAN, E. **A representação do Eu na vida cotidiano**. Petrópolis: Editora Vozes, 1975.

GUIRIN, Y. **En torno a la identidad cultural de América Latina**. 2007. Disponível em <http://hispanismo.cervantes.es/documentos/guirin.pdf>. Acesso em 10.04.2011

JAHODA, G. **Critical notes and reflections on “Social Representations”**. Europa: European Journal of Social Psychology, 1990.

JODELET, D. (Org.). **As representações sociais**. Trad. Lílian Ulup. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001.

\_\_\_\_\_. **Representation sociale**: Phénomène, concept et théorie. Paris: Presses Universitaires de France, 1984.

\_\_\_\_\_. Représentations sociales: un domaine en expansion. In: JODELET, D. (org). **Les représentations sociales**. 2. ed. Paris: PUF, 1991.



LÉVY, P. **Cibercultura**. Trad. de Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Editora 34, 1999.

LÉVY-BRUHL, L. **How natives think**. Londres: George Allen & Unwin, 1925.

LIMA-NETO, V. **Mesclas de gêneros no Orkut: o caso do scrap**. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação e Linguística Universidade Federal do Ceará: Fortaleza, 2009.

MOSCOVICI, S. **A representação social da psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1976.

\_\_\_\_\_. **Sobre representações sociais**. Tradução de por Clélia Nascimento Schulz. Núcleo de Psicologia Social, Departamento de Psicologia, UFSC, 2003.

NASCIMENTO, M. V. F. **Autoria e posicionamento na produção textual escrita de futuros professores de espanhol como língua estrangeira**. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação e Linguística Universidade Federal do Ceará: Fortaleza, 2007.

O' GORMAN, E. **A Invenção da América: reflexão a respeito da estrutura histórica do Novo Mundo e do sentido do seu devir**. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1992.

PIAGET, J. *O julgamento moral na criança*. São Paulo: Mestre Jou, 1977.

RECUERO, R. **Redes Sociais na Internet**. Porto Alegre: Editora Sulina, 2010.

RECUERO, R.; FRAGOSO, S.; AMARAL; A. **Métodos de Pesquisa para Internet**. Porto Alegre: Editora Sulina, 2011.

RIBEIRO, A. S. M. "Mediação, centralidade e intermediação em fórum de discussão on-line". IN: **Língua na WEB: links entre ensino e aprendizagem**. ARAÚJO, J. C; DIEB, M. H; LIMA, S. C. (orgs.). Ijuí: Editora Ijuí, 2010. p. 21-44.

ROUQUIÉ, A. **O Extremo-Occidente: Introdução à América Latina**. São Paulo: EDUSP, 1991.

SÁ, C. P. **A construção do objeto de pesquisa em representações sociais**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998.

SEGATA, J. Lontras e a construção de laços no Orkut: uma Antropologia no Ciberespaço. Rio Grande do Sul: Editora Nova Era, 2008.

SOUZA, A. G. Software, o lugar da inscrição da escrita em ambiente digital. In: **Anais do VI Congresso internacional da ABRALIN**. Paraíba: UFPB, 2009. p. 93-103.

THOMPSON, J. B. **Ideologia e cultura moderna**. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2009.

UCHÔA-FERNANDES, J.A; SOUZA-PINHEIRO-PASSOS; D. M. Se (r) ver entre línguas: encadeando identidades. IN: COUTO, E. S; ROCHA, T. B. **A vida no Orkut**. Salvador: EDUFBA, 2010. p. 101-122.

VAN DIJK, T. A. **Cognição, discurso e interação**. (Org. e apresentação de Ingedore V. Koch). 4ª ed. São Paulo: Contexto, 1999.

\_\_\_\_\_. **Semiosis**. México: Universidad Veracruzana, 1998.

\_\_\_\_\_. **Ideología y discurso: una introducción multidisciplinaria**. Barcelona: Ariel, 2003.

\_\_\_\_\_. **Ideología: una aproximación multidisciplinaria**. Barcelona: Gedisa Editorial, 2009.

VIRILIO, P. **Esthétique de la disparition**. Paris: Balland, 1990.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente**. 6ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

WARNIER, J. **Mundialização da cultura**. Santa Catarina: EDUSC, 2000.

# **ANEXOS**

## Anexo A: postagens de “Como unir a América Latina?”

14/11/07

### Usuário 1

#### **Como unir a América Latina?**

Certa vez Eduardo Galeano disse que "A América Latina é um continente de veias abertas", entretanto será que mesmo com nossas "veias abertas" ainda não somos todos irmãos que sempre brigamos mas que na verdade precisamos uns dos outros para enfrentarmos a "Senhora Globalização"?!

A minha dúvida é : O que podemos fazer para unir nosso continente?

16/11/07

### Usuário 2

No final do mesmo livro citado ele meio que da a resposta.

Isso depende do povo, principalmente os pobres moradores das favelas... e hoje vemos como ele estava certo, quem colocou Evo no poder?? Quem colocou de forma DEMOCRÁTICA o Hugo no poder e mesmo depois que o EUA deu o golpe tirando-o do poder quem devolveu o poder a ele??

Se todos os países tomassem o mesmo rumo a america latina seria mais unida.

16/11/07

### Usuário 3

Creo que un gran problema en nuestro continente es la falta de identidad como latinoamericano. Yo creo que un primer paso muy importante sería intentar que se enseñe una historia conjunta de todos los países. Son muchas las contradicciones que se dan; un ejemplo bien claro es la Guerra del Pacífico, donde en Chile se enseña una versión de la historia y en Bolivia y Perú otra; lo peor de eso es el resentimiento que crean esas versiones desencontradas de la historia entre pueblos hermanos y de raíces comunes, y donde el discurso "nacionalista" es usado para manejar a todo un pueblo. Por supuesto que a las grandes potencias no solo no les conviene una América Latina unida, sino que además han intervenido en reiteradas ocasiones los países del continente con dictaduras sangrientas; en Argentina hasta el día de hoy hay 30000 desaparecidos.

Me parece increíble que hasta el día de hoy haya personas (muy pocas por suerte, pero las hay) acá que vean a Chile como el "enemigo", y también que haya chilenos que piensan que la Argentina es el "enemigo", que cosa mas estúpida. Pero bueno, fue una idea que quiso ser impuesta en épocas de dictaduras en ambos países (año 78, Pinochet en Chile y Videla en Argentina).

Pero como no creo que nuestros gobernantes estén muy interesados en intentar enseñar una historia común, es ahí donde uno tiene que informarse para no creerse esa historia "oficial" que te enseñan de chico. Y viajar por supuesto; yo estuve en Chile dos veces y conocí personas espectaculares; es solo predisposición para darse cuenta que el vecino es como uno y que ambos tenemos los mismos problemas comunes.

¡¡Saludos!!

16/02/08

### Usuário 4

O esquecido mercosul é o início de um caminho, espero que no futuro se desenvolva e possamos ter algo parecido com a União Européia, creio que todos ganharíamos com isso. Mas, penso que no Brasil ainda nos sentimos muito distantes dos demais países da América Latina, por conta do idioma.

17/02/08

Usuário 5

ciertoooooooo...el idioma de brazil nos separa...

17/02/08

Usuário 6

Sendo Brasil uno de los pocos países de latinoamerica donde no se habla el castellano creo que es importante que el español sea obligatorio en el ensino de las escuelas brasileñas... pero que no sea enseñado de tan mala calidad como ocurre con el inglés sino de modo que todos puedan comunicarse en america. Además los demás países de latinoamerica tambien deberian enseñar el portugués a sus estudiantes. Brasil es el unico país de america que lo habla sin embargo es el mas grande territorialmente y uno de los mas prosperos economicamente. Hacerlo es un modo de acercar las diferentes culturas que existen en nuestra america

26/02/08

Usuário 7

eu percebi isso em uma viagem que fiz a venezuela, de lá pude pensar melhor o Brasil, a américa latina, e digo que tenho um profundo amor por esse continente, um grande amor pelo povo venezuelano e sua coragem de enfrentar as elites e os velhos dirigentes, não foi à toa, que foi na venezuela onde o socialismo floreceu.

Como professor de artes, começo a trabalhar arte e cultura latino-americana com meus alunos, inclusive estimulando-os a estudar e aprender o espanhol.

28/02/08

Usuário 8

Yo creo que se comienza primero teniendo conciencia de que Latinoamérica no es nada más Sudamérica. Hablan de Mercosur, Chile Argentina, Brasil etc. Pero mucha gente se olvida que Latinoamérica abarca Cuba, Dominicana, Puerto Rico, Centro América y por supuesto México (segunda economía más importante después de Brasil en la región).

También se logrará la unión cuando nos conozcamos y nos respetemos. Es ridículo pensar que todos somos una cultura, hay una inmensa diversidad en la región. La cultura argentina es muy diferente de la mexicana y estas a su vez son muy diferentes de la ecuatoriana.

**Algumas respostas nesta página foram excluídas ou estão sob revisão.**

06/03/08

Usuário 9

**Base forte**

Me sinto à vontade e feliz em participar de uma discussão como esta. Isto pelo fato de entender a grandeza de debatermos sobre os entraves de uma união na América Latina.

Para não ser prolixo nem redundante diante do que já foi dito - e o que já foi dito está, ao meu ver, tudo com seu devido respaldo de razão -, serei taxativo àquilo que acredito ser a maior causa: o predomínio da cultura burguesa na maior parte dos países latinoamericanos.

Acredito que, um caminho para minarmos esta cultura é a través da educação. Não estudamos na maior parte das escolas uma história que conte a “história da exploração” a que fomos submetidos, pois nascemos (e o erro está em prevalecermos nesta condição) para servir aos interesses da cultura ocidental.↵ Ao invés disto, estudamos a história do descobrimento. Se invertesse... E a língua estrangeira que aprendemos nas escolas? Inglês. Espanhol é optativo! No Brasil estuda-se América Latina apenas nos cursos superiores de História. Não faz parte da ementa obrigatória do Ministério da Educação.

São alguns pontos que entendo ser necessário mudar para que a gente descubra as nossas identidades. Conhecer nossa história comum, a história comum da exploração de ontem e de hoje. Este é o caminho para integrarmos mais o continente.

Adoraria iniciar um movimento maior. Acredito ser necessário que tenhamos um meio de comunicação menos estático, para pensarmos na possibilidade de aprofundarmos a discussão e levarmos adiante nossas idéias para assim montarmos movimentos que aconteçam simultaneamente em todos países. Desde já, segue meu MSN e email.

MSN: xxxxxxxxxxxxxxxx EMAIL: xxxxxxxxxxxxxxxx

Saudações Latinas!

06/03/08

Usuário 10

Viva a America Latina Unida! Temos muito em comum do nosso passado e a realidade atual de nossa sociedade. Achei realmente a ideia de criar um grupo de discussão dinamico realmente boa! Através das ideias que cultivarmos, mudanças serão possíveis, afinal, se não questionarmos "o que está aí", como isso vai mudar?

E copiando o (usuário 9): "Saudações Latinas!"

06/03/08

Usuário 8

(Usuário 9), tu dices que lo que nos une es "o predomínio da cultura burguesa na maior parte dos países latinoamericanos".

Bueno eso es en todo el mundo no, no sólo aquí en Latinoamérica.

Amigo (usuário 9), no puedes hablar de unidad ni de cosas comunes si no conoces las diferencias. Por ejemplo, la revolución mexicana nunca tuvo influencias marxistas, esa es una gran diferencia con otros movimientos sociales. Por ejemplo México tiene una cultura prehispánica monumental, cosa que no ocurre en otros países. Por ejemplo México tiene una población predominantemente mestiza (indio con español) cosa que no ocurre en otros países. Por ejemplo México tiene una relación suigeneris y una interdependencia (queramos o no) con Estados Unidos, cosa que no la tiene en ese gardo muchos países.

Estoy cansado de escuchar el viejo discurso el latinoamericanismo por personas que no conocen qué es Latinoamérica.

Amigos antes de comenzar a arreglar el mundo y hablar de los sueños huahiros de unidad, repito. Vamos a leer y a conocernos mejor todos, sólo así podremos encontrar nuestras reales similitudes y darnos cuenta de nuestras abismales diferencias.

Que podemos ser solidarios y unirnos para cosas comunes, ¡claro!

Pero lo que llaman de Latinoamérica es un cosmos de tantas culturas tan diferentes.

07/03/08

Usuário 11

*El desenlace de la crisis fue acogido con un caluroso aplauso de los asistentes a la Cumbre. Uribe se levantó para estrecharle la mano a Correa. Chávez también se levantó a estrechar la mano de Uribe.*

<http://www.pagina12.com.ar/diario/ultimas/20-100308-2008-03-07.html><http://www.clarin.com/diario/2008/03/07/um/m-01623150.htm>

05/04/08

**Usuário 12**

Nuestra mayúscula América sólo no es unida porque los españoles en la colonización nos han separado por sus objetivos, y después cuando Bolívar quiso unir toda Latinoamérica, los venidos del norte fueron ante nuestra unión, porque ellos nos temen, ellos tienen miedo de nuestra maravillosa unión y fuerza revolucionaria.

Un ejemplo similar: los padres separan sus hijos por objetivos económicos, y los hermanos quedan separados por varios años, o sea, es lo mismo que ocurrió con Latinoamérica, España(padre) separó sus hijos(todos los países latinoamericanos) en función de sus intereses, o sea, somos hermanos y siempre tenemos que caminar juntos, somos todos una mezcla del español y del indígena.

India, por ejemplo, es un país donde hay 11 lenguas, 4 religiones, varias etnias y ellos hacen parte de sólo 1 país, o sea, nosotros que tenemos una maravillosa unión ¿por qué que no constituimos sólo una nación? o sea, algo está errado en nuestra mayúscula y linda Latinoamérica

**saludos**

20/04/08

**Usuário 13**

Eu acho que para que haja uma unificação verdadeira e digna primeiro teríamos que ter um intercâmbio de culturas, pois querendo ou não ainda há um grande preconceito uns com outros. Eu posso contar um caso que ocorreu comigo na semana passada e que me entristeceu muito. Fui até o consulado do México para tentar um visto para visitar o país, ia na casa de uma amiga passar férias, mas infelizmente devido a não sei o que, pois não me disseram o motivo, meu visto foi negado e minhas férias tiveram que ser adiadas. Isso eu acho que deveria ser mudado, já que os EUA construíram aquele "muro da vergonha" (e se esqueceram que quem faz aquele país andar somos nós latinos—não sou a favor da entrada ilegal naquele país, nem mesmo legal hahaha), agora poderiam liberar a passagem de brasileiros para o México sem a necessidade de visto, como já ocorre com a maioria dos outros países latinos, mas infelizmente quem sou eu para dizer o que os políticos com seus interesses devem fazer.

**Algumas respostas nesta página foram excluídas ou estão sob revisão.**

26/04/08

**Usuário 12**

(Usuário 13), concordo com vc, mas as vezes acho que outros os países latinos se esquecem que o Brasil faz parte desse bloco, em algumas premiações, especialmente de música isso é bem visível. Mas espanhol em escolas seria uma ótima!!!

29/04/08

**Usuário 9****Divergência e convergência**

Parece que não discordamos... a não ser na identificação que tivestes da minha fala como de natureza marxista, o que parece tê-lo incomodado.

Ademais, uma América Latina Unida, no nosso mútuo entendimento, se o compreendi, passa exatamente pela educação. A questão, porém é que a educação que temos sobre América Latina não atende aos interesses aqui debatidos, pois jamais com estas poucas histórias sobre América Latina que estudamos na escola poderemos estudar a essência da formação do nosso continente. Muito pelo Contrário.

Exemplo. Conheço pouco a história da revolução mexicana e a admiro independente de ter um cunho marxista ou não (ai vai da perspectiva epistemológica de cada um, e é irrelevante

para o caso). Mas quantos brasileiros conhecem Zapata? E quantos Mexicanos conhecem Antônio Conselheiro? E não conhecem pelo simples fato de que prevalece na educação o conhecimento que legitime a ordem atual.

Talvez seja complicado para você entender isso, (usuário 8), por causa da interdependência entre México e Estados Unidos de que falastes. Mas é um fato. E é exatamente a ausência do aprofundamento na discussão sobre América Latina que reside a não percepção das nossas unidades.

Repito o que já disse: conhecer a América Latina, mas por uma perspectiva diferente do tradicional, e por tendo isto como disciplina nas grades curriculares das escolas e universidades.

01/06/08

**Usuário 14**

acho que o que poderia unir 'América latina seria mundanças na leis , principalmete a brasileira, pois essas leis vigentes na América latina beneficia a corrupção . e tudo vira bagunça quando não há punição e não há cumprimento das leis.

05/06/08

**Usuário 15**

Concordo plenamente com a (usuário 31).

A impressão que eu tenho é que aqui no Brasil o preconceito contra música, literatura (ect) de outros países da américa latina é maior do que a recíproca. E isso é muito triste.

O primeiro passo, definitivamente, é um intercâmbio das culturas

05/06/08

**Usuário 16**

parar de pagar pau pra Europa e pro EUA!

07/06/08

**Usuário 17**

Na minha opinião esta Questão não é um absurdo, é mais uma utopia. Ainda temos que melhorar muito em questões educacionais e políticas. Acho extremamente irracional imaginarmos nós (Brasileiros) nos umirmos à países com situações tão "divergentes" perdendo nossa pouca autonomia, também um absurdo termos que aprender espanhol ou a "cultura latino americana" (não que o fassamos).

Um ponto que temos em comum é a exploração que sofremos dos países ricos, um ponto que devemos explorar.

12/06/08

**Usuário 18**

Tengo un hijo becado estudiando en Venezuela..tubo la suerte de ser seleccionado..y está con otros 100 chicos y chicas de diferentes Países de America Latina..una condición y portunidad, creada por Hugo Chavez para que atraves de la integracion de Jovenes Latinoamericanos...estos a su Vez puedan crear en sus Países a su retornos Politicas que promuevan y difundan la integracion luego de compartir 5 años de intercambio cultural y conocimientos..

Chicos de Perú, Dominica, Haití, Uruguay, Barbados, Trinidad, Chile, Bolivia, Panamá, Colombia, Mexico, Paraguay, Venezuela..viviendo en Residencias Universitarias totalmente



financiado por el Gobierno Venezolano através de la Organizacion Fundayacucho de Venezuela. Todo el estudio, la estadia. el pasaje, cubierto. La Beca es para jovenes de escasos recursos económicos...

La carrera es Ciencias del Deporte, un hecho que no se queda en el discurso..de la Integracion Latinoamericana...un esfuerzo para que este sueño se haga realidad. Solo así podremos algun dia revertir la pobreza que nos produjo la Colonizacion primera y esta Globalizacion despues...

04/07/08

Usuário 19

**Muito bem dito**, (usuário 3)!!

você esplanou bem! a qbuestão da busca por união entre os estados nações latino-americanos passa sim pelo cultural.

Porém essa união não existe se não no nome e no imaginário das pessoas. o próprio nome américa latina revela a contradição, pois a nossa américa n]ao é somente latina, e sim ameríndia em um sentido amplo.

o que existe, acredito, são processos históricos semelhantes, pois do México até o Chile o processo de colonização foi ferido pelos ibéricos em geral, como vocês já sabem.

A própria história da independência das antigas colônias portuguesas e espanholas pode provar o que digo. na américa espanhola, o processo de independência deu origem a vários estado independentes, pois as elites criolas não se viam unidas a ponto de propor um estado latino-americano unido. isso se deve, acredito, a história política localista derivada dos cabildos municipais, porém tem outros motivos que não relato para não ser prolixo. No caso do Brasil, a união do território brasileiro foi forçada pelas elites formada de prtugueses que residiam no Brasil. Mais interessandas em manter a ordem do que propriamente dita a independência. Apesar de o povo ter tido participação ativa nos dois processos, as massas atuaram sobre o controle exercido pelas elites. è nisos que consiste o problema. Os estados-nações latino americanos são uma prova da imposição, dentre muitas com a linguística, por parte dos europeus de um sistema político de origem européia. É ai onde reside a maior parte dos problemas de governabilidade na América Latina. O estado nos parece algo distante e a parte da nação. mesmo que muitos negem, essa é a realidade! por isso tantos casos de corrupção, degradação e aproveitamento do estado para enriquecimento ilícito.

Apesar de tudo eu acredito na união latino-americana, pois tivemos os mesmos opressores no período colonial, e ainda temos um memso opressor, o dito primeiro mundo e suas megacorporações...

04/07/08

Usuário 19

...

Pelo fato de ter tido o memso opressor e ter passado por processos históricos semelhantes é que acredito na união ou confederação de ajuda mútua entre os países latino-americanos. Mas para isso é necessário que o povo ( o que não é pouca coisa) conheça a história da américa latina desde os povos indígenas até a contemporaneidade a ponto de enxergar esse elo assim como nós dessa comunidade enxergamos. endente o que quero dizer?é uma tarefa muito complexa, mas quem disse que não é prazerosa? por isso me interesse a cada dia que passa pela história da américa latina e é essa aminha missão como professor e como cidadão desse maravilhoso continente.

\* as elites não tem interesse nenhum em pregar essa união, e sim em destr4iur todo e qualquer vestígio de identidade cultural, pricipalmente indígena e popular, existente em nossa américa. um processo que vem desde a colonização da américa. Os colonizadores impondo uma cultura

capitalista e "universal" para eles, e nós resistindo e procurando brechas para se firmar tanto na sociedade como na política. Como no caso do movimento cocalero, o sem terra, o zapatismo, os movimentos indígenas andinos e etc.

Qualquer dúvida sobre alguma palavra ou frase minha por favor me perguntem que terei o maior prazer em esclarecer!!

obrigado pela atenção de todos!!!

Um abraço latinoamericano!!

**Algumas respostas nesta página foram excluídas ou estão sob revisão.**

08/07/08

Usuário 20

a língua!!!

é importantíssimo que todos brasileiros passem a ter o espanhol como língua obrigatória nas escolas, só assim nós latinos vamos compreender a importância que temos um para com o outro. Inicialmente é isso!!! depois é outra história.

10/07/08

Usuário 21

Creio que o primeiro passo é o latino sentir-se orgulhoso das suas tradições, histórias e de participar de tão bela e digna sociedade. Que ele comece "aqui" a construir a sua própria história, que ele possa desvincular-se da mentalidade européia e por conseguinte norte-americana, que tem servido com parâmetro de valores para a nossa sociedade....

10/07/08

Usuário 21

Acho uma tolice associar a união da América com uma única língua para todo o continente.... Ser unido não é ser igual, ser a copia, ser o clone do outro... a união existe da junção de várias partes q se encaixam com harmonia formando um todo sólido e resistente....

13/07/08

Usuário 22

Nuestro Latinismo es una fuente inesgotable de talento, creatividad, conciencia social y riqueza natural, podemos todavía con las nuevos yacimientos de petróleo y gas hallados en Cuba y Brasil estimular nuestra autosuficiencia y por que no cambiar la hegemonia capitalista a través de una nueva energía (verde) renovable modificando definitivamente una nueva raíz energética para el mundo. Apenas debemos aprender a entendernos y el idioma no es el problema, pues hispanicos y portugueses tienen en comun el idioma materno como base el Latin, por bien dando un ejemplo real 7 estados del Brasil hablan y se comunican bien en Portuguol me refiero al Acre, Rondonia, Mato Grosso, MG do Sul, Paran. Sta. Catarina e Rio Gde. do Sul, ellos piensan igual, seria mejor asimilar que debemos sobreponernos a nuestro nacionalismo muy enraizado, principalmente los países que ya son considerados como potencia militar, Chile, Venezuela y Brasil, despojarnos de nuestros raíces y etnias para pensar como Latino Americanos, continente sin fronteras, de cordilleras y rios de plata, de sangre caliente, enfáticos, salseros y soñadores, es este mi sueño, que deseo compartirlo. Abs.

14/07/08

Usuário 23

1) Para tentar unir, antes deve-se evitar desunir;

2) Não ter vergonha ou inveja dos irmãos. Um lembra a Europa e 'fica de mal' do Brasil, o outro para poder aparecer, segue ordens de quem não deve...

3) É preciso entender que papéis, causas e consequências tiveram as colonizações, as miscigenações, a escravidão, a consolidação da Igreja católica neste continente, a influência da maçonaria...

4) Para que a AL seja bloco forte e respeitável, poderíamos analisar "casos de sucesso" asiáticos, australianos, Dubai...

5) Para que o povo se entenda e consiga se enxergar no espelho, é necessário que a informação e a educação esteja acessível a todos. Depois de se enxergar no espelho, é que saberão fazer uma boa composição.

20/07/08

**Usuário 24**

Em primeiro lugar quanto a língua, pelo menos eu consigo compreender o espanhol, mas é importante que se entenda tanto português como espanhol pra quem tem dificuldade.

É importantíssimo nos unirmos, pois sofremos a exploração da Europa e principalmente dos EUA. Para isso creio ser necessário mudar nossa consciência. Um mal exemplo é a busca de conhecimento em outros países como Europa e Estados Unidos, e em vez de discutir nossa própria realidade, importamos o conhecimento principalmente da Europa. Sendo que deveríamos nos preocupar em fazer intercâmbios latino-americanos, para assim entendermos a realidade de cada um e nos unir.

É isso que deve ser discutido nos meios acadêmicos e é claro, principalmente entre o povo. Não esquecendo também do que a imprensa noticia, o que vemos vai na contra mão da união americana, porque isso seria libertar-se de países dominadores, mas alguém já ouviu a imprensa falar bem de Chaves ou Evo Morales?

É uma construção que tem que ser feita aos poucos, até que sejamos como a Europa por exemplo.

06/11/09

**Usuário 25**

La TV Pública (Arg.) y Canal Encuentro presentan la serie Presidentes de Latinoamérica.  
[www.tvpublica.com.ar/tvpublica/programa?id=%20PA-PP-100569](http://www.tvpublica.com.ar/tvpublica/programa?id=%20PA-PP-100569)

06/11/09

**Usuário 26**

**America Latina Unida**

Primero, hola para todos los hermanos de este continente, deseo compartir mis pensamientos mediante este escrito:

-La Union de todos los países del continente no es un sueño inalcanzable, yo creo que la superioridad está en la gente, por que en cada uno está el cambio, debemos suprimir la ignorancia de todos vosotros, por que la mayoría de los países de este continente estan manejados por los mezquinos intereses del capitalismo, se produciria un gran y ventajoso cambio, cuando todos los pueblos y los gobiernos se revelen o manifiesten en contra de los abusos del comunismo y del capitalismo, a medida que ellos avanzan en sus luchas cometiendo sus mismos errores, el hombre y el mundo se van dando cuenta que ninguno de los dos traeran la solucion y la paz que la humanidad anhela, solo los hombres honrrados se suman a esta posicion, ni el mercosur, ni otros organismos, funcionaran como union, si hay desigualdad entre nosotros, los gobiernos deberian preocuparse en como unir a los pueblos, por que un presidente es un conductor, y a la vez es un maestro para el pueblo, actualmente solo veo populismo, egoismo, desigualdad, ignorancia, no se preocupan por nuestra latino

america, los paises que estan mejor economicamente, solo se dedican a competir y a querer ser más que sus hermanos, es triste, "El Mercosur, no responde a los pueblos, ni mucho menos los presidentes que quieren estar a la cabeza de este continente, LOS HERMANOS SEAMOS UNIDOS , POR QUE ESA ES LA LEY PRIMERA, TENGAMOS UNION VERDADERA, EN CUALQUIER TIEMPO QUE SEA, POR QUE SI ENTRE NOSOTROS PELEAMOS, NOS DEVORAN LOS DE AFUERA!!!..

06/11/09

Usuário 27

como? eu adoraria ver esse continente maravilhoso unido e c posivel com uma unica moeda.

15/11/09

Usuário 28

**Orgulho de ser Latina!**

Sou professora de historia e estou amando essa conversa..

Saudações latinas!

16/11/09

Usuário 29

Acho que primeiro de tudo é começar a boicotar o imperialismo estadunidense aqui na América. O que a gente percebe hoje é uma "norte-americanização" dos latinos... a gente usa nike, vai ao wall-mart, diz "I love you"; estamos vivendo uma cultura que não é nossa devido a esse imperialismo, que por sua vez é introduzido aqui através do comércio... a maioria das empresas de bens de consumo é propriedade do capital estrangeiro! isso faz com que a gente consuma (e acabe valorizando) valores e tradições que não são nossos... infelizmente! Na minha opinião, é preciso reforçar o nacionalismo em todos os âmbitos.

20/11/09

Usuário 30

una palabra: CERBEJA!!!

25/11/09

Usuário 29

Concordo, (usuário 57), mas acho que é necessário salientar que as indústrias hoje, não só as brasileiras mas as latinas em si, são quase todas controladas pelo capital estrangeiro; por isso acho que é necessária a criação de empresas pelo capital nacional, ou, em último caso, nacionalizar as estrangeiras existentes.

**Algumas respostas nesta página foram excluídas ou estão sob revisão.**

**Anexo B:** postagens de “Brasil não devia ser da América Latina”

8 fev

**Usuário 31**

**Brasil não devia ser da américa latina..**

1- falamos português (isso já dá benefício próprio para não sermos latinos, odeio quando algum estrangeiro diz que falamos espanhol)

2- França, Itália, Portugal e Espanha são países de língua latina, e não são considerados "Europa Latina", outro motivo para não sermos misturados com os nossos vizinhos

3- Sempre a filial do Brasil é diferente, não só por causa da língua, mas tb por ter mais população, mais qualidade, sermos melhores e maiores.. Sempre é filial latinoamericana e filial Brasil

4- Somos destaques, e carregamos boa parte da américa latina nas costas

5- Guiana tb pode preparar sua separação da américa latina, a língua de lá é inglês, nada a ver com latim..

:)

8 fev

**Usuário 31**

Mais uma coisa

Brasil é AMÉRICA LUSÓFONA!

fim

8 fev

**Usuário 32**

Qual é a sua definição de "benefício próprio"?

Acho que você deve procurar comunidades separatistas.

8 fev

**Usuário 31**

pra sua informação eu defendo o Brasil para ele ser um país único e não misturado com esses outros países que tirando a argentina e o México, não contribuem em nada para o desenvolvimento da américa latina se fosse pela língua Quebec no Canadá também estaria considerado latino pois lá o idioma é francês mas como são primeiro mundo eles fazem o que bem e entendem já que são "superiores"

O TERMO AMÉRICA LATINA, FOI CRIADO PELOS ESTADOS UNIDOS, JUSTAMENTE PARA SE REFERIR AOS POBRES DA AMÉRICA

México fica na américa do norte, porém quando se fala em NORTE-AMERICANOS é referido aos EUA E CANADÁ quando se referem á um de nós, dizem LATINOS

São Paulo, maior cidade da América, Ocidente, Hemisfério sul.. enfim, mas os EUA querem por que querem falar que é APENAS a maior cidade da américa latina..

8 fev

Usuário 33

**Ôh babaca, se tu se achas "superior" aos nossos vizinhos ou não se consideras um latino americano, então, que fazes nessa comunidade?**

**Vai para uma que tenha o nome "Sou lambe botas dos EUA" ou "Eu quero ser Anglosaxônio". O Brasil é latino quer tu queiras ou não seu "(Usuário 31) babão dos EUA"!!!!!!**

9 fev

Usuário 32

Não venha com essas suas convenções selecionadas pra fortificar seu ponto de vista débil. Não nos preocupamos com o que os EUA dizem. Você se preocupa. Vá lambe as bolas deles.

9 fev

Usuário 34

1- falamos português (isso já dá benefício próprio para não sermos latinos, odeio quando algum estrangeiro diz que falamos espanhol)

2- França, Itália, Portugal e Espanha são países de língua latina, e não são considerados "Europa Latina", outro motivo para não sermos misturados com os nossos vizinhos afff

quanta ambiguidade...

português por acaso não é uma língua latina?

10 fev

Usuário 35

Sou do Suriname, minha língua nativa é Holandesa. Sou SudAmericano pela geografia e latino Americano pela cultura. Acho que existem alguns Brasileiros que preferem se chamar de "Germania Americana"? ;) Somos todos hermanos gente, todos nós não são muito bem vindos na Europa. rsrs.

10 fev

Usuário 35

Usuário 31: "4- Somos destaques, e carregamos boa parte da América Latina nas costas "

Não sei como, temos 40.000 garimpeiros Brasileiros ilegais no Suriname, levando nosso ouro para o Brasil. Poluindo com mercúrio nos nossos rios. Não reclamamos demais, gostamos até hoje de Brasileiros. Quando o Brasil joga futebol contra qualquer país nosso capital é verde amarelo. Usuário 31..compre uma passagem para a Europa, vc não pertence a este continente. Ou muda suas ideias.

11 fev

Usuário 33

**Amigo (usuário 35), esse tal de usuário 31... não sei o que, não passa de um babaca que entra nas comunidades latinas apenas para atrapalhar, como ele é um idiota, também já surtizei que ele arrumasse as malas e fosse pro tão amado EUA ou quem sabe para a Europa!**

11 fev

Usuário 36

(Usuário 31), faço das suas as minhas palavras. parabéns pelo ótimo tópico.

11 fev

Usuário 37

muito bom esse topico hein?!

uashuashuahs

provincianismo do kralho

11 fev

Usuário 32

E o bestão nem conhece o Chile, por exemplo, que tem mais produção intelectual foda que os outros países latinos...

Não que eu seja lá muito entendido, mas tem que ter base né

11 fev

Usuário 33

**Ainda tem bizonhos que apoiam esse tosco do (usuário 31) Babão dos EUALord!!!!**

11 fev

Usuário 33

**Aproveitando o que o amigo (usuário 32) disse, aviso aos bizonhos como (usuário 32) e o outro tosco, só para vocês terem idéia o IDH brasileiro está bem abaixo de países como Argentina, Chile, Uruguai e Perú, e sobre a produção intelectual desses países, no Chile e também na Argentina e Uruguai, o povo são mais instruído do que aqui, lá muitos chegam a ler 10 livros ou mais por ano, enquanto aqui mal chega a 2, talvez 3! Bom, quando antas quadradas que não estudam ou não pesquisam melhor sobre determinado assunto acontece justamente isso, um monte de merda golfada pela boca, fazer o que né?!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!**

11 fev

Usuário 35

Acho que nao e um questão de qual pais Sud-Americano e melhor de qual. Amo todos paises do meu querido continente. Juntos somos mas fortes. Ta na hora que ensinamos o EUA pra falar Espanhol ou Portugues.

12 fev

Usuário 34

Esse (usuário 36) soh tah aki pra falar merda

12 fev

Usuário 36

kkkkkkkkkkkk

falar a verdade doí rrsrss

12 fev

Usuário 33

**Verdade?!!!! Qual?!!!! As merdas que o bizonho do (usuário 31) falou ou as suas?!!!!**

15 fev

Usuário 38

PRA Q TANTA SOBERBA? NOS NAO SOMOS SUPERIORES A NINGUEM, MUITO PELO CONTRARIO NA ARGENTINA POR EX... QUANDO POMOS O PE NA CALCADA P ATRAVESSAR, OS CARROS PARAM. AGORA TENTA POR O PE EN QUALQUER CANTO AKI DO BRASIL E ATRAVESSAR P VER OQ Q TE ACONTECE...

CUMBIA!! EU AMO!! PAZ AEW AMIGOS....

15 fev

Usuário 39

Quantas tarugadas disse o dono do tpc, depois qdo brasileiro vem pra Europa e é barrado no aeroporto, reclama de racismo!!!

15 fev

Usuário 40

Totalmente desnecessário, que bonito! Ri muitooo com esse tópico, até pq não deve ser levado a sério. ;)

16 fev

Usuário 41

SOMOS LATINOS E ACABOU

EU ODEIO QUANDO OS AMERICANOS CHAMAM MEUS AMIGOS DOMINICANOS , MEXICANOS E BORICUAS ( puerto-ricans) de HISPANICOS

QUANDO ELES FALAM ISSO ELES EXCLUEM PAISES COMO O BRASIL E outros PAISES DE MAIORIA NEGRA

SOMOS A AMERICA LATINA E SOMOS LATINOS E ACABOU QUEM PAGA PAU DE NORDICO VAI TOMAR NO C.....

21 fev

Usuário 42

Ta certo que não paecemos com os povos da América Latina, mas somos parte deles sim!

22 fev

Usuário 43

(Usuário 41), não precisa ficar com raiva, os americanos acham que falamos Espanhol e que somos Hispanicos também.....

22 fev

Usuário 44

Qualquer nordestino parece bem mais com um boliviano do que com um europeu rsrs acho que esse ai é filho de gringo cagado no Brasil só pode.

25 fev

Usuário 45

Brasil deveria ser da América anglo-saxônica. Somos autênticos "WASP"...

27 fev



**Usuário 46**

cara, se nao quer ser da america latina, muda do brasil.  
o brasil É SIM da america latina, nao faz sentido o que vc falou, pura ideologia.

6 mai

**Usuário 36**

acho uma baita de uma injustiça, o brasil carregar sozinho essa região nas costas.

7 mai

**Usuário 39**

Se ã é a favor de uma Am. Latina unida, a porta de entrada é a porta de saida.

7 mai

**Usuário 47**

meu... o q vc está fazendo aq?

ñ entendo?

deveria procurar uma comunidade de separatismo e ã uma que busca despertar a unidade cultural dos povos latinos...

9 mai

**Usuário 36**

unidade cultural ?????????? não seria "unidade do pensamento atrasado? creio que sim!

10 mai

**Usuário 33**

***Os únicos que tem pensamento atrasado são os toscos que não estudaram ou não aprenderam geografia!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!***

10 mai

**Usuário 36**

Eu ? claro que não. acho que quem prega a desunião é ditadores como as duas múmias lá de Cuba e o general-ditador lá da venezuela, esses sim ficam financiando a desunião na região; abraços!

11 mai

**Usuário 48**

e português é derivado de que lingua?

latim?

ah ta.

11 mai

**Usuário 33**

***Para alguns toscos o portugues se deriva do ingles, alemão ou quem sabe, russo!!!!!!!!!!!!***  
***Fala sério.....***

11 mai

**Usuário 49**

(Usuário 36),

***"claro que não. acho que quem prega a desunião é ditadores como as duas múmias lá de Cuba e o general-ditador lá da venezuela, esses sim ficam financiando a desunião na região"***

Mostre material que prove isso entao!!!

De que Cuba e Venezuela "financiam a desunião" na região!!!  
Que asneira!!

12 mai

Usuário 50

Sou a favor de uma américa do sul unida, como em uma federação. Cujas qual os países fossem independentes um dos outros no que diz respeito as suas leis e culturas, mas unidas como um grande país, capaz de espalhar sua cultura, de se defender de qualquer eventual ataque vinda do norte e revolucionar o sistema capitalista da África para o socialismo.

12 mai

Usuário 50

Seria... União das Repúblicas Socialistas da América do Sul. ou simplesmente União Sul-americana.

\* qualquer semelhança com a URSS é mera coincidência.

13 mai

Usuário 50

O sistema é socialista!  
Qual sistema seria grande para vc?

15 mai

Usuário 36

acho que a maioria aqui da comunidade, apoiá a idéia que é triste ver o Brasil carregar a região sozinho.

15 mai

Usuário 51

(Usuário 36) e simpatizantes,

Lamentável sua proposta. Não acha que você entrou na comunidade errada não? crie uma para os integralistas, os ufanistas nacionalistas. Este discurso é o mesmo dos fascistas que propoem uma segregação sócio-espacial como na Alemanha, na Africa do Sul ou na Palestina.

O Brasil não carrega nada. O que vejo é uma elite ganhando muito dinheiro a custa dos recursos naturais e superexploração de força de trabalho, não importa se é no interior de Pernambuco ou na periferia de La Paz. defendendo a burguesia nacional você defende a mesma exploração.

Esta elite defende inclusive interferencias externas em países menores, uma espécie de imperialismo regional. Ironicamente o mesmo tipo que reclama dos EUA.

Não desconsidere os movimentos sociais latino-americanos, os trabalhadores desta região, seus intelectuais, seus lutadores.

Lamentavel.  
Absurdo!

Não perca nosso tempo e vá incomodar outra comunidade.

15 mai

**Usuário 36**

Usuário 51,

Não estou na comunidade errada não, somente por quer discordo dos pensamentos atrasados de alguns aqui, que devo sair ? ?

alais, vc e seus amigos de pensamentos atrasados, deveriam agradecer a minha presença aqui e do amigo (usuário 31), pois nós dois que movimentamos aqui a comunidade, senão estaria tudo parado, quase morrendo, sem ninguém participando.

abraços!

16 mai

**Usuário 52**

O PIOR Que brasileiro na Europa ou nos EUA é considerado Latino....e cidadão inferior...feito africano, argentino, peruano ou boliviano.

ORGULLO LATINO (2)

16 mai

**Usuário 51**

o unico "socialismo" que fracassou foi o modelo ainda incorporado no sistema do capital. Como também István Mészáros analisa, há uma diferença entre capitalismo e sistema do capital. A URSS não era capitalista, mas ainda reproduzia algumas determinações do sistema do capital.

Quem conhece os livros de Marx e Engels sabe do que estou falando. eu seria tendencioso se quisesse limitar o socialismo ao modelo soviético. Houve avanços, mas não o suficiente para que houvesse uma "superação positiva" das contradições inerente ao sistema do capital, incontrolável e destrutivo.

16 mai

**Usuário 52**

O Ufonismo faz as pessoas ficarem idiotas....deu para ver isso lendo alguns comentários. O Brasil hoje é uma das economias mais fortes da região, mas longe é de ser das mais fortes do mundo. Falta muito arroz com feijão para superar países como a França , Alemanha , Suécia ou até a Islândia se quiserem comparar com um país que nem pertence às 5 economias mundiais. O Brasil hoje em dia pode-se comparar com a india, África do Sul ou a Rússia, economias que estão um degrau inferior das grandes potências e com muitas questões a resolver....entre elas, saúde, educação e outras políticas sociais.

16 mai

**Usuário 51**

Na prática ser judeu não significa ser reacionário.

Olga Benário também era judia, e daí?

Ninguém está falando em "verdade", mas em projeto revolucionário, se é que propomos alguma perspectiva diferente.

Na prática ser imigrante nos EUA não significa ser respeitado.

No sistema produtor de mercadoria não importa quantos consomem, mas o quanto é consumido (vendido). Há a necessidade em explorar força de trabalho e intensificar o mercado consumidor com mercadorias descartáveis. Se um imigrante não se adequar as necessidades, com certeza os políticos e a polícia de fronteira terão mais trabalho por lá.

16 mai

**Usuário 51**

Vamos então dar esse direito e pedir:

a separação do Brasil da América Latina.

a separação do sul e sudeste do resto do Brasil.

a separação das metrópoles das regiões agrárias.

a separação dos bairros pobres dos ricos.

a separação dos condomínios fechados das periferias.

Desconsiderando que os condomínios fechados são construídos pelos trabalhadores da periferia.

Desconsiderando que os bairros ricos são fruto, condição e meio para a existência dos bairros pobres.

Desconsiderando que as metrópoles se alimentam da produção agrária.

Desconsiderando a integração brasileira como meio para o desenvolvimento desigual regional, das migrações à exploração de recursos naturais e energéticos ao passo que concentra e centraliza capital em determinados locais.

Desconsiderando uma divisão entre classes e a divisão internacional do trabalho entre os países

17 mai

**Usuário 53**

O Português, assim como o Espanhol, Italiano, Francês, Romeno, Catalão etc são TODOS idiomas neo-latinos. Portanto o Brasil faz sim parte da América LATINA. Até mesmo o Canadá poderia ser englobado na CLASSIFICAÇÃO por idioma. O 2º idioma oficial do país é o neo-latino Francês.

**Algumas respostas nesta página foram excluídas ou estão sob revisão.**

17 mai

**Usuário 53**

1/3 dos canadenses falam francês. Além do Quebec (uma província canadense) várias outras províncias tem o idioma como oficial (inclusive a federação) fora os imigrantes portugueses, brasileiros, italianos, mexicanos etc

17 mai

**Usuário 36**

se pensando bem, até que a bolívia , equador e paraguai poderiam virar ""território oculpados" tipo novos estados brasileiro, pois já mantemos eles indiretamente, nada mais justo que anexar logo.

o que vcs meus amigos acham dessa idéia ???

18 mai

**Usuário 39**

Se o Brasil ã dá conta dos vinte e seis Estados, vai dar conta de outros? Deixa de escrever tarugadas, boçal.

18 mai

**Usuário 33**

*Meu Deus, é cada babaquice que esse tosco escreve, se enxerga mané e vai procurar o que fazer, que tal ler um bom livro?!!!!*

18 mai

**Usuário 53**

rsrsrsrsr... Seria melhor o Brasil conquistar o Uruguay, que inclusive já foi uma provincia do Brasil império.

18 mai

**Usuário 54**

Hahaha quanto nerd alienado nesse Brasil, pelo amor...

VIVA A AMÉRICA LATINA!

19 mai

**Usuário 55**

**HI BRASIL,,VAI ENGOLIR HI SPANIOLA ,,A,LATINA**

INVISIVEL usuário 55

O BRASIL,,latim brarbaro,,e CONDENADO A VIRAR,,HI BRASIL,,de LULA e DILMA e PT,,E CONDENADO A ENGOLIR,,TODO O,,HI SPANIOLA,,[HAITI E RESTO]

E HI BRASIL DE,,LULA e DILMA,,VAI FALAR,,PORTNHOL,,E COM,,MERCOSUL UNASUL,,TODOS QUEREM,,E COM,,SUL,SUL,,VAI ENGLOBAR TODA A AFRICA,MAS NÃO E COLONIALISMO CAPETALISTA,,

E COM BRICS,,VAI FICAR NO CENTRO DO MUNDO,,  
E COM,,ILUMINATTI,,13,,FAMILIAS SCOTT,,CORACÃO DE ,,EUA,,USA,,MUDA PARA O BRASIL,,E TRAZ O,,FMI,,QUE PASSA DA EUROPA PARA GRAN BRASIL,,HI,,

E COM,,S,A,,COM,,ILUMINATTI,,SHINTO,,JAPAN ILUMINATTI,,JA ESTA NO BRASIL, E TAMANDARE,,JA TROUXE,,KAMI KASES,,VENTO DIVINO,,

E ALIANÇA ENTRE JAPAN,ILUMINATTI,,CRISTO,,E HI BRASIL,,

E PAISES ARABES,,MAOMET,FILHOS DE ESAU,,JUDEU NATO E UM TIPO DE CRISTÃOS,,,,IRMÃO DE JACOH,,,,SERÃO NOSSOS ALIADOS,, E VAI SUPERAR,,A CHINA E INDIA JUNTAS,,

SOCIALISTA ATEU E CRISTAO,,TRIGO E NÃO SABE JESUS e COMUNISTA e PROVA A IGREJA PRIMITIVA,,bens eram COMUNS,,e E MODELO DE IGREJA CRISTÃ,,TRIGO E COMUNISTA,

E CRISTO,,ILUMINATTI,,COM,,STALIN,estudante de Teologis Cristã,,ROMA,,3 CRIA A URSS,SOVIET,,E COMUNISMO ATEU [ CRISTO COM CAPA DE LOBO ATEU E CHEGA CRISTO COMO LADRÃO DE NOITE,

E O COMUNISMO ATEU ,,CRISTO ILUMINATTI,,COM CAPA DE LOBO ATEU,,GRAÇAS A DEUS,,BATE NA RUSSIA ,1917,E 72 ANOS DEPOIS VEM QUEBRAR A URSS,,1989

MAS DEU TEMPO DE ESPARRAMAR PELO MUNDO E TOMA METADE DA ALEMANHA,,QUE E ,,BAVARIA ILUMINATTI,,E MITRA LUZ E CRISTO,,

E TODOS COMBATEM,,JUDEUS SATÃ,,QUE MATA JESUS E VIRA,,SINAGOGAS DE SATÃ,,E HOJE ,,TEM CAPITAL EM NYORK,,JUDEU SATÃ,,BABILONIA PROSTITUTA,,GRAN SATÃ E EIXO DO MAL,,COM,,FILHOS DE CAIN,,COM CHIP NA TESTA\$\$ E PRATICA UM,,CAPETALISMO CRISTÃ,,,,JOIO,,APOSTASIASS\$\$\$ E MATIAS SUBSTITUTO DE JUDAS ISC,,JUDEU SATÃ,,

E CHEGA A CHINA..1949 E VIETNAN,,E TODOS VIRAM COMUNISTA ATEU,GRAÇAS A DEUS JESUS,,

E EM,,1959,,pedrita chega a CUBA,,e VIRA,,COMUNISMO ATEU E CRISTO JESUS COM CAPA DE LOBO,,E PRATICA UM,,COMUNISMO SOCIALISTA DE JESUS,,TRIGO DAS SUAS IGREJAS.

20 mai

**Usuário 36**

a pergunta que não quer calar, até quando o Brasil vai carregar a região sozinho????

20 mai

**Usuário 56**

Não sabia que portugues era língua germanica...

Sarcasmo.

20 mai

**Usuário 51**

Vamos então dar esse direito e pedir:

a separação do Brasil da América Latina.

a separação do sul e sudeste do brasil.

a separação das metrópoles das regiões agrárias.

a separação dos bairros pobres dos ricos.  
a separação dos condomínios fechados das periferias.

Desconsiderando que os condomínios fechados são construídos pelos trabalhadores da periferia.

Desconsiderando que os bairros ricos são fruto, condição e meio para a existência dos bairros pobres.

Desconsiderando que as metrópoles se alimentam da produção agrária.  
Desconsiderando a integração brasileira como meio para o desenvolvimento desigual regional, das migrações à exploração de recursos naturais e energéticos ao passo que concentra e centraliza capital em determinados locais.

Desconsiderando uma divisão entre classes e a divisão internacional do trabalho entre os países

20 mai

**Usuário 54**

OS ALIENADOS AI ME RESPONDAM, PQ O BRASIL CARREGA A AMERICA LATINA SOZINHA? SÓ PQ É O MAIS RICO?

AMÉRICA LATINA UNIDA JÁ!!

21 mai

**Usuário 33**

*A esse tonto que diz que o Brasil "carrega" os outros , se você der uma uma olhada no IDEB ou no IDE do Brasil em relação aos demais da América Latina, veras que a posição do nosso país está abaixo até da Bolívia, que é o país mais pobre da América do Sul! Agora tá explicado porque a educação brasileira atinge níveis tão baixos, dá pra ver pelo o que esse tosco escreve, nem sabe qual é a origem do idioma português!!!!!!*

21 mai

**Usuário 36**

acho muito humilhante ver o nosso querido país, ser humilhado e ter que baixar a cabeça para países como bolívia ( No caso do roubo das refinarias da petrobras) E paraguai ( tratado de itaipu, onde o mesmo não quer cumprir o que foi firmando). por isso que espero que volte a ser como antes, eles olhando para nós de baixo para cima, sempre foi assim.

acho muito injusto o Brasil manter a região sozinho, rodeado de países pobres, pequenos, sem peso nenhum para nós.

queria muito que o Brasil fortalecesse a união com os EUA, ai sim dariamos um grande salto,sobre esse atraso da região.

Nós da comunidade america latina apoiamos a vinda logo da ALCA,!!!

abraços a todos

21 mai

**Usuário 54**

^ Se você apoia fale por você mesmo, não pelos outros, pois a maioria do pessoal aqui não apoia, e tudo o que você falou é falácia da mídia manipuladora, que quer isso mesmo, que o

pessoal se revolte contra o Brasil, pele saco dos EUA e tenha ódio ao nossos irmãos e vizinhos.

VIVA AMÉRICA LATINA!!

21 mai

Usuário 54

(No caso do roubo das refinarias da petrobras)

Nesse caso não tem nada de roubo, quem estava roubando alguma coisa era a petrobras que estava pegando o gaz da Bolivia, COISAS DO CAPITALISMO...

21 mai

Usuário 36

É por isso que o Brasil não vai pra frente... o próprio povo admira e segue os fracassados da América e do mundo... =/.....{2}

aqui nessa comunidade é o que mais tem é , de apoiar regimes ultrapassados!

22 mai

Usuário 33

*"aqui nessa comunidade é o que mais tem é , de apoiar regimes ultrapassados!"*

***Como você, que apoia a aproximação do Brasil com os EUA, país que mais quer ferrar o Brasil pois teme que nós o ultrapasse e seja a potencia americana, mui progressiva essa sua "política"!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!***

22 mai

Usuário 54

Esses "fracassados" como vocês chamam são os nossos países irmãos, prefiro que o Brasil cresça "sozinho" do que na mão dos EUA pra depois ser um pau mandado dos yankes.

22 mai

Usuário 54

Chamam Hugo Chavez de ditador, mas ele foi eleito 3 vezes presidente, isso é ser ditador? Chamam Hugo Chavez de egoísta e autoritário, mas quando Caracas sofreu uma enchente devastadora ele abriu a própria casa presidencial para muitos desabrigados que não tinham onde ficar,

Hugo Chavez governa para a classe operária, não para burguesia e o lucro como vocês querem.

22 mai

Usuário 54

O que é jogar o jogo dos yankes? Abrir nosso território para mais exploração deles? Vender mais estatais para eles? Vender mais terreno amazônico para eles? E como assim estar preparado "economicamente" pra quando eles nos "passarem a perna"?

O jogo dos yankes é esse ou você faz o que eles querem ou é inimigo, terrorista, autoritario, medieval, guarda armas de destruição em massa, entre outras coisas que eles inventam...



22 mai

**Usuário 57**

*"Nós da comunidade americana latina apoiamos a vinda logo da ALCA"*

hehehe

Não tive como não rir dessa!!!

Alguns aqui são bem leigos, principalmente na questão geo-política.

Antes de dizer um absurdo desse, primeiro vai estudar um pouco sobre o México, e descubra porque até hoje eles se arrependem de ter entrado na Alca.

Pequenos e médios agricultores foram a falência porque não tinham como competir com as gigantes norte-americanas nesse setor.

A capacidade produtiva mexicana caiu drasticamente, se tornando somente um mercado consumidor para os EUA.

Ou seja, a ALCA somente beneficia os EUA nada mais.

Ainda bem que nosso MERCOSUL detonou com qualquer tentativa de implementação dessa ALCA de merda.

18 jun

**Usuário 42**

mas não mesmo, nós nem temos o sangue deles.

e nossa cultura é algo muito superior!

19 jun

**Usuário 58**

hugo chavez é UM PALHAÇO DITADOR DE VERMELHO,mas as vezes ele é necessário!!!!

19 jun

**Usuário 59**

Caro amigos (usuário 57) e (usuário 54), creio que o (usuário 58) e (usuário 42) são da mesma família lambe saco yankees.

(nada mais a declarar)

19 jun

**Usuário 59**

Usuário 36,

É por isso que o Brasil não vai pra frente... o próprio povo admira e segue os fracassados da América e do mundo... =/.....{2}

.....  
 Puts to cansado de ver adulto que como criança, numa suposição: Oferece algo novo pra comer a uma criança (adulto), logo diz nãaaooo!!!, sem ao menos ter sentido o gosto do novo e saber se é bom ou não ao paladar.

E como um Juiz ditatorial que impõe uma sentença final, ouvindo somente uma parte

A pergunta é será que o Comunismo e Socialismo é tão ruim quanto "Pintam" ou vc que não esta preparado pra sair da mesmice tendo uma mentalidade erradicada no capitalismo assassino que mata centenas diariamente nas filas dos hospitais, amas da vida?

Será que essa resistencia ao Comunismo e Socialismo, que é declarada pela midia imbutida na mente das pessoas goela abaixo tem fundamento verdadeiro.

Como podemos dizer algo sobre esta forma de governo que ainda não foi implementado no Poder em nosso Pais.

Bem acho que temos de rever nossos conhecimentos e usar de bom senso antes de poder julgar algo ou alguem.

19 jun

**Usuário 58**

o comunismo e o socialismo esta cheio de fracassos tambem!!!!

19 jun

**Usuário 59**

sim todo sistema tem fracacos e insucessos, agora temos que deixar um pouco nosso preconcebido preconceito que muitas vezes não tem fundamentos sem a verdadeira experiencia.

o capitalismo tem tambem seus fracassos mas existirá um momento que temos de pensar o que levamos da vida.

se é somente o bem estar pessoal e de nossa familia, ou fizemos algo pra melhorar pra todos

20 jun

**Usuário 55**

HI BRASIL,,de LULA e DILMA,,fala,,portunhol,,e mistura de portugues e espanhol,,lingua mercosul,,unasul,e ultima flor do Lacio,,bela e inculta,,que e portugues,,era LATIM BARBARO,,e estamos engolindo a AMERICA LATINA,,

Pois houve fracasso,,na HI Spaniola,,mão mistura e vai virando,,HAITI,,

20 jun

**Usuário 55**

**EUA,CANADA,,são piratas ingles,,filhos de MacCAINS**

**APOSTASIA,\$\$ CAPETALISMO CRISTÃ,,SAIR!!!!!!!!!!!!!!**

**OS CRISTÃ,,USA,,APOSTASIA\$\$,,GOSPEL,,QUEBRA!!!**

**E APOSTASIA\$\$,tem que vir primeiro e veio com Ananias e Safira,\$\$ IGREJA CRISTÃ PRIMITIVA, E FOI MORTO POR CRISTO=DEUS,,E NÃO ENTRA NO CEU,,**

**,pre Capetalismo Cristã,,e com JUDAS ISC,\$\$ =JUDEU,,Tesouheiro,,negocios e ladrão\$corrupto!!!!!!!!!! e engole todos os,diabos e vira,666 antiCristo,e MATIAS segue ate os**

dias de hoje,,APOSTASIA,,VEM PRIMEIRO E JA VEIO E ESTA INDO,,CRISE,,USA,,OBAMA!!!

,e os JUDEUS,fariseus e saduceus,,levitas JUDEU, de Moises,,mata CRISTO,,e engole o resto dos diabos,ate o demonarca Lucifer,,anjo caido,, e os JUDEUS,,VIRA,SINAGOGAS DE SATANAS,,ATE OS DIAS DE HOJE, ESTA EM NYORK,,USA,,\$\$ CENTRO DO JUDAISMO \$\$

E EIXO DO MAL,,COM,NORDICOS VIKINGS,,INGLES,,FILHOS DE TUBAL CAINS,,E ISAIAS,DIZ QUE DO NORTE,,VEM OS TUBAL CAINS,,VIOLENTOS,,E VIRA,GOG,MAGOGUE E SODOMAS,

E VEIO TRAZER,,CHIPS CAPETALISTA NA TESTA DE CAIN,\$\$ E FAZ,,CAPITALISMO CRISTÃO,E REVOLUÇÃO CAPITALISTA,,E IMPERIO GLOBALIZADA!!!, INGLES,,QUE DEPOIS VIRA,CAPITALISMO SELVAGEM,,E PASSA A ,,CAPETA LISMO,,diabo,,deus mamon\$=deus dollar,,libra esterlina,,e Euro